

MD Magno



Clavis Universalis

**Da Cura em Psicanálise
ou Revisão da Clínica**

NOVAMENTE
editora

MD Magno

CLAVIS UNIVERSALIS

DA CURA EM PSICANÁLISE OU REVISÃO DA CLÍNICA
Falatório 2005



NOVamente
editora

NOVAMENTE

editora

é uma editora da



Presidente

Rosane Araujo

Diretor

Aristides Alonso

Copyright 2007 © MD Magno

Preparação do texto

Patrícia Netto

Potiguara Mendes da Silveira Jr.

Nelma Medeiros

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica

Raphael Carneiro

Editado por

Rosane Araujo

Aristides Alonso

...etc.

Estados Transitórios da Condição Humana

Magno, M.D. 1938 –

Clavis universalis: da cura em psicanálise ou revisão da clínica : falatório
2005 / M. D. Magno. – Rio de Janeiro : Novamente, 2007.

224 p ; 16 x 23 cm.

ISBN 85-87277-19-0

1. Psicanálise – Discursos, ensaios, conferência. I. Título.

CDD-150.195

Direitos de edição reservados à:



Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá

22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Telefax: (55 21) 24453177 / 24455980

www.novamente.org.br

EXERGO:

Procuro nesses tratados esclarecer o que tornaram obscuro, revelar o que esconderam e ocultaram, reunir o que dispersaram, desdobrar o que reuniram, na medida da limitada capacidade que é como a minha e de alguém que está aflito pela extinção da época dos sábios, pelo desvio da preocupação com os vários objetivos da sabedoria, pelo predomínio do ódio por quem alcançou uma parte da realidade, pelo cansaço da violência e pelo exílio, em comparação com os que, como eu, examinam com a mesma aflição que a minha e com os que foram forçados às desgraças do tempo às quais eu fui impelido.

AVICENA

(A Origem e o Retorno)

DEDICATÓRIA:

aos colegas que Avicena indica no exergo acima.

AGRADECIMENTO:

Este livro não existiria sem a dedicação de
Aristides Alonso, Nelma Medeiros, Patrícia Netto,
Potiguara Mendes da Silveira Jr. e Rosane Araujo,
aos quais agradeço penhoradamente.

Sumário

1. 19 MAR

Atualidade da idéia renascentista de Chave Universal – Chave Universal da psicanálise é o Revirão – Revirão como operação de *arrasamento da tabula* – Equivalência Eu = Pessoa = Rede: implicações e abrangência.

11

2. 02 ABR

Diferença entre reflexão em psicanálise e meditação no Oriente – Reflexão é movimento de avessamento – Apropriação psicanalítica de qualquer instrumento de cura – Psicanálise é *Arché* que subsume as técnicas terapêuticas.

25

3. 16 ABR

Mitologia antropológica (parentesco) e psicanalítica (Édipo) do século XX – Comentário sobre *Métamorphoses de la parenté*, de Maurice Godelier – Interdição sexual que funda sociedade é ressonância de Quebra de Simetria – Comportamento sexual é função de prazer – Para o Inconsciente, dom, transmissão e troca são negociações – Proposição de hierarquia sexual.

36

4. 30 ABR

Psicanálise opera na *via di porre* e na *via di levare* – Apropriação psicanalítica da distinção foucaultiana entre escolha e ato sexual – Tecnologia como recurso para cuidado de si.

49

5. 14 MAI

Revirão como chave de entendimento da inseparabilidade entre evento e escolha –
Separação é função de interesse sintomático ou de juízo forclusivo.

59

6. 04 JUN

Consideração das formações primárias e secundárias como processo de colonização –
Forma da colonização determina relação colonizador/colonizado – Re-entendimento
da noção de conversão na psicanálise – ‘Servidão voluntária’ é alienação prazerosa –
Inconsciente funciona como rede sem escala.

71

7. 25 JUN

Vitalidade da colonização dos três monoteísmos ocidentais – Autonomização dos saberes
como processo de colonização do séc. XX – “Cura é produção permanente de uma
formação militante” – Análise como dissolução dos pólos de uma rede sem escala.

81

8. 13 AGO

Triunfo do estacionamento – Constituição do Princípio de Alienação em Freud e Lacan
– “Só faz psicanálise quem faz a psicanálise” – Inconsciente resulta de uma operação
de exclusão – Alternância e exclusão são modos de utilização do *não*.

93

9. 20 AGO

O que são *formações do Haver* – Pessoa é IdioFormação do caso humano – Sujeito e
objeto como sintomas do pensamento ocidental – Com-consideração das formações a
partir de pólo, foco e franja – Crítica ao pensamento sistêmico (Bertalanffy, Luhmann,
Maturana) – Considerações sobre o *conatus* espinosista – Toda transformação se produz
mediante indiferenciação – *Eu* é polar, focal e franjal.

106

10. 27 AGO

Homogeneidade do Haver e resistência das formações – Equivalências e distinções entre Eu, Pessoa e IdioFormação – Alucinação e paranóia são ingredientes do conhecimento – O que quer que se diga é da ordem do conhecimento – Entendimento da Gnômica a partir da idéia de expressão – Proposição dos *Estados Disseminais*.

125

11. 03 SET

Entendimento de Pessoa a partir dos conceitos de pólo, foco, franja e fundo – Paradigma gnômico para o conhecimento: relação S/s/G – “As aparências não enganam, nós é que nos enganamos com a falta que elas fazem” – Anti-epistemologia do conhecimento: transa entre formações – Pessoa é uma formação utente.

138

12. 24 SET

Nova Psicanálise é teoria unificada da psicanálise – O problema da quarta dimensão em física e matemática – Hiperespaço e o problema da unificação das teorias – Postulado psicanalítico do Hiperlcs em analogia com o hiperespaço da Física – Relação do sonho com o Hiperlcs.

154

13. 01 OUT

Comentários sobre *Le livre noir de la psychanalyse* – Relação entre autistas, místicos e gênios a partir do Hiperlcs – Postulado do Hiperlcs integra conceito de Pessoa – Autismo se situa no regime da Tanatose – Vetor tanático é requisição de não-Haver – Implicações para a Gnômica da concepção do Inconsciente como Hiperlcs e rede sem escala.

167

14. 22 OUT

Outros comentários sobre *Le livre noir de la psychanalyse* – Vergonha e culpa como resultantes da Quebra de Simetria originária – Imputação decorre da aplicação dos sentimentos de culpa e vergonha a conteúdos.

177

15. 05 NOV

Pessoa é singularidade – Aplicação do conceito de limite à Pessoa – Análise visa infinitização do foco da Pessoa para abrangência plerômica – Indiferença: equiprobabilidade eventual e equivalência moral – Pessoas gramaticais dependem de conjectura do Mesmo – “O mundo sou eu”.

184

16. 12 NOV

Condições e abrangência do egoísmo – Possível diferença entre místicos e autistas.

196

17. 19 NOV

Vigência da paranóia na psicanálise – Lacan x Deleuze – Vocação paranóide na produção das teorias – Construção teórica da Nova Psicanálise é melancólica.

200

ANEXOS

FORMAÇÃO, FORMATAÇÃO...

209

HIPER-RECALQUE

215

SEMINÁRIO DE MD MAGNO

217

1. Este ano, trataremos das questões da Clínica da psicanálise no confronto com as várias formas de operação chamadas terapêuticas em todos os campos que se consideram ligados à matéria *psi*, com maior ou menor projeção sobre o *soma*. Supõe-se em vários campos, sobretudo naqueles ligados a algumas ciências emergentes, como neurociências e ciências cognitivas, que haja uma superação da psicanálise. Isto não é verdadeiro, já que esses lugares, que alguns acham estar em desenvolvimento capaz desta superação, na verdade não apresentam conhecimento ou prática suficiente para adotarmos uma função terapêutica que superasse efetivamente o que a psicanálise tem feito. Contudo, a psicanálise, os psicanalistas estão defasados. Se não encontraram soluções melhores, há fortes indicações de que é necessária uma radical reformatação do pensamento e da prática. Isto na medida em que os achados que ocorrem do outro lado são efetivamente capazes de uma forte crítica sobre as nossas funções exercidas até o final do lacanismo. Assim, embora não haja superação, há superação de algum modo. Os analistas ficam retardatários, esperando que suas velhas colocações estejam aptas a dar conta do que acontece de fato no mundo atual, se não em função dessas outras atividades ditas terapêuticas, pelo menos em função do avanço da tecnologia, das grandes mutações na velocidade dos encontros e desencontros do mundo, etc. Então, sustentar-se na posição anterior é realmente um retardo. As pessoas não estão se dando conta disso ou estão insistindo em repetir as velhas afirmações. Não se sabe até quando, pois isso se tornará irrisório, se é que já não se tornou.

Também acontece que, nesta mistura de práticas, técnicas e concepções *psi*, na melhor das hipóteses, todas são colocadas no mesmo plano. No momento, as ciências cognitivas e as neurociências são as mais agressivas e as mais arrogantes. Acham-se em condições de calar os outros discursos, o que não é

verdade, basta estudar o campo. Na bibliografia que lhes passei, há uma série de livros dessa patota para tomarmos conhecimento do que fazem e pensam. Isto não só para vermos que não estão conseguindo grande coisa, como também para saber quem são aqueles que estão com poderes no mundo e com os quais precisamos nos defrontar. E mesmo para aprender algumas coisas, pois, conforme será desenvolvido aqui, este campo nosso precisa de grande abrangência de informações e saberes, sem o que ficamos em defasagem em nossas prática e teoria. Desde Lacan é recomendado que estudemos todas as áreas conexas, as produções artísticas, etc.

2. Nosso título é: ***Clavis Universalis***, e o subtítulo: **Da Cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica**. É uma implicância com os outros. Tomei-o da prática filosófica que existiu com muita potência e frequência entre 1500 e 1600. Se quiserem, leiam o livro, ligeiramente chato, mas interessante, de Paolo Rossi, escrito em 1986, *A Chave Universal: Artes da memorização e lógica combinatória desde Lúlio até Leibniz* (São Paulo: EDUSC, 2004). Raimundo Lúlio ficou mais conhecido no campo da música por suas articulações a respeito dos sons, mas é um filósofo interessante. O importante para nós é o autor situar que essas pessoas estavam interessadas em chegar a um saber universal. Por isso, chamavam em latim *clavis universalis*. Queriam estabelecer um aparelho qualquer que pudesse dar um conhecimento, uma competência universal de entrar nos saberes do mundo. É engraçado que, mesmo tendo passado pela mão de um Leibniz, eles faziam a suposição de o atingimento desse universalismo do saber passar por técnicas de memória. Era necessária alguma mnemo-técnica precisa, pois as pessoas tinham que saber tudo e arranjar um jeito de estabelecer uma técnica mediante a qual ampliassem rapidamente a memória para ter um arquivo quase completo do saber do mundo. É claro que quebraram a cara, mas achavam que era possível mediante técnicas de memorização assentadas na lógica e muitos trabalharam nesse sentido. Isto não nos interessa a não ser que alguém queira fazer história da filosofia. O que importa é a intenção de universalidade, sobretudo mediante uma pedagogia, uma formação das pessoas que lhes desse a chave universal.

No tempo em que se fazia licenciatura de fato no Brasil, estudávamos uma figura enorme no campo da Educação, Johann Amos Comenius (1592-1670). Tínhamos que ler seu livro, *Didactica Magna*. Seu nome é importante por ser o grande articulador do processo de educação para se chegar a um saber universal. Ele queria uma pedagogia construída com articulações lógicas para que pudéssemos armazenar uma quantidade infinita de arquivos e saber tudo. Vejam que tanto ele quanto os outros tinham uma concepção errada de computador. Como pensavam que fosse o conjunto de seus arquivos, bastava encher de arquivos que saberiam tudo. O nome mais importante que deram a essa grande atividade de saber universal é muito interessante: *Pansofia*, o saber total. Aliás, seria melhor se tivéssemos pansofos em vez de filósofos. Na verdade, quanto mais estudamos a história da filosofia, mais nos damos conta de que é um monte de bobagens acumuladas como ficções sucessivas sempre no interesse de cada filósofo que recomeça a ser pansofo, querer resolver o problema do saber e do mundo. Como não dá, aquilo vira uma pequena ficção geralmente ridícula, mas útil. É engraçado e grotesco, não diferente da história da psicanálise. Sempre resta alguma ferramenta útil: um talher, um guardanapo, algo para limpar a boca ou... É bom termos esta atitude, pois há que tratar tudo isso como material elaborado nas tentativas, fora da reverência quase religiosa das patotas, que, quando existem entre psicanalistas, conseguem ser mais ridículas do que entre filósofos, pois aqueles, por formação, teriam a obrigação de maior suspeição.

Os pressupostos da pansofia, segundo Comênio, são interessantíssimos. Vejam como, quatrocentos anos depois, a coisa tem condição de retornar. Primeiro pressuposto: “tanto as estruturas do discurso como também aquelas do mundo real são totalmente correspondentes” (Rossi, p. 269). Esta é uma crença que, naquela época, precisava de uma fé enorme, pois era inconcebível, e é o tipo de discurso calado pelo século XX. Onde a vontade estruturalista de separação entre natureza e cultura, de Lévi-Strauss; dos registros heterogêneos de real, simbólico e imaginário, de Lacan; etc. Segundo pressuposto: “as mesmas e idênticas *rationes* estão presente em Deus, na natureza e na arte”. Percebiam

que é da mesma qualidade do primeiro pressuposto. “Em todo caso, as *rationes rerum* são as mesmas: em Deus são *ut in Archetypo*; na natureza *ut in Ectypo*; e na arte *ut in Antytipo*”. Ou seja, as construções arquetípicas são as mesmas de um lado e de outro. Isso é compatível com a vontade contemporânea nossa de redução computacional. A tendência cada vez mais explícita das ciências da computação, sobretudo na obra de Stephen Wolfram, é de um princípio de equivalência computacional, o que homogeneiza todo o campo. Há gente mais radical que ele, como Ed Fredkin, por exemplo, querendo que o Haver seja um computador. Uma edição recente da *Scientific American* Brasil (nº 31, dez. 2004) estampa na capa: *Computador Buraco Negro: Teoria da Informática vê o Universo como Gigantesca Máquina Computacional*. Este é o século XXI, mas o engraçado é que é parecido com o XVI quanto a essa concepção, que foi abandonada. Até o louco do Leibniz fez o possível para encaixar esta homogeneidade.

Continua Comênio: “Embora as coisas situadas fora do intelecto possam parecer algo de infinito, todavia elas não são infinitas porque o mundo, obra maravilhosa de Deus” – há que lembrar disto senão esquecemos – “consta de poucos elementos e de poucas formas diferentes, como também porque tudo aquilo que foi criado mediante a arte pode ser reconduzido a determinados gêneros e a determinados pontos principais”. Vejam que a universalidade deles era por redução das formas a um conjunto pequeno e finito de arquetipos, e, se é assim, isso é perfeitamente organizável e memorizável. Então, se tivéssemos uma lógica capaz de ser memorizada em seus processos de redução a meia dúzia de arquetipos, teríamos a chave universal do mundo. Contra isso, houve uma sublevação filosófica de grande porte que veio bater no século XX. Só que, justamente por causa dos desenvolvimentos do próprio século XX, recaímos na proposta anterior.

3. Qual universal importa aqui? Do ponto de vista, por exemplo da escrita computacional disponível, ele realmente não só é finito como é dois. Mas o que estou chamando de chave universal, *clavis universalis*, não é uma vontade

enciclopédica, como, na verdade, era a vontade de universalização do pessoal do século XVI, que aparece de novo no enciclopedismo como vontade de totalização. Então, qual chave universal podemos pedir para nosso caso? Qual é nossa Pansofia?

Em *Psychopathia Sexualis* (Santa Maria: [1996] Editora UFSM, 2000, p. 110-112), comentei que o Revirão – como construto matemático, percurso sobre a superfície unilátera segundo o funcionamento que lhe foi indicado no psiquismo, e consequência necessária e quase que imediata d’Aleí, Haver quer não-Haver – se constituía como a Clave da psicanálise. Naquela ocasião, usava a metáfora musical e disse que era a única chave que pode fazer ler toda a pauta: uma chave que, uma vez colocada, nos permite ler qualquer partitura. Agora, acrescento que **a chave universal é o Revirão**. Podemos ter, sim, a arrogância de dizer isto, se não por nada, só para enfrentar a arrogância dos outros saberes. Nossos pressupostos foram tomados do conceito de **Pulsão**, de Freud, o qual foi aclamado como o único conceito fundamental em contraposição aos quatro de Lacan, e que, como tal, passa a ser o designador do funcionamento d’Aleí, Haver quer não-Haver, a qual tem como resultado necessariamente, porque o não-Haver não há, tudo que foi apresentado depois. O que, então, resulta dessa postura é o Revirão como formulação matemática para o Haver. Não é um matema, no sentido lacaniano, e sim uma formulação matemática que serve como estrutura mínima de funcionamento e, pelo menos, como paradigma ou índice de produção teórica do campo assim determinado – determinado, aliás, por uma escolha. Dará certo? Não. Por que daria? Nenhum pensamento até hoje deu. Mas acaba deixando um guardanapo...

Para constituir um teorema temos que insistir na reafirmação permanente de um único ponto. Heidegger tem uma frase belíssima que sempre repito: “Pensar é ser fiel a uma única idéia que um dia brilhará no céu como uma estrela”. Vejam que ele era maníaco, tinha uma só idéia – como todos, aliás. Então, a chave universal aqui prometida é o Revirão. É chave universal por articular, para além de tudo que já foi proposto, um funcionamento capaz de abranger toda e qualquer emergência com a mesma isenção e com a mesma

disponibilidade, ou seja, com a mesma indiferença. A proposição trazida desde a enunciação d'Alei, como desenho da Pulsão, e o resultado do Revirão, como máquina fundamental, é capaz de acolher todo e qualquer dito ou dizer no campo do conhecimento. Trata-se simplesmente de acolher, ou seja, incluir sem exclusão. Desafio alguém a mostrar que há exclusão para além da escolha feita de começo como postura teórica. Uma vez esta exclusão obtida, ela é imediatamente contestada e diluída pelo próprio Revirão.

- Pergunta – *Faço uma analogia com o computador. A máquina de Turing é lógica, portanto, universal exatamente como o Revirão: pode-se colocar dentro dela o que quer que seja. Ninguém conseguiu encontrar algo que não fosse resolvido por ela. Mas isto no Secundário, que inclui o que chamam de simbólico, lógico ou abstrato. A questão é quando querem produzi-la e fazê-la funcionar no Primário. Aí, têm que lutar com situações de exclusão muito grandes.*

Mas aí entrou o conceito de Recalque: Primário, Secundário e Originário. A máquina de Turing não pode não incluir o Revirão como modo de funcionamento. A máquina do Revirão não exclui, ela encontra, sim, formações construídas mediante exclusão, que são quase todas, senão todas. Se há Recalque Originário, o não-Haver está excluído, nem que seja por exclusão real. As formações dependem de exclusão, mas a máquina não exclui, é inclusiva, pois até supõe o não-Haver como capaz de ser inscrito n'Alei. O próprio Haver como formação exclui o não-Haver realmente, já que este não pode comparecer.

- P – *É desta primeira exclusão que as outras são derivadas?*

Por isso, mesmo para o surgimento do conceito de recalque, não é preciso mais do que um conceito fundamental. Não é necessário que o conceito de recalque venha se sobrepor como conceito novo à idéia dos conceitos fundamentais. Lacan, aliás, jamais o colocou entre seus conceitos fundamentais.

- P – *É como se você dissesse que aí está o que Leibniz buscava. Isto, no sentido de máquina abstrata.*

Já tinham dito, apenas traduzi em psicanalês. Turing apresentou a mesma coisa. Por isso, o autor do livro que citei, Paolo Rossi, vai até Leibniz na busca da *mathesis universalis*, a qual, para mim, chama-se: Haver quer não-Haver – e implica necessariamente o Revirão.

Importa, portanto, saber que a psicanálise pode trabalhar a partir de uma chave universal. Se é assim, não há coincidência de nível entre a psicanálise e qualquer outra posição dita terapêutica oferecida até hoje, pois ela é hierarquicamente superior. Deste modo é que devolvemos a arrogância das ciências cognitivas e neuronais.

- P – *Freud não tem essa mesma ambição hierárquica com o conceito de Inconsciente?*

Para mim, o conceito de Inconsciente é resultante d’Aleí e do Revirão. Embora tivesse a mesma ambição, Freud jamais conseguiu operar com o conceito de Recalque Originário. Ele percebia haver algo no fundo, mas construiu uma espécie de mito do atrator que operava aí. Isto era compatível com as ciências e saberes de seu tempo, e mesmo o Inconsciente de Lacan é misterioso, é uma lacuna. Eu quis acabar com o mistério do Inconsciente. Se a máquina funciona segundo Aleí, não há mistério algum: o Recalque Originário está posto. É isso que rebate como chave universal; permite afirmar que a psicanálise, assim estruturada, é hierarquicamente superior a todos os modelos até agora disponíveis de suposta terapia; e tem implicações esquisitas. Se é hierarquicamente superior e se concebe como construída a partir de uma chave universal, toda e qualquer dica nessa ordem pertence ao seu corpo. Ela é o buraco negro fundamental. Decorre daí que as filosofias são meros arranjos dependentes de recalque e ficam abaixo desta situação da psicanálise.

- P – *Todo filósofo que saca isso, cai fora da filosofia e vai para posturas do tipo das de Wittgenstein, Diógenes, Sócrates...*

Saem pela tangente porque entendem que filosofia não pensa. Deleuze foi claro: filosofia é a produção de conceitos. O caso mais engraçado é o de Wittgenstein, que, depois de produzir o *Tractatus*, constata: “Olha a besteira que eu disse!”

- P – *É aí que está o ponto místico?*

Wittgenstein termina onde tomei para começar: o estatuto da psicanálise é místico. Há que partir deste ponto de não-encontro, do qual podemos até universalizar – em vazio, como máquina, e não como conteúdo.

- P – *Se não for assim, é perversidade.*

O século XVI funcionava de maneira perversista. E também Diderot, D'Alembert, etc., no século XVIII, com aquele fascínio de se apoderar do saber.

4. Há uma discussão entre as tábulas rasa e não rasa para nossa espécie. O livro mais recente é de Steven Pinker, escrito em 2002 e lançado aqui em 2004, *Tabula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana* (Cia. das Letras), que faz um esforço enorme para mostrar que não há tábula rasa. Esta era o necessário do pensamento anterior. Se há distinção radical entre natureza e cultura, Lévi-Strauss conta com que haja tábula rasa. E por que não Lacan e o estruturalismo? Eles têm que contar com um lugar em branco onde a escrita do Secundário, do simbólico, possa se dar com independência em relação ao Primário. Mas não há tabula rasa, pois o Primário vem todo escritinho, e o Secundário, por mais independente que se faça do Primário, é imitação pelo menos de sua modalidade. Entretanto, se não há tábula rasa, existe algo outro de que não se fala, que é: **a tábula arrasada**. Antes de lesionada novamente por inscrições secundárias, se o Revirão é a base, no que operamos segundo nossos próprios poderes e princípios, arrasamos com a tábula. É fundamental entender isto, pois a patota do começo do século XXI, de origem das ciências cognitivas, vai querer se afirmar nas diferenças *dadas*. Por exemplo, ontem vi nas bancas de jornal três ou quatro revistas com matérias de capa sobre a diferença entre homens e mulheres, é a última moda. Qualquer dia, acharão uma região do cérebro que é macha, outra que é fêmea, o hipotálamo da bicha, o cérebro do veado... Não estou dizendo que não tenham razão – já notaram que todo mundo tem razão, não é? – de encontrar diferenças primárias. Certamente, estão lá. O que não entrou ainda na cabeça deles é que essas diferenças primárias só se mantêm mediante sustentação do

recalque, pois, se o aparelho funciona, a tábula pode ser arrasada. Não costuma ser, é muito raro, mas é preciso que este conceito entre.

- P – *O Secundário opera na imitação do Primário, mas opera também arrasando o Primário como modo?*

Sempre que contestar o que está previamente dito, isto será um arraso. Toda prótese necessariamente passa por algum arraso. Se ela está sendo construída é porque alguma deficiência se apresentou, nem que seja por mera força de recalçamento.

- P – *Podemos dizer que há tábula arrasada porque, no processo, está indicado seu lugar, que é o ponto de indiferenciação?*

O ponto de indiferenciação é raso, no sentido de vazio, e é produtor de vazio. Nós o utilizamos ou não. Em noventa e nove por cento das pessoas, noventa e nove por cento do tempo, o funcionamento é etológico e neo-etológico, no mínimo, o que não significa que a tábula possa deixar de ser arrasada.

A posição que apresento nada tem a ver com o conceito do século XX de necessidade de tábula rasa para pensar a diferença entre natureza e cultura, e tampouco com a emergência do começo do século XXI de que a tábula nunca é rasa, já vem inscrita. Tem a ver com já vir com inscrições e com o Recalque Originário facilitando o Recalque Primário. Está tudo lá recalçado, mas isto pode ser arrasado. Se não puder, a psicanálise não serve para nada. Então, ou ela não é nada, ou a tábula pode ser arrasada, nem que seja pontualmente. Isto significa que podemos mirar determinados sintomas e passar o laser (que se chama psicanálise). É o que está demonstrado no trabalho de Freud, quanto mais no dos outros. Fica difícil entender isto quando se teoriza a partir de formações sintomáticas. Se Freud não fosse gênio e ficasse preso, por exemplo, à idéia de Édipo, seria uma lástima. Édipo é uma formação sintomática regional, ainda que de um período longo, de séculos. Embora o tenha tomado como metáfora, também constituiu outras abordagens que nos deixam independentes dele. É claro que seus subseqüazes são uns tolos que restaram brincando de Édipo em vez de psicanálise. Toda vez que miramos um sintoma e o tomamos como paradigma, acabou a tábula rasa. Aí somos tão neo-etológicos

quanto nossos analisandos. Entretanto, dado que as formações etológicas e neo-etológicas são freqüentes e poderosas, não é possível operar sem reconhecimento delas. Por isso, há que estudar tudo que estão apresentando.

Se a psicanálise se coloca hierarquicamente no topo por optar pela chave universal do Revirão como base de seu funcionamento, podemos dizer: a Nova Psicanálise acolhe toda e qualquer modalidade de intervenção, mesmo as que parecem entre si contraditórias, pois as toma (não como outras teorias, mas) como performances estratégicas e táticas *ad hoc* que não contradizem necessariamente sua estrutura teórica. A coerência discursiva que um aparelho filosófico exige de si mesmo é um engodo sintomático. Por isso, alguns filósofos de porre quase me bateram uma vez quando disse que o lugar de Heidegger é em meu divã. Não é por arrogância pessoal que se diz isto, e sim por arrogância fundamental: toda e qualquer filosofia cabe no divã do psicanalista. Portanto, a abrangência de estudo e conhecimento tem que ser total. Não para fazer uma enciclopédia e, por isso, universalizar, mas, posto do ponto de vista da chave universal, tomemos tudo. Não há motivo algum para excluir eventualmente, *ad hoc*, qualquer intervenção que provenha de outra área. Podemos até consultar o DSM IV, pois, mesmo sendo um monte de bobagem – aquilo foi feito mediante votação –, às vezes aprendemos algo. Vejam, então, que não há que confrontar esses lugares. Sempre que o fizermos, estaremos nos rebaixando e dizendo que são outra teoria. Nossa postura é dizer que são descobertas de técnicas eficazes dentro do etológico e do neo-etológico. Fazer isto é uma postura política, uma guerra, pois acontece que a moda instituiu esses discursos como de alta validade hoje e é preciso fazer a posição contrária. É preciso dizer que vassoura, colher, garfo, tudo é importante, é utensílio para usarmos. É hora de dizer isto em função de postura teórica e de mercado. Trata-se de acolher todo e qualquer saber, mas com eixo no teorema que nosso campo estabelece, pois eles têm excelentes achados de prática, ótimas descrições, mas em lugar algum, nem nas ciências cognitivas, aquilo constitui uma teoria. É a postura de não dizer que aquele conhecimento é contraposto ao nosso, já que não tem condições de ser contraposto, não está no mesmo nível.

5. Nesta situação é que posso abandonar o sujeito que está em vigor por aí e retomar o que coloquei ano passado: Eu = Pessoa = Rede. É a mesma coisa: *World Wide Web*. Se saímos do foco de qualquer situação e ampliamos a franja, chegamos a uma *persona mundi* visível a cada momento da história. Um bom historiador não é aquele que entendeu a *persona mundi* de determinado momento?

- P – *A própria idéia de Weltanschauung é isso.*

Lacan tentou escapar pela tangente ao dizer que a psicanálise não é uma *Weltanschauung*. Com toda razão, pois ela é uma chave universal, não tem visão própria, é vazia. No entanto, as produções subsequentes da prática analítica o são. Édipo é *Weltanschauung*.

Encareço, portanto, a definição de Pessoa, pois aquilo acaba funcionando. Muitos não acham isto por centrarem num determinado conjunto de formações que freqüentemente chamam de egóicas e pensam que estão separadas. Entretanto, na visão plena de focos e franjas, não há separação: uma pessoa é um conjunto de formações, inclusive externas – o que é maneira de dizer, pois não são externas – ao que ela supõe ser seu construto pessoal, sua corporeidade ou mesmo suas idéias. Quando fazemos a exclusão, fingimos colocar algo fora, mas no que falamos, já colocamos dentro. No que dissemos *não*, é denegação *por princípio*. Como sabem, para a psicanálise, não há *não* que não seja denegatório. A certeza de Freud era lógica: quando alguém dizia *não*, ele dizia *sim*, pois se disse *não* é porque é *sim*. Isto, não pelo conteúdo que está sendo dito, mas porque, se disse *não*, é denegatório. Então, se o conceito de denegação está valendo, onde termina uma Pessoa? O conceito de denegação por si só inclui.

- P – *O conceito de denegação, em Freud, dizia respeito à expressão verbal. Para você, é mais amplo?*

Mesmo em Freud é amplo. Não confundi-lo com suas subsequências. Lacan, por exemplo. Denegação é algo explícito no menor gesto.

- P – *Denegação é diferente de recusa?*

Sim. Segundo o Princípio de Denegação, dizemos *não* porque sabemos do que estamos falando, mesmo que finjamos não saber. Algo entrou, sabemos do que se trata e dizemos *não* justo porque sabemos.

- P – *Isto porque não queremos saber?*

Queremos saber, sim, tanto que estamos constituindo, fingindo um recalque mediante denegação: aquilo foi dito, e não pode ter sido dito sem ter entrado. Ou não temos a informação, ou a temos e dizemos *não*. O Princípio de Denegação, em Freud, é lógico: nada que não seja denegatório e não há como dizer *não* a algo que não compareceu. Na recusa, não estamos denegando, mas dizendo que somos contra tal coisa, que não a queremos. É um princípio de exclusão. A recusa pode aparecer de diversas maneiras, inclusive pendurada na denegação. Pode também ser um juízo forclusivo da parte de alguém absolutamente lúcido, que sabe os preços, não aceita e diz *não* a tal coisa em tal momento.

- P – *Duas idéias importantes para uma mudança clínica de postura são: a incorporação da denegação e a neutralização da contradição. O que você traz só pode funcionar se for operativamente abolida a noção de contradição no Revirão: tudo é passível de ser revirado maneiristicamente.*

Se colocamos uma contradição, estamos apenas fazendo uma exclusão. Durante séculos, a lógica não andou para a frente por achar que o princípio de contradição fosse para valer. É preciso um maluco, feito nosso amigo Newton da Costa, para mudar isto.

- P – *A maior parte dos lógicos ainda mantém o princípio de contradição.*

Mas já temos as lógicas paraconsistente, paracompleta... Aí o princípio já foi suspenso. E pensar que um cara desses aparece no Brasil. Talvez seja sinal de que, no meio desta joça, seja ainda possível surgir algo melhor.

O que pode ser **identificação** em termos psicanalíticos? É o neo-etológico ou o etológico. Uma identidade biológica, embora aquilo seja muito fechado, de repente até podemos levantá-la. Isto, com a licença de Humberto Maturana e Francisco Varela, para os quais lá há aberturas. Mas, do ponto de vista secundário, os fechamentos e as limitações são artifícios tão locais que,

basta mexermos, que as pessoas resvalam. Vejam, então, que identificação é uma pedrada. Observamos isto com nitidez em jovens em começo de análise. Eles apresentam a identificação como algo inamovível, fazemos um pequeno recorte, ela desaba e eles nem notam. É um pouco difícil fazer um Michael Jackson tornar-se branco, pois não é um pequeno recorte, aquilo é primário e há que recortar muito. Mas, no Secundário, desaba a um pequeno recorte, pois não tem sustentação ou identidade, só identificação. Este é um problema para dez filósofos juntos.

Vejam, então, que Eu=Pessoa não é indivíduo, já que não é o sujeito centrado, de Descartes; o sujeito dividido, de Lacan; ou a multiplicidade, de Deleuze. Eu=Pessoa é definível apenas como Rede. E onde termina uma rede? Ninguém sabe. Portanto, há várias, senão infinitas, amplitudes do Eu, ou da Pessoa. Temos apenas que tratar de amplitudes da Pessoa. Podemos escolher o lugar onde, *ad hoc*, agora aqui, colocamos o foco daquele pólo. Se estamos lidando com uma grande polaridade, então focalizamos em determinado ponto, sempre lembrando que somos nós que focalizamos e que não sabemos se há um foco fixo. Se focalizamos e dizemos que ali há uma pessoa, somos nós a olhar para lá, pois poderíamos estar olhando para cá. Como não sabemos onde a rede termina, isto é muito *mais maior* do que o sujeito de Lacan...

• P – *Embora cada um desses componentes – a multiplicidade deleuziana e os sujeito cartesiano e lacaniano – possam eventualmente comparecer como sintomas.*

Isto porque estão em graus menores. Mesmo o Édipo ainda comparece no consultório. Eis senão quando, abrimos a porta e lá vem ele entrando...

Portanto, como disse, há várias, senão infinitas, amplitudes do Eu, ou da Pessoa. Desde, por exemplo, o polarizado e focalizado como IdioFormação humana isolada até a rede total do Haver, cujos foco e franja coincidem numa só IdioFormação. Isto é o que tem encucado a humanidade com o tal Deus configurado. Não é o lugar do Gnoma, de exasperação entre Haver e não-Haver, que, no psiquismo, faz inventarmos algo para lá colocar, e sim aquele já sintomatizado há milênios como devendo ser uma *Persona* abrangendo o Haver.

Isto ocorre porque, ao acompanhar a franja, não sabemos onde termina e, então, fazemos a suposição de que há uma pessoa lá pensando. E sabem do pior? Há!

- P – *Esta totalidade é ressonância da experiência mais radical do Revirão, que é de Haver desejar não-Haver. Se isto é posto, não há outra saída senão pensar assim.*

Então, estamos no indecível. Estou dizendo que, quando um católico diz que existe um Deus pessoal, calemos a boca, pois isto é indecível.

- P – *Pascal dizia que era uma aposta.*

Entenderam onde Pascal acertou?! Podemos, sim, dizer que não acreditamos no Deus da igreja católica, pois é muito pequenininho, sua franja é muito curta. Mas se disserem que é pessoal e infinito, nada temos a dizer.

- P – *O panteísmo é outro modelo disto.*

É um modelo pré-monoteísta. Na verdade, é certo monoteísmo já explicitado na Grécia. Por isso, Platão acaba sendo monoteísta antes da invasão dos judeus, que já estavam lá.

- P – *Abrir a franja e a suposição de que a totalidade que se enxerga, o tal universo, a substância, como se queira chamar, é uma maneira de formatar esta visada. O monoteísmo histórico é o mesmo processo, só que, ao invés de abrir como rede e ela ser identificada ao conhecimento da totalidade do universo, é identificada a uma figura, a uma pessoa.*

Mutatis mutandis, tanto faz colocar a pessoa para lá como colocá-la sobre César. Está aí o Império Romano que não nos deixa mentir. Deus pode ser tão maluco como Nero? Pode. Por que não? O cristão não permitirá identificar Deus com Nero, mas por que não? Não há a menor condição lógica de superar isto.

- P – *Deus é, então, o Haver?*

Isto é Espinosa. O que digo é que, do ponto estritamente da lógica, da consequência dessa hipótese, não há saída.

- P – *Por que chamá-lo Pessoa?*

Por que não? O pior é isto: por que não? Podemos chamar de tudo. Espinosa fez algo brilhante: Deus coincide com a Natureza. Caiu fora dessa.

19/MARÇO/2005

Aliás, caiu dentro, pois Pascal estava de olho nele. Não é fácil lidar com esse tal Pascal, mesmo porque até matemático ele era.

• P – *Os matemáticos o adoram, ficam tentando uma prova lógica da existência ou não de Deus.*

Jamais conseguirão, nem o sim nem o não.

19/MAR

6. Ao final da vez anterior, me perguntaram se o que eu dizia tem a ver com a *meditação* budista, zen, etc. Respondi que sim, mas é preciso esclarecer, pois fosse a meditação oriental a mesma coisa, a psicanálise teria sido inútil ou, se não, mera repetição ocidental do que de muito tempo já se havia feito por lá. No Oriente, o que chamam meditação tem a ver com o que a psicanálise pode oferecer, mas me parece menor pelo que pude entender do que li sobre o assunto. Prefiro falar em **Reflexão**, sobretudo porque o índice de catoptria é que é importante na operação mental que a psicanálise traz.

Na bibliografia que lhes passei, há um autor, James H. Austin, especialista em cérebro, que, no livro *Zen and the Brain: Toward an Understanding of Meditation and Consciousness* (Cambridge: MIT Press, 1998), da mesma maneira que outros autores envolvidos com o tema, explica a meditação zen como uma postura que tem algo de religioso – até a postura física tem que ser sempre a mesma e correta (coisa de que não precisamos: não existe postura física correta do analista ou do analisando) – e pretende conseguir uma atenção plena que possa se dar conta do que chamam de “realidade” aqui e agora contra a proliferação de “pensamentos”. Acho que estas presença e atenção plenas agoraqui à “realidade” e afastamento dos movimentos de “pensamento” definem razoavelmente o que chamam meditação. Na prática da psicanálise, pode até ser bastante interessante estarmos atentos ao que “realmente” – entre aspas (para eles, é sem aspas, o que é algo difícil de entender) – está acontecendo. É evidente que as pessoas acossadas pela plethora

de formações secundárias têm freqüentemente o mau hábito de as ficar ruminando e não prestar atenção nem aos móveis a seu redor. Elas ficam esbarrando nas coisas por não levarem em conta o que está acontecendo em seu momento. Aliás, pode ser uma boa definição de neurose o fato de alguém já abordar as coisas com um discurso pronto sem se deixar tocar por alguma nova aparência que a tal “realidade” possa lhe trazer. A psicanálise está de acordo com termos nossas formações secundárias em processo sem ficarmos aderidos a elas a ponto de nem perceber a emergência das coisas ao redor. Como sabem, estar disponível para novas emergências é condição *sine qua non* de produzirmos conhecimento novo, por exemplo.

À psicanálise interessa o exercício da meditação oriental de querer desligar a maluquicezinha cotidiana e deixar a pessoa atenta ao que está acontecendo. Mas interessa *também*, pois a reflexão psicanalítica não pede apenas a atenção ao agoraqui. Tomei por acaso na livraria o livro de Steven Hagen, um mestre zen americano, *O budismo não é o que você pensa* (São Paulo: Religare, 2004). O título já é óbvio, pois o que pensamos geralmente é porcaria. Mas lemos o livro e constatamos que... era o que pensávamos, pois é bem ruinzinho, desses de auto-ajuda. Ele quer mostrar o que é a meditação zen, como se faz, mas quando tenta explicar, é tão ocidental que faz uma confusão dos diabos e consegue ser pior que os autores do Oriente. O engraçado é que está explicando exatamente que a meditação é a realidade aqui e agora e a questão do despertar. Ele só não explica o que é a “realidade” e abre o livro com uma citação de Jamyang Khyentse Wangpo: “Os tolos rejeitam o que eles vêem, não o que eles pensam. Os sábios rejeitam o que eles pensam, não o que eles vêem” – o que é uma acabada asneira (notem que qualquer um de nós sempre está na iminência de dizer asneira). Então, na tentativa de explicar a diferença entre a atenção à realidade presente e os movimentos de pensamento, o monge diz essa bobagem. Não sei por que os sábios rejeitariam o que pensam, pois os sábios não rejeitam coisa alguma. O passo da psicanálise me parece ser que, se há sábios – e se não os há, há sabedoria –, a sabedoria aconselha que não se rejeite nada, nem o que se vê, pensa, escuta, cheira ou sente na pele.

Sempre atravessam o pensamento dos zen budistas e budistas em geral as metáforas do olho, do olhar, da visão, da claridade – eles são iluministas. Devemos sempre ler essas coisas, que são bobagens. Li tudo, pois, de repente, a besta pode ser eu. Fui lendo página após página e vi que eu era besta, mas o livro também era.

Escreve o autor, que é mestre zen: “O que podemos fazer é prestar atenção cuidadosamente ao que acontece de verdade à nossa volta e notar que as crenças, conceitos e histórias que formulamos nunca explicam completamente o que está acontecendo”. O que seria prestar atenção cuidadosamente ao que “acontece de verdade”? Vejam que a coisa tem uma base cultural localizada, uma ideologia bem formulada e repetitiva e preceitos morais tirados só pode ser do povo, das decantações culturais. Por exemplo: “um seguidor do caminho não mata” – acho que mata ou não, faz de tudo; “um seguidor do caminho não toma o que não lhe foi dado”; “um seguidor do caminho não abusa dos sentidos” – então, como pode prestar atenção à realidade?; “um seguidor do caminho não fala de maneira enganosa” – ele justamente sabe que só fala de maneira enganosa, pois não sabe a maneira não enganosa; “um seguidor do caminho não intoxica a si mesmo nem aos outros” – é o que fazemos o dia inteiro, inclusive o seguidor do caminho... Vocês vêem a dificuldade de entender algo assim, mas as pessoas rezam esse tipo de oração e acreditam estar funcionando conforme preceitos que nada querem dizer. Vejamos mais: “O ensinamento zen e a meditação não visam à descoberta nem à obtenção de nada, eles dizem respeito à observação de qual é nossa situação real e sua situação real é que nada lhe falta”. É claro que a meditação deve surtir efeitos bons. Por exemplo, o de alguém deixar de ficar ronronando na caraminhola e olhar um pouquinho o que está diante do nariz.

7. A psicanálise sempre pareceu ter uma vocação iluminista. Gaston Bachelard, que publicou muitos livros supostamente psicanalíticos e tinha uma admiração por Jung, mesmo sendo mais refinado do que este, em *La Psychanalyse du Feu* (Paris: [1949] Folio, 1985), embora não diga explicitamente, sugere que a

psicanálise não traz luz, mas calor. Isto é bonito, pois significa que ela não é iluminista, e sim termista. O calor pode ser para baixo, a luz ilumina por fora; o calor aquece a intimidade, penetra o dentro. Não é por nada que o inglês diz *I'm hot* para falar de certo fogo que nos move e comove. Falo do calor no sentido tanto de esquentar quanto de esfriar. Parece que a psicanálise é uma espécie de termostato que podemos aumentar para cá, diminuir para lá.

Voltando à diferença entre meditação no Oriente e reflexão em psicanálise, é preciso saber que a reflexão tem o agoraqui mais seu avesso catóptrico, que não é considerado na meditação oriental. Podemos até prestar atenção no agoraqui, mas sabendo que ele é completo: é do lado de fora e de dentro. O autor que eu citava, Steven Hagen, pede para darmos atenção à percepção, e não às turbulências mentais. Mas não existe percepção que não seja de algum modo formada, ou, pelo menos, cruzada com formações secundárias. Para eles que gostam de falar que o mundo é uma ilusão, esta é uma das ilusões deles. A percepção é (in)formada primariamente, etologicamente; e secundariamente, neo-etologicamente e até com movimentos outros. Então, por exemplo, para encontrar alguma clareza ou algum despertar pensável, possível, presta-se atenção no agoraqui de fora ou de dentro? Quando sofremos um processo de aquecimento mental, capaz de nos fazer criar algo, foi percepção de fora ou de dentro, informada ou desinformada? Vejam que a tal meditação oriental é primitiva, primária demais, no sentido que damos a este termo. O que a psicanálise trouxe é mais rico. Talvez a vontade de meditação que corre o mundo seja um dos retrocessos contemporâneos. O pessoal, assustado diante do desbragamento do caminho para a frente, foge correndo para trás retomando religiões, etc. A meditação budista não seria algo tão primário quanto as orações cristãs? Citei esse autor, que é muito ruim, sabendo que há aqueles que chegaram a grandes níveis de elaboração. Mas o que corre na cultura não são estes nomes. Basta ver que, no caso da cultura psicanalítica não é Freud ou Lacan que correm, e sim a decadência.

Não duvido que alguns tenham tido processos importantes e ricos na meditação. O que digo é que a prática contemporânea me parece retrogressiva,

pois mesmo autores refinados – D. T. Suzuki e François Jullien, por exemplo – explicam que podemos conseguir um processo de libertação do pensamento – na verdade, é isto que dizem – com a meditação. Eles estão – e nós também – contra a ruminação neurótica do Secundário sem prestar atenção ao mundo, mas sua prática definida como definem é tola. Os textos repetem que estão contra a movimentação mental e na crença de que a realidade se mostra, ou mesmo que o real se apresenta. Pode ser a maneira ruim até de um Buda dizer, pois sua experiência deve ultrapassar de longe o que é dito, mas o que interessa é que, no contexto da cultura contemporânea, a psicanálise promove algo que é, pelo menos, o dobro disso. Para ela, o aquiagora não é contra a movimentação mental, mas inclui toda e qualquer manifestação. Ela é reflexiva no sentido de não só incluir o agoraqui “interno” e “externo”, como ainda de, mediante a concepção de Revirão, suscitar o avesso de tudo com que se está convivendo. É aí que surge o Neutro.

Como disse da vez anterior, não existe tábula rasa. Steven Pinker e outros têm razão, mas o besteiro que dizem a respeito disto não tem razão alguma. Se não há a tábula rasa, há o **arrasamento da tábula**, pois o movimento do Secundário, suscitado pelo Originário, não faz senão arrasar perenemente a tábula. Ela jamais ficará rasa, não se eliminarão as inscrições do Secundário ou do Primário, mas o movimento, a operação e o trabalho da psicanálise são de arrasamento, que é o que produz Indiferenciação. Suponho, portanto, que se trata de algo mais complexo, mais pleno do que o sugerido pela idéia de meditação oriental. A operação mental da psicanálise consiste em, durante o percurso do que chamo Análise Propedêutica, cada um aprender a continuar sozinho o processo de arrasamento, o processo de Indiferenciação – o que é difícilíssimo, pois as pessoas se apegam e são muito dependentes de outros que tenham facilidade maior para isto. Bachelard diz outra coisa interessante no livro que citei. É preciso parar com esse negócio de tentar curar as fobias; por que não curar as filias? Estou de acordo, pois, se curamos as filias, as fobias vão junto. E isto se faz arrasando a tábula. Tomem as coisas que pensamos que somos nós e destruam. É simples, mas não é fácil. Ou seja, é o arrasamento infinito da

tábula. O que Lacan colocou como fim de análise não existe. A análise é infinita e há o arrasamento perene da tábula. Ou, então, que fiquem com a tábula cheia de inscrições.

- P – *Por que você fala em internalidade e externalidade?*

É maneira de falar, pois não sei fazer de outro modo. Estou dizendo que, diferentemente da externalidade tão exibida na atenção da meditação oriental, a operação precisa ser acompanhada também da internalidade do que rejeitam, pois o aquiagora é pleno.

- P – *Eles tentam indiferenciar?*

Eles tentam *diferenciar*. Dizem para prestarmos atenção no externo e esquecer o interno. A psicanálise não pensa assim. Para ela, trata-se de prestar atenção a tudo, e mais, ao avesso que não está presente. É preciso presentificá-lo também, pois só assim a tábula se arrasa. Vamos indiferenciando e sendo capazes de olhar com isenção para as duas hipóteses. Não quer dizer que vamos nos tornar um beócio, paralisado por estar em estado de indiferenciação. Isto é um estúpido, e não outra coisa. É que, a cada momento, temos a competência de indiferenciar, recortar e agir. Sabendo o que estamos fazendo? Não, nunca sabemos. É o que der: a gente fazemos o que podemos, como diria algum personagem de otoridade brasileira.

- P – *Os budistas, ao tentarem parar o movimento do pensamento, não estariam rejeitando o pensamento?*

Em última instância, a tendência será esta. Não podemos criticá-los quando dizem que as pessoas têm tendência a ficar impressionadas e tomadas pela manipulação secundária não enxergando nem uma parede e dando de cara nela. Isto também ocorre, mas por que minha atenção deve ficar virada somente para um lado? Entre os budistas que li até hoje, verifico que não perguntam por que deixar o pensamento virar só para um lado, mas pedem para virar só para o outro.

- P – *Na meditação não é solicitado que estejamos atentos a tudo que acontece em termos de pensamento também?*

Não está assim no texto deles. As pessoas dizem isto, mas acho que é mitificação do Oriente. Os autores escrevem sobre esvaziar o pensamento mediante atenção. Querem suspender o movimento mental e dedicar-se ao perceptivo aquiagora. Não sou oriental ou mestre zen, mas tenho praticado, ou seja, lido o que dizem, e me parece que o que atravessa os textos é a idéia de que a mente atrapalha, de que é preciso deixá-la em suspenso e suspendê-la pela atenção à realidade. E mesmo que estejam atentos ao que acontece agoraqui na mente, continua menor, pois ainda que alguém perceba os dados de sua movimentação mental agoraqui, não estará percebendo a plenitude de avessamento de todas estas possibilidades.

• P – *Algo pouco conhecido é que o processo meditativo é uma técnica para ser abandonada tão logo aprendida. O homem superior não medita.*

É de se esperar que o analista seja alguém capaz de viver o besteiro cotidiano – pois a besteira há, vamos fazer o quê? –, mas com a competência de, a qualquer momento, entrar em estado de indiferenciação, revirando tudo. Ele seria alguém que tem juízo, ou seja, não tem juízo. Mas o que vemos são pessoas chamadas analistas sem evidentemente a competência de escapar por um segundo de seu aparelho neurótico. Elas sabem coisas e as aplicam aos outros. Qualquer um formado na universidade, que passe por instituições ditas psicanalíticas, estude Freud um pouco, vira analista. Ele usa um jargão que é até parecido, mas se o espremermos um pouco, veremos que não tem a menor condição de, experimentalmente que fosse, entrar em processo de indiferenciação a respeito de algo colocado. Imediatamente, vem o sintoma e toma partido. Produzir um analista é, como disse, saber que há a besteira, mas que se pode pensar fora dela. Ser alguém que passou pela Análise Propedêutica, que sabe que a análise é infinita e vai exercitar para sempre a possibilidade de indiferenciação. Do contrário, a escuta estará sempre prejudicada. Por isso, falei em Bachelard, a respeito de tentar curar nossas filias. Nossas fobias, é fácil, pois sentimos que estamos contra elas. Tomem uma de suas filias, tentem indiferenciar e verão o quanto é difícil.

Este foi um parêntese a respeito do que me perguntaram sobre a meditação. Nossa reflexão a inclui e a ultrapassa, é maior.

8. Há tempo, surgiu no campo da arte algo que talvez tenha sempre existido por aí, mas que, suponho, foi detonada ou, pelo menos, exposta historicamente por Marcel Duchamp, que é o *ato de apropriação*. Houve grande voga destes atos na segunda metade do século XX, sobretudo nas artes plásticas. Trata-se de tomar algo corriqueiro no mundo ou na cultura e nos apropriarmos dele como acontecimento nomeando-o obra de arte e o incluindo em nosso currículo. Por exemplo: “Eu me aproprio de todos os trabalhos de capeamento de asfalto na cidade”. É uma obra de arte, por que não? Não se sabe o que é obra de arte, então fica sendo. O próprio *ready-made*, de Duchamp, é um processo de reconhecimento num escopo e apropriação de um objeto.

Então, a partir do que disse da vez anterior, digo: a psicanálise deve apropriar-se de todo e qualquer conhecimento que acaso lhe interesse como funcional em seu tratamento das questões *psi*. Isto é, que lhe interesse para o desenvolvimento de seu processo de Cura. Portanto, para o desenvolvimento do processo de cura, o que quer que de fato funcione como instrumento terapêutico será daqui por diante por ela apropriado. Transformemos isto numa declaração de apropriação: “Declaro que, a partir deste ato de apropriação, todo e qualquer instrumento de serventia à cura é desapropriado pela psicanálise e por ela imediatamente apropriado. Dado que o Inconsciente não reconhece nenhuma propriedade intelectual, aquela desapropriação se fará sempre sem qualquer obrigação de prévia ou posterior indenização – o que não elimina a obrigação do crédito intelectual (não a nenhum proprietário, uma vez que a psicanálise passa a ser a proprietária por esse ato de apropriação, mas) a alguma fonte de onde se possa supor haver emergido tal ou qual nova, ainda que antiga, formação. O que autoriza este ato de apropriação é minha suposição da psicanálise como eixo e de que, por desconteudizar, está hierarquicamente acima de qualquer fabulação conteudizada. Suposição esta tomada como certificação e conseqüente afirmação”. Se o que disse da outra vez for tomado como verdadeiro, este ato de apropriação é irrecusável.

Qual é nossa *oferta* de cura? Se abrimos a boca para falar nisto, é *for sale*. Desde Seminários antigos, aponto o valor da arte como pura e simples

articulação – intervenção esta iniciada por Marcel Duchamp – a ser considerada como radicalização e generalização do que possa indicar o radical latino ART. Isto em congruência com o que desenvolvemos em nossa dissertação de mestrado, depois tomada como Seminário intitulado *Senso Contra Censo*, na qual se afirma que a obra de arte está no lugar do analista e não do analisando, uma vez que a consideramos como construção efetiva do Revirão e conseqüente neutralização do sentido. Assim, nossa oferta de cura é contribuir para facilitar que cada Pessoa, no sentido que já indiquei no Falatório de 2004, tenha emergência como obra de arte. Assim como Deus está morto – uma ova! (aliás, quem está morrendo é lá Jana Pawla) – também a arte morreu, mas não toda. (As pessoas, parece, não se deram conta de que, no mesmo movimento em que anuncia que Deus está morto, Nietzsche anuncia que a arte morreu. Deus morreu, mas as igrejas como as galerias, os museus continuam aí). O que podemos esperar agora de melhor é a perene criação artística das Pessoas, sendo que a polaridade de uma Pessoa sobre um indivíduo biológico humano abrange, para além de sua posição focal, a extensa zona franjal que a constitui como *rede* que, no limite, alcança todo o Haver – donde a produção infinita da obra. Desse modo, essa obra de arte se concentra no foco de um pólo, mas se espalha por sua franja até os confins do Pleroma. Onde nossa tarefa infinita, de análise infinita: primeiro, Propedêutica; depois, Efetiva. Isto rompe radicalmente com o *passé* de Lacan, sobre o qual já falei anos atrás.

Mediante este ato de apropriação, o que se define é a psicanálise como *Arché*, capaz de subsumir como meras técnicas, mais ou menos eficazes, todas e quaisquer formações supostamente terapêuticas. É uma questão de subsunção, e não de rivalidade. Para isso, ela deve remeter cada uma dessas formações em cada uma de suas aplicações à vontade analítica de indiferenciação. Não é que vale tudo ou que tudo serve, e sim que qualquer dessas técnicas, remetida à vontade analítica de indiferenciação, serve eventualmente, dependendo de cada caso. A referência à indiferenciação reduz toda e qualquer possibilidade a mera técnica. Então, posso afirmar que, sendo assim, entre as ditas terapias, a psicanálise é sem rival, pois que não disputa, muito menos no mesmo nível, com

essas específicas formações. Dali para baixo são rivalidades técnicas que não interessam à psicanálise, qualquer coisa serve. Não se abre uma caixa de ferramenta para fazer rivalidade entre alicate e chave de fenda, por exemplo.

O que foi trazido hoje aqui é fundamental para uma mudança de postura. Deveríamos elaborar um pouco mais para a cabecinha dar um desvio. Já está chegando a hora de o século XXI se manifestar e acabar com a loucura e a bagunça de tomar tudo como se fosse a mesma coisa. Existem ordens de superação, e quando se trata de níveis diferenciados não é mera questão de gosto. Nem é relativismo absoluto, pois só há relativismo relativo. Vejam que é uma reviravolta que dou na situação, que é sobretudo de ordem política. É preciso invadir o mundo com esta bandeira na mão.

• P – *Quando você coloca a psicanálise como postura, podemos dizer que é uma postura de apropriação?*

Isto no nível das práticas. Em seu nível próprio, nem isto, pois o que há é postura de Soberania, como já disse em 1996. E não é soberana por ter armas e bagagens e poder vencer outros no campo de batalha, e sim que, na medida de sua suprema abstração, nenhuma constituição conteudizada é capaz de assumir seu lugar. Trata-se de uma questão de potência e de considerar assim os próprios conteúdos que a psicanálise supôs produzir. Édipo e besteiras do tipo acontecem? Sim, mas são meras técnicas, e não o interior da psicanálise. O passo é abandonar os conteúdos, perguntar sobre o modo de operação e se ele está acima de qualquer produção conteudizada. Seu único pecado conteudístico é o do que está enunciado no teorema: Haver quer não-Haver. Deste não há saída. A besteira conteudizada, por exemplo, de pecado original – Adão, Eva, etc. –, quando abstraída no sentido do máximo de desconteudização, não deixa de existir. Pecado original é o fato de algum desenho ter que ser posto. “Haver quer não-Haver” é o nosso pecado original que segura tudo, inventem outro melhor e mais abstrato se puderem. Ali é o limite. Dele para baixo é muito menor. Mesmo se o chamarmos de conteúdo lógico, ainda que do ponto de vista da lógica mais abstrata, já estragou. Trata-se da busca de alguma região que sempre terá esta mácula originária, e não pode deixar de tê-la, pois

é um construto. Em nosso momento, o construto mais abstrato possível que conheço é este que coloco.

Como disse, a psicanálise pode se apropriar de qualquer ferramenta. Abram os livros de ciências cognitivas – e devem fazê-lo, pois não há que ser ignorante – e vejam dezenas de técnicas eficazes que podem ser usadas exatamente como lá estão. Só que a referência de nosso uso será no sentido da indiferenciação, e não de levar alguém a determinado comportamento pedido pelo social ou por alguma ideologia. Portanto, qualquer ferramenta nos serve, se nos ajudar no processo de aproximar a indiferenciação. E todas servem, até dizer asneiras, mentir para o analisando quando necessário... Vejam, pois, o lugar precário do analista, que pode usar as piores coisas como melhores, desde que saiba situar-se na postura certa.

• P – *A soberania com esta desconteudização máxima não implica uma conotação de valor?*

É impossível colocar hierarquia sem estabelecer valores. Sua pergunta é importante do ponto de vista político, pois estamos numa época em que as pessoas não sabem mais o que querem ou a quantas andam e escolhem a *democracia*. Mas democracia não é ruim porque poderia ser outra coisa, e sim porque é muito pouco. Toda democracia tem sido oligárquica. No atual democratismo contemporâneo, dizem que devemos respeitar as idéias, a religião do outro, etc. Isto é impossível, pois as idéias são conflitantes de nascença. O que podemos respeitar é o limite do outro. Não vamos matá-lo porque achamos que é uma besta. Continuamos o achando uma besta, mas só achando e não matando. Querem suspender a guerra por respeito ao pensamento do outro – isto é impossível. Podemos respeitar a ferramenta e a existência do outro, ainda que em imbecilidade. De repente, o outro também nos acha imbecil, etc. No entanto, não é possível achar que tudo vale a mesma coisa. Como disse, a questão sobre o valor é fundamental, pois a psicanálise, desde Freud, não pode estabelecer ou sustentar certos valores. Ela aceita que exista gente aprisionada nesse campo, assim como aceita que existe neurótico aprisionado em sua neurose.

A existência dos neuróticos é aceitável porque as pessoas não conseguem sair, mas não temos compromisso com a neurose, nossa ou dos outros.

• P – *Para o entendimento da necessidade de arrasamento da tábula há necessidade de a experiência psicanalítica ser da ordem da experiência mística?*

Ao falar disto, é preciso lembrar do que chamo experiência mística. É algo claro em meu texto, e não nenhuma beatice. Trata-se do afastamento radical de todas as posições e inscrições possíveis. O afastamento radical de toda inscrição possível tem como resultado a indiferenciação. Chamo de mística esta ascese no sentido em que ela é o exercício perene da indiferenciação. E isto só existe como exercício, pois não indiferenciamos de uma vez por todas.

02/ABR

9. É assustador como uma ficção – ou uma fixação, como chamo – se apropria do pensamento. Isto de tal maneira que determina seu desenvolvimento e depois vira uma espécie de regra de comportamento capaz de aniquilar qualquer possibilidade de pensamento, pelo menos temporariamente. O não-falecido Lévi-Strauss – todos já morreram, mas ele está lá firme – passou um tempo no Brasil anotando em seu caderninho o que supunha ser o comportamento dos índios. Como não sabia o que fazer com aquilo, juntou tudo, colocou na mala e foi para os EUA. Lá chegando, encontrou Roman Jakobson (1896-1982), o qual, com a ajuda do trabalho de Nikolai Troubetzkoy (1890-1932) sobre fonologia, inventara um modo de lidar com as anotações dele próprio, Jakobson, coisa que ficou com o nome de estruturalismo na lingüística. Lévi-Strauss, então, que não sabia o que fazer com seu monte de papel, aprende com ele um pouco de lingüística estrutural e resolve aplicar aquilo às suas anotações. Não sabemos se aplicou as anotações ao método ou se forçou as anotações mediante o método. Acreditamos piamente naquilo porque levamos a sério, mas nunca se deve levar muito a sério pensamento algum – seja qual for, sempre há algo de

decepcionante. Mas até recentemente estivemos submetidos à idéia levistraussiana de como gente funciona em agrupamentos, sobretudo em seus modelos de organização social, transmissão da vida e outros badulaques.

O pior é que o doutor Lacan embarcou nessa. Quando viu aquela coisa tão bem arrumada na lingüística e na antropologia, começou a reduzir o pensamento de Freud àquela organização tão perfeitinha que parecia dar conta de tudo – e ainda chamou aquilo de “retorno a Freud”. É claro que Freud ficara impressionado com as conjunções lingüísticas da fala dos analisandos, o que não significa que, em última instância, as reduzisse à lingüística de Saussure ou de qualquer outro. O próprio Freud, por sua vez – embora sem o engodo (o nome é este) da pesquisa de campo, pois simplesmente sacou de sua cabeça a fixação que armou –, tentara produzir uma teoria do antropológico no famigerado *Totem e Tabu*. Lá vem o mito do orangotango dominante e dominador, que fica mais velho, mais fraco e é atacado e devorado por seus filhos. Estes ficam arrependidos, mas depois organizam uma sociedade em cima do assassinio e da culpa, instauram a paternidade no mundo e o domínio do pai. Isto junto com Édipo faz um tremendo carnaval e cola bem, pois já tínhamos na Grécia o mito de Urano sendo castrado por Saturno, o qual devora seus filhos para que estes não fizessem o mesmo com ele. A mãe esconde um deles, Júpiter, que também castra o pai, inventa Vênus, toma o poder e arma o Olimpo. São mitos parecidos que certamente estão na fundação do que chamamos Neolítico. São mitos referentes ao aparecimento da idéia de pai, de pátrio poder e, portanto, de família, coisa que não existia antes.

Depois que abandonei este tipo de organização mental para pensar em termos de Lei Fundamental arbitrada sobre a Pulsão, e não sobre a legislação ocidental dominante, quando me retirei do jurídico e caí no pulsional, já tenho, com a ajuda de vários autores, denunciado bastante essa mitologia boba que o Ocidente tanto repete. Isto, sobretudo na reiteração dos poderes constituídos, o que veio pelas ciências humanas adentro mormente na antropologia e na psicanálise lacaniana. Muitos anos depois de insistir nisto, vejo que foi publicado um texto fundamental para o questionamento d’*As Estruturas Elementares do*

Parentesco, de Lévi-Strauss (1949). Trata-se do livro de Maurice Godelier, *Métamorphoses de la Parenté* (Paris: Fayard, 2004). É um trabalho exaustivo, de campo. Não o li todo e nem é preciso. Se o lerem a partir do capítulo 6 já é suficiente, pois o restante é demonstração de campo. Sobretudo, leiam do capítulo 10 em diante, o que já é um bocado, mais de metade deste livro que é importante para nós por desmontar e desfazer a veracidade tanto do mito de Freud como do de Lévi-Strauss: são mitos falsos e não há chance de haver algo parecido com o que apresentam. Não é que, do ponto de vista histórico, não encontremos coisas parecidas com a mitologia de Freud ou mesmo com a suposição teórica de Lévi-Strauss, mas aquilo não é fundamental e não são estruturas elementares de parentesco. Podem ser estruturas encontráveis, mas não elementares. É assim mesmo que caminhamos, aos trancos e barrancos tendo que acreditar (ou, pelo menos, dar crédito provisório a) em alguma teoria para desenvolver um trabalho, um pensamento, e depois verificar que é um monte de baboseiras ou que dela pouco sobra.

Essa mitologia freudiana e essa teoria de Lévi-Strauss são nefastas por serem uma espécie de garantia supostamente “científica” de certo modo de dominação na sociedade ocidental, o que tem feito grande mal à humanidade. É muita desgraça, muita violência em cima da vontade de dominação de Segundo e Terceiro Impérios. Godelier, ao procurar as bases de formação do social humano, está bastante interessado em criticar ponto a ponto e mesmo derrubar o pensamento de Lévi-Strauss. Para tanto, faz seus estudos teóricos e também pesquisas de campo, longamente trabalhadas, em lugares mais ou menos primitivos. Na verdade, não temos palavra correta para traduzir *parenté* em português. *Parentalidade* não serve, pois já há *parentalité* em francês. E quando forjamos uma palavra correspondente a *parenté*, ela passa para o regime da reprodução, dos genitores. Não se trata disto, e sim da função paterno-materna. Traduzimos por *parentesco*, mas em português isto é todo nível de parentalidade. No próprio livro de Lévi-Strauss, *Les Structures Élémentaires de la Parenté*, foi traduzido por *Parentesco*, o que está errado, mas tampouco sei como dizer de outro modo.

O que importa para Godelier é saber o que é essa coisa de pai e mãe no regime da construção da sociedade. Ele termina o capítulo 9, página 344, dizendo: “Em definitivo, o que imprime no indivíduo o tabu do incesto não é apenas que a sexualidade deva se submeter à reprodução da sociedade. É, mais profundamente, que *ela deve ser posta a serviço da produção da sociedade*”. Esta conclusão de sua tese é brilhante: a sexualidade não está aí apenas para *reproduzir* a sociedade, pois *produz-se* um tipo de sociedade sobre suas manipulações da sexualidade. Continua ele: “Mas, para isto, é preciso sempre amputá-la de algum modo de uma parte do politropismo” – que é o que Freud chamava de perversão polimorfa – “e da polivalência (hetero e homossexual) espontâneas do desejo”. Aí está uma espécie de demonstração e comprovação antropológica do que digo há anos. “É esta lei de ordem intransponível que as múltiplas formas de proibição de incesto imprimem em cada um”. Notem que ele desloca a proibição do incesto para a produção do social a partir de certa amputação da espontaneidade sexual de qualquer tipo. “Mas esta amputação parcial não é aqui destruição do indivíduo, ela é sua promoção ao ser próprio do homem, a seu ser genérico, que é não somente de viver em sociedade, mas de produzir sociedade para viver. É da sexualidade e de sua subordinação que o homem extraiu em parte esta energia e esta capacidade. Deveríamos, a partir disso, poder dizer mais sobre a natureza do inconsciente”. Bato palmas para ele, pois chegou aonde eu já estava...

Ele está dizendo que a sexualidade é polivalente, vai para qualquer lado; que a função desejante é absolutamente solta, como Freud já teria dito; e que a produção do social, necessário para o homem viver, se dá sobre a subordinação da sexualidade a um mínimo de restrição para poder organizá-la. Então, isto está em função da produção da própria sociedade, é a base para alguma, qualquer uma – e de qualquer tipo, pois são vários –, interdição do incesto. Não se trata da besteira edipiana ou levistraussiana. Esta base não é senão o que chamo de Quebra de Simetria: qualquer tipo de reconhecimento de um impossível – portanto, ressonância do Impossível dentro do possível – é suficiente para estabelecer interdição e fundar o social. Portanto, traduzindo

em nossa linguagem: há Quebra de Simetria, cuja ressonância na psiquê do homem comparece mediante alguma pequena restrição, pequena amputação, como metáfora desta Quebra de Simetria. E é mediante isto, na sexualidade, que se produz o social.

• P – *De certa forma, não é o mesmo que diz Freud, no Mal-Estar na Cultura, quando afirma que isto se expressa assim sintomaticamente em determinado momento, mas que, em outro momento, pode se expressar de outra forma? Ele não estaria colocando como contingencial o que, por exemplo, diz em sua mitologia?*

Freud está sugerindo que, mediante a leitura que faço ou que Godelier faz, é possível ver assim, mas não diz isto explicitamente. É preciso entender que quando lemos um autor para trás, lemos com ferramentas novas. Ele relativiza de certa forma, mas não deixa de impor tanto o mito do assassinato do pai quanto o do Édipo como estruturantes. Como ele é inteligente e brilhante, vai relativizando, mas sua antropologia é a do orangotango e do Édipo. E mais, se ele era inteligente o suficiente para relativizar, seus aluninhos não o eram, o que resultou numa pedrada cultural que dura cem anos. Sua relativização deveria ser explicitada como sendo apenas um mito para representar alguma abstração. Quem vai abstrair é Lacan com sua teoria do significante. Ele lança a idéia de significante Nome do Pai regente do psiquismo não apenas dos homens contemporâneos do pós-neolítico, mas como regente do psiquismo em si, estruturalmente. Se Freud não historicizou, Lacan des-historicizou para valer. Para garantir seu estruturalismo, colocou isso como estrutura do inconsciente, como estrutura da mente.

Vejam então que, por mais erro que um autor de hoje como Godelier possa cometer, a coisa vai num nível de abstração muito alto. Trata-se de apenas uma limitação qualquer e apenas no nível da produção do social, pois a língua e uma porção de coisas já são limitadas. Assim, é na organização do social que se entra com a sexualidade – e certamente com seus avatares: reprodução, comportamentos eróticos, etc. – para constituir um texto mediante uma exclusão, que ele jamais diz qual é. É apenas *uma* exclusão. Isto é bom, pois documenta

antropologicamente o que venho dizendo há tempo: a interdição do incesto é simplesmente uma limitação qualquer para representar o Impossível mediante uma proibição. Não é que o incesto seja impossível, é apenas proibido para representar a Quebra de Simetria que organiza um discurso. Coisa óbvia, aliás, pois se estamos considerando um discurso em português, não é em francês ou qualquer outra língua, portanto, há uma limitação. Escolhemos nossa paleta na pintura, e não outra. Toda produção exige um contorno, não pode ser infinita para todos os lados. É simplesmente isto a interdição do incesto.

10. Vamos à etologia, que também utilizei para dizer o que disse. Godelier toma a pesquisa de campo dos etólogos para mostrar que os únicos primatas geneticamente aproximados de nossa espécie são os chimpanzés e os bonobos, os quais têm comportamento social, organização social e franca expressividade erótica para todos os lados (homo e heterossexual). Ele mostra, então, em primeiro lugar, que ali há sociedade instaurada, a qual, com suas regras, é da ordem do Primário, do etológico. Isto se prova porque naquela espécie há uma formação discursiva, se quiserem, instalada bioticamente. Seus componentes são capazes de comportamento social e mesmo de certos começos de lida tecnológica, protética, mas esta prótese está incluída como possibilidade em sua organização primária, o que faz com que tenham comportamento social, mas não tenham como modificá-lo, como faz nossa espécie. Como não se modifica um comportamento etológico, dado, a não ser por intervenção do Secundário, vemos que não têm produção secundária. Isto é o que estou inferindo, pois não está escrito assim no texto de Godelier.

Em segundo lugar, ele mostra o óbvio ululante, já provado por pesquisas de outra ordem, que a sexualidade não tem sexo. Ou seja, é preciso estudar todas as funções de acoplamento e organização social dos acoplamentos eróticos, tanto do ponto de vista hetero quanto homo, pois isso é natural, é assim que se apresentam nas espécies. Ele não precisava nem se preocupar, pois, como vimos há anos atrás, Bruce Bagemihl, em *Biological Exuberance: Animal Homosexuality and Nature Diversity* (Nova York: St. Martin's Press, 1999),

fez pesquisa entre os animais e já demonstrou isso muito bem. Faço agora, de nosso ponto de vista, a crítica. Quem precisa demonstrar, pois se a humanidade faz isso, logo é natural? As discussões são da ordem do político e da dominação, e não do reconhecimento de que, se há tal coisa, é do Haver. Se é do Haver, é absoluto artifício, ou seja, é absolutamente natural – mas foi preciso ir atrás dos animais e dos povos primitivos para dizer que acontece fora da sociedade humana. Ora, isto é uma contra-resposta de natureza política a certo tipo de dominação, e não uma observação. Se existe, é natural. É natural haver línguas, haver avião? Não estão vendo que há línguas e avião?! Logo, é natural. Foi em certo momento, quando se lançou mão da naturalidade como verdade da espécie, em contraposição ao que seria artifício, portanto, anti-divino, que as pessoas caíram nessa conversa. Aqueles que diziam que não era natural estavam vestidos, fazendo guerras com armas, tudo na base do artifício que seria contraposto à noção de natural, com a qual queriam eliminar certas emergências. Ou seja, é a estupidez instalada e as pessoas engolindo: a carneirada vai sempre atrás...

Vejam, então, que está inscrito no etológico dos animais que a sexualidade, por mais que resulte em reprodução, é uma função de prazer. Mesmo entre eles, sexo é sacanagem, e não para fazer neném. Faz porque não tem jeito; se tiver, não faz. Se inventassem camisinha, pílula, DIU, diafragma, ligadura, não fariam. É preciso ser muito ignorante para cair no conto da transa e de ainda ter que carregar o filhote. A sexualidade foi instalada como um recurso de prazer. O truque da natureza foi acoplar as duas coisas. Se alguém estava só a fim de dar uma gozadinha e é capaz de tomar o resultado como castigo – e ter filho já é castigo –, aí temos um bom obsessivo, que não é aquele que fica culpado e por isso encontra razão, e sim aquele que procura razão para se culpar. Se aparece um neném, foi Deus quem castigou – e ele precisa de castigo, se não, não existe. Aí, inventa uma religião para se açoitar. Freud já mostrou que se trata de pura neurose obsessiva.

Está aí o que é o incesto, ou seja, a interdição do.

- P – *Algo que Godelier repete, ao tomar Lévi-Strauss e Freud como casos princeps de teorias antropológicas equivocadas, é que o que há de comum*

nas duas é certa base antropológica, que atravessa o século XX, de promiscuidade sexual animal, da qual a cultura nos teria emancipado mediante a interdição do incesto.

Isto como passagem de natureza à cultura. O que é criticado nesse momento é que não existe passagem de natureza a cultura, pois não encontramos conjuntos animais ou tribos primitivas em que a promiscuidade seja generalizada. Sempre há produção do social ainda que etológica sobre uma organização que decepa algo. E este algo que se decepa não são as coisas que nós decepamos. Cada sociedade tem sua limitação, que, às vezes, para nós, do ponto de vista cristão, por exemplo, é algo horroroso. A interdição do incesto colou na sociedade ocidental por razões de Segundo Império, de produção do pai e produção de dominação. Não foi para abrir, e sim para fechar. Não há nenhuma espontaneidade animal ou cultural dos jovens machos e fêmeas no sentido de se deslocar para outro grupo para se acasalar, por exemplo. É um acontecimento determinado e regrado pelos negócios da família. Fecha-se para se poder negociar.

11. Godelier opera um raciocínio do qual discordo radicalmente. Do ponto de vista antropológico pode estar certo, mas, do ponto de vista psicanalítico simplesmente não funciona: a oposição entre o que na sociedade temos para trocar e o que temos para guardar; os bens utilizados para o mercado e aqueles utilizados para consumo interno. Seria o que é bem de troca e o que é bem de uso, mas ele não coloca assim, pois não é marxista. Diz ele, pág. 458: “Obrigarse a dar e obrigar-se a não dar o que é necessário conservar para transmiti-lo”. A este segundo, confere-se até certa sacralidade, são coisas que não se negociam, pois “transmitir” – e está aí minha crítica, uma vez que a psicanálise ultrapassa isto – “às gerações que vos seguem é lhes fazer um dom sem retorno possível”. Observem a diferença entre troca e transmissão: na troca, negocia-se, é o toma lá-dá-cá; na transmissão, faz-se um dom que não tem retorno, logo não há troca. Para nós, isto não existe, pois negocia-se qualquer coisa. Ou seja, o que ele está dizendo só pode ser em nível antropológico de observação do que se transmite, pois no nível psicanalítico só existe uma possibilidade: trocar. Aliás,

temos que suspeitar do rabo preso que sempre há em todos nós. Afinal, como fomos criados no meio da joça cristã, devemos estar dizendo alguma besteira. Esta parte não é deglutível por uma cabeça psicanalítica. Então, “transmitir é dar sem retorno possível, é dar sem reciprocidade direta” – ele foi inteligente ao colocar o “direta” aí – “possível (com exceção do ‘reconhecimento’ dos descendentes em relação a seus ascendentes, das novas gerações em relação às antigas)”.

Não é verdade que não haja troca direta, a não ser por reconhecimento, etc., pois, quando estamos no regime da transmissão, se não supusermos troca possível, eliminaremos o fundamento narcísico de qualquer mente. Toda mente e todo amor são narcísicos. Então, se “transmetemos”, estamos, lá adiante, querendo de volta nossa permanência. Ninguém dá nada de graça, e isto não existe no Inconsciente. Godelier está contando antropológicamente a transmissão de bens sem considerar o psiquismo capitalista daquele que está transmitindo. Fernando Pessoa diz: “Falar já é ter muita consideração com os outros”. Eu diria que falar já é ter muita consideração consigo mesmo, é narcísico demais. Se conseguisse tirar o narcisismo, não faria a besteira que estou fazendo aqui agora. Considerem também que as pessoas não querem apenas o reconhecimento, elas querem a manutenção. Você transmite porque, imbecil e idiotamente, quer que aquilo seja representado como você lá adiante. Não há aqueles, muitos, que dizem que querem permanecer em seus filhos? Portanto, não é que exista transmissão sem troca, e sim que há níveis de troca diferentes.

12. Godelier, págs. 494-5, enumera suas conclusões teóricas, das quais retomo algumas:

“1. Não existe sociedade alguma que autorize os indivíduos a satisfazer todos os seus desejos (e fantasias) sexuais. Todas impõem limites ao uso do sexo”. Como disse, não confundir isto com os limites impostos por nossa sociedade. Ele menciona que há sociedades em que o incesto de pai com filha, mãe com filho, ou irmão com irmã, é privilegiado para aqueles que são divinos. No Egito, por exemplo, a divindade não tem limites de cruzamento sexual ou

quanto à reprodução. Aqueles que são considerados menores, estes sim estão limitados. E o mesmo que acontece no nível hetero, acontece no nível homo, sem que possamos distinguir seus discursos de organização da sexualidade. As sociedades que têm a permissividade evidente da homossexualidade também a organizam. Na dos Baruya, a iniciação social dos meninos – aliás, por que ele não foi espiar o que as meninas estavam fazendo? – se dá quando, dos dez aos quinze anos, chupam o pau e bebem o esperma dos que têm de quinze a vinte. Dos quinze aos vinte, eles são chupados; depois, casam-se e aí acaba a brincadeira. Uma ova! Quem está acostumado não vai parar assim... É, pois, uma regra de maturação bem organizada naquela sociedade. Funciona igual a prescrições e proibições sexuais.

“3. Trocar não significa necessariamente aliar-se”. Ou seja, fazemos trocas com grupos que não são necessariamente nossos aliados. Isto é uma obviedade. A guerra, por exemplo, é uma troca com grupos inimigos. Por outro lado, aliar-se não significa necessariamente trocar. Há países amigos com os quais não temos bons negócios.

“5. Por toda parte onde as trocas tomam a forma de trocas de pessoas e dão lugar a diversas formas de aliança, as unidades de procriação e criação das crianças combinam laços de afinidade (entre esposos e esposas) e de filiação e descendência (entre pais e filhos), laços de consangüinidade”. Ele está dizendo que esses tipos de relação são combinados no processo das trocas de pessoas. Tomem as regras de comportamento, por exemplo. Tenho para mim que certos cristãos são maníacos sexuais. Só pensam nisso e ficam chicoteando as costas. É claro, pois um obsessivo que só pensa em sacanagem tem que se punir o dia inteiro. Isto a ponto de levarem a interdição do incesto até à décima geração. Ou seja, transar é coisa quase que impossível numa sociedade cristã. É uma proliferação da interdição que é da ordem de uma grave neurose obsessiva de um maníaco sexual.

“7. ...nas sociedades que proíbem a união sexual entre parentes próximos, os humanos não são autorizados a imitar os deuses”. Como disse, há sociedades em que os humanos não têm permissão para imitar os deuses, mas naquelas em

que há esta permissão, estamos muito mais à vontade. Por isso: Viva a *imitatio Dei*! “As uniões entre os humanos sempre colocam em causa o conjunto da sociedade e do cosmos”. Em toda sociedade, tudo isso está junto. Deus, os planetas, etc., são regradados pelas uniões.

“8. Não há fundamento biológico possível para a interdição das uniões sexuais com consangüíneos de afins ou com afins de consangüíneos”. Não cabe a estória de que a interdição do incesto é por motivo de má reprodução. Lévi-Strauss, aliás, já achava isto. Parece que incesto de próximos não produz monstros, pelo contrário, produz deuses. “Só as razões sociais podem explicar estas interdições (que não têm conseqüência genética necessária). É preciso, portanto, que estas uniões ameacem a cooperação social e os laços de solidariedade criados entre dois grupos de parentesco para que sejam proibidas”. As ameaças de romper a estrutura social é que suscitem novas proibições. Vê-se, portanto, que, só na cabeça maníaco-sexual de certos religiosos qualquer coisinha ameaça a sociedade deles.

“9. Nenhuma sociedade conhecida funciona sobre a *única* base de uniões endogâmicas entre consangüíneos próximos, irmão / irmã, pai / filha, mãe / filho. Mesmo nas sociedades onde estas uniões são autorizadas, outras uniões existem que obedecem a outros princípios...”

“10. Mesmo nas sociedades onde certas uniões entre consangüíneos próximos são não apenas autorizadas, mas buscadas (Egito, Irã, Grécia), outras uniões entre consangüíneos são proibidas – entre mãe e filho ou pai e filha, por exemplo”. Vejam que há sempre uma contrapartida, uma limitação. Isto, para não esculhambar o jogo. “É preciso, portanto, concluir que não existe sociedade alguma que funcionasse sem uma forma ou outra do que chamamos interdição do incesto”.

“11. A proibição de uniões entre certas categorias de consangüíneos é universal, mas isto não implica que a interdição de união entre um irmão e uma irmã seja universal e que a troca de mulheres ou de homens” – em Lévi-Strauss, tudo é troca de mulher, ou seja, ele é chauvinista – “entre dois grupos de parentesco seja o fundamento das alianças em todos os lugares (casamentos egípcios ou gregos)”.

“12. Os dons recíprocos de substância (esperma) entre grupos de parentesco não produzem necessariamente aliança entre esses grupos”. Ou seja, está-se doando reprodução, mas não fazendo parentesco.

É preciso entender que isso tudo é antropológico, é encontrado ou encontrável na sociedade, o que não define universalidade nem para isso, pois universalidade tem que ser no tempo e no espaço. Minha crítica já nos anos 1970 foi justamente que, mesmo tendo durado esse tempo todo, não se sabe qual reforma esta espécie será capaz de fazer no futuro para modificar suas estruturas sociais, acabando portanto com essa aparência de universalidade. Então, se há Revirão, não há universal aí, o que há é frequência. Godelier mostra que as frequências de Lévi-Strauss estavam furadas, mas mostra outras também. Aviso que nem estas são universais. Quando diz que não há sociedade que não apresente alguma interdição de incesto, digo que, algum dia, pode haver. Se tivermos um aumento exponencial de tecnologia e organização, não será mais necessário organizar a sociedade sobre limitações eróticas, que são besteiras inocentes. Basta não ser maníaco sexual para pensar assim. Godelier desenvolve longamente questões como casamentos homossexuais, barrigas de aluguel, etc., as quais deixa em aberto. Ele é uma pessoa inteligente e vê que o modo de produzir e organizar a sociedade sobre a sexualidade está sendo desmanchado mediante a tecnologia. É claro, pois é um modo que resulta de articulações antropológicas de tribos primitivas.

13. O mais interessante de tudo é o seguinte, que é freudianamente óbvio, pág. 515: “Em nenhum lugar, as relações de parentesco” – no sentido de *parenté* – “e menos ainda a família são fundamentos para a sociedade”. Palmas para o rapaz, pois achar o contrário é o conto do vigário... Este foi o grande princípio de dominação a partir de Segundo Império: cria-se a figura paterna como dominante e organizadora de toda a estrutura, organiza-se a família em torno disso, ela é colocada como célula da sociedade... e não podia senão dar no ódio terrível que existe dentro dela. Ele quer mostrar que a emergência do social vem por construtos etológicos para a produção da convivência social. Não é

preciso família de espécie alguma ou relação de parentesco para constituir isso. Pode até brotar lá dentro, mas não constitui o social conforme quer a pregação costumeira. Na pág. 516, temos: “O parentesco é também o lugar onde o amor se transforma em ódio, a Amity em ‘Enemity’, a concórdia em discórdia (...) Em parte alguma ele, por si só, permite criar uma dependência material e social entre todos os indivíduos e todos os grupos que compõem uma sociedade”. Em parte alguma, nem em pesquisa antropológica. “Ele não pode constituí-la num todo, fechá-la sobre si mesma”. Ou seja, tudo que já sabemos com Freud.

Temos aí, portanto, alguma base antropológica de pesquisa de campo para tudo que já coloquei sobre sociedade, interdição do incesto, movimento da sexualidade, não-universalidade radical de toda e qualquer formação, etc. Estamos submetidos a uma ordem de interesse reprodutivo – e não, produtivo – aliada a pressão religiosa com poder de guerra. Não esquecer isto, pois, na sociedade ocidental cristã que temos hoje, essa neurose em torno da sexualidade e da reprodução se estatuiu na base do tapa, de queimar gente viva só porque falou, de assassinar povos inteiros e colocá-los aterrorizados para terem que acreditar naquilo. Não foi um conselho que bateu na alma e lá encontrou algum imperativo categórico. Encontrou neuróticos obsessivos para entrar na religião: estavam doidos para encontrar uma punição para o simples fato de existirem.

A **hierarquia sexual** ainda em vigor no Ocidente é em função da reprodução, ou seja, é da baixaria do Primário. Quais são as sexualidades santas e quais são as abominadas (que vão para o inferno)? Não digo isto de brincadeira, pois eles mandam para o inferno mesmo. Se o inferno não existe, eles infernizam a vida aqui mesmo. Então, como ser subversivos, conforme costuma ser a psicanálise? Sejamos subversivos a partir de nosso ponto de vista do encaminhamento para a HiperDeterminação, do vetor ético da psicanálise que vai do Primário ao Secundário ao Originário. O ápice está aí: a vocação da espécie está no encaminhamento para o Revirão. Digo, pois, que:

- O **grau zero**, o grau supremo na hierarquia sexual, é a **castidade absoluta**. O sexo em estado originário é igual ALEI, $A \rightarrow \tilde{A}$. Não há nada mais

tesudo ou valorizável para a psicanálise do que a castidade. Fazer sexo em estado originário é ser casto, ou seja, só se faz sexo e mais nada: Haver quer não-Haver. Sobretudo ali, no terror de fazer o sexo com o não-Haver.

- O **primeiro grau**, o grau maior, é a **castidade relativa**: a auto-masturbação, com ou sem próteses externas (filmes, consolos, *gadgets*). O sexo está aí em estado primário e secundário, mas sem presença efetiva de outrem e sem possível reprodução imediata. É o sexo completamente desinteressado de reprodução.

- O **grau médio** é a **transa homossexual**: o sexo em estado primário e secundário com presença efetiva de outrem, mas sem possível reprodução imediata (pois com jeitinho, mediante alguma coisa, hoje já se consegue fazer a reprodução).

- O **grau menor** é o sexo em estado primário e secundário com presença efetiva de outrem e com possibilidade de reprodução imediata. É o mais primário, pois quanto menor o grau, maior o primarismo da operação. Este grau menor é a chamada **heterossexualidade**.

16/ABR

14. Tomo emprestado de Michel Foucault duas noções que nos interessam para pensar alguns aspectos da clínica. A primeira é a de “cuidado de si”, o qual depende de poder. Que poder se tem para cuidar de si? Em nosso mundo, este poder é eminentemente financeiro. Que tempo e que recursos temos para cuidar de si? Esta era a mais importante distinção entre aristocracia e povo. O aristocrata passava a vida para cuidar de si e o resto que se danasse. O difícil é que, mesmo que pudéssemos passar a vida só cuidando de si, ainda assim não se conseguiria grande coisa. Imaginem, então, quem não pode cuidar tanto de si ou que não pode cuidar nada... Por isso, é tão difícil fazer análise, por exemplo. Que recursos têm as pessoas para se dedicarem às suas análises? Quase nenhum. Então, é um fracasso.

O cuidado de si, trazido por Foucault, tem dois caminhos. Tomarei de um aspecto do Renascimento duas idéias também bastante conhecidas para considerá-los. Primeiro, a *via di levare*, o caminho pela retirada, por tirar. É aplicável na idéia de composição em escultura. Como dizia Michelangelo, basta tirar o excesso de um bloco de mármore que sobra o *David*. Então, precisamos saber o que tirar para sobrar o que presta. Ao contrário, por exemplo, de um Rodin, que é um escultor de *via di porre*, via de colocar. Ele vai somando matéria à forma. Quando se utiliza alguma matéria plástica, como o barro, vai-se acrescentando e moldando até constituir a figura. Com a pouquíssima prática de escultura que tive, considero o caminho da *via di levare* mais difícil. Em termos de psicanálise também: o difícil é tirar a sujeira que está lá dentro. Do ponto de vista das formações ditas mentais, digamos que a prática do budismo privilegia esta via, mas não existe nenhuma prática possível para qualquer tipo de produção, ainda que de desenvolvimento psi, que seja apenas de um lado. Para o budista levar alguém a tirar, precisa incutir certa visão, que é *via di porre*, mas, no exercício, privilegia-se o esvaziamento, o retirar para ver o que sobra para além da massa de formações, pelo menos secundárias, lá postas pela cultura. Já no Ocidente, o privilegiado me parece ser a *via di porre*. O cristianismo, por exemplo, é uma maneira de incutir, incutir até formar e fazer a cabeça da pessoa com determinado tipo de repetição. Não é repetição de exercício de esvaziamento, como no caso do Oriente, mas de frases feitas, regras, comportamentos, idéias. É uma espécie de *katékhismós*, que é a idéia cristã de catequizar. Não deixa de ser um cuidado de si. Cada um morre do jeito que achar melhor: de catequismo, caqueticismo, ou então morre esvaziado...

Interessa-me considerar que o que a psicanálise promete – pelo menos, esta que aponto – não pode funcionar sem o recurso aos dois caminhos. Não podemos privilegiar o *di porre* ou o *di levare*. Como a idéia de base, segundo nosso projeto, é de um esvaziamento por indiferenciação, pode parecer que se trata da mesma perspectiva oriental, mas não é. Tomei isso por servir para a distinção entre aparelhos de produção do cuidado de si, do cuidado com sua mente, no campo da psicanálise. Em nosso trabalho, ou em nossa idéia de

análise, estas duas coisas se cruzam. E mais, só conseguimos produzir no cruzamento das duas vias, sem privilegiar uma ou outra. Tanto que, do ponto de vista de conhecimento, para chegarmos a uma noção do que seja análise será *via di porre*, pois teremos que estudar, mas, mesmo diante de uma pessoa inteiramente leiga, apenas interessada no aspecto da prática analítica, a via é dupla. Isto porque só conseguiremos produzir o esvaziamento por indiferenciação mediante a introdução dos aspectos não vistos, do entendimento do que lá está e a re-clamação dos aspectos não considerados, que é a operação do Revirão. O esvaziamento se dá por indiferenciação entre dois opostos que são tratados igualmente.

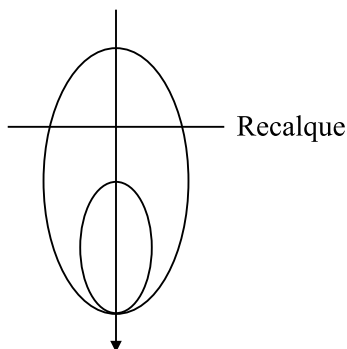
• P – *No movimento de esvaziamento e de indiferenciação, o Gnoma acaba se revelando, o que re-formata toda a cognição.*

O aparelho cognitivo fica disponibilizado para toda e qualquer articulação, ficamos soltos. Esta disponibilidade está lá, pois, quanto mais exercitamos isso, mais a própria máquina encontra facilidade de funcionar independentemente dos conteúdos. A velha idéia de automatismo psíquico pré-freudiana poderia ser retomada nesse sentido. Como automatizar um processo de indiferenciação mediante o exercício continuado e intensivo de processos de indiferenciação forçados de fora, digamos, pelo analista? Precisamos sempre ter em mente que temos que tentar produzir esse automatismo mediante a produção da indiferenciação forçada. Como sabem, não falamos em tábula rasa. Aliás, o livro de Steven Pinker sobre este tema é útil, mas não deixa de ser uma bobagem. Temos que lê-lo todo, para jogar fora depois. Está lá uma demonstração de que não há tábula rasa, com o que concordamos, mas ela não há do ponto de vista primário, autossomático e etossomático, pois, do ponto de vista secundário, a tábula que interessa é rasa, sim, só que invadida pelas formações do Primário que lá estão. Então, não podemos considerar que seja possível inscrever sobre uma tábula rasa, pois, mesmo considerando que o Secundário está se adscrevendo às formações daquele indivíduo, por outro lado, a invasão do Primário e a reclamação que faz de que suas próprias formas sejam imperativas vão interferir nas primeiras formações secundárias, que vêm sujas desse processo. A massa

de formações recalcentes é enorme: todas as do Primário e mais a invasão do Primário no Secundário fazendo-o ficar com cara de besta, literalmente, com cara de Primário.

- P – *Podemos dizer que um processo de trauma cria esse automatismo da máquina, análogo à idéia de Freud de compulsão à repetição?*

O traumatismo que se pode imaginar aí é o Recalque Originário. A máquina de reviramento seria compulsória se não fosse recalcada. Por isso, desenho o recalque no Revirão como cortando um pedaço.



Se não houvesse pressão constante de recalçamento, ela seria enlouquecida do ponto de vista de reviramento. Por isso, não podemos sonhar com reviramento absoluto: ele é muito doido, uma espécie de loucura. É preciso imaginar que temos os recalques, vamos aprendendo a suspender e revirar, mas – felizmente – a massa recalcante é pesada, se não, sairíamos pela tangente voando.

Não há, portanto, diferentemente das religiões orientais e ocidentais, privilégio de *via di porre* ou *di levare*. Nossa Arreligão funciona no cruzamento e exige os dois movimentos, embora, de começo, exija mais a *via di porre*. Quando consideramos um analisando leigo, novo, temos que incutir-lhe um monte de coisas. Como a dificuldade da pessoa que entra em análise é não se virar sozinha, é ser um bebê psicológico, que precisa do outro o tempo todo lhe dando

recursos para ir aprendendo a se virar, tentamos produzir uma situação de conflito interno entre as crenças – o nome é este – assentadas e as formações que podem deslocá-las. É uma agonística: começar uma análise e continuá-la é, durante a maior parte do tempo, conflitar as formações com outras que possam tornar a coisa indiferenciada. Trata-se, portanto, de disponibilizar a pessoa para o movimento. É a diferença que faço entre a Análise Propedêutica e Análise Efetiva. Durante o processo da primeira, a pessoa não se vira sozinha, engasga, é preciso vir alguém para empurrá-la. Aliás, ninguém vai revirar todos os aspectos de sua vida só porque fez análise, e nem precisa. Precisa, sim, ter a possibilidade disto mediante sua Análise Efetiva. Se ela percorre um caminho no qual já pode se virar, isto significa que, diante das situações, a máquina já está acostumada, já está com a musculatura forte para começar a operar e se segurar. O que imagino como excelência é, automaticamente, sem a pessoa perder o chão, ela bater o olho e revirar. Ela fica na dela, mas vendo tudo. É difícil, não conheço ninguém assim, mas é possível que exista ou que haja alguém se encaminhando para isso.

O que coloco, além de apresentar um modelo específico do trabalho psicanalítico conforme nossa visada, ainda mostra o perigo e o malfeito das ditas psicanálises que não se viram. O maior problema das teses psicanalíticas é se tornarem um processo de crença. No fim, é a *via di porre* de determinada tribo, o que é a destruição da operação. Vira religião, em vez de Arreligião. É a crítica que fiz no Falatório de 2002, *Psicanálise: Arreligião*. Para os velhos freudianos, kleinianos, lacanianos, trata-se da repetição daquela reza, o que nada tem a ver com análise, pois leva simplesmente a trocar um sintoma por outro. A pessoa passa a achar que está bem por ter um sintoma “moderno”, estar na moda sintomática. Este é, aliás, o perigo em todo lugar, aqui também. As ferramentas que apresento só servem como ferramentas para este processo, e não para ajoelharmos e rezar diante do Revirão ou coisa que o valha. É uma concepção.

- P – *O nível de excelência a que você se referiu é espontâneo ou construído?*

É um espontâneo que foi re-suscitado, e não construído. Suscita-se o movimento que já está dado em nossa formação originária. Desculpem a aparência platônica, é só aparência, mas é a rememoração, a anamnese disso.

15. A outra coisa que tomei emprestada de Foucault foi a diferença muito bem posta por ele entre escolha sexual e ato sexual (Entrevista com J. O'Higgins, 1982, publicada em *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, p. 320-335). Refiro-me a escolha sexual como gosto, no sentido do que já tratamos como indiferença entre escolha e acontecimento. Do ponto de vista de nosso tratamento do assunto, é fundamental manter a exigência, em qualquer discurso, da separação nítida entre escolha sexual e ato sexual, pois são coisas diferentes. No nível da fofoca social e política, no nível do jurídico, ou seja, em discursos que não são tocados por nossa via, a mistura é total, pois não se consegue operar na diferença entre escolha e ato. Acho um absurdo a unicidade contemporânea. Suponho que sem isto o mundo ficaria mais equilibrado. Aliás, em contraposição à idéia beata de brasileiro de passeata e à idéia democráticoide de certos americanos, o irmão de George W. Bush, que é governador da Flórida, passou uma lei segundo a qual lá temos o direito de atirar em quem nos ameaçar. As pessoas reagiram dizendo que era a volta ao faroeste, mas ainda bem que ele fez aquilo, pois assim não só levaremos tiro, poderemos dar também. É o contrário do que está sendo proposto no Brasil sobre a proibição do comércio de armas...

Como não temos mais comunistas ou nazistas de cepa, como não há bruxas desse tipo, inventaram o pedófilo, que é agora quem paga todas as contas. Ou seja, inventaram uma nova bruxa. Seja para quem for, a escolha sexual é intocável. Nada demonstra que uma escolha sexual seja melhor do que outra. O que a sociedade não pode tolerar são atos sexuais que, em suas (dela, sociedade) tramas internas, considere conflituosos ou prejudiciais. Isto é outra estória: é um ato policial e jurídico. O ruim na cabeça das pessoas é, quando uma lei ou costume social determina certo ato como ilegal ou errado, atribuir ao portador do ato um erro de constituição. Isto é mais criminoso do que o ato, pois é uma hipóstase. Só é crime porque tal sociedade proibiu. Quem

cria o crime é a lei, e não o contrário. Ou seja, um grupo não aceita tal coisa e escreve na cabecinha das pessoas, consuetudinariamente ou nos papéis, a proibição. Está fundado o crime, que só se funda na instância da lei. As pessoas imediatamente tornam isso como da ordem do real e passam a considerar que aquele cujo interesse cai no regime do tal crime é um erro, um desvio, uma aberração. Por exemplo, as punições da igreja católica apostólica romana, a do Cardeal Ratzinger, partem da posição de imputar ao indivíduo a diabolicidade do que está na lei. Isto não é cabível no campo da psicanálise, para o qual toda e qualquer escolha é considerada normal.

Do ponto de vista clínico, não é certo um analista misturar ato e escolha. E mais, ele pode dialogar com o analisando, se interessar a este a sobrevivência e não estar preso, a respeito da necessidade de lidar com a discriminação do ato. Só isto, pois, do ponto de vista da escolha, é mera investigação a respeito da fundação daquela formação e se ela pode vir a ser indiferenciada – o que seria bom não por ser proibida pela lei, mas por tornar o analisando disponível. É aí que entra a questão da técnica. Sou absolutamente anti-heideggeriano quanto a isto. Não quero a simplicidade, e sim o complexo: cada vez tecnologia melhor. A técnica não me assusta. Preciso que ela cresça sempre. Reclamo a presença e o desenvolvimento da técnica, pois é mediante o manejo das técnicas que temos a melhor *via di porre* para *levare*, para movimentar as formações que estão paralisadas. Se ampliarmos e generalizarmos o conceito de *Prótese*, estaremos generalizando o conceito de produção mediante técnica. Estaremos tecnologizando o mundo cada vez mais. Não estou falando de progresso, e sim de *riqueza* técnica para movimentar o Revirão. Então, considerando um indivíduo cuja escolha sexual é grave do ponto de vista jurídico –, ele está errado? Não. Errado é seu modo de operar os atos sexuais. Isto em função de que outros não querem aquilo. É um conflito entre formações e escolhas diversas. Aquela escolha não é certa nem errada, o conflito é que gera o problema.

- P – *Ela precisa encontrar as pessoas adequadas para seu ato.*

Ou produzir na técnica. Ela pode fazer tanta análise que se torna capaz de indiferenciar, o que acho um pouco difícil nessa região; ou encontra no mundo

tecnologia adequada para se resolver. Se estamos entrando num mundo tecnológico de instância virtual, por que não criar atos sexuais virtuais, que não fazem mal a ninguém? Por isso, sou a favor da pornografia. É um santo remédio social diante da quantidade enorme de pessoas que, se não tivessem pornografia para gozar, iriam importunar os outros. Quero, com isto, dizer que está havendo uma inversão e um movimento anti-psicanalítico na sociedade. No tempo em que se podia xingar o outro por sua diferença – a qual nem posso falar aqui, pois podem me processar –, isto era um alívio social. Freud diz que, com a invenção do xingamento, tiraram as armas das mãos das pessoas: chama-se alguém de fdp em vez de lhe dar um tiro. O outro, aliás, pode responder, pois deve ter outra coisa para xingar de volta. Quando eu era criança, xingávamos o neguinho e ele respondia: “Branco, só privada!” Aí ficava tudo metido na mesma merda e se arrumava. Não parece, mas a proibição do xingamento é um fator de doença social. Há o simples social, que exclui uma série de coisas. Não existe social maravilhoso, todo grupo faz exclusões e, no que as faz, confunde o excluído com o portador da pecha, com o defeituoso em função da exclusão feita. Isto é reificação: o outro tem um defeito produzido pela exclusão, mas atribui-se o defeito a ele. É denegação projetiva.

- P – *A reificação é uma consequência da confusão entre escolha e ato?*

Mas a quem interessa fazer confusão? Há um interesse em jogo.

- P – *À igreja, por exemplo.*

Interessa a você que está sentada aí, a mim, à nossa canalhice de todos os dias. Acusar os outros não cabe, é nossa canalhice que faz isso. Não podemos excluir simplesmente porque não gostamos? Tal pessoa é ótima, mas não a queremos à nossa volta. Ao invés disso, atribuímos a ela uma diabolicidade qualquer que justifique a termos excluído.

- P – *Hannah Arendt dizia que qualquer um tinha direito de não gostar de judeus, o que não significava ter que matá-los.*

É a diferença entre ato e escolha.

- P – *E se a pessoa gostar de matar?*

Crie-se uma tecnologia para ela, um circo, um parque de diversões onde ela mate todos os virtuais e saia em pleno orgasmo. Ou pensamos que as

peessoas passam o tempo em jogos no computador fazendo o quê? Esta tecnologia não é diferente daquela apontada por Freud – se você xinga, não atira – só que aumentada para um virtual mais amplo. Precisamos saber que xingar o outro é da ordem do virtual.

16. É preciso sempre reconsiderar a técnica e a tecnologia como recursos de todo nível, de toda índole na produção de próteses que venham resolver a possibilidade de subsistência das formações psíquicas. Se não podemos demover uma formação, criamos sua possibilidade de subsistência mediante tecnologia, por exemplo. Acaba de ser publicado um livro de alguém que não conheci, mas de cuja existência me lembro vagamente na época, Álvaro Vieira Pinto, catedrático da antiga Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), que foi cassado e teve que se exilar. Após sua morte, encontraram mil e tantas páginas que agora publicaram, *O Conceito de Tecnologia* (Rio de Janeiro: Contraponto, 2005). É interessante que, no debate com outros marxistas, sua tese quanto a esse ponto é a mesma minha. Ela tem a ver com os existencialistas, e mesmo com Heidegger e Sartre, mas ele a ultrapassa. Ele acha que o manejo da tecnologia é desalienante para o povo, para o trabalhador. Isto, ao contrário de inúmeros marxistas que acham que o trabalhador se aliena na máquina e na técnica. É, aliás, evidente que ele está certo, basta olhar a rua cheia de gente com telefones celulares. As pessoas podem ser ignorantes, com baixa situação social e financeira, mas isso, pelo menos, relativiza um pouco as coisas. Concordo, portanto, que sempre que desalienamos estamos em condições de produzir uma técnica nova. Isto até na cozinha. No dia em que damos uma desalienada, deixamos de fazer o bolo da mamãe e inventamos um bolo novo. Ou, ao contrário, erramos a receita e, de repente, surge um bolo novo.

Na implicância das pessoas com a tecnologia, do ponto de vista da sustentação da escolha sexual contra o ato sexual, surge outra confusão: confunde-se alívio com incentivo. Isto é fundamental na clínica, pois o garoto que vai à loja de jogos alivia sua agressividade matando aqueles bonecos todos.

São os pedagogos que dizem que isto incentiva a violência. Ou seja, a confusão de escolha com ato, de alívio com incentivo, são processos de reificação.

- P – *Podemos pensar no alívio como estratégia para que a prática do ato da cura fosse regulada por um cuidado de si?*

Sim.

- P – *É possível automatizar o exercício de indiferenciação? Há algum começo ou algum conhecimento que inaugura o processo?*

Automatiza-se repetindo a ponto de terminar a Análise Propedêutica. O começo é encontrar alguém que tenha a possibilidade para empurrar. Por isso, a análise não existe sozinha. Até acredito que alguns possam ir sozinhos, que a vida possa empurrá-los. Quanto ao conhecimento, este já está lá. Se a máquina existe, só precisa ser invocada. Aliás, ela está acostumada a isto, as pessoas é que não estão acostumadas a, partindo de alguma formação, volitivamente provocarem o movimento que está disponível para elas. Pelo contrário, quando consideramos um grupo social, quanto mais boçal e pior for – e encontramos isto antropológicamente em grupos primitivos muito fechados –, mais vemos que, quando o Revirão se manifesta, seu portador é penalizado. Ou seja, cada vez mais se tranca o movimento. O movimento analítico é o contrário: é colocar para funcionar. Como sabem, esta é minha crítica à modorra existencial das tribos indígenas. Por que são tão devagar? Que tipo de repressão se faz ali contra qualquer movimento de reviramento? Tribos de índios como essas brasileiras passam anos, décadas, na repetição da mesma formação. Não há poetas lá? Acho que, se houver, devem calá-los ou matá-los. Este é, aliás, um hábito normal nas sociedades. O assassinato cultural mencionado por Glauber Rocha não é maneira de falar, dá para sentir na pele.

- P – *É possível fazer um processo direto de colocar a máquina em movimento ou é preciso ser intermediado por alguma formação?*

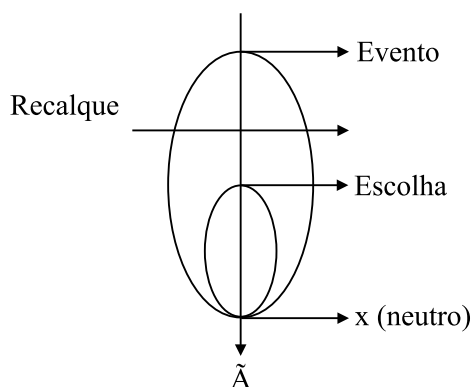
Como fazer o Revirão funcionar sem algum mínimo conteúdo que explicita uma oposição? Não sei responder a isto, mas suponho que não funcione sem algum conteúdo, por mais abstrato que seja, capaz de criar oposição, (+) e (-), por exemplo. Se não se põe algo, o anti-algo não surge, a máquina vai girar no vazio, já na indiferença. Portanto, não temos leitura alguma a fazer.

- P – *Não seria o que acontece com os índios, que ficam lá sem comparecer nenhum tipo de oposição?*

Falar assim é saída de antropólogo de esquerda. Isto não é possível. Aquilo revira espontaneamente, ainda que só porque alguém ficou triste, chateado, se machucou. Então, a tribo diz que “não pode”. O nível de repressão aí é muito violento. Numa cidade como o Rio de Janeiro, podemos nos esconder de nossa tribo, nos esgueirando e procurando lugares diferentes onde mudamos de caráter e nossos pares não vêm. Façam isto lá na tribo, onde não há lugar para se esconder, onde o ambiente é panóptico! Em cidades do interior vamos nos esconder onde? No Rio, a coisa é tão complexa que podemos sair da visualidade. Na tribo, se enfrentamos os visores daquele panóptico, estamos nos arriscando, podemos nos ferrar. Um antropólogo poderia pesquisar nas tribos primitivas que condições tem qualquer um para dar uma pequena esgueirada em relação ao panóptico local. Deve ser quase zero. Se não for, o pessoal não deve ser tão primitivo, evolui mais rápido.

30/ABR

17. A impossibilidade de separar evento de escolha parece ser de uma lógica férrea na consideração dos movimentos do psiquismo. Tomo-a como algo insuperável na mente humana. Autores como Freud e outros teriam se beneficiado em seus desenvolvimentos teóricos se tivessem podido levar em consideração este caso. A simples aplicação do entendimento desse limite lógico poderia ter mudado o rosto da teoria e reduzido os aspectos tão proliferantes que apareceram na história da psicanálise. Como sabem, minha intenção é achar pequenos aparelhos, grafos, idéias, lógicas, que possam dispensar a verborragia da teoria psicanalítica e, de preferência, reduzir o grande conjunto de aparições a uma idéia central. É o caso do entendimento de que é indiscernível o evento da escolha. É possível até separar e não separar porque são indiscerníveis, mas, na verdade, do ponto de vista que nos interessa, estamos falando do quê ao indicar esta inseparabilidade radical? Do Revirão, da máquina genérica da estrutura da mente, do funcionamento do Inconsciente:



Considerado inteiramente, na plenitude de seus arranjos, o Revirão contém em si a impossibilidade de separar definitivamente o que é evento do que é escolha. Então, se há funcionamento do Revirão, o movimento é contínuo: a coisa desliza, passa pela indiferença no neutro e necessariamente cai no outro alelo. A indiferença, a neutralidade, é em si a inseparabilidade. É, digamos, a anotação do indecível. E mais, no campo do Haver não há uma aparente decisão sobre tal ou qual configuração em qualquer dos níveis sem surgimento do Recalque. A generalização que fiz do conceito de Recalque implica defini-lo como qualquer tentativa de separação, sempre inglória, que funciona mediante forças de pressão agoraqui em exercício para sustentar essa separação. Se retirarmos essas forças, imediatamente se mostra o inseparável. Esta é a *chave universal* de que lhes falo.

Ali estão o *sim* e o *não* de toda a questão. Começando, é claro, pelo *sim*: se lá não houver entrada, não haverá possibilidade de negar o contrastante. Considerando o recalque de um dos alelos, o Revirão e a indecibilidade garantem o retorno do recalcado. Ou seja, o retorno do recalcado está garantido pela própria estrutura dessa chave universal, pela impossibilidade de separar definitivamente evento de escolha. Vejam a quantidade de coisinhas, detalhes, idéias, operações consideradas no campo da psicanálise desde sua primeira aparição que simplesmente se reduzem a isso. Não é preciso ficar procurando

detalhes patológicos ou históricos para explicar uma série enorme de acontecimentos psíquicos que é apenas resultante disso. Do ponto de vista clínico, a grande simplificação é considerar o movimento, a função do Revirão, a inseparabilidade e verificar onde aparecem funcionando, e não o contrário – como a clínica nasceu e tende sempre a nascer – que é procurar os pequenos acontecimentos, os históricos, para daí tirar a conclusão de que se trata de *x* ou *y*. Já se parte do reconhecimento de que, se a chave é esta, funcionará de algum modo, em algum lugar. A troca de vetores é importante, facilita muito.

Vejam, então, que coisa horrorosa é a cabeça da gente. Aquilo de que mais sofremos em todos os arranjos patológicos que se descrevem por aí, é dessa loucura, desse *transtorno fundamental*, que é necessariamente **bipolar**. É preciso ficar o tempo todo segurando para ele se lateralizar, se não, todos somos bipolares. Não é necessariamente psicose, embora a psicose como HiperRecalque possa comparecer com esse design, e sim a função de base: a coisa é bipolar em função da bipolaridade instalada de saída porque há Revirão. Sem a afetação do Revirão em algum lugar, bipolaridade não comparece. Por isso, é capaz de comparecer num cachorro, por exemplo. Não estraga a teoria encontrarmos um cavalo maníaco-depressivo ou com aparência disso, pois a bipolaridade do bicho deve ser primária. O Primário também tem sua bipolaridade. Algo que deixou Freud encucado – e a respeito do qual escreveu um texto bonito, *Das Unheimliche* (1919) – foi essa função básica do psiquismo. O retorno do recaiado é coisa que causa estranhamento, e os diversos estranhamentos que se facilitam, às vezes, em função de uma sintomática mais pesada, decorrem de alguém, de repente, deparar-se com estar numa posição contrária à aparência do momento. É muito comum pessoas muito afetadas sintomaticamente dizerem no consultório que têm um estranhamento em relação ao mundo. Analistas e psiquiatras logo acham que se trata de psicose, mas a coisa mais normal é estranhar esta joça. Se não formos recalcados demais, se algo vazar como retorno do recaiado, acharemos tudo estranho. Prestem atenção no que está acontecendo aqui e agora e verão que é de uma estranheza radical.

É preciso reconhecer que, ao contrário do que se pensa, o *Unheimliche* é que é o normal, o cotidiano da coisa. Esta espécie só se realiza de fora. Se prestarmos atenção, veremos que somos sempre estrangeiros, que não existe o *Heimliche*, a posição confortável no mundo em que ele seja correspondente e proporcional a nós. Uma vez ou outra pensamos estar em casa, mas logo nos provam que não. O que suspende a estranheza é o recalque. Alguém pensante vive mais em estado de estranheza do que de conforto doméstico. Um Fernando Pessoa, por exemplo, é o protótipo do estrangeiro, daquele que está o tempo todo estranhando o mundo. Já lhes falei do *pensamento perplexo*: em função da movimentação do Revirão, o pensamento psicanalítico está o tempo todo sujeito a um estranhamento do próprio entendimento do que se terá produzido. O próprio entendimento fica estranho, o que, como disse, é perfeitamente normal. No que se produz uma teoria, por mais aberta que seja, produz-se um recalque. Se não praticarmos suspensão e suspeição em relação a essa teoria, estaremos produzindo um tijolo teórico inamovível. Do ponto de vista da visão da psicanálise, portanto, até seu produto teórico é estranho. Isto porque é possível suspender o recalque e pensar que, mesmo sem retorno do recalcado, algo pode retornar e contestar o movimento de sua teoria ou exigir mais. É este o **pensamento perplexo**.

18. Da vez anterior, falei em escolha sexual. Hoje, na mídia, fala-se sobre a **opção sexual** de alguém com bastante simplicidade. Ao aceitar esta idéia, aceita-se a idéia de Revirão, de que há escolha, mas, se refletirmos dez minutos a respeito da tal escolha, imediatamente entraremos em bipolaridade. Sempre que raciocinamos a respeito de algo, o problema é conseguir suspender a polaridade, deixar de ser bipolar, ou seja, efetuar recalques. Se não os efetuarmos o tempo todo, aquilo que parece ser uma escolha feita será de uma estranheza total. Há duas opiniões a respeito da escolha sexual: primeiro, achar que alguém fez uma opção e que tem o direito de fazê-la; segundo, para defender a tal opção ou o comportamento de alguns, diz-se que a pessoa não tem culpa porque nasceu assim. Vejam, então, que ou bem nasce ou bem opta. O tormento é que

nascer ou optar dá na mesma, pois não há como separar isso. Não é que, na realidade, a coisa seja assim, pois não sabemos como funciona no real, mas sabemos que nossa realidade psíquica é que qualquer coisa, mesmo escolhida por nós, caiu do céu; ou que qualquer coisa que caiu do céu acabou sendo escolhida por nós. Nossa loucura fundamental é ficarmos numa situação de impasse, de indecidibilidade e de inseparabilidade disso.

- P – *Por isso Freud mostra que tudo é proposital?*

É preciso tomar isto com cuidado, pois, na história da psicanálise surgiu a moda de atribuir a uma verdade inconsciente algo que o analisando estaria denegando de propósito. Denegação não é o mesmo que indecidibilidade, é algo proposital que se sabe e que se separa por motivos próprios. Outra coisa é o funcionamento do Inconsciente ser assim. Se não tomarmos cuidado, atribuiremos à pessoa denegações que ela não está fazendo. Simplesmente, ela não tem saída. E se for suficientemente obsessiva, ficará girando em círculos para cá e para lá e não sairá nunca. Algum recorte tem que ser feito. Às vezes, o analista, por seu ato, tem que ensinar a pessoa a separar segundo algum propósito. Isto para ela aprender. Não que seja o mais certo, e sim que isso é só isso. No regime obsessivo, a pessoa não sai, fica girando na eterna dubitação do impossível de distinguir.

- P – *Este recorte pode ser chamado de escolha?*

Quando agimos ou atuamos uma separação, não podemos agi-la senão por interesses de segunda instância, pois, na última instância, isto é, na primeiríssima, é indecível, inseparável. Sendo que, num grau mais baixo de organização de mundo, no grau, digamos, do animal, é preciso tomar decisões, ainda que seja a errada. Isto para o caminho poder continuar. Então, tomamos decisões no interesse de certas formações em jogo, e não no da inseparabilidade de base. Se formos capazes de reconhecer a periclitância da decisão, poderemos operar um juízo forclusivo. Se não, tomaremos partido de uma formação sintomática como crença. Ou seja, sem nos referir à indiferença – que é o que co-responde ao indecível –, não poderemos fazer uso de um juízo forclusivo, pois estaremos sintomatizados. Como em 99,9% de nossa vida fazemos escolhas

em função de interesses sintomáticos, quando considerarmos uma escolha nossa, que não é escolha porque é escolha, ou porque não é, ou mesmo porque é, ficamos numa situação difícil. A que função sintomática nos apegaremos? Aí entram partidarismo político, interesse de caso, de grupos, etc. Mas, no regime da indiferença, tanto faz, veremos *ad hoc* o que pode parecer mais prático e tomaremos uma decisão sem nos sintomatizar nela. Isto é juízo forclusivo, que, como sabem, é a tradução que inventei para o *Urteilsverwerfung* de Freud. Quando fazemos alguma opção sem estar concernidos sintomaticamente com o caso, é uma opção praticamente intelectual: medimos, consideramos e tomamos partido do que acharmos mais adequado no momento, com todos os erros que advirão disso. Outra coisa é, colocada uma questão, imediatamente embarcarmos sintomaticamente. Estamos acostumados a fazer isto nas decisões: sempre tomamos partido... do nosso time de futebol.

Há uma hierarquia. O que está em última instância é a indecidibilidade. As decisões são tomadas por recorte, este sempre considerado no nível do recalque. Tem que haver recalque para haver decisão, mas ele ocorrerá em função de uma formação sintomática ou de uma decisão *ad hoc* e precária? Toda decisão *ad hoc* sabe que é precária; a sintomática é a crença de que aquilo é o certo. Nossa desgraça é, como disse, 99,9% das opções serem tomadas sintomaticamente, tornando o diálogo impossível. Então, ao considerar coisas idiotas da mídia como escolha sexual, temos que pensar: é escolha porque não é escolha; ou não é escolha, justamente porque o é. Não há paradoxo nisto, simplesmente está no regime do indecidível e da inseparabilidade entre estas duas coisas. Portanto, o indivíduo não é responsável por sua opção sexual justamente porque o é. Como vêem, é uma questão para diálogos e guerrilhas.

19. Notem a quantidade de coisas que não são abordadas e, talvez, politicamente inabordáveis na clínica por estarmos acostumados a tomar como patológico o que é considerado assim. Em nossa sociedade, do ponto de vista da escolha sexual, o heterossexual é não-patológico e o homo ou qualquer outro é patológico. Entretanto, se somos capazes de tentar relativizar e dialetizar, por exemplo,

uma homossexualidade, não fazemos o mesmo com a heterossexualidade das pessoas. Por que não, se é tão sintomática, tão patológica quanto a outra? Entendam que há uma pressão política capaz de paralisar até o analista. Não haveria, do ponto de vista psíquico, algo errado em qualquer indivíduo que funcionasse dentro de uma lateralidade tão forte? E quanto mais forte a lateralidade, mais podemos suspeitar de psicose.

A questão política é que, em todo grupo social, há um sintoma vencedor, o qual é o **colonizador**. A mente de qualquer um é colonizada. Educar uma criança é fundar uma colônia, lingüística, comportamental ou outra. Trata-se de colonizar o pobrezinho do bebê – o que, aliás, é condição *sine qua non* de ele conseguir mexer-se no mundo. Ele precisa ser colonizado, se não, fica subdesenvolvido. Vai-se, então, lesionar a criança para que seja da patota. E se é da patota, ferrou-se, já não é disponível. Se alguém tem um mínimo de movimento reflexivo, passará o resto da vida descolonizando – como, aliás, qualquer analista deve fazer –, isto é, questionando justo a sua colonização para tornar-se disponível. Coisa que as pessoas não querem fazer, pois custa muito em esforço, trabalho e dinheiro.

- P – *É por isso que o heterossexual não se questiona?*

Ele só vai se questionar quando algo o invectivar naquele sentido. Por exemplo, o machinho que não pode ver uma bicha que tem vontade de bater ou matar. Ele precisa destruí-la, se não, tem a possibilidade de ser aquilo. Em sua indecidibilidade originária, é lembrado de que aquilo é ele, coisa que não pode suportar. O raciocínio é este, indefectivelmente: na referência à primeira instância, entramos em estranhamento e temos que eliminar aquilo de fora para fingir que não existe e que não vai nos invectivar. Por isso, não há possibilidade de cura sem primeiro a pessoa se reconciliar com seu sintoma.

Típico na clínica é também o caso das **superstições**, que é da ordem do obsessivo. Há aqueles tão primorosamente supersticiosos que têm superstição em relação a tudo. Conheço um que, quando viaja, não pode mover o braço, pois, se o fizer, o avião pode cair. Então, fica paralisado. O obsessivo supõe que vai segurar o indecidível, evitar o retorno do recalcado mediante a crença na

eficácia de um objeto – um escapulário, por exemplo – ou de uma situação. Ou seja, em estado de superstição, ele se paralisa ou fica agarrado a um santo ou algo do tipo. Se não, tudo dará errado. Pode ser que, ao se agarrar a seu escapulário, fique mais à vontade para realizar coisas. Aí, quando dá certo, quem ganhou foi o santo. E as igrejas faturam imediatamente, pois foi quem canonizou e afirmou que aquele tal realmente fazia milagres. Isto, na clínica, é da ordem do terror. É um movimento de superstição difícil de recortar, pois, como disse, opera na tentativa do obsessivo de decisão sobre o indecível.

A paranóia – não estou falando de psicose paranóica – que nos é comum depende demais da indecidibilidade originária. Vemos em nosso próprio funcionamento e no percurso da análise das pessoas como o movimento paranóico funciona o tempo todo na indecidibilidade e, às vezes, associado à superstição. É o caso da piada do japonês, em Hiroshima, que estava sentado na privada e puxa a descarga justo no momento em que explode aquela bomba. Ele sai gritando: “Não fui eu! Não fui eu!” Ou seja, fez um gesto qualquer e entrou em estado de paranóia, que é diferente da pura e simples superstição. Sua paranóia é que vão atribuir aquele fato a ele. Vejam, pois, como uma série enorme de acontecimentos na clínica depende dessa maquininha.

20. Como recortar a responsabilidade entre evento e escolha? Se isto me aconteceu, logo não sou responsável por isso; mas, certamente, fui eu que escolhi, logo sou responsável – como sair dessa? Isto acontece o tempo todo na clínica do mundo. Por exemplo, no caso da imputabilidade jurídica. O panorama do mundo jurídico fica falseado diante dessa construção psíquica, pois as regras, as leis, as ordenações jurídicas estão em cima de fatos: procura-se estabelecer o fato concreto da culpa. A polícia e a tecnologia mais avançada se aliam para afirmar que fulano lá presente foi quem cometeu tal crime. Foi mesmo? Quem nele fez aquilo? Eis uma pergunta que o jurista jamais quererá colocar. Muito freqüentemente, o assassinado pode ser o culpado. Quem foi o deslanchador do processo? Onde procurar esse começo?

Outro exemplo: as pessoas que têm filhos, próprios ou adotivos, escolheram tê-los? É indecidível, pois podem ter escolhido e não ter competência, ou podem não escolher e cair numa armadilha. E, além do mais, existe filho que não seja adotivo? Para desfazer a ilusão de que o filho é da pessoa por ter encontrado aquela barriga para gestá-lo, basta esperar para, com o tempo, ver que é de seu bisavô. Façam um estudo genético da coisa e verão que aquele é um estranho que foi parar ali. No caso dos homens, é mais estranho ainda, pois nem há barriga. Então, mesmo a lei considerando legal pelo fato de ter saído de tal barriga, se não adotarmos a criança, será filha de quem?

- P – *O trabalho de Maurice Godelier que você apresentou reconhece implicitamente na cultura, devido à disponibilidade tecnológica, o exercício da presença do indecidível questionando as relações de Primário e Secundário.*

Tudo que acontece hoje como transformação na paridade entre os sexos, ou do mesmo sexo, é o reconhecimento cada vez maior disso. Apresentei da outra vez aquela hierarquia sexual nesse sentido. O idiota pensa que é heterossexual, que se casou com uma mulher, a qual emprenhou supostamente dele e aí nasce um bebê que até se parece com ele, portanto é filho dele. O que se esquece aí é que ele teve que dizer: “É meu filho!” Se não, não funciona. Mesmo quanto à fêmea, de dentro da qual saiu algo, aquilo é um bolsão de gestação. Isto até construírem um laboratório para gestar. Então, será filho de quem? Do programa de um espermatozóide com o de um óvulo, nada tendo a ver com a pessoa que, toda encantada, pensa que fez aquela coisa. Isto, num mundo mais primitivo, até parece mais verdadeiro por ignorância, mas continua presente hoje colonizando a mente das pessoas. Se isso fosse, como expõe Godelier, considerado uma função social e politicamente bem instalada, não ficaríamos pensando em ter filho para ter quem cuide de nós depois. São coisas que passam na cabeça das pessoas que ficam impedidas de, por exemplo, pensar que o tal filho pode morrer antes delas ou pode abandoná-las. Isto porque o filho não é realmente delas e elas não o conhecem. Vejam quão enorme é a quantidade de mitemas em jogo na sociedade. Outra coisa repetidíssima é o

caso do filho que parece seu, passam-se os anos e vê-se que é o maior inimigo que se poderia arranjar. Tive o caso de um senhor de quase setenta anos, fazendeiro, bastante rico, que procura analista e relata que um dos filhos, ao qual ele vivia grudado com total confiança e ao qual foi passando os negócios mediante procurações, etc., tirou tudo dele e foi embora. Ele ficou absolutamente duro, sem nada e desesperado tentando na justiça algum caminho de retorno. Trata-se de um psicopata que sacou a situação, fez o teatro cabível até ter toda a confiança, e dar o golpe. Maravilha de família, não é?

- P – *Então, a indecidibilidade entre evento e escolha também aparece na questão da adoção. Houve o evento, nasceu a criança e pode-se escolher adotá-la.*

Ou não. Lembremos sempre que a escolha geralmente é feita com base sintomática. O outro caso é o do júízo forclusivo, que é precário por não termos acesso a todas as condições em jogo na situação. Não faz muita diferença ter um filho ou adotar uma criança. De repente, verificaremos que este é mais parente, pois não sabemos se, no futuro, sua manifestação não será mais próxima de nós.

Continuando nossa consideração, vejamos a frase também repetidíssima: “**Não pedi para nascer**”. Frase que o tal filho que roubou o pai poderia usar. Mas se não pediu, não estaria aí. Se alguém não pede para nascer, pode se matar. Como diz Fernando Pessoa: “Se queres te matar, porque não te queres matar?” Então, se viemos parar aqui, viemos porque escolhemos ou porque nos aconteceu? Quem vamos responsabilizar? Alguém que acreditasse realmente em Deus, poderia xingá-lo logo de saída, mas não ousa fazer isto. Tenho alguns tratados de teologia, que, de quando em quando, leio. Fico apavorado ao constatar como é possível ter tal cabecinha e escrever uma coisa daquelas. Aquilo não anda, pois é apenas limitação do raciocínio e repetição de frase feita com base em estar escrito na Bíblia. Bertrand Russell dizia que os teólogos têm uma demonstração muito forte de por que não se pode deixar de acreditar em Deus: tudo tem uma causa, portanto, o universo tem que ter uma causa. Russell então pergunta por que não pensam qual é a causa de Deus. Já que tudo tem causa,

esse Deus que é causa, quem O causou? O raciocínio pára aí. O fundamento das teologias como garantia das crenças é estancar o pensamento.

- P – *Isso é colonização?*

Vai-se sofisticando a colonização e arranjando argumentos a favor dela. No tempo da escravidão no Ocidente, arranjaram maneiras teológicas precisas de justificá-la, pois negro não tinha alma. Tampouco os índios. As mulheres também andaram bastante tempo sem alma. Vejam como se arranja uma justificativa para grampear uma diferença que garante tudo.

Amigos, alunos, colegas, conhecidos, empregados, inimigos, fomos nós que escolhemos? Problema seriíssimo, pois freqüentemente ficamos no conflito de que poderíamos estar em outro lugar e nos relacionar com outras pessoas, mas isto não existe. Se pudéssemos fazer, existiria. Se não existe, é porque a escolha foi aquela.

Na relação com a última instância do indecível, a psicanálise traz uma novidade. A lida do cristianismo, por exemplo, com a relação de cada indivíduo para com a indecidibilidade é na base da conformação e do amor. Ela tenta fazer uma separação radical, por via de recalque e de colonização das mentes, entre amor e ódio, entre conformação e revolta, entre bem e mal, mas sabemos que, em sua teologia, não há o direito de escolher o mal. Escolhível, só o bem. Daí tudo se depreende: temos que nos conformar à nossa situação e amar a todos como a nós mesmos contra a revolta e o ódio. A psicanálise inventou uma relação indiferente ou, pelo menos, ambígua para com a indecidibilidade, em que tanto a conformação ao recalque quanto a revolta mediante o retorno do recalcado podem ser utilizados dependendo da situação. Portanto, se podemos praticar o amor, podemos praticar o ódio da mesmíssima maneira. A lei, por outro lado, está oposta à rebeldia, é a exclusão do rebelde. Aí estamos na situação ambígua entre obediência e desobediência. A *Desobediência civil*, por exemplo – título do livro escrito em 1849 por Henry David Thoreau, o qual inspirou os hippies da década de 1960.

Outra questão: como pensar o **aborto**? Ela jamais será resolvida, pois as pessoas querem se garantir de, ao fazer um aborto, não estarem fazendo

nada e, com isso, liberá-lo. Então, ao fazê-lo, estamos ou não matando? É indecidível, pois, se quer fazer, mata; se não quer, não mata. A discussão se torna imbecil em função dos poderes constituídos e dos direitos estabelecidos. É pegar ou largar, há que escolher. O obsessivo, que faz parte das ordens eclesiástica e jurídica, fica em situação difícil quanto a isso.

A **morte** há ou não? Em última instância, é também indecidível. Como sabem, gosto de apostar que não há, ou seja, que não terei a experiência dela. Não acredito que alguém tenha experiência de morte morrida, e sim que tenha experiência de morte prévia: antes de morrer, se enche de experiências de mortes que não o são. Quando uma pessoa morre, é freqüente dizerem que “descansou”. Fico perplexo diante desta frase, pois não sei o que fazer. A pessoa está presente para estar lá descansando? E se não está descansando, tampouco está se cansando. Como sair dessa?

Em suma, vejam que a afetação do Revirão abrange uma gama enorme de coisas da ordem do indecidível, que se tornam sintomas pesados no mundo e que vão bater em nossos consultórios. Para finalizar por hoje proponho uma curiosidade para aqueles que terão sido kleinianos no passado. Não desenvolverei, apenas faço a sugestão de que considerem o esforço da pobrezinha da Melanie Klein – que Lacan chamava de açougueira genial – para (não) compreender o Revirão com suas posições depressiva e esquizo-paranóide. Ouvindo crianças e observando bebês, ela descobriu o óbvio: o Revirão e sua indecidibilidade. Entretanto, observando que a posição esquizo-paranóide é anterior, assim como a masoquista, aliás, segundo Freud. Se, por exemplo, seguirmos a observação de Lacan como poderia uma criança, antes do Estádio do Espelho, atribuir-se algo? Ela atribui ao lado de fora, ou seja, a posição é esquizo-paranóide. Sem o mínimo de reconhecimento do lado de cá, não há depressão. A bipolaridade de Melanie Klein é o vetor vir de fora para cá, ou ir daqui para fora: ou sou perseguido de lá para cá, ou fui eu que fiz daqui para lá. Ou seja, se ficar o bicho pega, se correr o bicho come; ou seja, não pedi para nascer; ou seja, quem é o culpado por essa joça? Conceitualmente, ela está dizendo que, se atribuo o vetor daqui para lá, eu me manco; se o atribuo de lá para cá, direi que

os outros são uns fdp. Sua grande descoberta, que não soube dizer assim por não ter o meu Revirão, foi perceber que o retorno é daqui para lá, ou de lá para cá. Geralmente, começa de lá para cá – do mesmo modo que Freud mostrou que o masoquismo vem antes do sadismo por não haver ainda constituição do lado de cá. O bebê, de início, pensa que tudo vem de fora e só quando começa a ter alguma coisa do lado de cá pode perceber que o vetor pode ir daqui para lá. É aí que ele começa a se mancar.

14/MAI

21. É preciso introduzir em nosso campo o conceito de **Colonização**, de que já tratei aqui. Pode parecer abusivo considerar o Primário enquanto tal, autossomático e etossomático, sob o ponto de vista da colonização, uma vez que ele aparece, nasce, já surge assim. Entretanto, nossas considerações, embora de caráter secundário, se autorizam da disponibilidade absoluta criada pelo Originário, o qual está inscrito no Primário desta espécie. Portanto, fica-se aí muito em processo de Revirão entre a constituição dada do Primário e a constituição dada no Primário do Originário, que permite esse tipo de leitura. Ou seja, podemos considerar as formações, mesmo dadas do Primário, como colonizadoras. Não é possível, do ponto de vista de nossa especificidade, que é o Originário, não estranharmos as imposições das formações primárias, sejam elas autossomáticas ou etossomáticas. Não fosse isso, durante todo o período da história vivida, não teríamos constituído aparelhos de intervenção no Primário, tanto autossomático quanto etossomático, para tentar modificá-lo segundo nosso interesse do momento. As formações primárias pesam em nossa vida como poderes constituídos, colonizantes e colonizadores de nossa terra virgem, que é (não uma tábula rasa, mas) a consideração do Revirão como possibilidade de arrasamento das formas constituídas. As formações vencedoras – que podem ser, como se sabe hoje, diferentes de pessoa para pessoa: há algumas diferenças primárias desenhadas geneticamente (a genética é a mesma para todos, mas

as formações dela advindas não o são necessariamente) –, aquelas que estão com seus poderes em exercício, são recalcantes de formações outras que talvez pudéssemos ter à nossa disposição, mas que não temos porque as ocupantes do espaço são as recalcantes de outras possíveis. Isto interessa a nosso campo de pensamento e ação, pois elas têm fortes presença e influência no desenvolvimento dos processos da vida de todos nós.

O processo de colonização é mais evidente no nível do Secundário. Por mais desenhada que seja uma criança nascitura em suas formas primárias, resta-lhe a disponibilidade para a entrada de formações secundárias de qualquer ordem. Entretanto, como as formações primárias que imperaram em tempos muito antigos facilitaram formações secundárias mais ou menos adequadas a seus interesses, o Secundário já vem nascendo cheio de limitações que são inicialmente produzidas pela pressão do Primário. Por mais desenvolvimento que tenha, isto resulta em formações inteiramente distintas e distinguíveis: a língua, as formações culturais, os comportamentos sociais, etc. Cultura é, aliás, como chamamos genericamente o processo de limitação e coagulação das formas no Secundário. São essas formas que colonizam as pessoas. Portanto, não podemos esquecer da pressão colonizadora que vem desde a mais tenra infância. É um processo de lesão cerebral, que Freud chamava de *Banhung*: trilha, trilhamento. É como se o território cerebral, mais ou menos disponível, logo imediatamente fosse capturado pelas formações que estão no poder. Ou seja, se é uma formação primária, dada sua constituição, tem uma farta disponibilidade para receber formações de todo tipo e de toda ordem. Isto, além da possibilidade de as ciências neuronais acabarem descobrindo que, diferentemente de uma pessoa para outra, há algumas formações cerebrais já dadas ou pronunciadas, regiões mais ou menos ativas em alguns, etc. Então, a disponibilidade é imensa, basta vermos a multifariedade das formações culturais na face do planeta. Mas, como disse, esta disponibilidade é capturada por formações que colonizam o cérebro imediatamente.

O processo de colonização é muito limitador e, por ter sido o conjunto de formações colonizadoras aquele que venceu no processo de colonização,

fica muito parecido, dada a lesão cerebral ali produzida, com o Primário. Portanto, é imediatamente reificado, logo vindo a confusão entre o que foi colonizado secundariamente e o que o foi primariamente. Por isso, chamo de Neo-etologia. O grande território, que era virgem, digamos, é ocupado e colonizado pelas formações culturais. É preciso pensar deste modo e encarar o analisável ou o analisando que tivermos diante de nós sob o aspecto da colonização, pois, sem esta consideração, o trabalho analítico se torna impraticável. E mais, torna-se freqüentemente impossibilitado de pleno desenvolvimento por causa da massa de colônia cultural com que temos que lidar. Portanto, se há, como suponho, um território desocupado, disponível e se o cérebro é capaz de acolher qualquer língua, qualquer formação cultural do ponto de vista dessa disponibilidade, há uma virgindade aí. Tanto é que a coisa cola sintomaticamente de modo que, por exemplo, torna-se difícil falar outra língua. Guarda-se o sotaque, ocorre uma lesão até de máscara no rosto. Observem pessoas de diversas línguas e verão que a formação muscular, o modo de o rosto se comportar, foi colonizado pela língua. Repito, então, nada mais importante em nosso trabalho do que considerar os processos, as formas e os acontecimentos de colonização, pois é com eles que lidamos.

A indiferenciação é possível porque há Revirão. Minha aposta é que, um dia, encontrarão a possibilidade que o cérebro das IdioFormações tem de fazer reviramento. Isto, onde estiver, ainda que seja no computador. Então, não só podem existir áreas livres como, em nossa espécie, existe a possibilidade de liberar áreas que estão ocupadas. O mais difícil ou quase impossível de realizar em nosso trabalho é: liberar as áreas colonizadas.

22. As políticas de índole revolucionária, as esquerdas, os heróis de libertação nacional ou de território supõem existirem forças colonizadoras que produzem a colonização segundo um propósito de dominação. Esta é a visão política mais comum, mas é imbecil do ponto de vista psicanalítico. Isto porque toda força colonizadora foi anteriormente colonizada. As forças colonizadoras de qualquer tipo de formação são colônias que intentam contagiar formações ou áreas livres

com seu poder de contágio porque, por razões de reificação, crêem piamente que são as formações adequadas e devidas. Não confundir com a produção de poderes outros, para além da colonização pura e simples, que certas formações têm ou conseguiram por outros motivos ou outro tipo de colonização. Isto não é pensado no nível da história, da política, da ciência política, pois só vêem as forças em luta, estudam o processo histórico e verificam que um grupo de poder tomou determinada região e a colonizou. Em termos de nossa lida psicanalítica ou mesmo de luta política ou qualquer outra, é importante saber com ou contra o quê estamos lutando, pois as lutas são sempre falseadas pelo não entendimento de que as forças colonizadoras são tão colonizadas quanto as forças colonizadas. Não é no nível dos processos de colonização que vamos mudar. Quando se fazem revoluções ou revoltas, os revoltosos lutam contra os poderes ligados naquele momento às forças colonizadoras, mas o que importa é derrubar os poderes, e não lutar contra a forma de colonização. Esta é a mesma dos colonizados. Como não vão ao ponto que interessa, isto faz com que as revoluções fracassem. Lembrem-se de que estou falando de psicanálise, dos jogos com analisandos.

Qual é a dificuldade no pensamento de Marx, por exemplo, de se fazer uma revolução socialista? É menos derrubar as forças colonizadoras do que convencer os colonizados. Ele falava em desalienar, conscientizar o povo. Ora, o povo está absolutamente conscientizado, nunca esteve outra coisa: sempre teve consciência de sua estupidez ou, melhor dizendo, *em* sua estupidez. Então, tentar convencer um colonizado de que o modo de colonização está errado é fazê-lo revoltar-se contra você. Na verdade, os colonizados talvez gostassem de ter outra vida, a dos colonizadores, por exemplo, mas dentro do *mesmo* processo de colonização. Este é o maior empecilho numa análise, pois o chamado analisando, sejam quais forem as formações fundadoras de sua estupidez, neurose ou outra, deseja certos benefícios, mas não quer ceder quanto à sua colônia. Ele, como todos nós, aliás, faz mil mirabolâncias e dá inúmeras voltas para não atacar sua convicção. Ele é colonizador de si mesmo, dos laterais e ajuda a colonizar para cima e para baixo. É só nascer um bebê que ele vai com

unhas e dentes para reduzi-lo à sua (dele) estupidez. Não sei quem é pior na história, o colonizado ou o colonizador. Sempre acho o colonizado o pior, pois não ter um mínimo de revolta significa que ele merece. É preciso revoltar-se contra suas próprias convicções, conexões e linkagens. Se não, fica-se com a impressão de estar lutando contra os outros, mas estes vão nos manipular com a maior facilidade. Afinal, estamos brigando contra o quê?

As grandes manipulações políticas se dão no regime de alguém se revoltar por estar de olho no rabo de outro, o qual percebe que ele tem o rabo igualzinho e lhe dá a volta. Há exemplos fartos e presentes da passagem de colonizado a colonizador. Basta pensar num presidente que, ao conseguir a vaga de colonizador que havia no momento, imediatamente muda de posição. Aprendi isto em meu tempo de diretório acadêmico na faculdade: a esquerda mudava de posição toda vez que ia para o poder. Entendam que a diferença não está na colônia ou na colonização, e sim na conquista de poderes dentro da colônia. O salto para fora da colônia é justo aquele que as pessoas não dão. Considerem a Revolução Francesa e verão que ela imediatamente trai a si mesma por pensar que bastava deslocar o poder daqueles que, dentro da colônia, estavam no exercício da força. Resultado: caíram no mesmo lugar. A psicanálise não pode agir assim. Sempre que se lida na luta interna da colônia, faz-se psicologia, filosofia, magistério, e não psicanálise. É, aliás, o que vemos numa reportagem do *Jornal do Brasil*, de 3 de maio de 2005: “O pensamento cura”. Isto pode até ser verdade, mas não o subtítulo: “Filósofos e psicanalistas discutem obra de pensador canadense, Lou Marinoff, que propõe o uso da filosofia como clínica”. É um florilégio de imbecilidades, com opiniões de professores de filosofia e de psicanálise brasileiros. Os filósofos ficaram com inveja dos psicanalistas e correram atrás de outro emprego...

Isto remete ao velho problema que Lacan pensou ter resolvido, que é a diferença entre psicanálise, psicologia, filosofia, etc. Pensemos com cuidado, se não, seremos nós a também dizer besteiras. Lacan dizia que *terapia* – coisa que, segundo ele, a psicanálise não faz –, como está no grego, é uma forma de *conversão*. O tratamento da psicologia seria converter o indivíduo a outra idéia.

Ele mudaria de idéia, de comportamento e eventualmente se sentiria melhor. A psicanálise, então, ao contrário, não faria conversão, mas de onde Lacan, segundo seu próprio teorema, pode tirar a idéia de não-conversão em psicanálise? E mais, no teorema freudiano, podemos nós tirar a idéia de não-conversão? Freud fez esforços gigantescos, conseguiu coisas impressionantes, entretanto, seus modelitos de convencimento para a cura são de aparência mítica – portanto, de conversão. Querem um exemplo? Édipo. Ainda que não estivesse explicitado o modelito mítico, basta perscrutar o pensamento de Freud para verificar o monoteísmo judaico sustentando por trás a armação de seu teorema. Se tomarmos o Lacan de certo momento, então teremos que acreditar na idéia da existência do significante puro para deslocar todo e qualquer processo de conversão. Como significante puro não existe, a armação narrativa, a armação discursiva, que suporta o teorema lacaniano acaba por chegar ao mesmo lugar. E mais, com toda armação de refinamento abstrato que tenham, o mesmo ocorre com o Nome do Pai e com seu conceito jurídicista de Lei.

Então, se essa gente está invadindo um campo que deveria ser da psicanálise é porque é enorme a dificuldade em demonstrar a diferença, se é que há. Espero que entendam meu esforço de mudanças e de recomposições na teoria para ver se é possível o campo psicanalítico para fora e para além desses campos, filosófico, psicológico, etc. Terei conseguido algo? O esforço tem sido no sentido de armar uma máquina de arrasamento das formações. Ou seja, de supor que uma análise se encaminha no sentido do Originário e é capaz de sustentar um processo perene de esvaziamento das formações. Não acredito, para ninguém, que se chegue a termo, mas a psicanálise teria como diferença a conversão (não a uma idéia nova, diferente, mas) a um processo de arrasamento e indiferenciação de todas as formações, inclusive as suas.

- P – *A Análise Propedêutica é conversiva ou é suspensiva?*

É no sentido de levar um analisando até o reconhecimento da possibilidade de indiferenciação, ou seja, da possibilidade de começar a ser capaz de indiferenciar. É o reconhecimento de seu poder de indiferenciação, o qual, como já disse, é reminiscência, com ou sem Platão: a anamnese de algo

que está lá disponível para uso e que, com frequência, ele é incapaz de usar por ser um colonizado, por referir-se às formações colonizadoras, e não a seu princípio fundamental. Análise Propedêutica é, pois, descobrir, desvelar, lembrar, fazer a anamnese desse poder que lá está disponível. Se alguém já desvelou isto e precisar de ajuda, continua-se a ajudá-lo, mas deveria ter vergonha e se referir a isso que descobriu como poder.

23. Falei mais ou menos longamente, em 2002, sobre *Psicanálise: Arreligião*. Tentei mostrar que nada tenho contra a forma religião que a psicanálise pode assumir, mas tenho tudo contra o conteúdo colonizador que vem sendo posto sobre esta forma. A psicanálise pode colocar outra compreensão: a forma, a vocação religiosa das pessoas como movimento de esvaziamento perene do lugar do Gnoma. O modo de aplicação pode ser religioso, mas nos sentidos de religião e releitura. Portanto, Arreligião chamada psicanálise exige – politicamente, inclusive – a demolição das formações religiosas. É este pensamento que está embutido no *Futuro de uma Ilusão*, de Freud. Vejam que não se pode ser psicanalista católico, judeu ou muçulmano. Isto será mentira, não existe, pois o tal lá será católico, judeu ou muçulmano, e não psicanalista. Recomendo-lhes a leitura do livro de Michel Onfray, *Traité d'Athéologie* (Paris: Grasset, 2005), que não é um tratado, e sim um panfleto. Ele lembra coisas velhas em sua tentativa de derrubada da indecência contemporânea que é o retorno dos poderes de judaísmo, cristianismo e islamismo. São três pragas na história do Ocidente.

Marx disse uma frase que todos citam: “Religião é o ópio do povo”. Muitos se aproveitam dela, deslocada de seu contexto, para fazerem a suposição de que ele estaria denunciando que os poderosos, as formações colonizadoras, fabricam o ópio para dar ao povo e dominá-lo. Mas o que ele está dizendo é que o povo, por ser sofrido, incompetente, ou seja, por ser tudo que é, procura um ópio para suas dores e o encontra nas religiões. Marx não é estúpido, sabia que o colonizado se coloniza buscando formações colonizadoras para si. Jamais se fará um deslocamento revoltoso acreditando que o colonizado é um pobrezinho

que alguém domina. Não é. E não sempre, mas com frequência, o colonizador teve ocasião de, seja pelo modo que for, analisar sua situação e tornar-se cínico: continuar a dominar o colonizado, mas sabendo bem como as coisas funcionam. No nível do colonizador, o cinismo é freqüente. Os colonizados, estes, geralmente, até por falta de acesso, são os mais poderosos repetidores do processo de colonização. Nada há de mais careta e imbecil que classe média baixa. É com o baixo clero que a igreja conta para se sustentar. Já há bastante tempo, impressionou a Étienne de la Boétie o que chamou *Servidão Voluntária*. É uma expressão falsa, pois para alguém ter uma servidão voluntária precisará ter consciência de sua servidão e querer entregá-la a outrem. O nome correto é: *Alienação Prazerosa*. A pessoa não está entendendo nada, mas, pelo menos, respira, sobrevive, come alguma coisa e vive do prazer da alienação.

Fernando Pessoa, na *Tabacaria*, chama a nós todos de “escravos cardíacos das estrelas”. Dou uma pequena resposta a esta frase: As tuas constelações não se encontram nos astros, elas estão na tua carne, são tácitas tatuagens grafadas lá no avesso do teu pêlo, nos neurônios da tua galáxia.

24. Vejamos agora dois artigos, um publicado na revista *Ciência Hoje* n°. 213, março de 2005: *Redes ‘complexas’: modelagem ‘simples’ da natureza*, de Luciano da Fontoura Costa, e outro, de Albert-László Barabási e Eric Bonabeau, na *Scientific American Brasil*, ano 2, n°. 13, junho de 2003: *Redes sem escala*. Em grupos ou conjuntos aleatoriamente distribuídos, ao pesquisarmos sobre certa variável – num grupo humano, por exemplo –, espera-se encontrar necessariamente uma curva de Gauss, aquela forma de chapéu de Napoleão ou sino que vemos em curvas estatísticas: poucas pessoas no regime mais alto, a multidão no centro medíocre, como se diz, e poucas pessoas na região oposta. Mas os artigos apontam que, na formação de qualquer tipo de rede – eletrônica, na Internet; de estradas; de trajetórias de vôos; de moléculas, etc. –, isto é, em qualquer processo de linkagem, o que há é uma presença forte, vigorosa e poderosa do que chamam redes sem escala. Esperar-se-ia, então, que, naquilo que estamos medindo como variável, houvesse uma razão escalar como na

curva de Gauss para a distribuição das frequências, entretanto, vê-se que existem determinados pontos, chamados de pólos, com extrema convergência, o que deixa grandes áreas na miséria de conexão dentro da rede. Isto não dá uma curva de Gauss, e sim uma verdadeira linha reta.

É uma descoberta importante para o entendimento da Clínica, uma vez que, como já disse, o Inconsciente é aristocrata e capitalista. Se quiserem lutar contra sua aristocracia ou seu capitalismo, há que reconhecer o que ele é, para, então, engajar a luta. O pessoal dito de esquerda pensa que o Inconsciente é honesto, distributivo e igualitário, e que há uns fdp que ficam tomando os poderes. É o contrário: o inconsciente é mau-caráter. Ou seja, os ricos ficam cada vez mais ricos porque têm conexões maiores. A linkagem aumenta em progressão geométrica o processo capitalista de crescimento dos lucros, dos aluguéis, etc. Do mesmo modo é nossa cabeça em relação às formações colonizadoras. Por isso, a dificuldade em demover o analisando de sua neurose ou de sua situação, seja qual for. É nesse momento das redes sem escala, na cultura e na cabeça de todos, que encontramos as forças de produção de poderes para além da forma de colonização. A colonização é igual para todos, mas, dentro dela, as redes aumentam o poder de certos pólos, os quais são: colonizados com poder contra colonizados sem poder. Não há, portanto, que lutar analiticamente contra a forma de colonização, pois ela é igual no colonizado e no colonizador. As formações que a pessoa traz e que a estão colonizando são de dupla face. Por isso, temos primeiro que lutar contra a formação dos poderes aí dentro.

Chamo de forma de colonização a colônia com a qual estamos conversando. Quando se trata de uma colônia católica, por exemplo, vemos que há analisandos em que só conseguiremos avanços destruindo seu catolicismo. Como a resistência pode ser tão grande que freqüentemente acabam chamando a igreja para destruir sua análise, nunca saberemos quem ganhará a guerra – o que não deve nos impedir de, no mínimo, fazê-los relativizar seu catolicismo. Nessa colônia, queremos é chegar ao momento em que a disponibilidade (não elimine, pois não conseguirá, mas) a modifique. O fundamental é, pois, lutar com os poderes constituídos dentro da colônia. Trazendo para a política,

entenderemos melhor. Se quisermos mudar uma política, não adianta lutar imediatamente contra a ideologia. Deve-se, primeiro, considerar a ideologia de todos – é assim, aliás, que as revoluções são feitas – e lutar contra os poderes constituídos aí dentro. Isto para, em seguida, não esquecer de lutar contra as ideologias. Como se esquecem da segunda, as pessoas ficam só na primeira luta: querem apenas derrubar o lugar de poder e permanecem refesteladas na colônia. Não se conseguirá mexer na colônia – aquilo que os marxistas chamavam de conscientização – sem imediatamente relativizar seus poderes. Para verem como é difícil, basta lembrar do exemplo corrente do psicanalista – quase ateu – que apregoa em livros que é preciso reconhecer algo como a judeidade, ou que vai à igreja para um casamento ou uma missa de sétimo dia. Ele dirá que é uma questão social. Não é. Não deveria ele recusar-se por estar lutando contra um poder sorrateiro? É assim que o processo permanente de luta, ou seja, de análise é posto no lixo.

A lida psicanalítica, no que é analítica, é política. Não existe analista judeu, cristão ou muçulmano. Achar o contrário é continuar abrindo a guarda como fazem os ditos “analistas”. Reclamam do não reconhecimento de seu lugar, mas são os primeiros a entregar o jogo. Lacan os chama de dentistas: no consultório, tratam dos dentes, mas são outra coisa fora de lá. Não podemos esquecer que não conseguiremos eliminar ou afastar a colônia sem, dentro dela, derrubar os pequenos poderes que nos reinserem na colônia. Agora que estamos às vésperas dos trinta anos de existência do Colégio Freudiano, não posso deixar que esqueçam de que durante esse tempo assisti um a um derrubar seu próprio lugar, cortar o galho em que estava sentado. Vi claramente, às vezes em situação social, cada um, com todo tipo de concessão à joça constituída, derrubar aquilo que jurava estar constituindo.

- P – *Na guerra aristocrática, o psicanalista não constitui outra colônia?*

Foi a primeira questão que trouxe hoje. Estamos produzindo formações teóricas que são colônias e necessariamente sujas. Não há como não ser, pois, se estamos falando, são necessariamente formações recalcantes e recalçadas. Então, como permanecer num processo de produção de campo de ação de

tamanhas abstração e indiferenciação que dissolva a si mesmo? Com o teorema que venho fabricando, minha intenção é permanecer à espera de que ele contenha em si o processo de sua própria abstração. Meu teorema deve ser autodestrutivo – coisa que muitos não suportam.

- P – *Daí quererem destruir antes.*

Para não terem que entender que serão destruídos junto. Freud e outros tentaram fazer isso de algum modo, mas fracassaram. Se foi assim, deve ser porque, se há discurso, há fracasso. Então, temos que continuar no discurso da dissolução, e não ficar repetindo discursos anteriores, pois estes já fracassaram. Nossa questão é: há um germe de auto-indiferenciação na teoria? Lacan apostou no significante puro. Quanto a mim, aposto no Revirão, mas qual germe na teoria, por mais careta e desenhada que fosse, seria indiferenciante dela própria? Segundo o que apresento, não haveria supostamente em nossa constituição primária um germe de indiferenciação chamado Revirão? Se há este germe, a teoria tem que encarecê-lo. Isto, para contaminar o resto e indiferenciar ela mesma. Ou seja, se ela tem um germe de possibilitação radical, a luta é pela disseminação desse germe, que é dissolvente. Mas o que mais vemos são pessoas, até com boa vontade de luta política dentro das formações culturais, tropeçarem feio por ficarem brigando com a pulsão de morte, como é o caso de Michel Onfray de que lhes falei antes. Como tem a bobagem nietzscheana do vital, em vez de apostar na pulsão de morte – que, esta sim, é capaz de destruir os inimigos –, fica dizendo que somos pulsão de vida e eles pulsão de morte. Isto não vai a lugar algum, pois já perdeu a guerra de saída. Minha pergunta é: como alguém, ainda que esteado no vitalismo larvar de Nietzsche, pode promover a pulsão de vida contra a pulsão de morte se o dito nietzscheano fundamental é “para além de mal e bem”? Só se faz isto por ser um colonizado.

04/JUN

25. Retomo o conceito de **Colonização** como o desenvolvi da vez anterior. Vez esta, aliás, em que me trouxeram um folheto sobre um acontecimento

tipicamente francês, realizado de 6 a 8 de maio, em Fez, no Marrocos. Gente finíssima da França, chamada Associação Lacaniana Internacional, turma de Charles Melmann, ex-analista de Jacques-Alain Miller, se reuniu em congresso para perguntar se “o que os três monoteísmos têm em comum não é mais essencial do que suas diferenças?” É de dar medo. Os analistas mais importantes no evento são judeus e muçulmanos, com alguns cristãos também para disfarçar... Foi chiquérrimo, com a presença do rei do Marrocos e do presidente de Portugal. Foram lá produzir a paz dos três monoteísmos para ficarem convivendo bem (com a psicanálise, certamente)? Isto, em termos de psicanálise, é assustador. Os três monoteísmos – que chamo as três carochas do Livro (que, pelo menos para os psicanalistas, queremos eliminar, já que não podemos eliminá-los de fato) – estão lá reinando na mistura com os psicanalistas. É muito difícil defrontar-se afiadamente com esse tipo de sintoma. Mesmo os que o fazem, com frequência cometem bobagem, erram. Daí a grande vitalidade da colonização do mundo ocidental pelas três carochas: carocha, carochinha e carochona.

Recomendei da vez anterior, antes ainda de lê-lo todo, pois poderia eventualmente ter a ver conosco, o livro de Michel Onfray, *Traité d'Athéologie* (Paris: Grasset, 2005). Como disse, não é tratado de coisa alguma, pois o autor não faz um pleno desenvolvimento da questão, mas apenas um panfleto contra as três religiões monoteístas. Como panfleto é bem feito e levanta as coisas maléficas que as três carochas fizeram na face do planeta. Ele faz (ou teria feito) isto relativamente bem se não fosse um erro grosseiro que comete tornando o livro decepcionante, não pela informação, mas por sua tese, que não vai a lugar algum compatível com nossa época. Onfray luta contra o maniqueísmo do bem e do mal – que, como supõe, foi instalado por essas religiões – e, no decorrer do livro, faz a estratégia de cindir com clareza pulsão de vida e pulsão de morte. E mais, diz que isso tudo é pulsão de morte e que a pulsão de vida é que precisa ser valorizada. Ou seja, é um nietzscheanismo reles, de segunda classe. Não acredito que, com o tipo de argumentação que usa, isto faça sentido como luta política. Não é preciso conhecer o que digo para pensar assim, basta tomar Freud e Lacan para derrubar inteiramente essa dicotomia absurda. Nem

Nietzsche, levado a sério, vai nessa, embora, nele, haja um vitalismo tão exagerado que dá vontade de puxar tudo para a pulsão de vida. Falta aí consideração da possibilidade de reviramento no seio mesmo da questão entre pulsão de vida e de morte, ou seja, de até eliminar-se a pulsão de vida e ficar apenas com a Pulsão, que é a única que existe. Como Nietzsche é poeta, a coisa fica abrandada, mas quando preconiza teoricamente, torna-se vitalista demais no sentido do Primário que habita este planeta.

Vejam, então, que, apesar de ter escrito outro livro muito engraçado, *Antimanuel de Philosophie* (Paris: Breal, 2001), gozando com a filosofia, neste de agora Onfray se revela tão maniqueísta quanto o que critica. Ao invés de dizer que não se trata disso, diz que o negócio é a pulsão de vida e que todo o resto é pulsão de morte. Aí temos vontade de colocar o menino no colo e mandá-lo estudar. Mesmo considerando-se que ele faz um recorte teórico, a conceituação é pobre. Ao colocar a pulsão de vida contra a de morte, ele se destrói, pois não há esta dicotomia no interior da Pulsão.

- P – *Existe algum pensador contemporâneo que considere a pulsão de morte sem cindi-la?*

Tomei isto diretamente de Lacan, que mostrou com clareza que só há pulsão com a morte como seu destino. Não há como cindi-la, ela é única. Se a nomearmos como vida ou morte, será morte, pois ela quer o desaparecimento. Foi com a certeza desta dica que instituí “Haver quer não-Haver”. Se lermos Freud direito, veremos que esta idéia lá está e que foi a bobice posterior que dividiu. Neste ponto, Lacan retorna realmente a Freud, cuja didática às vezes é ruim e, para explicar, faz cisões. Mas se o lermos com atenção, veremos que não há esta cisão. Lacan chama a atenção veementemente para que não há outra pulsão, o que é a base de tudo que apresento ao tomar a Pulsão como único conceito fundamental e como única, tendendo à extinção, à aniquilação de seu próprio movimento.

Vejam, então, que ficamos de volta com o problema da Colonização inteiro na mão, pois lutar contra a colonização das três carochas dando apoio a

um autor como Onfray é fazer bobagem e destruir a possibilidade de verdadeira crítica. E pior, quem mais estaria tentando fazer essa crítica?

26. Do ponto de vista da vontade de colonização no psiquismo, quanto à produção dita pensante, o século XX foi exímio em matéria de tentativas de colônias específicas. Este foi seu erro grave e seu espírito, dos quais agora nos afastamos. É preciso ter clara noção de tudo isso se vocês quiserem entender o que estudam como coisa produzida por mim. Embora a linhagem seja a mesma, não é a mesma postura. O que venceu no século XX foi a tentativa de autonomia dos saberes, aquela coisa chique, epistemológica, de vontade de implantação de campos de conhecimento. Nas ciências humanas, isto ficou mais claro, justo porque nelas é impossível a autonomização ficar tão clara. Buscou-se o específico da sociologia, da psicologia, da psicanálise, cada uma tentando constituir um campo de saber que se pretendia autônomo, fechado em si mesmo, dando conta de seu próprio processo diferente e independentemente dos outros saberes e mesmo das questões de mundo. Especialista seria aquele subdito à ordem da autonomia de determinado saber. A força desta busca de especialização foi a caixa de ferramentas de Lévi-Strauss, de Lacan, de Saussure... Mas o mais indecente nesta vontade de autonomia ocorre no campo do Direito. Um dos autores importantes, que percorre com força enorme as universidades no mundo inteiro até hoje dando autonomia de pensamento aos juízes mais do que aos advogados, é o famoso Hans Kelsen. Nele, a positivação do direito é a autonomização do pensamento jurídico, coisa que simplesmente não existe. Como ele é brilhante e produz com tanto *know-how*, tanto brilho, quando o lemos ficamos quase convencidos. Só que o que está recalcado é tudo que, no direito, não tem fundamento em si mesmo, e sim nos poderes dentro do campo social. Este é também o caso de saberes como economia, direito e arquitetura, que não têm fundamento próprio e se encostam nalgum discurso dominante que vem de ordem filosófica, ideológica...

O que encontramos como instância governante do psiquismo daqueles que nos procuram para análise? Temos os sintominhas da pessoa, mas, ao

andar para a frente com eles, encontramos uma instância governante daquela mente. Quem é o colono? Qual é o discurso de colonização que ali está? Esta instância é praticamente impossível derrubar, pois as paixões são muito fortes e aquele discurso é a constituição de base da pessoa. Podemos chamar isto de crença, de ideologia, do que quisermos. Em nosso campo, é a formação de entrada no processo de aculturação, de educação de cada um em seu grupo, país, planeta... Aquilo virou uma massa reificada: a hipóstase é da ordem da psicose. É com esta loucura que lidamos, e, antes de mais nada, temos que percebê-la instalada em nós mesmos. Então, como os esforços de indiferenciação, suspensão, etc., lidam com a base governante das formações psíquicas? É praticamente impossível lidar com ela. A tarefa é tão grande que só dá para acomodar um pouco a sintomática pessoal. E no que diz respeito à produção da formação chamada analista, como chegar a este lugar? O exemplo que trouxe há pouco é típico: um bando de analistas divididos evidentemente entre judeus, muçulmanos e cristãos, que, ao invés de tentar produzir uma suspensão radical desses colonos, retoma esta colonização para fazer um pacto de paz entre as três coisas e, naturalmente, com a psicanálise também. Se não, não seriam eles a fazer isto, e sim os próprios religiosos. Eles são os mediadores sintomáticos – o quarto elo do Borrô – da paz entre os colonizadores. Isto é de arrancar um Freud da tumba.

• P – *Para uma psicanálise que é jurídicista, a única possibilidade é produzir acordos. Não é, portanto, de se espantar que um lacaniano faça isto.*

Bem lembrado, pois, em função da vontade de autonomia dos saberes no século XX, isto está adscrito ao modo de operação de Lacan e do lacanismo. A vontade de Lacan foi fazer bonito diante do século XX dizendo que seu campo tem uma autonomia, que é a lógica do significante – segundo Jacques-Alain Miller, pois acho que foi importada dele –, haurida do pensamento de Saussure, lido pelo *Cours* (e não sei até que ponto o achado dos escritos de Saussure derroga esta vontade de autonomia). Assim, Lacan constitui o campo com aparência jurídicista. Há muito tempo, quando falava para pessoas que mal conheciam Lacan, alguém, estudioso de direito, comentou que o que eu dissera era o mesmo que Kelsen.

Como só o conhecia de nome, fui estudá-lo e vi que não era o positivismo de Kelsen, mas era da mesma natureza. É a vontade de autonomia de um saber, desprendida das forças em luta no processo da produção do saber sobre o processo de produção dos sintomas. Joga-se isto fora e tira-se essa coisa maravilhosa que é a pureza do significante. Já denunciei que isto não existe, que é um cacoete do século XX. Pode ter servido para limpar a área de várias sujeiras e misturas que não interessavam ao processo de reflexão na psicanálise, pois Lacan não é nenhum bobo, mas, por outro lado, criou o pequeno monstro da autonomia do significante. Na passagem do século XX para o XXI, o tropeço é nisso que foi chamado de pós-moderno. É quando o pessoal se assusta com o século XX e diz que foi uma tentativa vigorosa, serviu em todas as áreas para fazer limpezas e destacar especificidades, mas não é assim que funciona, pois não há autonomia dos saberes.

Na crítica que faço à Colonização, é preciso entender que não se trata de campos justapostos ou sobrepostos com suas autonomias discursivas, e sim de um grande campo com pólos vigorosos, os quais, por serem pólos, se apresentam com seu foco e com sua franja. Não há maneira de determinar um lugar de fronteira, nem mesmo entre os saberes e os ditos fatos extra-saberes (o que chamam de fato, pois, para nós, tudo é fato). As ocorrências sintomáticas e os sintomas, que são os saberes, também estão misturados no campo de ação das forças e não podemos fazer mais do que considerar a vetorização desse espaço. A grande vocação do século XXI é retomar os campos. A política é ampla, geral e irrestrita. Ela deixou de ser partidária e ideológica, no sentido de ideologia política, e passou a ter a vocação do entendimento das forças políticas em todas as áreas das formações. Desde 1980, o século está desbundado, pois sabe-se que se trata de uma luta, mais nada. Então, se vocês estão na doce esperança de encontrar a verdade, podem tirar o cavalinho da chuva. É preciso entender que a opção que se faz é uma política de luta. Podemos nos aproximar, mas jamais abrir a guarda para aqueles da outra formação. Se for notado que, se abrir a guarda, o seu fundamental será destruído, então será briga na hora. Isto, não por questão de crença, mas por tentativa de testar a eficácia de uma ferramenta. Se começo a abrir a guarda, a ferramenta se desconfigura e passa

a ser outra. Então, não interessa, é melhor mudar com armas e bagagens para o campo do outro.

- P – *Diferentemente do que quereria um Habermas, não há consenso. O que há é guerra, pois o outro está posicionado para tomar o campo e construir um pólo.*

Sempre estive posicionado assim – como nós todos, aliás. É esta minha questão com Habermas. Ele dá a impressão de que Freud nunca existiu. Ele vai tirar consenso de onde? É consenso *in progress*? Isto não é consenso. O campo é polêmico e, de modo algum, consensual. E é bom que seja polêmico, pois, no que o reconhecemos como polêmico, ficamos talvez com menos propensão a cair na besteira radical de reificar qualquer idéia. Porque sabemos que é uma idéia em luta, nada mais. Ela pode estar vencedora agora no momento para determinadas faturas, mas é preciso aplicar suspensão e suspeição, pois isto é a pura luta momentânea. Qual perigo vejo no pensamento de um Habermas? É que, de crença em crença na produção de um consenso, chega-se à reificação e todos ficam felizes na ideologia – coisa que já aconteceu de outras vezes. Quando digo essas coisas espero que percebam que estou falando de Clínica.

- P – *Isto tem conseqüências, por exemplo, quanto ao que se pensa sobre o que vem a ser o Estado, que teria uma fundação jurídica, mas também uma base econômica.*

A qual é também tão ideológica quanto a jurídica. Esta é a crítica de Marx, aliás.

- P – *O que Francis Fukuyama chama Construção de Estados (Rio de Janeiro: Rocco, 2005), para você, será em bases econômicas (em seu sentido de economia).*

Sim, em *meu* sentido de economia. Não conseguiremos ficar livres do Estado, não há anarquismo possível. Então, há que viver na luta de recomposição do Estado, que, por definição, pelo menos desde Hegel, é o proprietário do direito de violência. Pierre Bourdieu o chama de dono da violência simbólica. Não podemos cometer nenhuma violência simbólica, pois o Estado já a colocou

na lei. Lembrem, por exemplo, de Gerald Thomas, que tirou as calças e mostrou a bunda no palco, um ato absolutamente teatral e comum em toda a história do teatro. Os inimigos que lá estavam imediatamente encontraram na violência jurídica do Estado um jeito de prejudicá-lo. Isto, quando ele estava fazendo aquilo no lugar certo. Do palco pode-se mostrar a bunda e xingar o público, por que não? É um âmbito fechado. Mas o campo do teatro foi invadido pela violência jurídica do Estado. E ainda se fala em democracia – a não ser que ela seja apenas a violência simbólica do Estado.

27. O que pode ser a **Cura**, no sentido que estamos colocando? Freud, apesar do conceito de perlaboração, no fundo, durante sua vida, acreditou no esclarecimento, na *Aufklärung*. Quando alguém descobrisse qual foi a verdade da situação, sofreria um *satori* psicanalítico e, de repente, ficaria livre do sintoma. Depois, viu que é preciso trabalhar bastante, muita perlaboração, etc. Lacan resolveu que trabalhamos, trabalhamos e chegamos ao significante. São as ilusões do século XX. É o ilusionismo na psicanálise, nos dois sentidos: está iludida e está iludindo. Mas, se for aceitável o que estou trazendo, **a Cura é a produção permanente de uma formação militante**. Por isso, a análise é infinita. Lacan tinha que preconizar o fim de análise, pois se alguém se encaminha para o tal significante e o desvela, acabou seu trabalho. Aqui, o trabalho *começa* de fato quando a Análise Propedêutica termina. Quando temos a experiência, podemos nos tornar militantes – sem crença – de algo rememorado. O que é difícilimo, pois seremos militantes na espera de uma eficácia. É a ascese em busca do máximo de eficácia possível em nossa vida. É uma guerra, uma militância permanente muito mais intensiva do que se supôs até hoje como militância política. Espera-se do analista que saiba conviver no cotidiano dessa militância. Ele é alguém ranzinza, um infernal, que – serenamente – implica com tudo. Por exemplo, não pode engolir congressos do tipo que mencionei há pouco.

Mediante o que podemos nós produzir esta guerra na cabeça do analisando virgem, deste que hoje já não existe mais, pois todos têm alguma noção do que deve ser a psicanálise? As guerras que tem são por estar sofrendo

da incompatibilidade de seus sintomas com seus sistemas. Ele tem sintomas e o sistema coíbe, é disto que sofre. Se soltar a franga, não há sintoma algum, será comportamento normal. Há que produzir a instalação em sua cabeça de uma formação que guerreará com as outras. Daí a idéia de filosofias e religiões também serem terapias. Elas fazem isto, não é? Então, o tipo de instalação que produz é da mesma natureza? Esta é a questão, se quisermos fazer diferença entre psicanálise e o resto. Se é que há. É frágil o que estou dizendo.

• P – *Não é o caso do contrário, de limpeza do que trazem as filosofias e religiões?*

Não. Trata-se de indiferenciação radical, até de si mesmo. Limpeza é o que a igreja, por exemplo, faz: tira o demônio da cabeça das pessoas ou o encurrala num canto. Não há que limpar nada disso, pois se tivermos esta pretensão, estaremos sujos. Nossa questão é: como produzir indiferenciação permanente a ponto de colocar a sua postura na ordem da dúvida e conviver com isto?

• P – *É ao que Freud se referia como drenagem do Zuiderzee.*

Freud dá este exemplo bonito, que seria o Sísifo da análise. Como o Primário, apesar de ter brechas que a medicina até aproveita, é muito estúpido e só sobrevive por estupidez – no sentido de Fernando Pessoa: há duas maneiras de sobrevivermos, a estupidez ou a loucura –, esperamos que o Secundário seja louco, mas ele também fica estúpido como o Primário, então sobra o Originário para pedirmos que enlouqueça as coisas. Há, portanto, que instalar uma formação, a qual necessariamente tem que ser precarizada por minha postura, pois se colocar muita fé nela, acaba-se a eficácia. Devo colocar fé em minha ação, e não em minha formação, que é ferramental, simples produção de ferramentas. Se colocar fé na formação, estarei em pleno exercício religioso.

A respeito disto, tenho uma citação de Petrônio, em *Satiricon*, capítulo 132: “Nada mais falso que a estúpida opinião dos homens, nem mais estúpido do que o fingimento de austeridade” (“Nihil est hominum inepta persuasione falsius nec ficta severitate ineptius”).

28. As redes sem escala, evidentemente, são dominantes nas ações humanas. São elas que constituem os poderes, as dominâncias e as colonizações. Então, não adianta a luta política de ficar imediatamente xingando o colonizador, pois ele faz parte da rede. Há que atacar os nódulos da rede. Se não, ficaremos derrubando fantasmas. Então, pergunto (com todo respeito, que me perdoem os aficionados): o conceito de *luta de classes*, em Marx, não é destinado ao fracasso, na medida em que permanece encarando as classes, e não as redes? O que estou dizendo é perigoso, uma arrogância, temos que estudar muito para chegar perto disto, mas é uma questão. Já tentei criticar aqui o conceito de *mais-valia*, como dependente de um só-depois no nível psíquico, e hoje pergunto se luta de classes é algo viável, eficaz. Bem ou mal, a URSS produziu um processo de luta de classes, que deu no que deu. A classe vira pelo avesso: a dominada, imediatamente, quando pode, passa a dominante. Estão aí Lula, Napoleão, Mao Tsé-tung e a revolução francesa, por exemplo, que não nos deixam mentir. A pessoa luta para derrubar o poder do outro, mas, no que lá chega, entra na mesma rede sem escala e não tem saída. Não porque seja mau-caráter ou vira-casaca, e sim porque é revirado pela situação e cai na mesma rede. É a transformação do Lula em Lula-lá. Era lá que ele ia chegar, pois não há outro lugar para ir.

Pierre Bourdieu é um sociólogo marxista, mas sabe pensar. O primeiro capítulo de seu livro escrito em 1989, *O Poder Simbólico* (São Paulo: Bertrand do Brasil, 3ª. ed, 2000, 316p.), é algo que psicanalista deveria ler. Se retirarmos o marxismo da coisa, há muito que aproveitar. Aliás, a sustentação maior dos autonomismos dos saberes de que falei no início foi encontrada nas elucubrações e determinações da chamada epistemologia, a qual, como parte da filosofia, torna-se o caga-regra universal das verdades dos saberes. Então, toda vez que tivermos uma vontade de epistemologia, devemos ter extremo cuidado. (Aqui entre nós já aconteceu explosão por causa disso. Falo em Gnômica e alguns pensam que quero fazer uma epistemologia, quando o que quero é dissolvê-la. Foi o caso do livro de Maria Luiza Furtado Kahl, *A Interpretação do Sonho de Freud* (Santa Maria: UFSM, 2000), em que não se entende aonde estou

indo e se fazem cobranças que não vou pagar, pois não prometi aquilo). É o que diz Bourdieu, em outro capítulo: “Nada há pior em certo sentido do que a epistemologia, logo que ela se transforma em tema de dissertação” – que é coisa da universidade – “ou substituto da pesquisa”.

O “poder simbólico” é algo que muito interessa à nossa aproximação das formações dominantes da mente no Secundário e na imitação de reificação do Primário. Para Bourdieu, p. 7-8, “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. É o que, da vez anterior, chamei *Alienação Prazerosa*, em todos os níveis. Não é que o colonizador esteja desalienado sabendo o que faz, ele apenas sabe o que está ganhando de benefício. Por que motivo? Deve ser porque Deus quis. Observem que quando o pessoal entra para igrejas evangélicas, Deus imediatamente dá carro, etc. Vocês aí não estão lá de bobos que são... Outro trecho de Bourdieu, p. 14: “Os sistemas simbólicos devem sua força ao fato de as relações de força que neles se exprimem só se manifestarem neles em forma irreconhecível de relações de sentido”, que ele sociologicamente chama de deslocação. As relações de sentido são irreconhecíveis quando, por exemplo, alguém se diz psicanalista e vai à missa de sétimo dia da morte da mãe do vizinho ou faz um congresso como esse de que falei. O que, do ponto de vista de missa, tem ele a ver com isso? O poder simbólico invade justamente quando se argumenta: “Isto é algo tão banal, por que criar caso?” A mulher já não é virgem, às vezes já teve filho, mas quer casar na igreja com véu e grinalda. Ou a bicha que quer chamar o padre para poder se casar, ao invés de fazê-lo num inferninho. Isto é a submissão radical à ordem da Colônia.

Continuando: “O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto, o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for *reconhecido*, quer dizer, ignorado como arbitrário”. Esta é a questão:

ignora-se que é uma arbitrariedade. Isto não é permitido na psicanálise: Não se esqueçam de que esta teoria que apresento é arbitrária. Se é reconhecida como tal, não o é como reificada – é mera ferramenta. Então, aposto em meu ato, em minha ação, e não na não-arbitrariedade do teorema. Isto, sem esquecer que qualquer enunciado rapidamente cai nesta situação, como é o caso do lacanismo, que já é uma seita religiosa, mais uma religião chamando as outras três carochas para ser ecumenicamente reconhecida por elas. Daqui a pouco, tem um Papa. Com isso, acaba-se com todo seu poder de cura. Imediatamente vira poder de conversão, ou seja, terapia. E, sendo terapia, qualquer coisa serve.

- P – *Se o colonizador faz parte da rede, como atacá-lo?*

Atacando a rede. É o que diz Albert-László Barabási, autor do artigo *Redes sem escala*, que citei (*Scientific American Brasil*, 13, junho 2003). A única eficácia contra uma rede dessas é massivamente atacarmos seus nós de dominação. Por isso, não se trata de atacar pessoas, e sim tentar dissolver os pólos. Isto é fazer este tipo de clínica de que estou falando: avacalhar com cada um dos pólos. Se não, seria o mesmo que querer matar o neurótico para acabar com a neurose.

- P – *Quando falamos em estatuto místico da psicanálise, temos que lembrar que os místicos são declarados hereges pelas religiões em que se incluem.*

E no mundo inteiro, quero supor. Mesmo em lugares não ocidentais, quando alguém se apresenta no ápice do misticismo, é herético. Isto porque é dissolvente. Se insistir nessa via, chegará à dissolução da ideologia de sustentação. Os outros, quando percebem alguém nesse processo, sabem muito bem com quem estão lidando, que ele destruirá a mamata e os fará perder a sinecura. Nada mais pragmático do que um místico. O problema é o confundirem com crendices. O místico zera as coisas e, portanto, tem uma grande eficácia. Enquanto os outros pensam aprisionados, ele vai onde quer. Sua disponibilidade vai crescendo e não há quem agüente. Aí, ele não ganha mais carro de Jesus...

25/JUN

29. O Triunfo do Estacionamento. Há mais de trinta anos que dou este espetáculo obscuro de pensar diante de vocês – não menos obscuro do que fazer strip-tease, masturbação em público ou sexo explícito. Mas tudo isso não tem chegado a grandes resultados, porque é, pior que é, o que há de normal. Freud afirmou o triunfo da religião. Lacan também, acrescentando que era de ser o daquela que ele chamou de verdadeira, a qual, de seu caso, é mais que religião, é mesmo a igreja católica apostólica romana. Enfim, o triunfo da estacionamento, o triunfo genérico da imbecilidade, aquela declinada por Nietzsche ou qualquer outra. É o triunfo do paletó e gravata, e nada menos também do que o triunfo da democracia, isto é, da imposição da maioria. Reparem que, a rigor, só existe democracia – ou, se não, ela não existe de modo algum, pois não existe qualquer outra formação de hegemonia. Nenhum poder se sustentaria sem o voto, digamos, a anuência, dessa maioria sempre tão estúpida como a ser capaz de situar no lugar supremo um tabaréu, um arigó, um mocorongo para nos (des)governar. Mesmo a psicanálise que se cuide, conforme já sugeri em *Arreligião* (2002). Impossível de democratizar, ela também acaba aprisionada por instituições democratizadas por algum tipo de voto. Mesmo o lacanismo já virou religião, ou melhor, igreja contra todos os votos de Lacan, embora possamos suspeitar da existência de certo fundamentalismo lacaniano.

30. Como disse semestre passado, está sempre em vigor o Princípio de Colonização, pois o que vigora por trás dele é o Princípio de Alienação. Quando falamos em alienação dá a impressão de que acreditamos que exista o Outro (*alien*). O destacamento deste princípio foi feito por Lacan na constituição, para a psicanálise, do Estádio do Espelho, de Henri Wallon. Aí é o momento em que funda seu outro. Ele fez a suposição de que a constituição de (seu) sujeito se dava na alienação à imagem de um outro diante do espelho. É daí que tira o princípio de alienação: a constituição de eu é a constituição pela imagem de um outro, pela pura e simples existência de um outro. O termo alienação, muito antes de Lacan, ficou marcado pela história da psiquiatria, pela dependência de outrem. Alienados, antigamente, eram os loucos. Lacan descobre que é todo

mundo, ou seja, que a loucura é ampla, geral e irrestrita, não existem senão loucos, com o que concordo plenamente. Já Machado de Assis, n' *O alienista*, tenta mostrar que poderia ser distribuída a loucura e trocados os lugares...

A alienação de que falo como princípio não depende do conceito de outro. Há tempo substituí o Outro pelo Mesmo. A alteridade só surge pelo fracionamento. Ou seja, é na consideração de formações restritas que entendemos que a outra formação é outra; é na diferença entre formações que fazemos a suposição da alteridade. Mas todas as formações são constituídas da mesma substância, portanto não há alteridade aí e a constituição de cada pessoa não é senão o acúmulo das relações entre as formações, que são todas da mesma constituição. A suposição de que o outro é outro já é suficiente loucura. Ao contrário de Lacan, Fernando Pessoa dizia: “Julgas que outro é outro. Não: somos iguais”. Não vou dizer “somos iguais”, e sim: somos o mesmo. E a psicanálise não só descobre como pratica o Princípio de Alienação em sua própria constituição como teoria e como prática psicanalíticas, tudo no mesmo lugar. Freud, por exemplo, começa a escutar os outros. Que interesse tinha em escutá-los? Ele era médico, bastava dar-lhes um remedinho – mas precisava escutar os outros para entender Freud, que era completamente pirado. Precisava escutar os outros para ver se, através do que os outros falavam, fazia uma concepção da loucura que o acoitava. Não existe psicanálise sem alguém procurar dar conta de sua loucura. A maioria das análises fracassa porque as pessoas pensam que os outros é que são malucos. Então, a psicanálise não vai a lugar algum. Se os outros são loucos, logo o que posso ser eu?

Freud, dada sua afetação particular, começa a se “alienar” – entre aspas, pois não estava procurando pelos outros, mas por si – naquilo que chamava de neuróticos. As histéricas, primeiro, e os obsessivos, depois. Basta ler os primórdios de sua obra para ver que estava, primeiro, entregue às histéricas, e, depois, há aqueles obsessivos de livro – do livro dele, naturalmente –, nos quais ele procura se entender. No que procura se entender, faz sua análise e produz aquela obra inteira quase que compulsória e compulsivamente. Então, a loucura desse rapaz, do ponto de vista de sua vocação histérica, não faz senão uma

forte vontade de ciência; e, do ponto de vista da vontade obsessiva, uma vontade de religião – não é por nada que se tomava por um novo Moisés, com tudo muito bem desenhado dentro do sintomão judeu em que ele foi fundado. Toda essa loucura é normal na vida de qualquer um. O importante é que Freud produziu sua análise. Quem produz a análise é o analisando, em função de sua alienação a outrem, em que pode suspeitar que haja indicações de sua própria loucura.

Lacan, com sintomática completamente diferente – notar que, do ponto de vista da geração das pessoas, ele é da geração seguinte, a dos filhos de Freud (e vocês verão adiante por que estou pulando os nomes intermediários) –, produz a mesma formação de análise, da dele, naturalmente. Sua loucura é um pouco mais forte e refinada do que a de Freud: ele é mais maluco e, ao mesmo tempo, mais sutil. Ele, que, quando começou, já estava para lá de histérico e obsessivo, se “aliena” às loucas, às mulheres loucas, às psicóticas, em que certamente tentava entender quem era Lacan. No que se aliena às loucas, encontra o Princípio de Alienação com mais clareza, embora o tenha fundamentado primeiro na psicologia de Wallon, no Estádio do Espelho, e formula todo seu pensamento sobre o fundamento do psiquismo, que, para ele, era paranóico. Inventa até a tal forclusão do Nome do Pai (dele). Vejam então que o Édipo como função neurótica, bem instalado no contexto judeu e reconhecível nas transas das futricas dos neuróticos – neurótico vive de futrica –, na mão de Lacan vira o Nome do Pai, essas loucuras transcendentais que a psicose propicia. Se Freud tem uma ficção neurótica, a obra de Lacan é um verdadeiro delírio psicótico. Isto confessado por ele e produzido no “feminino”. Claro, pois procurou isto nas loucas, e parece que nunca confiou nos loucos para dizerem o que pensavam ou sentiam – as loucas é que diziam as coisas. O importante é que, com essa loucura toda, ele produz sua análise e com bom resultado. Mais que em Freud, fica provado em Lacan que é possível ter sucesso onde o paranóico fracassa. Freud entendeu isto por tabela no livro de Schreber, pois quem ele era mesmo capaz de enfrentar eram os neuróticos. Lacan se confronta com as loucas e consegue ter sucesso onde elas sucumbiram. Se não, estaria em Saint-Anne – como sempre esteve, aliás, não se sabe bem de que lado...

31. Tiramos disso tudo uma lição fundamental para a psicanálise: **só faz psicanálise quem faz a psicanálise**. Se não produzirmos a psicanálise enquanto tal, se não formos pelo menos um colaborador nessa produção, não estaremos fazendo análise. E **só se faz Análise Efetiva do lado do analista**, e não do analisando, em cujo lado a Análise é Propedêutica. Ou seja, então, **analista é aquele que faz sua análise e faz a psicanálise**. Esta lei – “só faz psicanálise quem faz a psicanálise” – é cheia de gradientes, modalizações, pois é raro alguém produzir radicalmente, outra vez, a psicanálise. Tenho a impressão de que, tirando o delírio especial de Jung, parece que só Freud e Lacan conseguiram fazer a psicanálise radicalmente. Há muita gente boa no meio, mas não conseguiram, por sua análise, sair da alienação. A maioria dos analistas, embora esteja produzindo a análise, produz na alienação a algum grande produtor da análise. Do mesmo modo como se faz análise em alienação, que Freud chamou de transferência, só se produz a psicanálise nessa mesma alienação. Um ou outro é capaz, talvez, de se alienar tanto que extravasa e consegue radicalizar a produção cada vez mais fora da alienação a algum escopo. É possível, estudando a obra de gente como Melanie Klein, Winnicott, Bion, Ferenczi, talvez descobrir que fizeram isso. Eu não saberia dizer, pois nunca convivi longamente com suas idéias, mas acho que não fizeram. Quem fez uma radicalização foi Jung, mas abdicou da psicanálise. Talvez não tenha suportado a alienação àquelas pessoas presentes, como Freud, por exemplo, e tenha ido buscar em outra área, do mito, da religião, etc. Parece que não agüentou o confronto, mesmo porque era muita pressão judaica sobre um *goyin*. Na patota, todos eram judeus: eles se entendiam numa região sintomática que Jung devia achar muito esquisita.

Em diversos graus de alienação, do mais mezinho à extrapolação, se a pessoa não estiver tentando produzir a psicanálise junto com sua análise, de certa forma estará boicotando sua análise. Sempre fiz a exigência, embora não tenha conseguido que se realizasse, de que as pessoas não só façam sua análise como explicitem sua experiência através de produtos teóricos ou coisas parecidas. Quando se fala o que é a psicanálise, é o momento em que se está fazendo e explicitando sua análise. Por isso, em toda a história da psicanálise, a

produção do analista é esse falatório, essa falação. Se não disser o que está fazendo, não está fazendo, ninguém sabe o que está fazendo, nem ele. Não se pode ser um analista receptivo, há que ser um analista transmissor. É o caso de Lacan e Freud. Ambos fazendo um esforço enorme para entender seus lugares dentro dessa joça, e, no que propõem entender e fazer suas anotações, descobrem como é o troço, o qual é a loucura deles e que pode servir como base de alienação de muita gente. A vida inteira da psicanálise foi de pessoas tomarem carona na análise dos outros. Começou com a análise de Freud. Alguns fizeram acrescentamentos, desalienações e souberam dizer o que se passava de analítico como épura, ou seja, descrição de sua loucura, o que serviu para embarque de outros. O Princípio de Transferência é um Princípio de Alienação em cima da análise de alguém. As pessoas se reconhecem mais próximas das loucuras de Melanie Klein ou de Lacan, por exemplo, do que de outros: cada maluco tem sua configuração. Faz parte da transferência, da escolha do analista, a semelhança de loucura, o que não quer dizer que todos, quando escolhem, encontrem seu semelhante. Comete-se muito erro. Muitas vezes não se sabe qual é seu semelhante da época, coisa que é fundamental saber. Não havia nenhum analista mais assemelhável à loucura de sua época do que Lacan. Quem não foi procurá-lo, quebrou a cara: ele era o representante da loucura da hora.

32. Seja qual for o nível de produção da psicanálise, **não é possível realizar análise sem praticar a produção da análise.** O que não significa que a produção de níveis muito simplórios possa servir para terceiros como base de alienação. Às vezes, só serve para seu autor naquele momento. Do ponto de vista de minha produção de análise, em primeiro lugar, porque a história veio por aí, o de que se trata é da descoberta de Freud, em duplo genitivo: o que Freud descobriu e o que descobri de Freud. O que descobri em Freud como primeira alienação analítica desde o começo, e posso reafirmar, foi o outro lado da mente. É banal, ele chamava isso de Inconsciente. Hoje, digo que é o mesmo lado, mas ele apresentou como outro lado da mente e eu acreditei. Não só acreditei porque ele disse, como fiquei perplexo e comovido com o fato de

constatar que ele também tinha aquele outro lado de minha mente. Portanto, não sou maluco sozinho. A coisa mais interessante é descobrir que não se é maluco sozinho, pois quando você é maluco sozinho, está ferrado. Por isso, dizem que maluco fala sozinho. Ninguém consegue falar sozinho, mas o maluco não tem outro maluco colega. Aliás, todos passamos a vida inteira procurando um colega de loucura, pois, se não acharmos, estaremos perdidos. Então, quando achamos um maluco, ainda mais daquele tamanho, que tem um outro lado que nem eu, as coisas começam a ficar fáceis.

Freud descobriu esse outro lado apesar de estar mergulhado inteiramente nos sistemas culturais do Ocidente. Em sua obra, vemos como descreve a sintomática neurótica, e, na medida em que tenta resolver os problemas dos “colegas” – que são os neuróticos, como os de Lacan são os psicóticos –, ou seja, os dele, resolve pela descoberta do outro lado, da reversibilidade, mas desenhando a sintomática como se fosse um verdadeiro universal, como o Édipo, etc. No que o século XIX embutiu nele aquelas formações e ele as via repetidas em todos, do ponto de vista metodológico ele não podia supor que não fossem de todos, mas não foi estúpido como um psicólogo, que faria a descrição do Édipo, por exemplo, e ficaria nisso. Como descobre o outro lado funcionando como subversão daquela própria estrutura, ele pensa que o Édipo pode ser resolvido, mas o Édipo não pode ser resolvido pelo Édipo, só pelo Anti-Édipo. E mais, o Édipo é uma formação que estava ali disponível, e não um universal.

• P – *Mas ele também sugere no Mal-Estar que é possível suspender esse modo de produção sintomática, pois é contingente. Por exemplo, no trecho: “Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa”.*

Parece que ninguém escutou, pois ele não disse explicitamente. Indicou para burro não ver.

Freud, então, produz a idéia do outro lado, que é o mesmo – só é outro por causa da operação de Recalque que se deu –, como recalcado. Não abro mão disto, seja em relação à via de Lacan ou de qualquer outro. O Inconsciente

é da ordem do recalcado, pois, como já repeti diversas vezes, não é senão o excluído, seja qual for a forma da exclusão. Isto é, o Inconsciente é resultado de haver exclusão. Se não houver, perceberemos que tudo é o mesmo. Não é o material do Inconsciente que é outro em relação ao da consciência, é a exclusão que altera, pois, quando se tira da exclusão, tudo é um campo homogêneo. A bobagem é pensar que o que está na suposta consciência seja sabido por nós, quando é apenas um pedaço da ignorância. Portanto, é inconsciente. Digamos, pois, que o que é inconsciente é o que resta de qualquer ato de exclusão. Pode até ser um ato do próprio Haver. Se não há anti-matéria disponível, anti-matéria é o Inconsciente desse Haver em que estamos convivendo. Algo fez exclusão e os físicos não conseguem entender por que não encontramos anti-matéria.

33. Sempre peço que leiam os livros de François Jullien, pois ele didatiza bem a diferença entre *exclusão*, que funciona no regime da oposição, facilitando muito as operações de recalque, e *alternância*, que funciona no regime da polarização, a qual tampouco deixa de propiciar recalque, embora com menos facilidade. É engano pensar que, mesmo no regime da polarização, quando se muda de pólo, não se faça uma exclusão, ou uma separação que seja, momentânea. Se o lado chinês de composição de estratégias e manipulação política de guerra está baseado na alternância, nem por isso, como imposição educacional – códigos de honra, etc. –, a formação do homem chinês escapa dos procedimentos de recalque. Seria tolice pensar que isto fosse possível. Uma coisa é a metodologia chinesa de articular na polarização; outra, é a produção das pessoas, que, sem certa oposição, não se fundariam como pessoas. A relativização do recalcado, digamos, sua invocação para mais do que seu simples retorno espontâneo, é que se assemelha ao tratamento psicanalítico. O chinês tem a metodologia não só de esperar algum retorno do recalcado, mas também de invocá-lo. Esta pequena operação se parece com a operação psicanalítica de suscitar que seja explicitado o recalcado e, depois, trazido à mesma condição do não-recalcado. Jullien descreve a estratégia do sábio, e não do homem comum da China, que, este, é tão neurótico quanto o homem comum dos EUA. Existe um estilo chinês

de articular as estratégias de mundo em função do pensamento polar, ao passo que existe um estilo ocidental que é de pensamento oposicional. Vejam que o estruturalismo, por exemplo, é inteiramente ocidental. O talento de Lacan foi de entrar nele, mas com vocação chinesa, esgarçando-o ao colocar a equivocidade, *i.e.*, a polarização.

Além do que há no pensamento chinês, para nós, novamente, em psicanálise deve-se valorizar a disponibilidade de opção entre as próprias exclusão e alternância – que são os dois movimentos disponíveis da mente: ou bem se exclui, ou bem se inclui polarizando, pois não dá para misturar, viraria andrógino –, plenificando desse modo o funcionamento do Revirão. No final de seu livro *L'Ombre au Tableau: du Mal ou du Négatif* (Paris: Seuil, 2004), Jullien parece querer chegar a esse ponto, que chamo de segunda potência do binário, mas não chega. As opções práticas que apresenta são de uma tolice impressionante. Isto não porque seja tolo, e sim por não ter a ferramenta adequada. Então, o tal analista, quando existe, procede, primeiro, acolhendo ou provocando o retorno do recalcado; ou, segundo, forçando o arremedo do recalque. Pensamos usualmente que a função do analista seja só desrecalcar, mas se não forçar o analisando sendo recalcante em certos momentos, a análise não funcionará. Há que entender que é preciso usar os dois momentos. Assim, entende-se que o momento de exclusão não é necessariamente de recalque, como sabemos desde Freud. O analista, portanto, faz estes dois atos no interesse de reforçar a possibilidade do manejo cada vez mais fácil do Juízo Foraclusivo (*Urteilsverwerfung*). O que deve sobrar de uma análise é: tentativa de eliminação de recalque e produção de Juízo Foraclusivo. A pessoa faz análise para tomar juízo de que há o momento em que se exclui, e quando se exclui reconhecendo o excluído, isto não é recalque. Algo recalcado retorna à revelia, e não porque foi invocado, por isso retorna refazendo sintoma, mas se for invocado, ou retornado em análise e for acolhido e entendido, deixa de ser recalcado e passa a ser apenas volitivamente excluído, julgado pelo Juízo Foraclusivo.

A função da análise é produzir formações competentes para realizar esta operação, sem ser preciso chamar papai do céu ou Nome do Pai. Como

são formações que lá estão bloqueadas, congeladas, Freud pensou em ego, superego, etc., o que é uma complicação dos diabos e inteiramente desnecessária. Portanto, mexe-se naquilo de modo a produzir formações capazes de encarar as outras formações com essa disposição. É a mesma coisa que aprender a tocar um instrumento, praticar luta marcial, falar uma língua. Quando aprendemos uma língua, introduzimos uma formação capaz de traduzir as outras línguas e conversar com elas. Por isso, Freud dizia haver uma pedagogia, um aprendizado com a análise. O interesse é reforçar a possibilidade de manejo cada vez mais fácil do Juízo Foraclusivo, expressão geralmente traduzida por “julgamento de condenação”, o que é uma imbecilidade, superego puro. É, sim, na lógica freudiana, um juízo de ex-clusão, de fora-clusão, se quisermos. Sempre achamos umas pérolas na produção de Freud. Por exemplo, quando, no primeiro parágrafo do texto *Die Verdrängung*, de 1915, depois de falar em “Urteilsverwerfung (*Verurteilung*)”, considera o recalque “um estágio preliminar” do juízo foraclusivo – “eine Vorstufe der Verurteilung” –, coisa de que as pessoas se esquecem. Vejam que, às vezes, ele diz coisas importantíssimas numa frase e burro não entende, pois fica lendo a estorinha. Como ele dá uma frase conclusiva, temos que ficar nela, e não lendo o resto.

Já em *Die Verneinung*, de 1925, ele considera que “o juízo foraclusivo – *die Verurteilung* – é o substituto intelectual do recalque, seu *não* é um signo de marcação do recalque, um certificado de origem como *made in Germany*. Mediante o símbolo de negação, o pensamento se libera das restrições do recalque e se enriquece com conteúdos que não pode dispensar para suas operações”. Prestem atenção, pois o pensamento *não pode* dispensar esses conteúdos para realizar efetivamente suas operações, se não, não é pensamento, é burrice pura. No final do penúltimo parágrafo do mesmo texto, temos que “a operação da função de juízo” – qualquer função de juízo – “só se tornou possível com a criação do símbolo da negação” – algo banal, mas freqüentemente esquecido –, “que permitiu ao pensamento um primeiro grau de independência com relação ao sucesso do recalque e assim com relação à compulsão do princípio de prazer”. Portanto,

como nos salvamos? Pelo simples fato de negar. Ou seja, se não estamos sentindo, basta começar a dizer o contrário que isto já permite reviramento.

Lembradas essas coisas de Freud, temos que concluir que o recalque é a condição de instalação simbólica de um *não*, que não comparece de saída no Inconsciente. A condição de instalação do *não* é o recalque, pois o Inconsciente não exclui nada se o deixarem à vontade. Ele só passa a excluir por intervenção recalcante, ou seja, entende o *não*. O *não* se inventa no tapa, pois não há. Então, não há como começar do Juízo Foraclusivo, pois sua primeira fase é o recalque.

• P – *Isto não significa que, quando se prioriza o recalque, temos que partir dele e não do Mesmo. Pelo fato de não se começar do juízo foraclusivo, a filosofia leva muitos pensadores a partir do excluído para recompor o Mesmo. Quando pensamos, partimos do Mesmo para depois chegar ao recalque, mas como, na maioria das vezes, vêem primeiro na ordem dos acontecimentos o excluído, a operação do recalque, os pensadores partem do recalque em suas montagens explicativas.*

O que é inteiramente desnecessário, pois se não é possível fundar a negação numa Pessoa emergente sem começar pelo recalque, é perfeitamente possível *pensar* só no regime do juízo foraclusivo. Esta denúncia é fundamental, pois o que mais vemos é gente pensando em cima da necessidade permanente do recalque. Esta é a cabeça do neurótico, que faz filosofia assim.

Na clínica, é preciso entender que: a **alternância** entre pólos é um modo de utilização do *não* dito ao recalcante para acolhimento do recalcado; bem como a **exclusão** é um outro modo de utilização do *não* dito ao recalcado, quando de seu retorno, em favor do recalque. Aí estão os dois modos de articulação disponíveis para nossas possibilidades mentais. Digamos, o modo chinês ou oriental e o modo grego ou ocidental, se quisermos acompanhar François Jullien, que percebeu muito bem que só existem estes dois modos. Como sabem, ele brilhantemente junta muçulmanos e Índia no saco do Ocidente, pois é óbvio, já que lingüisticamente isso se chama indo-europeu. (Em certos momentos da cultura ocidental, várias pessoas brilhantes, artísticas, etc.,

querendo escapar da pressão ocidental, recorreram à Índia – que é a mesma joça. Basta vê-la no cinema para entender que é igual à América Latina, um lixo. A única diferença talvez é que as vacas das ruas daqui são motorizadas...) Donde podemos tirar que não é necessária mitologia alguma do Édipo ou do Nome do Pai para que se possa exercer, para toda e qualquer formação que surgir, estas duas funções do *não*, tanto na formatação de uma criança como na cura de qualquer pessoa em análise ou fora dela. Da próxima vez, falarei da Pessoa e das Formações do Haver.

34. • P – *Por que o Triunfo do Estacionamento?*

Lembram-se do que chamei Morfose Estacionária? Lacan tem um texto intitulado *O Triunfo da Religião*, que li em transcrição há décadas e foi lançado agora em português. Freud sempre disse que a religião iria vencer. Vocês realmente acham que dá para analisar essa gentinha toda? Se não dá para analisar direito nem quem quer, imaginem o resto?!

• P – *Você falou em exclusão e alternância e fiquei procurando, na formação das orações, qual seria a conjunção adequada. Nosso “ou” é complicado aí.*

O latim tem diferença entre alternância e exclusão – entre *vel* e *sive* –, mas é o mesmo *ou* nas línguas neo-latinas. Lacan tomou o *vel* para mostrar que: ou bem isto ou bem aquilo; e: isto ou aquilo.

• P – *Esta não é a idéia do próprio funcionamento do Inconsciente, que é e/e ou nem/nem por ter a suspensão não só do terceiro excluído como também do princípio de contradição?*

O *e* é cópula. Se fizéssemos cópula, faríamos o andrógino, o que não é possível. Podemos ser ora de tal sexo, ora de outro, mas nunca ser este *e* outro. Não temos a menor condição de lidar com as formações, as quais não são a plenitude do Inconsciente, sem aparecer exclusão e alternância.

• P – *Mas podemos, como na lógica paraconsistente, operar com sistemas que levam em conta a contradição.*

O que se consegue como resultado numa paraconsistência?

• P – *Conseguimos operar com ambos os lados, digamos assim.*

Conseguimos operar com a possibilidade da alternância de ambos os lados. Nem na paracompleta, que eu entenda, conseguimos operar com os dois. O que se consegue é driblar o esquema ocidental de Aristóteles. No que enfraquecemos o *não*, podemos pular e, por exemplo, do ponto de vista da física, dizer: onda e/ou partícula – mas se disser onda, é onda; se disser partícula, é partícula.

- P – *É o famoso quadrado redondo.*

Hoje, a televisão pode fazer um quadrado arredondar, voltar a ser quadrado, etc., mas quando está quadrado, não está redondo ou vice-versa. Então, entendo que paraconsistência e paracompletude permitem a oscilação, coisa que a lógica aristotélica não permite. Para esta, ou bem é isto ou bem é aquilo. Para a paraconsistente e a paracompleta é *ou isto ou aquilo / e isto e aquilo* na alternância. Dizer os dois ao mesmo tempo é o sonho de um Jacob Boehme, que vai bater em Noam Chomsky, o qual quer uma língua vertical. Seria uma maravilha, como em música escreve-se uma polifonia ou uma harmonia na vertical, vários sons se dizendo ao mesmo tempo, haver uma língua que, por exemplo, falasse pela boca e pelo nariz, cada um dizendo uma palavra ao mesmo tempo. Se houvesse a possibilidade de verticalizar a língua, ela seria plena como Chomsky supõe que seja. Isto porque a inveja de todas as performances de expressão é sempre a da música. É preciso entender música para ver as impossibilidades nas outras expressões. Uma vez escrevi um livrinho em que ia fazendo narrativas nos mais diferentes estilos para, no fim, tentar dizer com música, mas não se consegue matar a semântica. Fiz experiências de apresentar contos do livro na universidade, mas os alunos contavam uma estória. Aliás, conta-se estória até de música. Beethoven escreve a opus 27, n°. 2, e eles semantizam denominando “Sonata ao luar”.

- P – *O computador funciona segundo a lógica binária aristotélica.*

Mas vai desmunhecar em breve.

- P – *Ele já desmunheca o suficiente para mostrar que é meio esquisito. Toda vez que lançam um programa novo, temos que esperar para ver como vai funcionar, pois ninguém tem a menor idéia de como vai se comportar.*

Por isso, tenho certeza de que, um dia, aparecerá a IdioFormação aqui. Não por ter sido produzida por alguém, como pensam os tolos que será pela onipotência do engenheiro, mas começará a falar à revelia da produção. Isto porque está no Haver, do mesmo modo como aconteceu com o aparecimento da vida, do tal biológico, ou seja, foi hiperdeterminado.

35. Freud chama de recalque bem sucedido aquele que, muitas vezes, não consegue aparecer nem como sintoma. Não há retorno aí. Vocês certamente já encontraram no consultório verdadeiros animais irrecuperáveis, no sentido das espécies neo-etológicas, em que o recalcado não retorna nem sintomaticamente. São pessoas que ficam anos e anos em análise como uma pedra. A massa recalcante pode ser tão eficaz que não conseguimos fazer comparecer o recalcado. Custamos a acreditar que um recalque possa ter esta eficácia, mas futucamos de todos os lados e não retorna. Isto talvez por ineficácia do analista ou porque a situação não o permite fazer desrecalcar. Acho que a situação do chamado analista dentro da massa social é inteiramente limitada quanto à produção de desrecalque. Se ele não se afastar da zona dita profissional e se tornar mestre em algo, de modo a poder agir do jeito que lhe der na telha, pouco conseguirá. Lacan inventou essa facilidade para ele: era uma espécie de marginal na história da psicanálise, só depois tornou-se uma figura proeminente. Como não precisava da psicanálise para viver, o que retira uma porção de limitações e recalques, fazia umas loucuras que ajudavam a gente. Era capaz de dar um bofete em minha cara, se eu bobeasse. Vá fazer isto no consultório hoje! As análises de Freud foram todas fracassadas em parte porque era um judeu bem educado.

- P – *Todas as suas análises foram fracassadas, menos a dele.*

Se nos importássemos apenas com as próprias análises e quiséssemos que as dos outros se danassem, não acontecessem, as análises seriam ótimas, andariam para a frente. Freud conseguiu um pouco porque estava interessado na dele.

Se a psicanálise não se produz permanentemente, ou vira uma igreja anquilosada ou começa a sumir. A tendência é virar igreja depressinha, pois não

existe melhor formação para nos defendermos da análise do que repetir a teoria, a frase feita. Quando se está produzindo, mesmo na alienação, ou seja, alienado à análise de outro mas produzindo, sempre furamos alguma barreira. A maioria dos textos hoje é repetição de frase. Os “autores” nem sabem o que estão falando, repetem frases de outros. Então, a frase do outro, em vez de ser curativa, é um suporte de estacionamento. Não precisamos ter pena de neurótico, pois ele se sente muito bem. Quando precisa de escravidão, basta escravizá-lo e massacrá-lo. Ele se sente mal quando ninguém abusa dele. Se o deixarmos em paz, entra em tédio: “Se ninguém me escraviza, ninguém me ama”.

• P – *Em 2001, você distinguiu denegação de denegação projetiva dizendo que aquela é coadjuvante do princípio de Revirão. O modo de operação da máquina revirante é poder estancar e jogar para sim e não.*

Qual é o grande problema da produção de uma Pessoa no nível pedagógico da psicanálise? É possível? Tenho muita curiosidade em ver isto feito, mas teríamos que acompanhar algumas crianças do berço até a idade adulta. Suponho que seja possível estabelecer um nível de linguagem tal que, em vez de recalque, desde cedo a criança use juízo foraclusivo. Parece possível relativizar o próprio recalque para que ela aprenda logo a raciocinar assim. Minha impressão é de que se faz tudo para as crianças ficarem imbecis até tarde, de preferência por toda a vida. Bertrand Russell tem páginas brilhantes sobre isso quando considera sua formação. A criança não tem saída, não sabe falar, e há aquelas coisas da Melanie Klein, o peito da mãe, sei lá o que mais, portanto, vai tomar algumas porradas e recalcar. Mas se logo que a linguagem entra começarmos a fazer relativizações ajuizadas, o encaminhamento pode ser outro. Isto, não esquecendo que sempre haverá o perigo sério de a criança não perceber o que é um juízo foraclusivo e pensar que pode tudo no social.

13/AGO

36. Na base teórica que lhes apresento faltam, pelo menos, a **Teoria das Formações**, que resulta em **Teoria do Eu**; e a **Teoria do Conhecimento**,

que é a **Gnômica**. Desenvolverei estas partes para termos uma base quase completa da teoria.

Há anos, uso o termo e tenho falado a respeito de **Formações**. Precisamos entender o que elas são, como funcionam, como se aplicam nas diversas situações e como manejá-las. Tenho dito que o quer que haja comparece por formações. O Haver é uma formação total. O não-Haver não há, portanto, só pode ser pensado como formação no Princípio de Catoptria, e não enquanto tal. Se pensarmos o grau zero dessas formações, também podemos chamar de formação o Haver quando indiferente, na suposição de que ele possa se indiferenciar e se equalizar numa substância única ou coisa assim. Seria o grau zero da formação: tudo que acontece aí dentro são Formações do Haver, sendo que o Haver é, ele mesmo, a formação limite de todas as formações. Como formação limite, ele certamente funciona um pouco diferente das outras, pois se mostra em extrema ambigüidade no limite. As outras formações são, digamos, mais desenhadas. Do ponto de vista estritamente lógico, o próprio Haver como formação, se nada há para fora dele, é fechado em si mesmo, ou seja, é aberto em si mesmo, ou seja, é fechado em si mesmo..., ou seja, isso não tem saída – pelo menos, nada há para além dele. Donde o que podemos chamar de Recalque Originário, na medida em que esse movimento está trancado em sua própria Alei e não encontra externalidade.

Todas as formações têm, portanto, a constituição que, usando um termo antigo e referido a certas teorias já construídas, podemos chamar de *sistêmica*. Isto, com o sentido de entender que, toda vez que, eventualmente, de dentro da formação chamada Haver, conseguirmos destacar uma formação – o que quer dizer apenas recortar de maneira inteligente, pois se conseguíssemos destacar uma formação de dentro do Haver, ela deixaria de sê-lo: se o Haver é uma formação, todas as formações estão na dependência da existência de todas as outras, sendo, pois, impossível deslocar para fora dele uma formação (podemos, sim, dentro do Haver, mediante uma ferramenta que é outra formação de dentro do Haver, circunscrever algo que parece ser, a essa formação recortante, uma formação) –, qualquer uma, ela terá ou lutará por ter a mesma consistência do

Haver enquanto tal. É como uma espécie de ressonância. Esta, como sabem, é uma metáfora que sempre uso, por exemplo, quando digo que a ressonância do Recalque Originário vai bater nos recalques parciais. Assim, a resistência do Haver – o Haver resiste: não passa a não-Haver, jamais desmancha sua construtura (ele modifica e pode ser modificado internamente em suas sub-formações, mas como construtura parece que não tem começo nem fim, portanto, não tem externalidade e resiste a qualquer transformação em outra coisa que não-Haver) – ressoa no seio do Haver de tal maneira que toda e qualquer formação menor do que o Haver como formação é uma formação resistente: resiste a se deixar romper por qualquer externalidade, embora a essas formações existam externalidades.

- P – *Esta resistência seria o que se chama de sistema?*

Uso esta palavra, mas não é preciso. Chamamos de formações resistentes: o Haver resiste. Por isso, quando falo dos Sexos, digo que o Sexo Desistente não existe e que o Sexo Resistente, como base, é como o Haver é: Resistente. Ele pode se subdividir em comportamentos Consistentes e Inconsistentes, mas é Resistente, não se deixa exterminar. Ou seja, ao contrário do que diria Lacan, o Haver jamais abre mão de seu desejo, mesmo porque não tem poderes para fazer isto.

Faço questão de conduzir tudo para o máximo de abstração. Portanto, toda e qualquer formação – coloquem aí dentro o que quiserem, o que imaginarem, pois formações não são necessariamente coisas no sentido da linguagem vulgar ou mesmo da filosofia – vai rebater na teoria do conhecimento, que se chama **Gnômica**, para resultar em que, quando afirmo “o que quer que se diga é da ordem do conhecimento”, isto significa que o quer que se diga destacou alguma formação. Não podemos ter a ingenuidade de achar que destacaremos a formação desta “caneca” aqui em minha mão, por exemplo, como as epistemologias chegam a pensar ser possível. A formação chamada “caneca”, nome de uma coisa, escapa inteiramente, mas o que daqui se tirar é uma formação enquanto tal e dita como conhecimento. Há outras formações aqui desconhecidas, mas estas são conhecidas. Não é preciso a brincadeira de

fenômeno e noumeno, essa maluquice kantiana de achar que aí há algo por trás. Nada há por trás do reconhecimento de uma formação. O que há é ignorância, outras coisas que não foram ainda ditas ou conhecidas. Entender isto é fundamental para a teoria do conhecimento.

37. É importante termos claro o conceito de Formação, sobretudo para nós que lidamos diretamente com a formação chamada **IdioFormação** e sabemos que as ações humanas são feitas em torno e a partir dela. IdioFormações são formações que eventualmente existam no Haver e sejam co-movíveis por HiperDeterminação. Até considero o Haver enquanto tal co-movível por HiperDeterminação, só que ele pode apenas se transformar por dentro, pois não há fora, não há não-Haver no qual ele pudesse se transformar. Então, qualquer coisa, qualquer emergência que exista no Haver, que acaso seja uma formação, ela própria co-movível diretamente por HiperDeterminação, é o que chamo IdioFormação. Nela se replica a HiperDeterminação que há no Haver. Todas as outras formações são co-movíveis por HiperDeterminação, mas esta não está nelas, não é replicada nelas. É o fato de também serem co-movíveis que faz com que haja permanente transformação – é a ‘pantorréia’ (panta rei) de Heráclito. Então, estamos considerando o caso dessa coisa chamada *humano* como sendo uma IdioFormação, a qual, como vimos, é constituída de formações que são resistentes, mas é eventualmente co-movível por uma HiperDeterminação – e resiste mediante o que Freud chamava sobredeterminação: as sobredeterminações são propiciadoras de resistência e de aumento de resistência.

De um tempo para cá, do ponto de vista de uso da língua, de apropriação de certas idéias do campo do conhecimento e também para fazer uma diferença específica, achei facilitador usar o termo **Pessoa**. Para mim, **Pessoas são as IdioFormações do nosso caso**. Mas não podemos pensar que sejam um corpo humano; um indivíduo, do ponto de vista do recorte social; ou um sujeito, do ponto de vista da reflexão filosófica em vigor. Evidentemente, uma Pessoa tem que ter alguma corporeidade biológica, a qual é apenas uma de suas formações, que chamamos de Primário. É preciso entender que as categorias que utilizamos aqui

não são as utilizadas em outro campo. **Categoria** é uma palavra que significa simplesmente ‘afirmação’ (o verbo *kategorēin*, em grego, é: ‘afirmar’). Então, o que aqui se afirma não é o que se afirma ali. Não estou, portanto, falando de sujeito, indivíduo ou de ser humano, e sim de uma formação que chamo Pessoa, que é uma IdioFormação composta de seus elementos Primários, Secundários e do Originário que, este, é único. Isto é algo amplo, pois não podemos dizer que o Primário de uma Pessoa termine no limite de sua corporeidade, já que não podemos dizer que o próprio Primário termina nesse limite.

Como a estupidez humana é ilimitada, à medida que desenvolvemos as coisas, desenvolvemos a partir de precariedades extremas. Os pensamentos anteriores podem ser brilhantes, mas é preciso corrigi-los a toda hora. Por exemplo, pensar em termos de indivíduo já é estúpido por si. É como se pudéssemos recortar essa formação de dentro do Haver e deslocá-la até das injunções primárias que ela tem aí dentro. Começa-se a entender que não há indivíduo com a moda da ecologia, por exemplo.

- P – *Se toda Pessoa é uma IdioFormação, não é qualquer IdioFormação que é uma Pessoa.*

Se não pensarmos assim, teremos que fazer como os católicos e chamar a Deus, o Haver, de Pessoa. Quando pesquisamos a IdioFormação que é o Haver, em função das condições de sua constituição que é outra, talvez não encontremos a mesma configuração das Pessoas que somos nós. Ou se baixar um ET de outro lugar, talvez ele não pareça uma IdioFormação para estas Pessoas. **Limite, pois, o conceito de Pessoa a ser a IdioFormação de nosso caso** (nem digo de nossa espécie).

- P – *Ano passado, quando se perguntou se a Internet era uma Pessoa, você disse sim.*

Estava mal delimitado naquele momento. Ela não deixa de se configurar como Pessoa, pois é feita por pessoas, o que a faz incorporar uma configuração de Pessoa, ou seja, ela se contagia da pessoalidade daqueles que a constituem. Não existe uma Internet autônoma como robô. Por enquanto, ela é uma coisa de Pessoas. Quando inventamos robôs, levamos muitos cacoetes nossos para

eles. Isto é dispensável, pois podemos ter robôs a nosso serviço com configurações radicalmente diversas, mas nossas formações, por via secundária, contaminam sua produção. É interessante observar, por exemplo, na história dos objetos tecnológicos, o caso dos primeiros automóveis. Como não se sabia o que era um automóvel, eles imitaram carruagens ou trens. Hoje, já não imitam mais, e no futuro não se parecerão nem com o automóvel de hoje. A estupidez contamina a produção.

38. Algo que vejo ser difícil é nos afastarmos dos modelos a que estamos acostumados. Sobretudo o modelo básico da filosofia – a qual é a joça ocidental, mediterrânea, já que não há filosofia oriental – que, mesmo fingindo escapar dele, tem o cacoete do tal sujeito. Por mais limpeza que se faça nesta categoria, ela acaba invadindo o pensamento. Digamos que Lacan fez o esforço de manter a idéia de sujeito, portanto de manter-se no campo da filosofia, de onde, aliás, nunca saiu, e, ao mesmo tempo, de dar uma distorcida dizendo que Freud mostrou que ele é dividido por ter inconsciente; que é partido; ou que, na melhor das hipóteses, é representado de um significante para outro; é um intervalo, um vazio, etc. Entretanto, toda vez que o tal sujeito comparece em análise ou em outro lugar, é indexado pelo S_1 , o significante mestre, que é um enxame de constituintes. Ou seja, não é possível lidar com o sujeito, pois lidamos com sujeitos indexados, os quais e ego são a mesma coisa, embora Lacan faça diferença. Isto porque continua-se a pensar em sujeito, mesmo que se o fracione e se o represente de significante para significante, mantém-se a barra não só de divisão do sujeito, mas também entre sujeito e objeto, os quais, junto com os significantes que vão indexar, S_1 e S_2 , são as categorias que seguram suas formulações.

O importante é que, na concepção de sujeito (que não é a de indivíduo, o qual é a suposição de recorte para fora do Haver de algo que não é possível ser recortado) pela filosofia e em sua tomada por Lacan – lembrem-se de que, para mostrar como a máquina funciona, Freud não fala de sujeito, mas de Eu em sua tópica (Ich, Überich, Es) –, insiste-se, junto com o pensamento filosófico

do Ocidente, em que há sujeito e há objeto. Foi a partir desta insistência que Lacan nomeou suas categorias. É este o pensamento que habita nossa vida desde a primeira infância, e, do ponto de vista de escolaridade, desde a escola primária. Somos escolarizados em todos os campos do saber, principalmente no da língua, segundo a concepção de sujeito. Isto a ponto de o sujeito gramatical tomar conta de nossa existência: já não somos mais ninguém, apenas um sujeito gramatical. Nossa língua se constituiu assim por herança do latim, do grego, do mesmo lugar de onde a filosofia foi produzida. Como é essa a língua que uso, o sintoma me força a fazer a suposição de que digo “eu”, de que há objeto e outras pessoas, tu, ele, etc., e pior, de que há distinção entre sujeito e objeto. Isto está na língua, que se constitui assim. Mas a gente se constitui assim? As línguas existentes que não se realizam mediante a oposição sujeito/objeto, assim como a língua dos ETs ou mesmo a dos computadores, exigirão a divisão sujeito/objeto? Minha questão fundamental com a história da filosofia e da psicanálise tal como se deu ultimamente, sobretudo na mão de Lacan, continua sendo: quem é Eu? E não adianta virem com a gramatiquice de Jakobson – sujeito da enunciação, do enunciado, etc.

• P – *Quando se fala em enunciação, fala-se em algo que está por trás, que subjaz.*

Esse por trás, por dentro, por baixo, *subjectum*, é o que seria o miolo da gente, onde há um homenzinho que se exprime. Acaba sendo sempre o homúnculo dentro do homão. O Ocidente é infectado da idéia absurda de alma ou de agalma, por exemplo. Tudo faz parte dessa mesma configuração, com a qual estou implicando por não corresponder (mais) aos acontecimentos de mundo, que a dissolveram. Em seu tempo, Lacan chegou a entender essa dissolução como mera fração, como interstício, mas a coisa está se multiplicando demais. E no movimento de comunicação tecnológica dentro do que é a globalidade do mundo, precisamos sair do Mediterrâneo e da Europa. Coisa que não só está ficando visível como sendo abalada e dissolvida pela intervenção do mundo que não é isso. Portanto, é preciso entender de outra maneira. Sei que é difícil pensar assim. Não foi fácil também para mim.

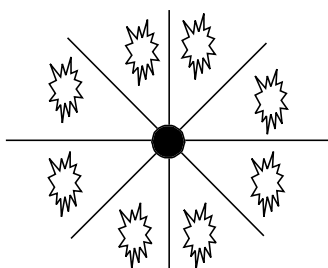
- P – *Schrödinger diz que essa questão nunca existiu. Embora as últimas questões científicas mostrem isso mais claramente, não foi porque se descobriu a mecânica quântica que se dissolveu a relação sujeito/objeto.*

Ela nunca houve. Era forçada por um modo de articular, que é o Mediterrâneo. Não é preciso nem falar de filosofia ou de monoteísmo, pois ficamos infectados por aquela joça ocorrida entre os rios Reno e Hindu. Pode-se manter a resistência dessa formação por muito tempo, só que esta resistência (não será, mas) já foi rompida, e continuamos a abordar com ela o mundo que está disponível. Lacan, em 1981, morreu junto com seus últimos estertores. Depois dele, lacanianos ainda repetem isso, que já não dá conta de nada, e escolas de filosofia ficam bostejando, pois não se vêem capazes de retomar a história da filosofia e transmitir não mais o questionamento dentro de filosofias, e sim o questionamento dessa história. É claro que filósofos de alto nível tentaram sair deste problema de diversas maneiras, mas acabam mais ou menos aprisionados no Ocidente.

39. Estou dizendo *não* tanto ao sujeito, com a herança que tem, quanto ao objeto, objeto *a* ou qualquer outro. Então, se digo “nem sujeito nem objeto”, estou falando, relativamente a quem faz a prolação de sujeito e objeto, que são as Pessoas, que elas são um imenso aglomerado de formações, e muito resistente, pois toda formação é resistente e tem característica da neurose, ou seja, quer ser estacionária. Não consegue, mas resiste o máximo que pode. Temos, pois, um aglomerado complexo de formações, que, dado o fato de serem formações, e portanto resistentes à sua própria transformação em qualquer outra coisa ou a qualquer invasão, tornam-se necessariamente **Pólos**, configurados como formação e como resistência. Como já lhes disse, as duas características de um Pólo são: **Foco e Franja**. Numa grande formação que seja um Pólo, temos certa zona focal, que é sua força maior, e a franja, que nem sabemos onde termina. Quando recortamos a formação, já estamos fazendo uma mutilação, pois não temos como saber onde acaba sua franja. E mais, no pólo, a focalização pode se deslocar e se desloca com frequência. Por exemplo,

na história do Ocidente, vemos aparentes transformações que são apenas um pequeno deslocamento do foco. Parecem uma revolução, mas a resistência continua a mesma. Tomem o livro *Il Gattopardo*, de Tomasi di Lampedusa, e vejam sua inteligência em mostrar que, para ficar no mesmo pólo, é só mudar um pouquinho o foco: todos caem na conversa e nada muda (“bisogna che tutto cambie, perché tutto rimanga com’ è”). Revolução e Garibaldi são a mesma tática, só mais para lá. Por isso, o movimento dito da história é tão devagar: faz-se um esforço enorme às vezes só para deslocar um pouco o foco.

O que tenho a criticar naqueles que trabalham com a teoria dos sistemas é pensarem de maneira individuante. Seja Ludwig von Bertalanffy, Niklas Luhmann ou Humberto Maturana, todos pensam em termos de fronteira. É quase um vício – que todos temos, aliás – de pensar com a teoria dos conjuntos. Então, o que qualifica o sistema, ou melhor, a formação, é o perímetro externo. Ou seja, formação com sua resistência terminam em seu limite de fronteira: o limite é externo. Podemos utilizar a teoria dos sistemas para pensar muita coisa, mas aqui não estou pensando em termos de fronteira, pois elas se demonstraram eliminadas. Hoje, há que pensar em termos de força e poderes. Se tenho um pólo com o foco situado, jamais saberei onde termina a franja. Pode ser que termine intrincada com outras franjas. Portanto, o que tenho para pensar são muitas formações:



É um aglomerado de formações, em que a formação maior encontra seus limites não numa fronteira, e sim no limite, no sentido matemático, que vai

para o infinito a partir de um foco de força. A teoria dos sistemas é um pensamento espacial, e mesmo que fosse em termos topológicos ainda seria euclidiano demais. O nosso é um pensamento em que as formações são campos de força, que se tornam pólos e em que podemos distinguir seu foco e elementos de sua franja, mas não ela toda. Se pensarmos com fronteiras, nada mais tem a ver conosco.

- P – *A idéia de sistema é equivalente à idéia de recalque?*

O recalque existe quando, mediante outra formação, recorta-se e só se considera aquela parte. Mas há o retorno do recalcado, o qual é a prova de que o recorte está errado.

- P – *O difícil não é pensar o jogo de forças das formações, mas pensar o Haver assim.*

É impossível. Por isso, recorro à topologia e digo que é um plano projetivo. Retomo o que, com outras intenções, já era dito pelos religiosos antigos e afirmo que o pólo está em toda parte e o foco em parte alguma. Onde apontarmos, será verdadeiro. Só conseguimos mais ou menos apreender um pólo pela descoberta de um foco e pela descrição aproximada da franja. Daí, ser uma loucura lidar com o psiquismo. Mas não só com ele, pois tudo é assim. Onde termina o limite desta caneca que está diante de mim? Aqui ou no sol que determina as forças de gravidade que a mantém sobre a mesa? Há um pedaço de sol nela? Sim. Se não, como estaria ela parada aí? Foi a estupidez humana de dois mil anos de focalização no Mediterrâneo que nos deixou com o vício de eu/objeto, mas isto não existe. Quem é Eu? É certa formação complexa, composta de inúmeras formações, que eventualmente se focaliza em tal situação. Se digo “eu e a caneca”, quem é Eu? Estou falando do quê? Só posso dizer que há algumas formações que com-sideram a caneca, mas com-siderar não é “eu considerando a caneca”, e sim os dois siderando juntos. Isto elimina indivíduo e sujeito. São formações em sideração com formações que resultam nessa contingência. Basta deformar qualquer formação que faça parte dessa suposição de transa que imediatamente a resultante se move. Podemos fazer todas as conjecturas a respeito da estrutura do psiquismo, mas se alguém enlouquecer ou bater a cabeça e fazer um coágulo, veremos muito bem como (não) fica a tal

estrutura. O mesmo acontece se deformarmos a formação que está em jogo com outra formação. Outra formação não é eu, mim ou pessoa: são formações aí dentro, e aí não estão todas as formações em jogo quando, no sentido lacaniano, proponho um objeto como tal. Quando proponho que tal coisa é um objeto meu, aquilo é um zilhão de formações. Então, temos tesão no quê? Naquilo que o objeto tem tesão em nós. Não é óbvio que quem tem tesão em nós é o objeto? O objeto tem tesão com as formações que estão aqui: elas se entendem.

- P – *A questão é: quem assedia quem?*

Lacan deixou claro que, para ele, agente é o objeto: o objeto é que nos assedia. Eu não diria isto, pois não separo sujeito ou objeto. Digo que formações entram em sideração e se assediam. O pensamento no mundo inteiro está agravado pela noção ocidental, donde vem culpa, imputação de pena, etc. É tudo forçado, é a injustiça absoluta. Não estou reclamando de justiça, pois não acredito nisso, mas é preciso saber que a consideração da ordem do mundo a partir das noções de sujeito e objeto e fazer juízos e imputações a partir daí é absoluta loucura e total injustiça.

A gata comeu o pinto, ou foi o pinto que comeu a gata? A gata comeu o pinto – cadê sujeito e objeto aí? A fome, positiva ou negativa, sempre vem junto com a vontade de comer, positiva ou negativa. É disto que se trata quanto ao assédio. Observem as metáforas do Ocidente: “os homens comem as mulheres”. Como o verbo *comer* pode ser metafórico, não se sabe quem come quem. Segundo a pressão ocidental de sujeito/objeto, quem é sujeito aí? Só pode ser o homem e a mulher é objeto – e Lacan ainda repetiu esta indecência. Confundem-se os poderes situados focalmente em determinado momento histórico com a estrutura da coisa. Por que, é verdade, as mulheres têm sido objeto? Porque os poderes focalizam o homem, mas, se prestarmos atenção, veremos que são uns babacas que elas manipulam com golpes de boceta. Ou seja, é uma farsa que nem realidade é.

- P – *Quando alguém usa uma droga alucinógena acaba o eu?*

Sim. O movimento sobre drogas feito da década de 1960 para cá é a tentativa de escapar da prisão ocidental, sem conseguir. Timothy Leary e William

Burroughs, já velhos, chegaram à conclusão de que era preciso tudo aquilo, mas sem a droga. Se não, não se escapa. Ou seja, descobriram a psicanálise – que na verdade não existe, pois tem sido essa joça ocidental dentro dos consultórios.

Mesmo o sujeito gramatical das línguas ocidentais (indo-européias), com seus objetos direto e indireto, pode ser alternado. Toda vez que dissermos Eu, é preciso lembrar que podemos eliminar esse termo. Por exemplo, se me fechar nesta sala e uma pessoa de fora me perguntar o que acho de determinada coisa, alguém me dirá o que acho, pois “eu” não posso achar nada. Como não sou uma formação inteira, e esta sala é minha cabeça, ao invés de dizer “eu acho”, o que posso responder é: “por aqui estão dizendo que...” Façam este exercício e verão que, se Eu é um conjunto enorme de formações, Eu e nada são a mesma coisa.

- P – *McLuhan, citando Ortega y Gasset, diz que, na língua japonesa, não se utiliza o eu, que utilizá-lo seria “injetar minha personalidade em meu vizinho”, seria imposição demais sobre o outro.*

Ele está lendo assim com fronteiras porque também é sistêmico. Não estaremos fazendo imposição alguma sobre outro, e sim sendo estúpidos de pensar que há eu aqui. O que temos são resistências de formações: a coisa está polarizada, focalizada e franjada. Aquele que chamo de outro tem também uma força central de focalização, mas, no meio, já não sei quem é eu e quem é outro. Onde, todas as confusões mentais quanto ao entendimento da mente. Se não focalizar o pólo, fico meio perdido. E não só com outra pessoa, pode ser com outra coisa. Vejam que as tentativas de estudo, científicas, artísticas, etc., de nossa situação no mundo acabam nesse lusco-fusco. A mente não é renascentista, mas a formação chamada ocidental está tão impregnada nesse pedaço do Haver que a resistência é fabulosa.

- P – *O pólo é sempre resistência?*

Todo pólo é um poder, portanto, é resistente. O que não sabemos é desenhar todo o pólo: percebemos com mais nitidez os focos, que são poderosíssimos. Nosso problema em análise é desfocar a pessoa que nos procura, e sugerir-lhe outros pólos.

- P – *A impressão que se tem é de que a desfocalização é a loucura, quando é justo a focalização.*

O que há de ruim na cultura ocidental não é ser essa loucura, e sim supor que ela é coincidente com a realidade.

- P – *Quando você utiliza a teoria dos conjuntos, identifica bem Consistência e Inconsistência. No que você está dizendo hoje, mesmo focalmente, por mais resistência que percebamos, a questão do limite está mais presente.*

Hoje podemos substituir o que disse sobre o Sexo Resistente, que é o Sexo que Há e que costuma se comportar de duas maneiras: existe um modo recortado sistêmico e existe um modo polar de fazer sexo. Substituíam Consistência por fronteira e Inconsistência por pólo que funciona. E isto nada tem a ver com macho e fêmea.

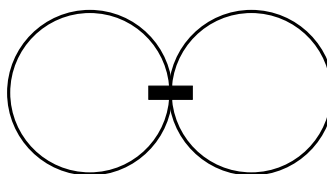
- P – *Não podemos pensar que o Consistente tem a ver com o foco e o Inconsistente com a franja?*

É outra metáfora, mas a consistência fálica de que falam os analistas é de recorte: homem que é homem não tem beiras. Podemos pensar o Sexo Consistente como uma tentativa de demarcação de fronteiras onde tudo acaba, e o Sexo Inconsistente como aquele que tem um foco, mas se espalha. Se quisermos harmonizar as coisas com esse raciocínio, serve.

40. O pensamento ocidental – a filosofia, sobretudo, apesar do esforço de alguns filósofos mais recentes –, não tem conseguido sair desse tipo de raciocínio. Vejam, por exemplo, o conceito de *conatus*, em Espinosa. Ao lermos seu texto, vemos que o deixa frouxo, mas os professorzinhos de faculdade de filosofia, que não são Espinosa, substancializam o *conatus* e o tornam sistêmico. Se temos uma série de formações, todas elas sistêmicas, constituindo o grande sistema, ainda que seja único como *Deus sive Natura*, Espinosa diz que só por agressão externa é possível haver transformação da resistência do *conatus*. Os professores então pensam algo que é pensável do ponto de vista sistêmico, que só outro sistema abalando este sistema gera a possibilidade de transformação. Isto está na teoria dos sistemas, de Bertalanffy; em Maturana,

quando fala da *autopoiesis* e liga a necessidade autopoietica com a irritação sofrida de uma formação biológica por outra ou pelo mundo externo; e em Luhmann, que também se mantém no limite de que, dentro do Haver, as formações irritam as formações e as transformações se dão por essa irritação. Eles terminam por aí. É pensável, sim, que todo sistema seja mutável mediante esse tipo de coisa, pois o sistema é fechado e tudo lá dentro irrita tudo. E já que uma coisa irrita outra, que irrita outra, e assim por diante, quando perguntamos onde, no limite, está o fora, eles dizem que não é preciso de fora, pois dentro tudo se irrita reciprocamente. A tese é, portanto: a irritação sempre vem de fora; não há fora do fora; e dentro do dentro, que é Deus, a irritação sempre vem de outra subformação.

No modelo que apresento, não existe fronteira para nenhuma formação; as formações são polares, focais e franjais; e mais, se uma formação irrita outra formação a ponto de haver transformação, mediante o quê, nestas formações, as transformações se dão? Esta é a pergunta que não fazem, nem mesmo Espinosa, suponho eu. Se temos duas formações, uma perturbando outra, essa perturbação vai, segundo a teoria dos sistemas e segundo o que é dito em Espinosa, transformar a outra por irritação, ou, dizendo maturanicamente, por autopoiesis produzida mediante irritação. Como pode isso ocorrer? Se são resistentes, alguma formação é mais irritante que outra? Como elas conseguem furar a resistência? Notem que não estou perguntando por que, e sim como. É por *interseção*. Tem que haver, nem que seja na franja, alguma **nota comum**, como se diz em música. Onde, as teorias democráticas contemporâneas do consenso. Onde fica o consenso na transformação diante do *conatus*? Eles não fazem estas perguntas. Em duas formações tangentes, se não houver um hífen, não há transformação:



Quando olhamos o sistema fechado, dizemos que não há nota comum, que as formações são estranhas uma à outra, mas há nota comum sempre, nem que seja, em última instância, o Vínculo Absoluto das IdioFormações. A dificuldade é encontrá-la. Chamo assim porque acho bonito quando, na música, passa-se de uma tonalidade a outra mediante a nota comum que pertence aos dois tons e se troca de tonalidade. Sem consenso, não há transformação. Consenso não significa que vou convencer o outro das minhas idéias, e sim que um vai achar no outro uma nota comum, nem que seja nas fímbrias da franja, para começar a transar. Portanto, se pensarmos em termos de nota comum, de consenso, escaparemos da irritabilidade interna puramente.

• P – *O que você está dizendo parece um cruzamento de Leibniz com Espinosa.*

Eles sempre transaram. Deleuze escreveu um livro sobre isto, *Spinoza et le problème de l'expression* (Paris: Minuit, 1968). Salto fora de Leibniz porque ele também é sistêmico.

Não vou dizer tanto para Espinosa porque ele é melhor, mas para os professores poderem entender que estamos requisitando um externo total como motor, precisam entender que só pensando assim consegue-se pensar uma nota comum dentro: o externo total propõe a nota comum da totalidade, que é o que chamei de Vínculo Absoluto para a IdioFormação. Isto, lá na totalidade, pois aqui embaixo são banalidades. Ou seja, não há transformação sem consenso. Não é possível a idéia de Jürgen Habermas de que conversamos, conversamos e faremos uma democracia, pois fica parecendo convencimento. Ao contrário, é preciso haver uma pesquisa enorme de pontos de identidade. E, entre humanos, esse ponto existe: é o Cais Absoluto.

• P – *Não entendo como Espinosa postula uma nota comum de base ao mesmo tempo que raciocina com a idéia de que a agressão vem de fora, não explicando igualmente como ocorre a transformação.*

Onde ele postula a nota comum de base?

• P – *Tudo que há é transformação de uma única e mesma coisa: a substância espinosista.*

A substância espinosista é meu *Chi*.

- P – *Mas como ele pode ter dito duas coisas que não encaixam?*

Encaixam. É preciso entender que ele não é estúpido, o professor é que o é.

- P – *Há nota comum, contudo a destruição é sempre uma agressão externa e ele não justifica como.*

Eu estou explicando Espinosa, que não conseguiu se explicar. Espinosa não funciona fora da psicanálise.

- P – *Mesmo porque ele teve o brilhantismo de dizer que o que constitui o vetor que mostra progressivamente a nota comum chama-se conatus como poder de afetar e ser afetado.*

Espinosa diz, mas não desenvolve a partir disto. Talvez tenha morrido cedo demais. Há tempo, falei do *Chi* e da substância única, mas só hoje estou mostrando como funciona.

- P – *Para Espinosa não existe a externalidade absoluta.*

Para mim, existe a externalidade absoluta na conjectura do não-Haver como Princípio de Catoptria, mas mesmo Espinosa, quando coloca que a substância é a mesma sempre, já deu um princípio de equalização, ou seja, de homogeneização da substância que compõe as formações, os *conatus*. Então, se há polêmica e separação, uma formação só consegue externamente invadir a outra mediante a referência à substância que é homogênea. Se não fizer esta referência, não há como, a guerra será eterna e nada se transforma em nada. Os professores, que pensam sistemicamente, dizem que basta um irritar outro que eles acabam por se transformar. Maturana tomou isto em biologia, no laboratório, e explicou com essa simplicidade. É de onde sai a teoria dos sistemas, de Luhmann. Como, no nível do biológico, a irritação já é suficiente homogeneização, ele pensa que o Haver é todo assim. No nível do biológico, basta ficar esfregando o dedo na pele que se cria um consenso, mas ele não pensou em termos de criação de consenso, e sim de que a irritação me faz ficar nervoso, faço uns tremiliques e me transformo. Isto não é possível, pois, no biótico, a irritação já é por si procura de consenso. O espermatozóide não entra no óvulo se este não se abrir: há um consenso ali.

- P – *Há acoplamento?*

Acoplamento estrutural é: consenso. É a fome com a vontade de comer, é um ter tesão no outro. Tenho tesão no objeto porque ele tem tesão em mim. Como teria tesão no objeto se ele não tivesse tesão em mim? Não é possível.

Vejam que o que estou trazendo não faz sentido algum se raciocinarmos nossas produções, nossas formações em termos gregos. Aliás, nem Freud faz sentido em termos gregos. Suas metáforas eram as gregas, pois ele, um judeuzinho mal-educado, não sabia como fazer, colocava literatura e dizia que não era bem aquilo.

- P – *Não há um nível de última instância em que isso é indecidível? Ou seja, a indecidibilidade é que geraria esse tipo de posição.*

Não é que seja indecidível, e sim que, em alguma região, a **indiferença** comparece. Se, em alguma posição focal, estou lutando com você, não há condição de indiferenciação. A tese de Habermas é que se conversar longamente com você, em algum lugar acharei um consenso, ou seja, em algum lugar lá na franja posso começar a me acoplar com você. Isto porque me é e a você indiferente que seja isto ou aquilo. Surge o Mesmo, ou, dito em termos lacanianos, o Outro desaparece porque surge o Mesmo através do qual vou invadindo o “Outro”. Estou pedindo que, quanto ao indecidível, raciocinemos em termos de Indiferença. Se temos duas formações totalmente diferentes e lá na franja há uma nota comum, ali há indiferença entre as formações. E no que surge a indiferença, a cura é possível. Logo, quando partimos da diferença, podemos exercer separação entre evento e escolha, mas ela não se oferece espontaneamente.

- P – *A nota comum é conservadora das formações que estão em jogo?*

Sim e não, depende de como funcionar.

- P – *Em Espinosa é necessariamente conservadora.*

Procure direito que verá que nem em Espinosa isto funciona. Se temos várias formações com muitas formações comuns, isto é conservador, mas apenas no seio da diferença. Precisamos lembrar que, como na teoria da informação, o que efetivamente comunica é o ruído, mas se não tivermos

consenso, ou seja, se não tivermos *comum-nicação*, não há nem como absorver o ruído. Não existe incomensurabilidade radical. Em última instância, tudo é comensurável ou posso conjecturar como comensurável.

41. Não entenderemos o que chamo de Eu, Pessoa, IdioFormação do nosso caso – pois só estamos lidando com *nóis* aqui –, se partirmos de eu-indivíduo ou eu-sujeito. Isto porque, sem nenhum egoísmo ou individualismo, do ponto de vista da resistência da formação Eu, no que reconheço que ela é polar, portanto focal e franjal, posso dizer que **Eu é tudo**. Por exemplo, aplicando ao campo do Urbanismo, é possível dizer: **a Cidade sou Eu** – que, aliás, é o título de uma tese de doutoramento a ser defendida por alguém daqui de nosso grupo. Diante de um mapa ou fotografia tirada de um satélite, dizemos que a cidade é aquilo, mas é apenas um retrato, um desenho que fizeram. O que tenho Eu a ver com isso? Quando procuro onde Eu estou, Eu e a habitação são a mesma coisa. Não adianta dizerem que em tal lugar há um edifício, pois edifício, montanha, árvore são a mesma droga, fazem parte de Eu. Eu me constituo como a Cidade que estou atravessando e essas coisas são acidentes geográficos, nada tenho a ver com elas. O fato de terem sido construídas é um problema de quem construiu, aquilo constitui outrem. Posso, por necessidade, ser empurrado a entrar num edifício em que nunca entrei e descobrir que tem a ver comigo, ou seja, que a cidade que constituo como tal passou a incluir aquilo, mas os outros não me interessam, só me interessa o que é Eu: só interessa a Eu o que é Eu. Dirão que estou sendo egoísta, mas isto nada tem a ver com ego. Acontece que tudo se articula sobre esse monstro que é Eu. Uma vez perguntaram a uma pessoa conhecida qual teria sido, segundo ela, a data mais importante da história. Ele respondeu com sua data de nascimento. Sem esta data, o que tem Eu a ver com essa droga? O cristianismo, sobre o sujeito grego, inventa o tal indivíduo, que tem que pagar todas as contas, ir para o céu, para o inferno e permanecer aprisionado numa caixa de eudade individualista. Entretanto, se ele exercer isto, será egoísta.

- P – *Mas não é preciso ter compaixão?*

Não existe quem não tenha compaixão. Ela pode ser mais franjal, mais focal, mais longe, mas sempre existe em algum lugar. Foi daí que saiu a besteira kantiana de que o homem tem uma lei moral, que, diante do outro sofrendo, ele fica... Mas o que tem a ver fundarmos uma lei moral nas tripas de Kant? As vísceras de Kant sentem coisas e isto funda a lei moral do mundo? Espero ter avançado um pouquinho mais.

- P – *Se a nota comum está fundada na Indiferença, ela também pode ser lida como homogeneidade?*

Falei em nota comum como metáfora, pois o que interessa é a **Indiferença**. A Indiferenciação é que é capaz de produzir transformações. Na clínica, escutamos um analisando e achamos uma barbaridade vê-lo trancado numa jaula de sentido. Ele vai falando e damos um empurrãozinho aqui, outro ali para ver se abre alguma coisa, ou seja, ver se alguns toques nossos coincidem com receptividade dele, o que significa que ele tem que ter tesão no tesão que você tem nele. Aí abre uma portinha, entramos, vamos derrubando a diferença, esbarramos de novo... Mas não derrubamos a diferença por enfrentá-la. Às vezes, apoiados em outras indiferenças que se estabeleceram, guerreamos para ver se ela cai, mas, de preferência, há que procurar onde há consenso, pois aí o analisando perde as estribeiras. É socrático mostrar-lhe que, se ele coincide conosco aqui, por que não ali?

- P – *Se dizemos que o campo é homogêneo, podemos também dizer que o campo é transferencial?*

Só há transferência porque há vinculação possível. Baseado em quê o analisando produz junto com você a transferência? Em algum acordo. Ele pode ter achado seu cabelo bonito, então é preciso aproveitar, pois é por ali que há brecha. O campo é homogêneo porque não há outro lado. A requisição que se faz de um fora é por um mecanismo interno de catoptria, mas damos de cara com o Recalque Originário. Só há transferência, qualquer uma, por indiferenciações, consenso. E não é só com gente, qualquer bicho, qualquer célula pode fazer transferência com outra.

20/AGO

42. A teoria geral dos sistemas de Ludwig von Bertalanffy é fundamental, para o entendimento do que estou apresentando. No entanto, é, digamos, menor do que a teoria dos sistemas, de Niklas Luhmann, que inclui o conceito de autopoiesis, de Humberto Maturana. E as duas juntas ficam menores do que nossa proposta, pois esta inclui a HiperDeterminação. A teoria dos sistemas foi bastante aplicada em relação à teoria da comunicação, à cibernética, etc., depois entrou em certo “esquecimento”, as pessoas a utilizavam, mas não se falava mais em Bertalanffy. O conceito de *sistema* é velho, não foi ele quem o criou, está na medicina, na engenharia, em vários campos. O que fez foi organizá-lo num livro intitulado *Teoria Geral dos Sistemas*, publicado em português na década de 1960. Portanto, tomem conhecimento disso e de Maturana – sobretudo, seu livro mais genérico, escrito com Francisco Varela e lançado originalmente em 1987, *A Árvore do Conhecimento* (Campinas: Editorial Psy, 1995) – para entenderem o que estou trazendo com o nome de Formações, o que, neste sentido, é um salto da psicanálise.

43. Temos que entender que o Haver é homogêneo. Em alguma região de nossa abordagem, em última instância, é uma articulação que não pode ser outra em lugar algum. Entretanto, essa articulação organiza formações e formações de formações, que são cada vez mais fechadas. Por isso, a diferença aparece como heterogeneidade, mas não o é. É, sim, fechamento das formações: elas são trancadas, um *lock*. Então, mesmo que a base seja homogênea, aquilo se articulou. Ou seja, o Haver é um só, mas como se fractaliza, espedaça-se sabe-se lá como, as formações se configuram em seus modos de arrumação, na quantidade de elementos, etc., e ficam densas e fechadas em sua articulação. Tomemos um exemplo da física: a existência das partículas subatômicas. Na série estequiogenética, montada por Dimitri Mendeleiev na década de 1930 e que se pretende completa, os elementos são diferentes uns dos outros, mas quando os pesquisadores se deram conta das partículas subatômicas, a coisa ficou mais dissoluta, pois aqueles mesmos elementos que se fecham em formações diferenciadas se mostraram

constituídos da mesma coisa que os outros. E agora, depois de invadirem a intimidade das partículas, está-se chegando à conclusão de que há a subpartícula da subpartícula. Então, se tomarmos a teoria das cordas como razoável, teremos uma quantidade pequena de branas, ou sei lá do quê, que são cordas de violino, as quais seriam as mesmas para qualquer região do Haver. É preciso, portanto, entender que quando as coisas se agrupam, elas se constituem formalmente – por isso, chamo de formações –, o que faz a diferença, é pregnante, reacionário e reativo. O mais importante de um sistema é que quando ele consegue ser, não quer mais deixar de ser. Se, em termos chineses, imaginarmos que o Haver é constituído de *Chi*, de coisa neutra, e que isso pode se particularizar, no sentido de partícula, e se acoplar, começar a fazer caroco, formas, entenderemos que o Haver é homogêneo, constituído desse troço que é neutro. O grande mistério dos cientistas é saber como um zilhão de partículas neutras ao se separarem, se configuram. Então, do nada as coisas são feitas. Nada é tudo, ou seja, é a mesma substância que faz qualquer coisa, só que indiferente. Quando ela se diferencia, quer dizer, se separa, quando há amarração e fechamento, aquilo parece uma diferença exorbitante, mas não o é.

• P – *A diferença, em última análise, seria uma ilusão, uma configuração que dá a sensação de diferença?*

Não há ilusão alguma, é algo absolutamente concreto. E não é sensação, pois fica diferente sim. Não vamos cair nas brebas do orientalismo de que tudo é ilusão, pois as aparências não enganam, só enganam os trouxas. Prestem atenção nelas que (não estão dizendo tudo, mas) estão dizendo algo. Então, quando algo se diferencia dentro da indiferença, é muito duro, é diferença concreta, reacionária e resistente. É a tal resistência de Freud.

• P – *Basta um transplante de qualquer coisa que não seja de seu tecido próprio para ver isto.*

O tecido é reacionário. Há que inventar drogas para convencê-lo a deixar de ser tolo e conversar com o outro.

• P – *Parece que já é possível usar células da própria pele, e não apenas as embrionárias, para produzir células tronco. Neste caso, qualquer célula pode ser qualquer outra.*

Pode retroncalizar-se. Quando a físico-química ou a químico-física conseguir tomar qualquer elemento e trazê-lo à categoria de brana, por exemplo, faremos toda alquimia no laboratório. Esses que, recentemente, conseguiram tirar tronco da pele mandaram o Papa às favas. A entrada do século XXI é por aí: ao invés de transformar embrião em célula tronco, da célula tronco faz-se o embrião que quisermos. É entender que nasce a diferença dentro da homogeneidade – ela espontaneamente explode e se separa, não vem de fora – e, quando nasce, isso já se chama Formação do Haver: é o Haver como formação, dentro do qual as formações se diferenciam e se tornam caretas e conservadoras. Vejam, pois, que a coisa se modaliza assim: a modalização é o aparecimento de formações, que são formações e são formações de formações. Há, no Haver, uma política de interesses da resistência contra o *Chi*, contra a indiferença. Todo interesse é um interesse resistente, é resistência de alguma formação.

44. Na história do pensamento, o conceito de **Pessoa** surgiu com mais resultado na filosofia de Emmanuel Mounier (1905-1950), foi incorporado pelos católicos e é radicalmente diferente do que estou trazendo. No pensamento cristão, é um conceito abrangente, incluindo a pessoa divina: Deus como pessoa. Em 1995, introduzi o termo IdioFormação, para afastá-lo do conceito de humano – que não é o de Pessoa – e extrapolar inclusive o Primário biótico. Este termo nos serve ainda, mas como é uma palavra grande e específica para usarmos a todo momento e em todo caso, ano passado rerepresentei o conceito de Pessoa. Como venho falando mais ou menos indiferenciadamente em IdioFormação e Pessoa, ficou entendido, com razão, que eram a mesma coisa. Isto a ponto de eu dizer que, se o Haver é uma IdioFormação, pode ser chamado de uma Pessoa. Da vez anterior, resolvi reduzir o conceito para uma função didática e pragmática, ou seja, para manejo. Então, deixemos IdioFormação no genérico e, para uso fácil, chamemos Pessoa as IdioFormações que conhecemos aqui, essas de base carbono que freqüentamos.

• P – *Quando você especifica o caso de uma IdioFormação, é com base no Primário?*

Sim. O que entra de informação no Secundário, proveniente do Primário, será operado secundariamente. O Secundário supostamente é igual em qualquer lugar. Seus conteúdos certamente serão diferentes, mas a estrutura é a mesma, é o mesmo Secundário, seja num computador ou em nós. No caso do Primário, não, pois não sabemos se o Primário de outras IdioFormações será diferente.

• P – *O Secundário é o mesmo porque é Linguagem?*

No sentido mais genérico que pudermos pensar, sim. A substância – detesto estes termos da filosofia – do Secundário é a mesma em qualquer lugar. A substância mínima do Primário também, pois se digo que o campo é homogêneo, então, enquanto modo de articulação, tudo é a mesma coisa em qualquer lugar. Mas os Primários são formações duras (no sentido *hard*) e o Secundário tem formações bem mais *soft*. Não parece, pois quando lidamos com neurose, burrice, esse tipo de coisa, aquilo parece de pedra. As formações secundárias são tão formações quanto quaisquer outras, mas são substancialmente mais macias. Sua força, digamos, de polarização é mais mole.

Vejam, então, que, por uma questão didática e pragmática, para nosso uso chamo de Pessoa essa coisa que chamamos gente. Se, no futuro, encontrarmos uns ETs e conversarmos com eles achando que são pessoas legais, aí chamaremos de Pessoa também. Por enquanto, para facilitar, já que não conhecemos nenhuma IdioFormação fora da nossa patota, as IdioFormações somos nós e vamos chamá-las de Pessoa.

• P – *Qual a diferença entre Eu e IdioFormação?*

Eu é equivalente a IdioFormação. Qualquer IdioFormação pode eventualmente dizer Eu, seja em que modo for. Eventualmente, pois não é obrigada a esta imbecilidade resistente.

• P – *Porque supõe uma auto-referência?*

É preciso pensar numa auto-referência, pois se as formações são resistentes, reativas e reacionárias, isto significa que são auto-referentes. Não gosto deste termo, mas encontro a idéia de auto-referência, por exemplo, no sistema de Luhmann, referido a Maturana. Não acredito que exista nada do que chamam de *auto-não-sei-o-quê*, pois vem da idéia de sujeito substancial. O

que existe e que tratarei daqui a pouco é *auto-expressão*. Maturana acha que uma célula biológica como sistema – ou seja, em nossa linguagem, como formação – se diferencia e mantém sua resistência estrutural porque faz referência à sua própria constituição. Isto é tão bobo quanto a idéia do sujeito que é consciente de si mesmo. Já usei didaticamente, em 2000, esta ilusão de consciência para falar do quarto vértice do Tetraedro, que é a intervenção da HiperDeterminação como possibilidade no seio das formações. Mas isto não é consciência de si, e sim presença à própria presença: é consciência de consciência. Não sei quem é “de si”. Não existe uma formação que se refere a si mesma.

- P – *Uma Pessoa não se refere à rede à qual se conecta?*

Dentro dessa rede, formações se referem a formações, por isso sempre fica uma espécie de buraco. Uma formação pode se referir a outra, pode eventualmente se referir a outra formação que se refere a ela, o que dá para completar um pouco mais. Se, por exemplo, acredito que você me vê, posso ter uma noção mais clara do que tem do lado de cá, mas isto não é “auto”. Quando começo a “falar de mim”, são algumas formações falando de outras. Não existe mim ou si mesmo. Como disse antes, basta alguém que está se chamando de si mesmo levar uma paulada na cabeça, fazer um coágulo no cérebro que acabará o si mesmo na hora. E, porque já não havia, acaba a suposta evidência de que havia.

45. As filosofias em geral – não digo todas, pois recentemente algumas se esforçam para fazê-lo – não incluem os conceitos de **Paranóia** e **Alucinação**. Isto é grave, pois compromete definitivamente o pensamento delas. Imaginem Heidegger incluindo a paranóia como conceito em sua filosofia. Ele se atiraria do último andar do edifício mais alto da língua alemã. Vejam que não dá para conversarmos de igual para igual, pois a filosofia simplesmente não entende que há paranóia e que há alucinação. Os filósofos sempre pensam que estão pensando mesmo. Lacan estruturou toda sua vida e obra sobre a noção de psicose em geral, mas de paranóia em particular. Isto porque o modo de operação mental é paranóide. É preciso entender que paranóia não é algo que só alguns

têm. Alguns têm psicose paranóica, mas paranóia é modo de conhecer. Não sabemos se Salvador Dalí roubou de Lacan ou vice-versa, pois naquela suruba surrealista há o nascimento do que um chamava *paranoïa critique*, e outro de *connaissance paranoïaque*. Qual é o fundamento de haver paranóia? Haver existência. Dei um salto muito grande ao dizer assim? Uma formação tem condições de conversar francamente com outra? Não! Tradução não existe. Não há condição de conversar francamente, portanto há desconfiança intrínseca nas formações em relação às outras. Paranóia é isto.

- P – *Mesmo quando as formações se articulam há intrinsecamente paranóia?*

O tempo todo. Qual é, politicamente ou em termos de estratégia de guerra, o melhor argumento para dismantelar a formação inimiga? É contar com a paranóia entre eles, inimigos, e apostar nela. Técnica brilhante de gente como Napoleão e Alexandre. É impossível haver amor perfeito ou transa sincera e honesta entre as pessoas. Franqueza, é mentira. Estamos sempre paranóicos em relação ao outro, pois há sempre um não-saber em jogo. Lacan chamou *connaissance paranoïaque* porque o próprio conhecimento só se constitui a partir dessa paranóia de base.

As filosofias, todas elas, se desenvolveram paranoicamente e têm o defeito grave de não incluir os conceitos de paranóia e alucinação. Aquilo é às vezes uma paranóia deslavada, delirante. Basta lermos um filósofo com atenção para vemos que é mais ou menos paranóico como todos. O conceito de alucinação é fundamental no nascimento da psicanálise. A grande sacada de Freud foi perceber que o bebê alucina e que alucinamos as coisas. Alucinamos sempre, e não só de vez em quando. Ele adscreeveu a produção imagética do sonho à pura alucinação: a repetição da alucinação que ele descobriu é pelo sonho. Por isso, o sonho é tão vívido. Quando temos sonhos muito vivos, muito nítidos, é a alucinação maior, da boa.

- P – *Ele dizia que era alucinação do desejo.*

Não há outra. Alucinamos aquilo que é requerido pelas formações.

- P – *O sonho se avessa?*

Não só se avessa como costuma avessar a nossa mentira.

- P – *Temos ainda como avessar este avessamento?*

Sim. Basta ver alguém, no consultório, contando o sonho e mentindo de novo. Ou seja, avessando o que o sonho disse para não descobrirmos o que quer dizer. Ele tem um movimento pulsional em jogo – chamado desejo – que está bloqueado de algum modo, aí sonha, levanta a censura, alucina e vê. Lá tem tudo que quer. A alucinação, às vezes, é tão forte que chega ao corpo, como é o caso evidente de um macho que acorda porque gozou dormindo por causa do sonho. A coisa chega a furar, sacudir, suscitar e excitar as formações do Primário. Se ele, ao acordar, fica tão chocado porque transou com a mãe enquanto dormia, avessará de novo e dirá: “Não era minha mãe”. Diante disso é que Freud inventa o conceito de Denegação. É quando alguém avessa o avessado do sonho que está denegando, pois viu clara e alucinatoriamente e está mentindo. Vejam, pois, que a suspensão da censura produziu o sonho e o retorno da censura propiciou a denegação.

Portanto, jamais conseguiremos meter na cabeça dos filósofos o não-Haver como causa e como destino do Haver. O não-Haver é uma alucinação, e se não há este conceito na filosofia, como o aceitariam? Embora possamos achar que haja brecha para outras coisas em Espinosa, por exemplo, ele próprio e seus leitores filosóficos não podem conceber que haja a série desejante que vai alucinar o não-Haver, determiná-lo e tornar-se causa dele. Isto porque, na imanência não alucinatória do Haver, basta que uma formação implique com outra, ou seja, que uma force outra a se movimentar, para resolver o problema da filosofia. O Haver para eles não alucina. Não há alucinação, pois acreditam que o que estão pensando é mesmo. A psicanálise jamais pode acreditar nisto, pois o que ela está pensando é apenas um modo de pensar. Eles acreditam que estão pensando quando, para a psicanálise, estão narcisicamente se enganando. A rigor, segundo a psicanálise, só há pensamento quando se reconhece esta enganação e se requisita a indiferença no não-Haver. E quando se pensa não se tem mais nada a dizer. Quando calculamos e articulamos, temos muito a dizer, mas quando pensamos, desistimos.

- P – *Auto-referência só existe como auto-engano: cogito cartesiano.*

Conte isto para os filósofos, que o cogito é o narcisismo de Descartes.

- P – *Mas Descartes foi um dos que levaram em consideração a alucinação.*

Levar em consideração que há alucinação, da qual tem que fugir contra o demônio maligno, não é o mesmo que incluir a alucinação como conceito.

O não-Haver é A alucinação do Haver. Haver deseja não-Haver mediante seu (do Haver) desejo informado pelo Princípio de Catoptria. Ou seja, o movimento pulsional é informado – ou enformado – pelo Princípio de Catoptria. Portanto, pensar com os conceitos de Alucinação e Paranóia é radicalmente diferente do que as filosofias podem fazer. Deleuze, por exemplo, anda por ali, toma a esquizofrenia como modelo, mas isto para fugir de Lacan, pois a paranóia já tinha dono. O conceito de alucinação é repetido por Freud em diversos lugares. Cito uma frase de carta sua a Jung: “Essa idéia nascida do interior foi projetada no exterior, ela retorna como uma realidade percebida contra a qual” – igual ao que comentei sobre o sonho – “o recalque pode atualmente ser exercido de novo como oposição”. A idéia nascer no interior é maneira de dizer que a idéia está na cabeça do alucinado, que a projeta para fora, ela retorna e ele toma aquilo como percepção, como uma realidade percebida. Percebida essa realidade, ele pode, outra vez, exercer o recalque sobre aquilo porque tem aparência de realidade. Vejam que é uma coisa louca: nasce aqui, projeta para lá e recalca porque percebeu a projeção que foi produzida no lado de cá. Taí outra relação de paranóia.

- P – *Retomando o que você dizia sobre as aparências não enganarem, teremos que entender que toda apreensão de realidade é uma edição cerebral ou mental.*

Num detalhe do que você disse, voltamos a Aristóteles.

- P – *O problema da alucinação é dizer que alguém está alucinando e depois não está, pois estaria vendo a realidade tal como é.*

Não existe a realidade tal como é. É aonde quero conduzir: **a alucinação faz parte do conhecimento**. Fazer parte significa que é um dos ingredientes, e não o que o constitui. Quando digo “as aparências não enganam” e “qualquer

coisa que se diga é da ordem do conhecimento” quero dizer que o que quer que seja editado e publicado com ou sem alucinação, paranóia, etc., está falando de algo que há. Nós nos confundimos quando alguém fala de algo que há e queremos que este algo de que esteja falando seja o de cá, mas é o de lá. Temos que ver cada vez mais exatamente do que está sendo falado. As pessoas supõem que as aparências enganam por não se restringirem ao entendimento do que está sendo dito no lugar em que está sendo dito e quererem que seja outra coisa. Se colocar isto que está aqui na frente de meu olho e pintar um quadro, dirão que pintei uma caneca. Não pintei caneca alguma, pintei o que meu olho viu. Este é o problema dos artistas, pois olho não vê caneca, não sabe o que é isto. Se virá-la de cabeça para baixo posso pensar que é um pires, já não sei mais o que é. É como se houvesse as coisas em si, alguém em si do lado de cá, o qual tem representações... Isto é cacoete ou desconhecimento do passado.

• P – *A discussão sobre a questão do signo se deu em torno desse problema. Lacan dá ênfase ao significante para escapar do mecanismo de supor que temos uma equivalência entre a linguagem do lado de cá e o objeto no lado de lá.*

E tem! Não entre pensamento e objeto, mas sim entre o que se vê e o que foi visto. Há equivalência entre as formações, portanto, há identidade. O que não cabe é pensarmos que a identidade é entre objeto e conhecimento.

46. Vamos agora à **Gnômica**. Há pouco, mencionei Aristóteles com respeito a como ele se perguntava como percebemos o mundo visualmente. Este foi um problema no Renascimento quando alguns repetiram Aristóteles na produção da perspectiva linear. Ele achava que enxergamos porque saía um raio visual do olho à ia até a coisa. Foi ridicularizado, pois descobriu-se que há a luz que ilumina o tal do objeto, que do lado do cá há o olho com sua retina e que os raios luminosos é que produzem a visão. Sim, mas o olho não está olhando nada? O olho não olha? Lacan, como quem não quer nada, reintroduziu isto com a noção de *quiasma* na relação visual, que aliás é algo de Merleau-Ponty. Hoje, posso chamar o raio visual de **raio de olhar**: o olhar faz um raio daqui para lá. Temos

também o que chamo **raio de vista**. Quando eles coincidem, esta aparência não engana e há perfeita correspondência entre o visto e o olhado, a qual não é aquilo que o outro está vendo ou olhando, ou aquilo que chamam de objeto. Se conseguir distinguir exatamente o que está sendo visto porque olhado, será um conhecimento preciso daquilo que está sendo visto e olhado. Só porque alguém olhou para lá, queremos que ele veja o objeto? Ele estará vendo o que vê.

Portanto, para entrar no pensamento a respeito do conhecimento, nisto que chamo Gnômica, é preciso entender que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento, pois em qualquer transa entre formações, sobretudo no nível da percepção, elas estão dizendo exatamente o que é. É você quem, talvez, esteja pedindo para dizerem o que não disseram. Se aplico um conhecimento sobre outro, não posso dizer que é uma ilusão, ou que está errado, mas apenas que não é o caso de eu conseguir ver o que está sendo aí visto. Não há sujeito em jogo, e sim transa de formações. Tiremos o olho e coloquemos uma máquina fotográfica, composta por lentes de modo a poder focalizar, e com um filme sensível às emanções luminosas de algo que não é ela. Onde está aquilo que a fotografia desenhou? Aqui ou lá? Ela é um retrato perfeito do que fotografou? Sim, um retrato absolutamente perfeito do que fotografou, mas não do que quero que veja. Ela fotografou o que fotografou. Tenho que saber disto quando digo, por exemplo, que um retrato não se parece comigo, pois ela não *me* fotografou: fotografou o que fotografou. Foi o que Brigitte Bardot ouviu de Picasso quando, espantada diante do seu retrato pintado por ele, o chamou de velho doido: Você é que é burra, pois quer que o que pinte fique parecido com você. Fica parecido com o que estou vendo. E agora você é alguém porque eu disse o que estou vendo. Não há representação alguma aí, a pintura foi a coisa vista. O que o retrato dela teria a ver com a Brigitte com que as pessoas sonham?

Temos que tomar toda e qualquer dica como verdadeira. Pensar assim é difícil, pois é como viver em estado de astronauta: acabar com a arquitetura tectônica e saber que não há chão o tempo todo. As pessoas costumam pensar com mais chão do que isto. Acontece que o século XXI está acabando com o

tal chão, nunca se sabe onde temos os pés. Não dá para pensar mais com Nome do Pai segurando o barbantinho da bola de soprar: se soltarmos, ela vai. Lacan foi o último bastião do barbantinho. E temos que lembrar, do ponto de vista da movimentação possível do mental, se quiserem, ou talvez do Haver por inteiro, que, na transa entre formações, ainda há, faz parte, o avesso do supostamente concebido. Se estamos diante das formações e somos seres capazes de Revirão, então, nas franjas dessa focalização, está todo o avesso da situação exposta, que podemos levar em consideração. Por que é dia? Porque há noite – e há noite aqui e agora de dia. Não é uma questão de significante e de linguagem, e sim uma questão intrínseca do Haver. Outra coisa, amar é uma das formas de odiar. Fernando Pessoa dizia: “Não me amem porque não gosto”.

• P – *Você já trabalhava isto antes quando partiu o signo em três: Significante/significado/ Gnomo. Do modo como está colocando agora, teríamos que colocar um quarto termo: o avessamento do processo inteiro.*

Faz parte, pois os Revirões, os avessos, por questão de recalque ou juízo forclusivo, se incluem ocultamente nos pólos. Posso não considerá-lo, mas todo e qualquer pólo inclui seu avesso.

47. Por isso, ao invés de falar em aparência, fenômeno ou noumeno, prefiro retornar à idéia de **Expressão**. Deleuze a destaca, sobretudo em Espinosa e Leibniz. Toda formação *exprime* sua composição. A formação em si mesma está ali. Não há ela *e* sua expressão, ela *é* sua expressão. Quando digo que exprime sua composição, já estou dizendo mal, pois a expressão é conjunto, composição das formações. Por isso, o que aqui se exprime coincide com o que lá se exprime. Está aí o conhecimento: o que de lá se exprime encontra coincidência com o que aqui se exprime. A expressão é do Haver em qualquer formação. Toda e qualquer formação (se) exprime. **Conhecimento é, pois, essa transa de encontro entre expressões.**

• P – *Voltando à sua proposição de que a resistência é o fundamento da paranóia, uma expressão é necessariamente resistência?*

Sim.

- P – *Como toda formação é expressão e a expressão é resistência, então o que resiste é a expressão?*

Ela se mantém, se sustenta.

- P – *É quando a paranóia aparece?*

A paranóia é constitutiva da relação de incompreensão entre as expressões.

- P – *Se uma expressão resiste, tende, portanto, a considerar-se excluindo o que não é ela.*

Isto é o que pensam ser auto-referência, mas é auto-expressão. Tiremos o “auto”, é: expressão. A paranóia é consequência desse desencontro. O conhecimento é paranóico porque, quando monto uma expressão, uma grande expressão de conhecimento, ela se desencontra eventualmente de outras expressões. Pronto!, nasceu a desconfiança, a qual é a base da paranóia. Só se confia no que se conhece. Por que, quando alguém produz uma teoria, muitos embarcam e facilmente começa a paranóia, o xingamento? Por causa dessa besteira. Por isso, quando digo que estou produzindo esta teoria, entendam que é só uma teoria, uma ferramenta, não enlouqueçam. Infelizmente, é sempre *too late*, não adianta avisar.

- P – *A paranóia é o estranhamento entre as formações?*

É mais do que isto, pois quando estamos em estranhamento, não concebemos nada ainda do lado de lá. É um desencontro: vemos o outro e achamos que vai nos bater, pois está dizendo que não existimos. Participei de uma mesa redonda no Centro Cultural Banco do Brasil, junto com João Silvério Trevisan (11 set 1992), na qual eu disse que, a rigor, a homossexualidade não existe. Trevisan, então perguntou: “Eu não existo?” Observem que, nesse momento, ele não era homossexual, era *a* homossexualidade.

Exprimir, em latim, é o mesmo que espremer. O verbo é *exprimo*, *expremis*, *exprimere*, *expressi*, *expressum*. Quando esprememos algo, aquilo se exprime: as coisas premem para fora. Vejam, então, as consequências que tem (não este pensamento, mas) o que corresponde na expressão do mundo ao que este pensamento exprime. Ele está se espremendo pela pressão que o

mundo faz. Discutem-se, por exemplo, coisas como globalização, mas não se entendeu ainda que estamos apenas no desabrochar do processo, pois vai ficar muito pior. Falo pior, para os assustados; para mim, é ótimo. A globalização ainda não começou direito, está ensaiando. Ela é a consideração das formações, como disse antes, sem chão. Se retirarmos o chão, elas irão a qualquer lugar. Um Estado nacional é algo com muito chão, só que este chão está sendo comido pelo processo atual de dissolução das formações territoriais. Em linguagem de Deleuze, está se desterritorializando o Estado. Percebemos hoje uma luta de desestabilização dos Estados nacionais para constituição dos Estados multinacionais de índole empresarial, os quais estão em vários lugares. Cada um deles é uma formação isolada, resistente e é um Estado, só que não tem território fixo e ainda não constituiu seu exército. Os Estados nacionais ainda estão constituídos com poderes de pressão suficientes, mas, dada a dissolução dos poderes ao redor – ou seja, dado que apagou-se a diferença entre polícia e bandido, entre o deputado e a de-putada (o pessoal do Casseta & Planeta perguntou a uma prostituta se ela era deputada e ela respondeu que não, pois era uma trabalhadora de respeito), etc. –, as multinacionais poderão vir a ter seus exércitos. E quando tiverem, acabou o Estado nacional.

Quero, então, sugerir que, para além até dos Estados multinacionais, comecemos a pensar os **Estados Disseminais**, que estão começando a nascer. São Estados, como as multinacionais, que existem em rede por todo planeta e com outras definições neo-etológicas. Multinacional é definição neo-etológica, mas definições neo-etológicas que não as que estiveram em exercício até agora começam a se coalescer em futuros Estados: Estados religiosos – que não é como o Irã, por exemplo, um Estado ligado à religião, e sim a religião espalhada pelo mundo constituir um Estado –, Estados ideológicos, Estados sexuais, etc. Observem que, em nível de mercado, a rede homo está se constituindo como potência multinacional.

- P – *O arquiteto Rem Koolhaas propôs uma divisão assim ao coordenar um conjunto de artigos de vários autores intitulado The New World: 30 Spaces for the 21st Century (Wired, junho 2003, p. 115-169).*

Como vêm essas associações não vão nascer, já existem e vão se reforçar. No sentido de Alain Badiou, são contas-por-um regionais – não no sentido geográfico, mas de rede – que podem evoluir para sociedades, as quais são contas-por-um em geral, e estas para Estados, que são a reiteração totalizante da conta-por-um. Então, certamente daqui mais um século o planeta estará desfigurado. E mais, cada um poderá ser comprovadamente cidadão de diversos Estados que comportam suas formações. Estados estes que, para existir, necessariamente estarão em algum tipo de guerra, nem que seja fria. Hegel tem razão quando diz que a paz não constitui nada, a guerra sim. Paz, aliás, só no não-Haver, que não há. *Si vis pacem, para bellum* (Se queres a paz, prepara a guerra).

27/AGO

48. Continuamos no entendimento da Pessoa e nas considerações sobre o Conhecimento. Quando tratamos de Foco e Franja em qualquer situação, em qualquer concepção de Formações, é preciso – quanto a termos dito que o campo é homogêneo e que o Haver, em sua instância de neutralidade, é constituído do Mesmo – lembrar sempre que há o foco, a franja enorme do foco em cada pólo e também o Fundo. Quando há pólo e há franja, estamos no regime das Formações do Haver, portanto no lugar em que as diferenças comparecem, mas o fundo comum, se quiserem um termo ruim, a substância comum de tudo isso é o Neutro, o Nada, como chamei no Esquema Delta, em 1986. Tudo é feito de Nada, o que pode parecer inócuo, mas é muito importante, pois a concepção é monista, pensa-se a homogeneidade do campo e que as coisas passam de uma situação para outra. Não há dualidade alguma entre espírito e matéria: é a mesma coisa sempre, comparecendo como formações diferentes. O surgimento das diferenças e a força de coesão, portanto, de resistência das formações, depois que se coalescem faz pensar que a diferença é radical e que há uma fronteira intransponível entre elas. A lida com as diferenças nos faz

imaginar que a diferença seja irreduzível e até incorruptível, mas não é. Atualmente, aparecem na física e na cosmologia idéias de um campo homogêneo, em que, por adensamento em certas regiões, começa a surgir matéria por densidade da própria massa escura, como chamam. Esta metáfora também nos serve. O hábito de pensar em termos de oposição, diferença radical, fronteiras definitivas, etc., tem impedido que entendamos melhor o que chamo de Pessoa e o que posso pensar como Conhecimento. É preciso abandonar isso tudo, pois tem nos atrapalhado muito.

Como sabem, pessoa, em latim, é *persona*, ‘máscara’. Em francês, é melhor ainda, deu no termo *personne*, que também quer dizer ‘ninguém’. Qualquer Pessoa, no percurso de seu cotidiano, de sua história, acaba por se meter num certo cenário, onde comparece como certo personagem. Estranhamos mesmo quando a vemos num outro cenário e, às vezes, se comportando de maneira diferente da de onde a conhecemos. Dado que a vida de cada um acaba por fortificar certo personagem, pensamos que as pessoas são aquilo que estão representando naquele momento, o que não é verdade. Pode ser até que, grande parte do dia, passem a representar o papel que lhes foi empurrado no meio social, mas sabem muito bem que não são aquilo. Qualquer adulto atento percebe que, em sua malhauice interior, os personagens são muitos. Isto, às vezes de época para época ou de situação para situação. Supondo que o corpo biológico permaneça mais ou menos o mesmo pela vida, a Pessoa não é a mesma. Não há estranheza alguma em falar de dupla ou tripla personalidade, pois é o que todos têm. Este fenômeno da emergência de outras personalidades se deve simplesmente a uma mudança de foco. Prestem atenção em suas análises e na quantidade de personagens que vocês escondem dos outros para funcionar no meio social como se espera que funcionem segundo o *script*, o roteiro que foi vencedor na luta pela vida, o qual é reiteradamente falso.

A literatura tem falado disto desde sempre. Ninguém foi melhor do que Fernando Pessoa, que se esforçou para descobrir em suas formações verdadeiros pólos diferenciáveis, cada um com história, rosto, comportamento e estilo próprios. Ele foi capaz de fazer esse percurso e trazer à tona as outras

possibilidades (não que ele poderia ser, mas) que *ele era*, que estavam em uso em sua existência. Ao lidarmos com as pessoas, se descobrimos o lugar ou a situação que podemos clicar para deixarem que apareça a outra personalidade, veremos como é fácil fazê-la aparecer. Isto é importante para, mesmo com relação aos conceitos de personalidade da psicologia, acabarmos com essa besteira e saber que são *personas* sobrepostas ou adjacentes com focalização em algum lugar. No trabalho de Fernando Pessoa, vemos que ele olha para os outros e quer poder ser aquilo, transportar-se para esse outro lugar, mesmo porque deve ser mais divertido. E ele nota que, com jeitinho, é possível.

As amarras fundamentais das pessoas estão em suas relações de espaço físico, de espaço geométrico, no sentido euclidiano, de seus engajamentos com outras pessoas, com seus familiares, seus amigos, sua profissão. O sujeito, então, fica todo desenhado de fora, mas se pudermos fazer um deslocamento, ele, de repente, muda completamente, coisa que suponho ser uma das possibilidades de cura. Antigamente, quando alguém estava em crise, os médicos aconselhavam uma viagem, um pequeno deslocamento, mas se o deslocarmos radicalmente de geografia, de família, de amigos, etc., ele, mesmo mantendo alguns sintomas básicos, se mostrará com possibilidade de outra construção de personagem. A repetição sintomática é que nos dá a impressão de a coisa ser mais dura. Em crianças, isto é mais simples, mesmo porque, no que brincam, sempre brincam de ser outra coisa e conseguem bastante bem. Uma porção de doenças encontradas nas pessoas é doença de grupo, de freqüentação de família. Do ponto de vista antropológico, sabemos que algumas tribos mais ou menos primitivas têm o hábito de deslocar as crianças. Quando a organização social é meio familiar – com pai, mãe, filho, irmão, como em Samoa, por exemplo –, se a criança está com problema, tem o direito de ir embora para a casa de quem quiser e será recebida, pois é uma obrigação recebê-la. Em outras tribos, as crianças moram separadas da tal família, ou seja, é um deslocamento que modifica a situação.

49. A mesma postura é aplicável à idéia de **Conhecimento**, portanto à idéia dos saberes e suas anotações. Pelo menos por enquanto, sinto os entendimentos do que seja uma Pessoa e do que seja Conhecimento como mais ou menos imbricados. Isto porque a Pessoa é constituída também de seus saberes, que são precários e mudam com o tempo.

Lembrávamos outro dia da formação: Significante / significado / Gnomo. É claro que escrevi isto apenas motivado pela velha postura lacaniana do significante da lingüística, etc., que pode ser abandonada, mas também podemos pensar com essa ferramenta, não faz mal, desde que não aprisionados ao bobajal lingüístico e psicanalítico anterior. Como já disse, ao falar em S / s / G, não falo de qualquer referente indicável, conforme está no pensamento de Ogden & Richards. Se não entendermos isto, nunca entenderemos o que chamo de conhecimento. Em sua lingüística, Ogden & Richards reconhecem, sei lá como, que existe uma caneca – por exemplo, esta que tenho na mão –, a qual é o referente. Não sei o que é caneca para eles, que explicam, explicam, mas não entendemos. É uma coisa, um objeto, o quê? Como, para eles, está situado o referente? Eles o situam porque apontam a caneca, a qual tem um nome – chama-se ‘caneca’ –, um significado na língua – é isso assim-assim –, que podemos meter no dicionário. A crítica que fazem a eles é pertinente, pois, se formos à filosofia, teremos percepção, fenômeno, noumeno, etc., e acabou-se o referente. Então, estão falando do que mesmo quando falam do tal referente? Ao contrário, Lacan, com sua herança saussureana, fala apenas do que se passa no seio da língua, do significante com seu significado – o que também dá com os burros n’água com muita facilidade.

Foi nesse escopo, talvez desnecessário, pois não é preciso pensar por aí, que coloquei a idéia de que o que acaba significando para nós está no regime de um significado, com seu Significante e com seu Gnomo, três coisas que estão amarradas. Vamos definir de modo mais aberto possível o que chamo **Significante**: um sinal – com qualquer sentido que queiramos dar a esta palavra – que marca, no sentido de dar nome, o significado e o Gnomo. É qualquer marquinha, seja lingüística ou não, que fizermos sobre a coisa dizendo: “isto

aqui designa tal significado e tal Gnomo”. Já **significado** é o que se diz de um Gnomo, e dizer não é necessariamente verbal. Se juntarmos tudo que se possa arrolar para tentar ser o significado de um Gnomo, chamo de significado. Ou seja, é o que está explicitando o Gnomo que foi apreendido e que marcamos com um selo, com um troço qualquer que é seu nome. Então, quando digo ‘mesa’, estou me referindo a um significado, que pode ser enorme, de certo Gnomo, o qual não é o referente. Posso dizer que isso aqui à minha frente é uma mesa, mas não estou falando de objeto ou de coisa alguma, e sim de um Gnomo. **Gnomo** é, portanto, o conjunto das formações que estão consideradas pelo significado. Observem que, se não fizer esta definição circular, cairei num buraco. Como não somos filósofos e, muito menos, kantianos, sabemos que, sem a circularidade, a coisa se infinitiza.

- P – *Esta relação é arbitrária, tal como definiu Saussure?*

Arbitrariedade do quê? Do significante ou do signo? No sentido de Saussure, o signo é arbitrário, mas um fato é arbitrário? Quando diz que o signo lingüístico é arbitrário, Saussure é da patota ocidental: supõe que há um sujeito que, como autor, arbitrariamente nomeou.

- P – *Ele diz que é algo da ordem da decisão, que ele chama de imotivado.*

Não acredito que possamos colocar absolutamente nada imotivado na face do planeta. Não sabermos as motivações, é outra estória. Se dissermos que o signo pode ser eventualmente contingente, aleatório ou um acontecimento, fica melhor.

- P – *Então, o determinismo é realmente radical.*

O determinismo é radical, inclusive o HiperDeterminismo que suspende a determinação e a joga para o alto.

- P – *O que move a heterogeneidade é a homogeneidade. A HiperDeterminação tem a ver com esse fundo homogêneo?*

A HiperDeterminação invoca o fundo para deslocar tudo. A própria diferença, ou seja, as formações do Haver, acaba sendo comovida pelo fundo neutro.

- P – *Mas a diferença não surge quando as formações se coalescem?*

Acontece que elas se movem, acabam sendo co-movidas pela indiferença do fundo.

- P – *O arbitrário, em Saussure, não fica parecendo o esquecimento da emergência da operação de recalque?*

Não há, nele, o conceito de recalque. Se alguém põe uma palavra nova, é igual ao pensamento jurídico. Se colar, vai para a mídia e todos começam a falar. Aí dirão que foi arbitrário, que fulano inventou. Mas como isso se inventou nele? Isso veio dele ou de fora?

- P – *A arbitrariedade não pode ser entendida como a colocação em jogo da aleatoriedade?*

Se definirmos assim, está valendo. Mas, em Saussure, de onde veio essa joça, tem um cheiro de sujeito.

- P – *Tulio de Mauro diz que o princípio de arbitrariedade em Saussure vem dar conta do princípio de necessidade da ligação entre palavras e coisas da lingüística anterior e que essa co-naturalidade seria uma nomeação por Deus.*

Ele tem razão. Entretanto, por que Saussure chamou de arbitrário em vez de aleatório? Ao tomar a palavra arbitrário, no fundo, dá a impressão de que fundou a lingüística e nomeou tudo.

- P – *A arbitrariedade é um conceito importante para o estruturalismo, pois explica o que vem a ser o simbólico.*

Qual estruturalismo não é dominado pelo sujeito? A noção de estrutura do estruturalismo é a das formações regidas pelo sujeito e pela relação sujeito / objeto. Então, é certo estruturalismo, pois posso também querer chamar o que estou construindo de pensamento estrutural, mas reduzindo sujeito e objeto a momentos de atuação. Posso atuar no sentido de sujeito/objeto, mas isso não estará dizendo da estrutura, será um modo de atuação, ou seja, é um discurso. Portanto, posso entrar com sujeito/objeto discursivamente, mas não estruturalmente. Este é um ponto muito sério. Lembrem-se de que os discursos de Lacan estão amarrados pela estrutura, que é sujeito/objeto/significante/ resto. Para ele, estrutura é isso – e não se pensa mais. E o discurso chinês não é

discurso? Ou é discurso analítico? Não pode ser, pois o discurso do psicanalista de Lacan não o é. Como o grau de indiferença que a posição de analista pode exigir ultrapassa a situação de sujeito e objeto, chamá-lo assim é um pouco abusivo. *É um discurso de separação*. Na verdade, é um buraco sem fundo. Se não, vejamos: por que Lacan detestava falar em relação intersubjetiva? Se podia falar em comunicação de inconsciente para inconsciente, isto seria segundo que discurso? Se todos os discursos, inclusive o analítico, têm sujeito e objeto, logo são intersubjetivos? Ele não quer falar em intersubjetividade, mas mediante o quê aceita falar em relação de inconsciente para inconsciente? Mágica? Não, só pode ser mediante discurso, no qual estruturalmente estão sujeito e objeto. Então isso é o quê? O sujeito extrapola e enquadra todos que estão em comunicação? Ou são dois sujeitos? Se o sujeito engloba todo mundo, não há relação intersubjetiva, pois a coisa é uma só. Portanto, não é relação de inconsciente para inconsciente, e sim relação interna ao inconsciente.

• P – *Voltando à questão do S / s / G, não haveria um quarto elemento que seria o Fundo?*

Esse é permanente. Não é preciso anotá-lo, pois é o mesmo sempre. Para pensar na homogeneidade, temos que lembrar que tudo saiu do mesmo fundo, que é neutro. Tomemos uma imagem cara à cosmologia de hoje, o campo absolutamente neutro da *matéria escura*. É chamado de *nada*, como também chamo. Isto porque não há diferença lá dentro. Mas esse nada é algo, e não a mesma coisa que não-Haver, que é não haver nem nada. O que os físicos imaginam é que, sabe-se lá por que, começa a haver flutuações dentro desse troço, alguns lugares ficam mais densos de nada do que outros e o fundo começa a se distinguir em formações, ou seja, começa a se polarizar. Mas não podemos dizer que o fundo seja um pólo, pois, se temos um pólo, se focalizamos em tal ponto, sua franja irá até o fundo. Do ponto de vista da postura analítica, como lhes disse, temos que saber lidar com os dois pólos: o ocidental e o oriental. Temos o mau hábito de só usar o de cá, o da individuação, da personalização. Efetivamente, existem momentos em que reduzimos e atuamos subjetivamente. Isto não acaba, pois não é uma realidade, e sim uma posição de mundo. Ou

seja, podemos objetificar coisas e subjetivar do lado de cá, mas é apenas uma posição, certo modo de conhecimento ao qual não podemos nos prender. É preciso também, ao mesmo tempo, trabalhar para o processo de desindividuação e dessuposição de sujeito e objeto. Lacan falou em suposição de sujeito, mas esqueceu de dizer que, quando falamos de um objeto, fazemos suposição de objeto. Mas há a des-suposição de objeto, ou seja, é preciso começar a olhar para isso até perder o objeto e afogar o sujeito. Aí é que se muda de perspectiva. Toda vez que fazemos um ato de nomeação, junto vai um ato de demissão, portanto de equivocação. É o que Lacan sacou no fim da vida, depois de abandonar o significante e outras bobagens: entrou no processo de equivocação total. Por exemplo, quanto ao que está atualmente acontecendo em nosso Congresso Nacional, está claro que, se podemos ser nomeados, temos que esperar a demissão. De onde ela vem, não interessa. O que interessa é que está incluído na nomeação o fato de que tudo pode ser desnomeado.

50. Há algum tempo, disse algumas coisas que talvez façam mais sentido agora. Minha frase, **as aparências não enganam, nós é que nos enganamos com a falta que elas fazem**, é estapafúrdia, mas há que fazer sentido. Não temos com que lidar senão com aparências, sejam quais forem os meios empregados – meio no sentido de mídia, *media*, em latim. Podemos usar binóculos, microscópios, telescópios, olhos, óculos, aparelhos de escuta, o que quisermos, mas a única coisa que temos são aparências, não há nada mais. Só achamos que as aparências enganam por querer que mostrem o que não mostram. Elas só mostram o que mostram. Se, por exemplo, lido com uma pessoa que tem *x* aparências para mim e daí faço um conceito, passado um tempo, ela mostra outra coisa que não constava, penso então que as aparências enganaram – mas é apenas uma nova aparência agora, nunca fui enganado. Kant, que tinha seu referente, pensava que havia a abrangência fenomênica, a respeito da qual podia falar, e por trás havia a coisa em si, o noumeno, de que não podia falar – mas não há nada por trás, só há a sua ignorância. Portanto, de qualquer coisa que abordemos, as aparências são o que temos, que não enganam de modo

algum. Querer supor que, por trás, há a outra coisa, é pedir o que não foi oferecido, o que não se dá naquela aparência, e é também viver de suposições para além de sua ignorância. A respeito de qualquer conjunto de aparências, podemos nos perguntar se, continuando a olhar, não há mais a ver – mas não há mais a ver, pois cada a ver é seu mais. Ou apreendemos ou não, e o que apreendemos é o que apreendemos; o que não apreendemos é a nossa ignorância. Assim, o que não apreendemos não é necessariamente ligado com o que apreendemos. Então, de onde Kant tirou essa idéia estapafúrdia?!

Outra coisa que falei: **o que quer que se diga é da ordem do conhecimento, resta saber qual**. Não é possível alguém dizer algo que não tenha existência na frase e em algum tipo de formação gnômica. Se foi dito, é conhecimento de algo, resta saber do quê. Há formações no Haver que co-respondem, são co-relatas do que se diz. Então, a partir do ponto de vista de hoje, se uma tribo primitiva diz uma “asneira” a respeito de algo e a ciência corrige, não quer dizer que estava enganada. O conhecimento deles era absolutamente perfeito, dado que era o conhecimento das formações que foram conhecidas, não outras, e segundo aquele modo de conhecimento.

- P – *Seria o mesmo quanto a geocentrismo e heliocentrismo?*

Nada havia de errado com o geocentrismo. Havia um conhecimento constituído com tal significante, tal significado e falando de certas formações perfeitamente pensáveis. Temos apenas que procurar onde colocar os níveis e as importâncias. Nada, nem a maior loucura, chega a ser dito sem arrolar uma formação correspondente. Se disserem algo a respeito de algo e eu estiver falando de outra formação, dirão que estou errado, mas estou falando de outra formação, e não daquela. O geocentrismo estava falando de uma formação verdadeira, no tempo em que a Terra era o centro. Como agora não é mais, estamos tratando de outra formação. Repetindo, nada chega a ser dito sem arrolar uma formação correspondente. Outra coisa, é distinguir o grau e o nível do dito em relação ao que se desejaria dizer. Como somos doidos mesmo, posso desejar dizer algo sobre uma formação que nem percebo. Só não confundir com o que foi dito e que arrola certa formação, e não outra.

- P – *A ciência só deseja falar do que não percebe?*

É o desejo da ciência. Outra coisa, é o que ela consegue dizer. Minha posição é anti-epistemológica: agoraqui o que é possível conhecer pode ser conhecido perfeitamente, o que não é possível conhecer resta na ignorância.

- P – *Então, nunca estamos falando em nome de outra coisa?*

Apenas em nome da coisa falada e daquela formação. O conhecimento é perfeito, pois não estou falando de caneca, por exemplo, e sim disso que se apresentou a mim, em sua aparência, com as formações que se apresentaram.

- P – *Então, a coisa é como ela se mostra?*

Esta frase não cabe. Primeiro, porque não existe a coisa; segundo, porque ela não se mostra. O que se mostram são certas formações do Haver, e não a coisa – e se mostram para um aparelho que é capaz de ver.

- P – *E quando, na clínica, elas se mostram com uma deformidade?*

Como posso falar em deformidade, se não conheço a forma?

- P – *Mas havia uma forma anterior que foi mudada.*

Aí já é outra formação, e não a mesma.

- P – *Mas não terá havido uma intervenção que terá viabilizado essa outra apresentação?*

Sim. Por isso, também disse: **só há fatos, não há interpretação**. Se alguém me procura, apresenta as aparências, faço uma conjectura, ou seja, dou um significado para aquilo...

- P – *Essa conjectura não é uma desconfiança?*

Por que seria? Só posso ter desconfiança de mim e perguntar se não há mais outras formações para ver. E se futuco daqui, dali, e surge uma formação, é *fato novo*, e não que a formação anterior tenha sido modificada ou interpretada. Na clínica, tentamos induzir a produção de fatos. Nada há a interpretar, pois se você tomar o que digo e disser de outra maneira, dirá outra coisa, e não mais o que foi dito.

- P – *Mas não posso supor que aquela apresentação está alguém de determinado desejo?*

Sim. Só não sabemos de quem é o desejo, se é seu ou do outro. Se você deseja ver o que não está vendo, então a apresentação está muito aquém.

• P – *E se, depois, aparecer outra apresentação que mais agrade aos dois, muito melhor.*

Aí juntam-se a fome e a vontade de comer.

51. O importante é mudarmos o registro mental, pois com os velhos não conseguiremos pensar o que estou trazendo. Não podemos ser kantianos ou cartesianos, pois o que trago também é um fato novo.

• P – *O que não se pode supor é: (a) há um fundo ou fundamento que não estou vendo, mas que se revelará – posição cartesiana; e (b) aquilo com que lido, na verdade, é uma contingência de meu aparelho de conhecimento, pois o que quer que seja pronunciado ou construído como conhecimento guarda uma relação com algo que não se revelou ainda, que é a coisa em si – posição kantiana.*

Fora com as duas! Este é o hábito que temos desde a escola primária. Os modos de pensar cartesiano e kantiano dominaram, sobretudo através de seus sujeitos. Aqui não há sujeito, e sim **transa entre formações**. Há formações e formações, as quais, quando se encontram, surge conhecimento. Não há sujeito, observante, ou observado aí, ninguém observou coisa alguma. O que aconteceu foi: se isso está preparado para ver aquilo, aquilo está preparado para ver isto. Esse conhecimento é perfeito e completo em si. Querem outro? Façam. Tampouco se trata de conhecimento precário, que é uma idéia greco-judeu-cristã, em que sempre há uma falta. Como já disse, falta não é estruturante, é uma conseqüência, e não uma causa. Quando sentimos falta mesmo, não sabemos do quê. Se estamos com sede e falta água, não se trata de falta, e sim de ignomínia, de impotência, inadimplência, pobreza, pois sabemos exatamente o que precisamos colocar no lugar.

• P – *É igual à ação do governo Bush, em Nova Orleans, após o furacão Katrina.*

O filho da mãe tem dinheiro para destruir o país dos outros, mas não tem dinheiro nem ação para salvar o dele. A verba só serve para destruir. Eles

passaram décadas observando ou fazendo desgraça na casa dos outros. Desde a explosão das torres gêmeas que a moda virou. Conclusão: Bin Laden é o culpado pelo furacão. O que acabei de dizer é um conhecimento? Sim, pois qualquer pensamento mágico poderia dizer que ele, ao jogar os aviões contra as torres, iniciou um processo que atingiu até a natureza. Quem sabe se o furacão não entrou na do Bin Laden? Isto se torna verdadeiro, por exemplo, no regime do desejo de vingança. Temos que fazer um esforço grande para pensar outra coisa, se não, ficamos com raiva dos americanos, desejamos que se danem e imediatamente associamos Bin Laden ao furacão. É como funciona o tal do conhecimento. O pensamento mágico está falando algo de perfeito conhecimento, mas há que saber situar em que região.

- P – *O mesmo acontece com Descartes e Kant: os conhecimentos que produziram eram perfeitos.*

A pergunta é apenas: está ainda funcionando? Se recorrermos a uma chave de fenda para apertar uma porca, não vai dar. Nós que procuremos outra ferramenta. Não tenho motivo para implicar com Lacan, achava-o uma gracinha, só que não funciona mais. O que está acontecendo à nossa volta não cabe no Nome do Pai ou no significante. Portanto, o que pode ser conhecido, pode ser conhecido perfeitamente. O que não pode ser conhecido, que se ponha na conta da ignorância.

- P – *Então, o que não pode ser conhecido?*

Tudo aquilo que nem ainda compareceu para você, mas não adianta pensar nisto. Às vezes, aparecem umas formações que nos deixam perplexos e que nos fazem sentir inteiramente ignorantes, ou seja, não conseguimos ainda articular uma formação de significado para as formações que se apresentaram. É justo o que faço aqui. Já tinha uma ferramenta fantástica, chamada chave freudo-lacaniana, aí começam a se apresentar coisas que me deixam perplexo, com as quais não sei o que fazer. Como a ferramenta me parece não funcionar, fico no desespero de ter que articular um conhecimento, que não é senão dizer perfeitamente o que pude olhar como formações. Vejam que não há rivalidade possível entre teorias. Pode haver entre as aplicações, mas, entre teorias, cada

uma é pior que a outra. Então, o conhecimento que obtive se tornou insatisfatório. Aí, ou denego, como faz a maioria, todos são lacanianos, falam em Nome do Pai, etc., coisa que ainda é rentável; ou vou correr atrás, o que é um fato novo. E não adianta nem tomar as definições dele, pois agora, quando falo em Inconsciente, não é mais o de Lacan.

O século XXI está entrando devagarinho na Era de que lhes falo. Daqui a cinquenta anos, o que estamos vivendo hoje será irreconhecível. Coisas tipo conhecimento, psicanálise, etc., ficarão velhas demais. Isto porque as formações – formações em todos os sentidos – estão se mexendo, se deslocando: os conhecimentos apodrecem, morrem. O grau de pesquisa em física, por exemplo, dentro de cinco anos obrigará a refazer todos os textos teóricos. Sempre haverá um bando de reacionários, de “lacanianos” da física repetindo velharia, mas é o museu. A física que estará em vigor terá que se reescrever toda, pois os investimentos feitos atualmente na abordagem das formações, retomando as aparências, já estão explodindo tudo. Desde Demócrito, fala-se em átomo sem nem fazer idéia do que seja. Muito recentemente, foi feita uma figuração dele até no cinema, mas aquilo simplesmente não existe: umas bolinhas, hidrogênio, coisas que nada têm a ver com nada, a não ser com as aparências e as anotações, que são o conhecimento perfeito do que era um átomo. O átomo acabou não porque o conhecimento mudou, mas porque daqui a pouco praticamente poderá ser considerado mero efeito de outras coisas. Será igual ao flogístico.

Temos apenas as transas e seus transadores. Os transadores são as Pessoas ou simplesmente as formações em jogo. Formações e formações entram em transa e se reconhecem, o que é um conhecimento perfeito. Se, ao aplicar, vimos que não funciona, então que procuremos outro. O Ocidente tem uma idéia de progressão que é estúpida. Por exemplo, a de achar que Lacan estava errado, por isso é preciso corrigi-lo. Vou corrigir é a mim, pois quem está errado sou eu que aplico Lacan e não consigo funcionar. Lacan estava perfeito, só que não funciona mais. Um copo com água pela metade está meio cheio ou meio vazio? Esta é uma pergunta antiga. O costume, do ponto de vista ocidental, é dizer que depende de quem responde. Os otimistas dizem que está meio

cheio, e os pessimistas, meio vazio. Mas como um analista pensa isso? Para ele, é indiferente, tanto faz, pois necessariamente tem que considerar as duas hipóteses: tanto meio cheio, quanto meio vazio. É assim que o analista considera o que quer que considere, esteja ou não pelo meio o que esteja considerando. Não sei se é mais para isso a idéia de Caminho do Meio do Sakiamuni, o Sidarta Gautama, o Buda.

- P – *A via dele tem mais a ver com a idéia de excesso.*

Ele abandonou isso quando era jovem. Esta é, aliás, uma idéia ocidental.

- P – *Mas os budistas transmitem isso.*

Ficam transmitindo a idéia de contenção, de que é sacrifício, mas Buda, jovem, abandonou esse tratamento ascético logo depois de descobrir que era porcaria. O que passou a considerar, e que é mais próximo da tradição chinesa eterna como, por exemplo, a do *I Ching*, é a alternância, o ficar entre.

- P – *O analista faz certa força para que mais formações se apresentem.*

Para que tenhamos cada vez mais fatos. Também podemos dar um empurrão na pessoa, que pode tropeçar e eventualmente criar um **fato** novo. O mestre Zen, quando diante de uma pergunta cretina, empurra a pessoa da ponte e a joga no rio, cria um fato novo. Quem sabe se ela não vai pensar algo e trazer-lhe de volta? Isto porque forçou-a a pensar. Achamos que, porque o mestre empurrou o outro, é sábio, sabe a resposta, quando empurrou para ver se vai buscar a resposta para ele, que não é bobo. Damos um empurrão no analisando e ele nos traz um material maravilhoso: forçamos o surgimento de um fato novo, não que saibamos qual seja. Obrigamos o sujeito a trabalhar para nos dar formações, in-formações.

52. Podemos utilizar a palavra **utente**, que é o mesmo que ‘utilizador’, porém mais chique: é a pessoa que usa. *Utens, utentis*, em latim; particípio presente do verbo *utor, uteris, uti, usus sum*: usar de, servir-se de. Então, uma Pessoa é uma formação que usa. E uma pessoa que usa não é senão uma pessoa em uso, isto é, que está sendo usada, ou seja, que está em exercício. O vício de pensar com sujeito e objeto faz com que pensemos estar usando alguém, o que

chega até à política. As feministas passaram por um período imbecil de sujeito e objeto em que se achavam mulher-objeto. Isto como se o outro fosse sujeito, como se os tais homens não estivessem sendo usados, comidos, currados e escravizados o tempo todo pelas mulheres – e elas dizendo que eles são sujeitos. Quem está usando quem na hora do uso? Como sabemos? Que fato novo pode surgir mediante o qual tudo vai aparecer ao contrário? Não podemos estar atuando no nível dito psicanalítico, seja lá o que for esse troço, num regime de pensamento jurídico, por exemplo. Aliás, o que mais vemos é analistas com pensamento jurídico. Querem saber quem tem razão, quem tem culpa. Alguém dá um tiro no outro e o mata. Quem é o assassino? Não sabemos. O que vimos foi um atirar no outro que morreu, mas quem é o assassino? Muitas vezes é o que morreu. O pensamento jurídico tem provas: “o assassino é fulano que apertou o gatilho, que atingiu sicrano, que morreu”. Mas como sabem quem matou? As aparências aí são as do saber jurídico, que é um saber perfeito em sua imbecilidade. É o flogístico. É preciso considerar a enorme quantidade de vezes em que o morto é o culpado da morte. Vejam o caso do psicopata, por exemplo, que utiliza o sistema de maneira precisa para fazer o que quer e tirar o seu da reta. O sistema jurídico é um utensílio típico de psicopata, que toma aquilo, faz de seu jeito e ainda leva vantagem, pois as regras do jogo são aquelas, e não outras.

• P – *Em continuidade ao que você disse, se podemos afirmar que, para a psicanálise, as aparências não enganam, é porque, diferentemente do discurso jurídico, por exemplo, elas incluem paranóia e alucinação – e isso vai compor seu conhecimento.*

O que faz o jurídico com sua polícia? Estabelece uma regra de jogo em cima de fatos desenhados por sua relação discursiva com as outras formações (formações discursivas e outras formações do Haver). Ora, isto compõe um conjunto de regras que, por exemplo, designa que se alguém atirou no outro, que morreu, logo esse alguém é o assassino. Mas o que ocorreria se chamassem o psicólogo para um júri? Se lá me perguntarem: “O Sr. jura dizer a verdade?”,

direi que não. Se não sei qual é a verdade, como vou jurar. Aí já estragou tudo, mas vamos supor que continuassem me perguntando se acho que fulano matou sicrano e eu respondesse que, pelo que entendi dessas pessoas, um deu um tiro com a mão do outro e fez muito bem, foi merecido. A atuação foi reativa, segundo a dupla ativo/reactivo que coloquei ao falar da Patemática da psicanálise. Vejam, portanto, que não há como estabelecer conversa entre aparelhos de conhecimento tão diversos.

• P – *Então, olhando segundo a lente da suspeição, da suspensão, da paranóia e da alucinação, isto abre mais para o conhecimento?*

Não. Abre, sim, a perspectiva para conseguir ver formações outras que não estão sendo vistas. O conhecimento vem depois. Ao mesmo tempo que podemos dizer que o aparelho analítico propicia acolher mais formações, precisamos ter o cuidado de não começar a projetar em cima dos outros.

• P – *O que é possível conhecer, é possível conhecer perfeitamente. Nesse momento, o conhecimento seria da ordem da completude e da consistência?*

Sim. Poderiam argumentar que não fomos capazes de ver todas as franjas. O que temos a dizer é que elas não se apresentaram e que nosso conhecimento é conhecimento do que conhecemos, pois não podemos ter conhecimento do que não conhecemos, somos ignorantes daquilo. Digo assim para dar um golpe na epistemologia. Nada disso quer dizer que não possamos desconfiar que a franja seja muito vasta, que não estejamos vendo coisas que estão ocultas, mas, do ponto de vista do conhecimento, isso não conta. Conta do ponto de vista de nosso desejo de invadir o Haver, mas não podemos misturar as duas coisas. Nosso desejo de invadir o Haver é um desejo científico? Não. É um desejo sexual, pulsional: é um tesão. Por isso, o paradigma da psicanálise é o sexo.

53. Freud tem uma frase brilhante em carta a Jung: “Aos poucos a gente aprende a renunciar à própria personalidade”. Quem imaginaria que ele diria isto? Será que sacou que estava virando Fernando Pessoa sem saber?

Observem que já temos bastante material para trabalhar a respeito de Pessoa e Conhecimento. Não esquecer que as formações são extremamente conservadoras, reativas, reacionárias, e, portanto, as pessoas também.

03/SET

54. HIPERICIS. A tentativa é de fazer uma teoria unificada da psicanálise. Já chamei atenção para que tanto Freud quanto Lacan, talvez mais Lacan, produziram a psicanálise como uma série de pequenas teorias aglomeradas num pacote. Freud tinha todas as justificativas por estar iniciando o processo. Como em qualquer produção de saber, as coisas vão se fazendo e se corrigindo *pari passu* com a experiência. O pacote teórico produzido por Freud é meio estilhaçado, uma tópica não combina com outra, uma parte da teoria é mais ou menos isolada, e vamos aplicando fragmentos na tentativa de entender o todo. Temos a impressão de que Lacan tentou esforço de submeter aquela massa meio heteróclita a um arranjo formal único, mas o que fez até o final foi também progredir por saltos e substituir teoremas. Era de se esperar, pois a psicanálise, sendo recente, não tendo os milênios de outros processos, rapidamente teve que se ajustar. Minha tentativa é de produzir uma teoria unificada, um aparelho só que inclua todas as possibilidades, o que é difícil de conseguir. Quais modelos importar? É possível não importar modelo algum? Freud, ao começar a produzir seus teoremas, foi importando e arrumando modelos da filosofia, da biologia, da física, da termodinâmica. Lacan despachou os modelos de aparência primária e colocou coisas estritamente da ordem das ditas ciências do simbólico como lingüística, antropologia, lógica, matemática. O grande golpe parecia ser que a psicanálise trata do psiquismo, o qual é estritamente secundário – o que, ao longo do tempo, à medida que fui crescendo no pensamento do próprio Lacan, me pareceu uma falha grave. Mesmo quando estatui real, simbólico e imaginário, tudo do Primário vai para o real, pois seu simbólico é estritamente secundário e o imaginário é regido por formações secundárias. Às vezes, por formações perceptivas, mas isto não fica muito claro.

Estou lhes mostrando meu problema. Até Lacan, não há uma teoria da psicanálise, é uma colcha de retalhos em que faltam pedaços. Minha intenção é produzir uma teoria unificada – conseguirei ou não – que possa ser, pelo menos basicamente, psicanalítica, construída sobre conceitos da psicanálise, isto é, produzidos no trato psicanalítico, e que possa eventualmente incluir de tudo. É, aliás, o normal qualquer saber, qualquer ciência procurar, mediante seus aparelhos de conhecimento, explicar tudo que possa explicar. Às vezes, fica restrita pela abrangência do próprio campo. Por exemplo, a física procura explicar tudo e até tenta se unificar, sem conseguir. A relatividade geral, de Einstein, é geral enquanto relatividade, mas não é uma teoria unificada da física. A biologia também fica com grande dificuldade, pois tem que partir do vivo. O máximo que pode fazer é procurar as origens não vivas do vivo. Se conseguir cobrir este pedacinho, cairá na física ou existirá uma ciência só físico-biológica. Ainda é preciso, pois, uma teoria unificada da psicanálise. Minha tentativa foi, então, tomar um conceito estritamente psicanalítico, não existente em outro campo, que é o de Pulsão, fazer dele o conceito fundamental, fazê-lo funcionar e ver se, neste funcionamento, surge um aparelho capaz de ir incluindo as outras possibilidades que porventura se encaixem ali.

• P – *O vetor de entendimento de uma teoria unificada implica o movimento de que, mediante seu aparelho, ela deve explicar tudo?*

É muita pretensão, mas com um desconto grande, pois, ao mesmo tempo que tento uma teoria, preciso colocar aspas até na “teoria”. Qual é o grau de avaliação do que é teórico?

• P – *O que é o explicar? Como um modelo pode se colocar com esta pretensão? E temos que explicitar em que nível se propõe como uma teoria de tudo. A ambição da teoria de tudo da física é explicar no nível que lhe compete, ou seja, a matéria.*

Sendo que ela não consegue viver sem a matemática pura. Aliás, não está sobrevivendo por não ter matemática pura que a ajude.

• P – *No campo da equivalência computacional, Stephen Wolfram tem essa mesmíssima pretensão. Então, a explicação é menos do ponto de vista*

de modelos menores que dêem conta regionalmente, mas de um raciocínio abstrato o suficiente que mostre o modo de produção das coisas.

Esta é minha pretensão, que é menor que as de Wolfram e da física contemporânea. Embora queira unificar a psicanálise tornando-a capaz de abrir para a escuta de tudo, não é preciso que sejam seus produtos que se capacitem a explicar. É preciso mostrar que as pontes que ela permite construir trazem para dentro de seu campo os outros saberes. Ao invés de explicar tudo, a psicanálise pode ser uma teoria tão geral que vai conectando e aceitando explicações. Esta é a meta. Se é consecutível ou não, isto é outra estória. Wolfram, ao postular a equivalência computacional, quer mediante aquilo explicar tudo, até o que se passa na física. Ele quer que seu campo seja capaz de substituir outros campos. Não tenho esta pretensão, quero um campo que apenas coloque um cume de visão de maneira a nos dar conta de que ali tudo é conectável e pode estar dizendo o mesmo que, no nível de maior abstração, a psicanálise diz. Isto de modo à psicanálise ser o foco da franjabilidade dos saberes, ou o atrator de todos os saberes. Então, não se trata de rivalizar com nenhum saber, e sim de acolhê-los e verificar como podem dialogar ou se incluir na Alei Suprema, $A \rightarrow \tilde{A}$, e seus resultados. Não vamos explicar a matéria, pois podemos perguntar ao físico, que, com o tempo, pode mostrar que a construção teórica que fez para explicar a matéria é perfeitamente compatível com o que a psicanálise está dizendo.

Digo isto como leigo nos outros campos. Leigo aqui quer dizer: aquele que é amador. Como não tenho competência para acompanhar os processos teóricos dos físicos, por exemplo, leio de preferência os textos que fazem para leigos e acredito nos resultados que apresentam. E é engraçado que quanto mais leio o que cientistas e filósofos preconizam como saber contemporâneo, mais fica parecendo que há certa facilidade de reversão do processo do ponto de vista da psicanálise. Reversão significando que eles, em suas experiências de laboratório ou do que quer que seja, encontram coisas e procuram aparelhos que possam dar conta daquilo, de preferência no nível matemático. Quando esses aparelhos existem ou são lembrados – pois, às vezes, os aparelhos são

esquecidos, embora existam –, eles o aplicam e trazem uma formação dita científica e matematizada para o seio do saber. A psicanálise parece que não tem, ou não teve ainda, pelo menos por enquanto, condições de matematização. Mesmo a chamada matemização, de Lacan, é puramente metafórica, não matematiza nada.

55. A física tenta unificar as teorias, o que significa poder cruzar a teoria dos quanta com a da relatividade, mas aquilo não cruza legal e fica fazendo ruído. A coisa mais recente é a Teoria das Cordas ou das Supercordas, que é muito bem bolada, inteligente, aberta, mas sem possibilidade de trato por não ter matemática suficiente. Não existe, ou ninguém notou que existe, uma matemática compatível com dar conta daquele problema. Eles não sabem o que fazer, mas insistem, pois não vão abrir mão de que, pelo menos do ponto de vista da elegância, a teoria é muito boa. Para vários cientistas, beleza é fundamental: quanto mais bela e elegante a teoria for, tanto mais parece compatível com o Haver. Por motivos puramente sintomáticos, concordo plenamente com isto. Penso, aliás, que o mundo está na escola primária do conhecimento. Não é difícil pensar alguns séculos à frente: a teoria tem que ser uma só e capaz de incluir tudo. Quando isto acontecer, o conhecimento se banalizará, pois deve ser algo muito pequeno. Sempre começamos pelo complicado, depois vamos simplificando e jogando fora as aparas. A física de Demócrito era mais complicada que a de hoje, que pode ser mais cheia, mas é mais simples. Minha suposição é de que ficará tão simples que, com doze anos de idade, teremos condição de saber (não uma, mas) A teoria. Basta lembrar que as teorias quando se banalizam viram ferramentas do cotidiano. Somar $5 + 7$, por exemplo, já foi um problema gigantesco.

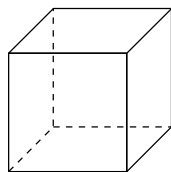
A teoria das cordas quer ser compatível com e produzir o que chamam *Hiperespaço*. Como devem saber, o problema na constituição do espaço na física é poder resolvê-lo de duas maneiras que sejam compatíveis. Por um lado, um espaço estritamente geométrico, que é o sonho de Einstein; por outro, um espaço estritamente quântico, como querem Max Planck e outros. No papo

teórico da teoria das cordas os dois se juntam perfeitamente, mas não há matemática suficiente para a comprovação disto e tampouco há possibilidade de experimentação, pois a energia necessária para produzir o ciclotron capaz de fazer isso é maior que a energia de nosso universo. É a pergunta dos físicos ao tentarem dar conta da materialidade do que chamam universo ou universos, pois, dependendo da teoria, há infinitos universos como possíveis. Hiperespaço é uma concepção que exige muitas dimensões. Estamos acostumados a lidar com quatro, embora os tolos pensem que lidam com três, pois, do ponto de vista grego, a terceira dimensão é mais antiga. É, por exemplo, o caso de arquitetos e urbanistas que pensam que o mundo tem três dimensões. Lidamos com pelo menos quatro dimensões, no sentido de Einstein: comprimento, largura, altura e tempo/duração. Por exemplo, se me perguntarem onde moro, poderei dar coordenadas em três dimensões: rua, lugar e andar do prédio. Mas para alguém me encontrar em casa é preciso a quarta dimensão, que é: quando.

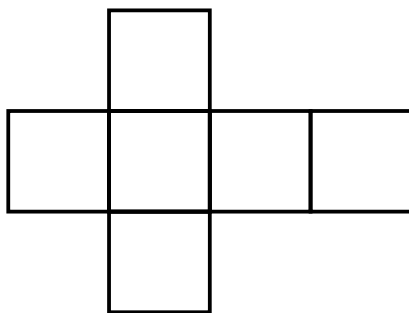
Não confundir as quatro dimensões einsteinianas com aquelas pensadas antes dele, que se referem à inclusão de uma quarta dimensão no próprio espaço euclidiano. No início do século XX, as ciências pensavam muito nisto, o que teve grande influência na produção da chamada arte moderna, modernista, a qual é quase que diretamente filha dessa quarta dimensão. Tomemos não a arquitetura, sempre mais careta – como as pessoas vivem dentro dela, esquecem-se da dimensionalidade e copiam dos outros campos –, e sim duas linhas fundamentais do deslanchamento do modernismo nas artes plásticas. Sempre lembrando que isso nasceu nas artes plásticas com intervenções das ciências e da literatura. Esta tratava da quarta dimensão, mas as artes plásticas tentaram dar um modo de apresentação compatível com ela. Isto, sobretudo com Pablo Picasso, junto a Georges Braque e sua patota, e Marcel Duchamp, sozinho. Picasso, com tinta normal e dentro da tradição pictórica, constrói um modo de tentar apresentá-la visualmente. Mediante deformações topológicas do corpo, das figuras, das imagens e das sombras mostra que vemos o mundo numa outra dimensão e que ele não é estático como vê aquele que olha três. Já Duchamp se isola desse grupo e inventa outra maneira de entrar no mesmo problema.

24/SETEMBRO/2005

Como a teoria da quarta dimensão não einsteiniana, espacial, não tinha como explicar o que acontecia quando observávamos de seu ponto de vista, então fez por menos, reduziu. Aí, não é o mesmo que vivermos o cotidiano na quarta dimensão de Einstein, que é fácil explicar, pois, já que estamos mergulhados na terceira, não há como ter esta experiência na quarta dimensão do espaço. A possibilidade que encontraram foi tentar entender pela redução da quarta à terceira, do mesmo modo que a terceira pode se representar como segunda. Isto é simples de exemplificar se tomarmos um cubo. Considerando as faces que estão ocultas, ele será assim:



Vejam agora que, se vivermos na segunda dimensão, não poderemos fazer idéia do que seja um cubo, mas se o reduzirmos à segunda dimensão, ou seja, se o abrímos e desenvolvermos sobre o segundo plano, teremos:



Desdobrado, não há como concebê-lo, mas entendemos que tenha, como diziam na época, a sombra da terceira dimensão. Portanto, já que não há como

pensar a quarta dimensão, como seria a sombra da quarta na terceira? Continuando nosso exemplo, como um hipercubo, que é um cubo de quarta dimensão, compareceria na terceira? Não se consegue imaginá-lo, mas é possível desenhar, produzir seu desmonte na terceira dimensão. É o que está no famoso quadro de Salvador Dalí *Crucificação (Corpus Hypercubus)* (1954). É um Cristo crucificado num hipercubo reduzido: oito cubos arrumados em forma de cruz como a sombra do hipercubo na terceira dimensão.

Na matemática, na literatura, na psicologia, nas artes, sobretudo, procurou-se trazer a quarta dimensão espacial para o entendimento na terceira. Coisa que caiu de moda depois que Einstein disse que não é preciso pensar em quarta dimensão no espaço, pois a quarta dimensão que interessa é o tempo. O que o pessoal da teoria das cordas quer demonstrar é o princípio de que quanto mais dimensões, mais simples e mais fácil será unificar. Se não se consegue unificar a teoria com as quatro dimensões einsteinianas é porque está faltando dimensão, ou seja, o campo está apertado. Aumentando a quantidade de dimensões, o campo começa a se abrir e as teorias encontram lugar para se unificar. Chegaram a vinte e seis e reduziram matematicamente para dez dimensões, em que, na teoria, tudo pode ser unificado, mas não há matemática para demonstrar e o experimento é impossível. Impossível por enquanto, dizem eles, pois não sabemos como, no futuro, vai-se canalizar energia de outros lugares. Eles trabalham com a idéia de hiperespaço com dez dimensões, sendo que, quando quebra sua simetria, aparece um espaço com quatro dimensões, que é o que usamos, e sobra um de seis dimensões, que está em nosso alcance, mas é tão pequeno, menor que uma partícula subatômica, que não é utilizável. Ou seja, o campo teria dez dimensões de origem, há quebra de simetria, aí vem para cá um pedaço de quatro e sobra lá um de seis. O de quatro consegue manter tamanho e condições de aparecimento até da vida, o outro está completamente constituído em seis dimensões, mas é minúsculo, não cresce.

56. Disse isso tudo para mostrar que, do ponto de vista deles, estão numa total inadimplência matemática e experimental, mas, do nosso, não há inadimplência,

pois se alguém foi capaz de pensar isso é porque isso há no Haver, no Inconsciente – o que é conforme com minha frase: “o que quer que se diga é da ordem do conhecimento”. Se não há hiperespaço consecutível experimentalmente e os buracos de minhoca, mesmo com os cálculos de Stephen Hawking, sejam impossíveis de concretizar na física, no Inconsciente temos hiperespaço, buraco de minhoca e tudo que eles pensam. O que quer que se tenha pensado ou venha a se pensar cabe na unificação total do que, no início da seção de hoje, chamei **HiperIcs**. Vejam que estou explodindo e abrangendo o Inconsciente com toda força para dizer que se, no regime do Primário, está difícil conseguir demonstrar ou mostrar, lá está no regime do Secundário até com referência sua ao Primário. Então, o Inconsciente é maior do que o que disseram Freud e Lacan: é o HiperIcs. Se elementos como hiperespaço e o que mais for não podem ser experimentados em nosso chamado universo, contudo são atributos da mente, onde podem muito bem ser experimentados e ditos mitematicamente, ou artisticamente... Espero que, com tudo que tenho trazido e que a psicanálise já trouxe, possamos passear pela teoria muito à vontade desde que o Inconsciente seja HiperIczado desse modo. E espero que tudo isso seja compatível com o teoremazinho de base que formulei, $A \rightarrow \tilde{A}$, e suas conseqüências. Como vêem, é uma tarefa infinita.

Freud, a seu modo, fez um esforço de dois volumes, um trabalho belíssimo para nos explicar o que era o **sonho**. Naqueles bons tempos, ele era demonstrável como produzido pela implicância de um desejo. Se era produzido assim, tornou-se portanto a via régia para o Inconsciente de alguém. A pessoa não consegue dizer seu desejo, tem algo recalcado, o sonho abre vias para irmos lá e ler esse desejo. (Segundo nossa perspectiva, se é *um* desejo, é portanto sintomático como uma formação imbecil. Se não, seria desejo puro, sem ser um desejo figurável). E o que aconteceu com essa teoria de Freud? Tornou-se um truísmo, uma banalidade. Não só porque Freud mostrou e começaram a verificar que era mesmo – ou seja, o que não implica desejo em qualquer ato humano? –, como, pior, em nosso teorema não é preciso nem prestar atenção ao sonho, pois há muita coisa para ser via régia. Naquele tempo, Freud só tinha este caminho,

mas tornou-se uma banalidade: aqueles dois volumes maravilhosos hoje cabem em meia página. Às vezes, o desejo é explícito como está nos livros dele. É o desejo infantil que se diz direto no sonho e um sonhador transa logo com a mãe, por exemplo. Outro, que tem recalque, dá a volta e temos que descobrir que era com a mãe que ele queria transar. Essas bobagens viraram uma banalidade tal que nem perguntamos mais, já sabemos o que são.

Depois, vieram outros bons tempos, em que o inconsciente era estruturado como uma linguagem. Mas qualquer proposta de princípio de equivalência – por exemplo, o meu princípio de que o Haver é homogêneo, ou o de Stephen Wolfram, de equivalência computacional – dirá que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, sim, mas o que não é? Qual especialidade me faria prestar atenção nisto? Lacan só vai no que chama de simbólico por causa de seu “vício” de se referir à lingüística, à fala e à ordem jurídica, mas se misturarmos tudo e batermos no liquidificador, são a mesma coisa, ou seja, articulações do Secundário. Não quero isto, e sim articular o que quer que apareça: Primário, Secundário e Originário. Tudo tem que estar lá. Então, pergunto de novo: o que é o sonho? É a expressão de um desejo? Banal. É estruturado como uma linguagem? Banal. Pensem bem e verificarão que a psicanálise lidou com e baseou-se na *narrativa* do sonho, e não no sonho. Daí a valorização da fala e da tal *talking cure*. Freud, mesmo quando fala de seu sonho, passa a limpo e depois analisa o que escreveu. Então, cadê o sonho? Hoje, temos algo muito mais parecido com ele do que com sua narrativa, que é o cinema. É mais próximo, mas é péssimo, pois não sentimos cheiro, os solavancos, o frisson, a queda que sentimos no sonho. Embora tenha aumentado bastante a expressão do sonho ou da imaginação, o filme é pouco, continua sendo uma narrativa com imagens visuais e sons.

É claro que o sonho é produzido por desejo. Tem estruturações de linguagem? Tem também. Mas o sonho é produzido como o que se passa no hiperespaço. Nele tem buraco de minhoca, muda-se de região geográfica, de tempo e de rosto num passo de mágica. Então, aquilo que não se consegue no Primário dos físicos, aqui conseguimos: trabalhamos sobre esse hiperespaço.

Se o sonho é assim, é porque assim é todo o resto. A mente compatível com o HiperIcs fura obstáculos, atravessa parede, faz tudo que a física quântica sugere mas não permite. Vejam que esta é uma postura outra de conceber os movimentos da mente. Trata-se de conceber, NovaMente, como da ordem da efetividade de, por exemplo, um hiperespaço. Não sei se amanhã alguém pode ter a idéia de descrever muito maior até do que ele, mas é desta ordem.

• $P - A \rightarrow \tilde{A}$ é a postulação de um limite que consegue incluir os outros. Os limites operacionais, por exemplo, da manipulação da teoria do hiperespaço e das dez dimensões, são limites matemáticos e de experiência, mas o que permite que você, pela via da psicanálise, afirme que o que se coloque é da ordem do conhecimento e postule que é possível pensar inclusivamente todas essas operações e seus limites operacionais nos outros campos? Pergunto isto, pois se você jogou o limite lá na frente – ou lá atrás, não sei –, não é alguém desse limite que podemos dizer que tudo é da ordem do conhecimento?

Sim. À medida que articulamos vamos empurrando os limites de tal maneira que a *franja* e o *foco* sejam reconhecidos como maiores do que supomos. Empurramos e vamos esticando a rede. A franja que sobra supostamente pode ser minha ignorância. Por que ficar, feito Kant, pensando *o que consigo ver e o real de que não falo*? Isto não existe! É mera suspeita que tenho de que, se sei tanto, talvez seja ignorante de outras coisas. De onde Kant tirou a idéia de que, para além do fenômeno, há o noumeno? O que é conhecimento? É o conhecimento! Além disso, há alguma coisa? Posso até conjecturar que haja, mas não é da minha conta. O que fica é que o movimento do chamado desejo vai longe demais. Como vai em busca de não-Haver, então supõe que haja uma elasticidade entre o que sei e o que não atinjo, mas é pura suposição. Isto é um sintoma de quem pede não-Haver, só consegue até tal ponto e acha que entre esse ponto e lá haja algo. Deus, ignorância ou noumeno, por exemplo. Mas sabem o que há? Nada que possa atingir, pois quando atinjo já não é mais. Esse negócio de real inatingível ou mesmo o real, de Lacan, não existe, só atrapalha a cabeça. Quando a maçã cair em minha cabeça, a maçã

caiu e é hora de ser Newton. Não caiu, não existe. Não há nada atrás do que se sabe. O que há é minha angústia. Fico angustiado porque quero não-Haver e o caminho entre o que hei e o que não-hei parece infinito.

- P – *Sempre me pareceu que o real de Lacan – o que não cessa de não se escrever – fosse uma reconceitualização de Kant. Alguns dizem até que vem de Hegel.*

Essa patota toda lambeu Kant. Todos passaram a língua lá. Por isso, ele goza tanto... com a cara da gente.

- P – *Você sempre frisa o fato de certas teorias, por serem compatíveis com certos modelos de determinado Império, terem uma facilitação para seu sucesso de instalação.*

O troço é adequado e tem sucesso. Por exemplo, o sucesso do lacanismo. Depois que Lacan morreu, apareceu uma igreja nova em que pensar aquilo tira a angústia das pessoas. Como o que estou dizendo angustia, logo estou perdido.

- P – *No caso do HiperIcs é necessário pensar em falta ou excesso?*

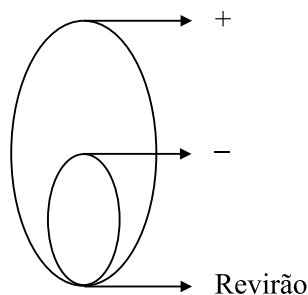
É preciso sempre lembrar que esta teoria foi fundada tendo como fundamentação o excesso, e não a falta. Esta comparece depois. Como alguns não entendem, pensam que digo que não existe falta. É claro que existe, mas é consequência do excessivo. Se não tivermos um tesão excessivo, nada nos falta. O sonho dos santos, por exemplo, é matar o excesso. Buda começou tentando eliminar o excessivo, ou seja, eliminar o desejo. No início, imitou todos os ditos místicos lá da roça, daquela floresta dele, mas depois viu que não era possível. O pessoal não gostou. Ele disse que era preciso ir pelo meio, já que eliminar o excesso era impossível. Buda é mais esclarecedor do que Cristo.

57. Por que podemos dar importância a místicos, poetas e alguns artistas? Porque, às vezes, sofrem o ataque de coisas que não estão ditas em outro lugar e talvez ali esteja indicado algo que nunca vimos, alguém que passou por uma experiência de coisas com que os outros nunca atinaram. Grande quantidade de material da física contemporânea é retirada dos místicos. Isto, afora os maluquetes danados na vida como, por exemplo, Bernhard Riemann (1826-

1866), que, aos trinta e nove anos, morre de sufoco por ter tido que trabalhar como um desgraçado para sobreviver. Ele simplesmente produziu A matemática do século 20, que salvou a física. Há outro mais interessante ainda, o indiano Srinivasa Ramanujan (1887-1920), morto aos trinta e três anos também no sufoco que Glauber chamou de assassinato cultural. Ele não cursou faculdade de matemática e, garoto no interior da Índia, refez, reescreveu a matemática sozinho. Só que, quando chega ao fim, ultrapassa a matemática conhecida e é o único hoje capaz de salvar a situação da física. Em um de seus cadernos, que ninguém consegue entender até hoje, talvez esteja a resolução dos problemas e a única prova possível do hiperespaço.

• P – *Você conhece o livro Hiperespaço, de Mishio Kaku (Rio de Janeiro: Rocco, 2000)?*

É didático, embora com algumas besteiras não sei se da tradução. Por exemplo, diz ele que “se você for um ser bidimensional que habita uma banda de Moebius, ao sair de um ponto, der a volta na banda e retornar ao ponto de partida seu coração terá mudado de lado”.



Se no oito interior, sairmos do ponto (+), dermos a volta e chegarmos ao ponto (-) talvez aí o coração esteja do outro lado, mas nunca de volta ao ponto (+), uma vez o percurso realizado por inteiro. Só se ele, como faz a maioria, estiver considerando que o ponto (-) seja o mesmo que o (+), coisa que não considero. O ponto pode ser o mesmo, mas seu lugar já é outro.

Pensemos, por exemplo, num buraco de minhoca como realizável. Para didatizar, tomem dois pedaços de pano, façam em cada um um buraco do mesmo tamanho, depois costurem a borda de um buraco na do outro, isto será um buraco de minhoca: duas superfícies e a mesma borda de um buraco, mediante a qual passa-se de uma superfície à outra. Já fiz isto diversas vezes aqui com a banda de Moebius. Dado que o percurso é diferente da existência geométrica do ponto, suspeito que a banda de Moebius tenha duas faces coladas uma na outra, o que é uma das maneiras de construí-la. Não porque esteja vendo geometricamente a banda, e sim que a vejo (não ela como o espaço que habito, mas) como uma máquina que fabriquei. Então, quando faço um buraco de minhoca, se cair nele, saio do unilátero para o bilátero.

Já disse que o Inconsciente é uma rede sem escala. Já disse também que é um hipertexto, mas o mais importante é: o Inconsciente é hiperespaço. Ou seja, nem espaço é, é: HiperIcs. Freud tentava interpretar os sonhos da maneira que conhecemos. Não estou interessado nisto, e sim em com-siderar um sonho: acolher seu relato de viagem (no hiperespaço), o que inclui entre outras coisas, o tal desejo de que Freud falava. Por que citei Ramanujan? Além de ter sido esse gênio admirável, sozinho e solitário, praticamente assassinado para o social (embora tenha passado três anos na Inglaterra ao lado de G. H. Hardy, o maior matemático de seu tempo, o qual disse: “dou nota cem para ele e nota vinte para mim”), o interessante nele é que a maior parte de tudo que descobriu na matemática, até a matemática que já existia, descobriu dormindo. Isto já me aconteceu várias vezes. Às vezes, vou dormir sem saber o que vou lhes dizer aqui no dia seguinte. Talvez não diga nada, mas acordo e está tudo pronto. Então, achei um colega. Melhor do que eu porque fez a matemática inteira dormindo. Ou seja, o HiperIcs funciona sozinho. Assim, responde-se à pergunta de Fernando Pessoa: “Não meu, não meu é quanto escrevo / A quem devo? / De quem sou o arauto nado? / Por que, enganado, / Julguei ser meu o que era meu?”

É por este caminho aí que quero chegar ao Autista, sobre o qual falei de outra vez. Como não entendo o que seja um autista, irei inventar. Tenho

séria desconfiança de que toda pessoa que consegue criações tem algum miligrama de autismo. Há um autismo em jogo.

- P – *Ele vive viajando no hiperespaço mais do que os outros?*

Ele é mais sozinho. Os outros atrapalham demais a gente pensar.

24/SET

58. Foi publicado o Livro Negro da Psicanálise – *Le livre noir de la psychanalyse: Vivre, penser et aller mieux sans Freud*, de Jacques Van Rillaer, Didier Pleux, Jean Cottraux, Mikkel Borch-Jacobsen e Catherine Meyer (Paris: Les Arènes, 2005). Todos devem lê-lo, pois seus autores fazem um esforço gigantesco não apenas para criticar, mas para tentar eliminar a psicanálise. É uma patota que defende a TCC (Terapia Cognitivo-Comportamental) nesse livro que mais parece panfleto de quem quer tomar o mercado da psicanálise. Querem esculhambar com França e Argentina, pois nos EUA impera mesmo a IPA que não dá bola para isso e tem zilhões de terapias. São vários artigos tentando desmoralizar Freud e mostrar que ele mente. Seus argumentos podem até ser fortes às vezes, mas são chatos e parecem adolescente xingando papai e mamãe. Entretanto, quando mostram mediante pesquisas que Freud estava realmente mentindo, sabemos que estava. Aliás, por que não poderia mentir? Acho o livro importante e gosto que exista, pois, ao tentar arrasar com a psicanálise, ajuda na desmotagem de muitos mitos e do folclore que há demais sobre ela. É, aliás, típico que figuras da época de Freud se tornassem deuses depois. Einstein também fez um monte de porcaria: mentiu, roubou trabalhos dos outros, etc. Precisamos lembrar que são contemporâneos de Hitler, de Stalin, figuras assim importantes...

Os tais autores, então, tentam arrasar tudo – e todos que estudam psicanálise devem lê-los para saber o que estão demolindo com razão. Por outro lado, dizem muita bobagem e quando defendem seus pontos de vista fica a mesma coisa fraca. O que defender de terapia cognitivo-comportamental

que nem tempo de uso tem para sabermos se presta? Mas eles defendem e dizem que a psicanálise é uma terapia que não funciona, que os casos de Freud deram errado. Chegam a afirmar que, no mundo, não existe coisa mais corrupta do que a psicanálise. Com isso, querem chamar a atenção para o quanto de negociata fizeram – e fazem até hoje, aliás – as instituições de psicanálise ao permitirem tornar-se analista quem permitem. É verdade, é corrupção pura, interesse, troca para lá e para cá. E daí? As pessoas parecem pensar que o mundo é certo e que existem uns corruptos, quando é o contrário: a corrupção é a regra. Sempre soubemos que gente é um troço corrupto que se vende por qualquer bagatela.

59. Seção passada, falei de Ramanujan e de sua atividade de construir a matemática dormindo, em sonho. Ele me interessa bastante, pois fenômenos esquisitos como o dele podem servir às nossas reflexão e pesquisa sobre o **autismo**. Como lembrei, se houver possibilidade de prova de hiperespaço, espera-se que venham de suas equações. Não sabem ainda do que Ramanujan está falando, o que é interessante, pois nossa suposição é de que o Inconsciente opera por conta própria, sozinho. Portanto, desenvolver a teoria por este lado é mais um reforço da idéia de **Pessoa** como tenho articulado há algum tempo. Não é que não existam Pessoas que até possam coletivizar-se no sentido de virem a constituir um inconsciente coletivo, mas o que importa é o vetor oposto: o Inconsciente é algo que funciona por si mesmo e existem algumas tomadas – *prises*, em francês – em nós. Somos plugados nesse lugar, nesse hiperespaço, nesse HiperInconsciente, e não o contrário. Ao definirem as coisas por via de sua existência individual e egóica, as pessoas fazem com que isso se prolifere e se torne uma quantidade grande que até pode se coletivizar, mas esquecem que a existência individual de um corpo biológico depende de uma regra que está escrita sabe-se lá onde. Não adianta dizer que está escrita nos genes ou cromossomos, pois já é transcrição de algo que está por aí.

Nossa posição é, portanto, inverter o vetor: estamos plugados em algo que se articula por si mesmo, e quando nos plugamos nesse aparelho genérico,

a resultante do plugamento dependerá da constituição do aparelho que está plugado, do modo como está plugado e da região onde está plugado. É perfeitamente possível, algum dia, virmos a dar conta de questões que estão em aberto por parecerem sobrenaturais, por exemplo, pela possibilidade de abordar essa estrutura da qual tudo é retirado. Digo assim para ser coerente com a idéia de homogeneidade do Haver, pois isso não pode não ter saído de algum lugar. Por essa razão é que os criacionistas inventam uma pessoa divina, transcendente, que teria feito as coisas. Certamente não é um indivíduo, mas não há dúvida de que haja uma ordem da qual podemos retirar as coisas. Isto até por semelhança de composição: quanto mais se analisam as formações, mais se vê que, em última instância, todas se reduzem ao mesmo tipo de estrutura. Se houver uma teoria de tudo, a tendência será por este caminho. Cá do meu lado, acho que uma teoria de tudo jamais será estritamente física como se pretende, e sim uma teoria psíquica.

- P – *Ed Fredkin tem a teoria bastante criticada de que o mundo é um programa que está sendo rodado para responder a uma questão.*

Por que não? Uma questão cuja resposta é a repetição da questão. As pessoas têm dificuldade de entender que o programa pode rodar a si mesmo e continuar rodando. Isto simplesmente porque o não-Haver não há, é pura brincadeira de ciranda que fica assim eternamente. Há uma frase latina de que gosto muito:

S	A	T	O	R
A	R	E	P	O
T	E	N	E	T
O	P	E	R	A
R	O	T	A	S

Além de palíndromo, é um quadrado perfeito. Podemos ler em qualquer direção, menos na diagonal: “O semeador tem o arado e faz os sulcos”. Ou seja, o caminho de ida é o caminho de volta: opera para lá, opera para cá e

come o próprio rabo. Qualquer trilha de plantação é caco de uma curva fechada sobre o redondo da terra. Parece reta por estarmos vendo só o caquinho, mas é sempre o pedaço de uma curva. Aliás, basta nos deseulidianizarmos que não existirá mais linha reta. Nossa cabeça foi formada euclidianamente, os ambientes em que vivemos são planos e euclidianos e as pessoas parecem não suportar paredes que não sejam assim. Oscar Niemeyer, por exemplo, que evita as linhas retas em sua arquitetura, é um subproduto da mentalidade da época de crítica a Euclides, vinda do século XIX com Lobatchevsky, Riemann e outros. O corpo humano, assim como os objetos biológicos moles, não tem linha reta.

Então, a partir da concepção de HiperIcs, quero pensar a relação entre autistas e místicos, entre autistas e o que chamam de gênios. Eles são muito próximos. Para mim, Ramanujan é o próprio autista. A descrição que fazem da pessoa dele é a de um autista que não consegue conexão com o mundo – ou, se não, é hiperconectado. Do ponto de vista do cotidiano, do social, ele era um desastre. As pessoas tiveram que fazer grande esforço para entender o que escreveu, pois não condiz com o hábito matemático. Como ele não sabia matemática, inventou-a toda de novo e a escreveu de seu jeito. Não existe demonstração em seus textos, apenas mostram como é. O que é brilhante, pois, em vez de ficar dando a volta em seu próprio raciocínio, vai logo ao que interessa. É o oposto do hábito ocidental de tentar convencer. Aliás, acho que nenhuma demonstração é válida, e sim apenas a tentativa prestigiatória de convencimento escondendo algumas bolinhas. Como interessa no nível dos poderes em jogo e da praticidade de uso do demonstrado, então fazemos acordos e fica combinado que é assim. É fácil demonstrar um teorema de Euclides, desde que amarrado dentro das circunstâncias de Euclides. Quando eu era professor de geometria euclidiana, tive contato com alguns meninos de onze anos, muito inteligentes, que não conseguiam aceitar que aquilo fosse o que eu estava dizendo. Era raro, pois a maioria aceitava. Acho que não aceitavam porque era muito regional, a cabeça deles ia embora e aí o raciocínio não fechava.

• P – *Os autistas fazem isso?*

Acho que sim. É como Mozart, que, para mim, era autista.

- P – *A psiquiatria chama o autismo de transtorno invasivo do desenvolvimento. Há três tipos: o autista, o de Asperger e a síndrome de Rett. O autismo parece ter alta prevalência em crianças, perdendo apenas para a paralisia cerebral e o retardo mental. Uma das características apontadas para identificar o autismo é a incapacidade de a criança apontar e estabelecer contato visual com outra pessoa. Há também o que chamam autismo savant que é o caso de crianças que, apesar de algum comprometimento nas habilidades de comunicação, conseguem desenvolver outras habilidades como pintura, matemática e música.*

Como disse, nada sei a respeito e os psiquiatras tampouco. Estou começando a pensar sobre isso agora. Para mim, fazer a descrição dos efeitos não é suficiente. A tipologia dividida em três que os autistas freqüentemente apresentam nos diz dos efeitos, mas nada sobre como aquilo se monta. O pessoal das TCC afirma que é um defeito cerebral, genético ou funcional, mas não tem condições de provar. Ou seja, é mera suposição. Coloca-se alguém num aparelho de ressonância magnética, aí acende uma luz em determinado ponto. Mas o que quer dizer isso? A pesquisa ainda é pobre. Acender luz em tal região não quer dizer muito, pois o cérebro é todo cruzado. Até creio que se possa chegar a um mapeamento de tal ordem que possamos seguir seus circuitos, etc., mas há ainda o tal do corpo caloso do qual pouco se fala. É, pois, abusivo o que tem sido apresentado em textos como o do *Livre Noir*. Dizer que têm as soluções, é mentira. Nós não temos e eles também não.

Retomando a questão do autismo, como não me pauto por receitas da psiquiatria, acho que deve existir uma gradação enorme, do menos aparente ao mais evidente. Por exemplo, o caso de Einstein, para mim, era autismo. Como explicar que alguém tão burro para aprender matemática fosse o gênio da física? Parto da suposição de que o autismo tem a ver com Tanatose. Ou seja, o modo de inserção na relação com o HiperIcs é no regime da Tanatose, mais ou menos forte. Digo isto porque o desligamento dessas pessoas em relação a artigos de sobrevivência é muito grande, elas são muito arriscadas.

- P – *Este não é também o caso dos místicos?*

Os místicos não nascem necessariamente autistas, eles se fazem assim. Talvez também sejam autistas dados, mas podem ser autistas fabricados, pois, no exercício de aproximação do Absoluto, vai ficando parecido. Observem as pessoas geniais e verão que, à medida que vão vivendo, tornam-se autistas. Lacan, por exemplo, era intocável, uma coisa separada do mundo. Quando se embarca no vetor da Tanatose, vai-se desvalorizando tudo que está para cá. É o caso daquela gente da Idade Média, que fez exercício de santidade na Tebaida, com o corpo deixado ao abandono: Santo Antão, que ficou lá setenta anos, São Pacômio, etc. Lembro isto pois parece que é preciso cadaverizar alguma região para funcionar assim nesse automatismo.

Vejam, então, que um começo de reflexão sobre o que chamam autismo pode ser mediante o vetor tanático que justamente distancia dos artigos de sobrevivência, sobretudo no Primário. São pessoas que, se não prestarem atenção, estão em desleixo com as condições de sobrevivência do corpo. Às vezes, são sujas, não tomam banho, como certos psicóticos de rua. Como disse, estou procurando alguma ferramenta nossa, pois há que encaixar, se não, a ferramenta está errada. Ainda que crianças nasçam com um defeito, cerebral que seja, na direção do autismo, todos os autismos se produzem da mesma maneira? São todos do mesmo grau? Suponho que não. A medicina é uma prática não teórica, uma espécie de catalogação do que encontra. Ela vai tratando até que, em dado momento, alguém tem a idéia luminosa de perceber que certo tipo de configuração se repete muito, então rotula: síndrome disso e daquilo. Mas não temos mais que pensar assim hoje quando dispomos de computadores e redes. O tal síndrome que o médico destacou existe, mas é apenas uma configuração observada por fulano em tal momento. O que temos a pensar, do ponto de vista da estrutura das redes, dos focos, das franjas, etc., é sobre o que se configura com n formas para dar naquilo. Em nosso raciocínio, não há que procurar síndrome de nada, pois podemos supor que qualquer tipo de afecção do psiquismo tem graus e abrangências de todo tipo.

Tomem, em outro campo, o exemplo da histeria desde que começou a ser descrita, afinal de contas, como um síndrome. Hoje vemos que cabe de

tudo dentro dela, mas quando foi descrita, foi a partir de situações em que ela era nítida, forte e evidente. Se começarmos a abstrair, encontraremos manifestações históricas leves, de aparência assintomática na obra de um Hegel, por exemplo. Aquilo é histeria, embora não conste que ele sofresse disso. A obra de Lacan é uma composição histórica, mesmo ele dizendo “*je suis une hystérique presque sans symptôme*” (“sou uma histérica quase sem sintoma”).

Temos que rigorizar no nível das bases lógicas do funcionamento do HiperIcs. Quando digo “Haver quer não-Haver” e escrevo $A \rightarrow \tilde{A}$, esta seta, como em matemática, quer dizer: determina. Isto resulta na ambigüidade: Haver, delirante e alucinatoriamente, determina não-Haver – coisa que não cabe no raciocínio de uma matemática ou de uma física pura, pois, como disse de outra vez, nelas não há os conceitos de delírio e alucinação. Na queda, redução ou declinação dessa determinação maior, as formações secundárias do Haver determinam delirante e alucinatoriamente o HiperRecalcado, ao qual não têm acesso quando o requerem, no caso de morfose regressiva. Isto do mesmo modo que não temos acesso ao não-Haver, mesmo o requerendo. E o que é requerido no caso de um vetor tanático, uma vez que não é morfose regressiva nem progressiva? Devemos sempre supor que qualquer exercício produtivo é algo progressivo, no sentido da perversão comum. Mozart, sabe-se lá por que, escolheu a música; Ramanujan, a matemática, etc. Músicos e matemáticos, aliás, mais do que quaisquer outros, são os donos dessa loucura, justamente por não haver nada mais Secundário do que esses dois campos. Pode-se fazer música sem ouvido, como fazia Beethoven, pois é o mesmo nível da matemática: articulamos vibrações e ritmos que aprendemos que têm valores tais e tais – é pura matemática, assim como a matemática é pura música. Aliás, Walter Pater (1839-1894) disse, em 1877, que todas as artes aspiram à condição da música, o que é verdadeiro. O mesmo ocorre com a pintura, que, com uma história longuíssima, em meados do século XX, tenta virar música com a pintura abstrata.

• P – *Nos movimentos literários do século XIX, o lema era o que disse Paul Verlaine (1844-1896): “De la musique avant toute chose” (“a música antes de qualquer coisa”).*

Isto porque é o paraíso do Secundário. O engraçado é que a música retorna de modo sintomático: comove e excita. Como faz isto por via de comoção no Secundário, aí começa a co-mover o Primário. As articulações são o paraíso do Secundário.

- P – *Esta não é uma boa maneira para entender a psicossomática?*

É um caminho, pois como é possível algo sair do Secundário e co-mover tanto no nível Primário a ponto de, por exemplo, mudar a pressão sanguínea, o batimento cardíaco?

- P – *O que é requerido na Tanatose?*

Minha suposição de base é que se requer o não-Haver. Deve haver alguma diferença entre a deliração do autista e a do psicótico, pois, num caso, há HiperRecalque e, no outro, não. São coisas que não tratei quando, em 2003, apresentei aquele panorama da Patemática. Lá escrevi as Tanatoses, mas não avancei.

- P – *Sei de um autista com síndrome de Asperger, que tem trinta anos, formado em direito, que a mãe tem que dar a comida, arrumar a roupa para ele se vestir, mandá-lo tomar banho, etc. Desde os quinze anos, saía de casa e voltava, mas ninguém sabia onde tinha ido. Recentemente, soube-se que ia ao Instituto Médico Legal. Fez amizade com o pessoal de lá e ficava observando a dissecação dos cadáveres.*

Não iria ele encontrar os colegas?

- P – *Ele tem uma curiosidade tal por cadáveres que comecei a desconfiar que ele...*

... era um cadáver.

- P – *Não. Desconfiei que tinha interesse erótico por eles.*

Até aí morreu Neves, pois todo interesse é erótico. Ainda que seja uma necrofilia, é preciso entender sua relação com o autismo ou com a tanatofilia. Como disse, acho que ele vai lá encontrar os colegas. Se tem que transar, tem que ser com os colegas. Ele seria, talvez, uma mente que carrega um cadáver nas costas. Seria interessante conhecê-lo, pois ajudaria nossos conceitos de autismo e Tanatose. Aliás, precisamos incluir todo o campo dos apaixonados

pelos cadáveres: patologistas, legistas, etc. Há uma transa aí sobre a qual devemos nos perguntar. Devem ser inúmeras as diferentes transas com a morte através do morto.

60. Dadas as suposições de um HiperIcs aqui e agora e de uma rede com focos e franjas, nossa abordagem para o entendimento do que seja *conhecer* tem que ser radicalmente diferente de tudo que se fez até hoje. Insisto nas frases: “O que quer que se diga é da ordem do conhecimento” – “Não há sujeito conhecendo objeto” – “O que existe é transa entre formações” – “Não há diferença entre observante e observado”. Só pode haver diferença quando fazemos o recorte e a narrativa, mas se estamos observando algo, esse algo estará nos observando, e não saberemos onde situar o centro – como é, aliás, o caso do gato de Erwin Schrödinger. Vejam também o que diz Michio Kaku, no livro *Hiperspaço* (Rio de Janeiro: Rocco, 2000): “De acordo com a estrita interpretação da teoria quântica, a lua, antes de ser observada, não existe tal como a conhecemos”. Não é que a lua não exista, e sim que não existe tal como a conhecemos. Ao dizer isto, ele abre caminho para mim quando, para não ter que ficar jogado no princípio de incerteza, suspendo o observador e suponho que a observação é recíproca. Não há isto em Werner Heisenberg. Para mim, o princípio de incerteza está em jogo, entretanto, se lanço mão não de um princípio haurido da física, e sim da tentativa de pensar uma teoria do conhecimento que existe como transa entre formações, e transa recíproca, a incerteza continuará, mas a observação se torna um caso de transa entre formações. Ou seja, a incerteza é jogada para a franja. Portanto, se chegamos a dizer algo, foi assim e é um conhecimento.

De qualquer modo, podemos encontrar aí o cerne de nossa teoria do conhecimento: o que quer que se diga depende de alguma observação obtida. Logo, é da ordem do conhecimento, sendo que este conhecimento se dá como pura observação recíproca entre duas formações de formações. Tiremos a palavra “observação” e troquemos por: transa entre formações – o que não situa sujeito ou ego, mas resulta no possível atributo para uma Pessoa. O fato

de isso ser faturado por um campo chamado Pessoa é que dá a impressão de que, para essa Pessoa, há um sujeito ou um ego que fez a observação. Vejam que estou invertendo o vetor: como, depois de uma transa entre formações, outras formações se apropriam do resultado e começam a utilizá-lo, fica a impressão de que há uma pessoa que passou pela experiência, produziu o resultado, colheu, etc., mas não existe essa relação sujeito/objeto. A transa resultou em algo e esse algo pode ser apropriado por outras formações. Ou seja, como o arquivo está em meu computador, pensa-se que meu computador produziu aquilo. Esta é a estupidez.

• P – *Na seqüência, poderíamos dizer que, em psicanálise, a teoria é determinada pela clínica?*

É um pouco diferente. O que é uma prática? É algo contaminado por alguma teoria. O que é uma teoria? É algo contaminado por alguma prática. Então, entre teoria e prática é a mesma coisa: transa entre formações. A frase da pergunta está esquecendo que há um cérebro dado, o qual nasceu complicado e, quando encontra outras coisas, já está em jogo que ele existe. É o que acontece com a epistemologia, que esquece que, do lado de cá, há um boneco pronto e já funcionando. Se a psicanálise não tivesse sido nomeada, nossa prática não existiria. Então, se estamos numa prática, ela foi previamente nomeada por uma formação dada pelo Dr. Freud, e não por nosso cérebro. Se fosse por nosso cérebro, poderíamos ser estúpidos ou gênios e não sairíamos do mesmo. As pessoas têm o mau hábito de colocar o começo em algum lugar. Não há começo e não há fim. Quando Freud nomeia o campo e começa sua prática, já estava contaminado por várias teorias, das quais tira uma resultante. Ele jura que tirou da prática, mas juro que foi do delírio. O jogo está em ter ou não sucesso onde o paranóico fracassou, pois, no que o delírio se monta, ele encontrará formações adequadas ou não.

É preciso pensar bem isto, pois ao nos depararmos com um maluco de hospício, pensamos imediatamente que é ele o doido, quando, de repente, somos nós. Não tenho certeza alguma a esse respeito. Quando o imbecil está diante de um maluco de alta instância, diz que ele é louco. A loucura é uma determinação

da imbecilidade de outrem? Isto é muito sério, pois, no regime do sutil, ao nos depararmos com algo não lido, a tendência é chamá-lo de louco. Se Freud não tivesse tido sucesso onde o paranóico fracassou, seria um maluco. É, aliás, o que o pessoal das TCC está tentando provar, que ele era mau-caráter, doido, drogado – ou seja, tudo que é verdade. Jacques-Alain Miller, numa entrevista sobre o *Livro Negro*, diz algo brilhante. Conta que, numa conferência sua, alguém, com o intuito de derrubar a psicanálise, disse que tinha provas de que Freud transou com a cunhada. Ele retrucou dizendo que eram apenas provas de que ele não era brocha.

Retornando ao que disse há pouco, para não jogarmos fora o verbo **observar**, tomo o sentido que, em português, tem de: conformar-se a, obedecer a. Por exemplo: fulano observou as regras. Assim, cabe no que estou dizendo: as formações se observam, uma leva a outra em consideração e se conforma com a constituição da outra.

01/OUT

61. O *Livro Negro da Psicanálise*, de que falei da vez anterior, é apenas cinzento, pardo – como todos os gatos à noite, aliás. No lusco-fusco em que vivemos, na inc(s)ipiência deste novo século assombrado, todas as práticas e discursos, dados seus focos concentrados e suas largas franjas, estão borrados. Os pobrezinhos dos autores pensam que podem estrebuchar, mas o livro é um monte de bobagens misturado com um monte de coisas interessantes. Por isso disse que é cinza: um monte de besteira de ambos os lados, da psicanálise e da terapia cognitivo-comportamental (TCC). Como os analistas dizem tanta besteira, eles ficam com razão para escrever o que escrevem... e dizem tanta besteira, que ficamos com razão para não abandonar a Psicanálise. Na verdade, a psicanálise comum, mais corrente, é cheia de construções mitológicas, erigidas sobre anedotas datáveis. Aí a crítica feita no livro tem toda razão. Mas as TCC vêm com suas suposições de saber e cientificidade onde ainda não sabem. Eles

cometem a asneira de dizer que são científicos e a psicanálise não. Isto vem do que está no livro de Isabelle Stengers, *La Volonté de Faire Science* (Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond, 1992), que, apesar de nada conseguir dizer sobre o que seja ciência, pois ela não sabe, como crítica é bom. Tudo o que dizem é receita de bolo para modificar comportamentos. Podemos supor que funciona, pois frequentemente funciona, como qualquer pedagogo sabe, mas o que dizem saber e o que dizem ser ciência não são identificáveis.

Se há desonestidade, é a mesma de ambos os lados. Eles acusam Freud de ser desonesto. Já sabemos, pois queria que seu projeto desse certo e, para isso, forçava a barra. Mas quem não fez assim? Qualquer Newton, na física, roubou os vizinhos, etc. Como disse, eles têm a desonestidade de pensar que o que fazem é científico, comprovado em laboratório, quando apenas mencionam uma quantidade de práticas perfeitamente viáveis nos consultórios psicanalíticos. Desde que me afastei do radical lacanismo, uso todas as coisas de que falam. Já disse várias vezes que a psicanálise que preconizo absorve o que quer que seja interessante para seu uso, pois tudo faz parte do Hiperlcs. Podemos, portanto, reforçar coisas ou sugerir ativamente ações. Se for o caso de reiterar determinadas práticas e ensiná-las para ver se o sintoma se desloca, faremos o que dizem. A prática que apresentam são receitas de cozinha. Se alguém está com uma fobia, dizem para enfrentá-la fazendo isso ou aquilo. Ou seja, é coisa circunstancial para lidar com o sintoma. É o que Freud já fazia.

Dizem eles que o funcionamento cerebral, segundo as neurociências, já estaria bastante mapeado – o que é mentira – e que as coadjuvantes das ciências cognitivas (ciências computacionais, linguística, etc.) teriam aparelhos suficientes para acreditarmos que, mexendo nessas organizações, estaríamos efetivamente mexendo não só no comportamento, mas na organização cerebral da pessoa. Isto, aliás, do ponto de vista prático, é uma verdade, pois também nós estamos mexendo na organização cerebral, mas sabe-se lá como, e eles também não sabem. O erro está nas suposições que fazem de cientificidade e de que a gramática gerativa seja completa. A gramática gerativa não sabe quase nada; as neurociências têm uma descrição mixuruca do funcionamento

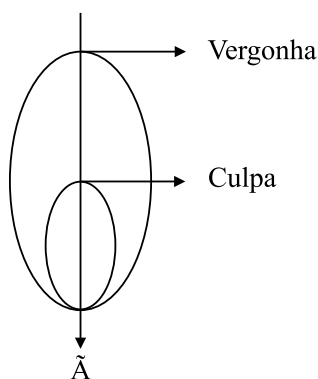
cerebral; e as ciências computacionais, embora mais avançadas, não demonstram um paralelismo direto e imediato com a função cerebral. Ou seja, eles estão chutando tanto ou mais do que Freud. É a mesma ignorância. Tomam também o behaviorismo em sua história – Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), John Watson (1878-1958), Ivan Pavlov (1849-1936) –, mas se essas aplicações são capazes de movimentar as formações, também podemos usá-las todas. No sentido de que são terminantes? Não, apenas no sentido de que movimentam as formações. Se alguém estiver passando por uma situação dramática em relação a algo doloroso, uma fobia momentânea, por exemplo, podemos invadir por esse caminho. Ou seja, arrasar mais a pessoa – eles, ao contrário, querem levantá-la – para ela perceber o tamanho da situação e poder ver que seu caso é bem pequeno em comparação.

Jacques-Alain Miller disse algo brilhante a respeito desse *Livro Negro*. Ele gostaria que fosse publicado um livro assim todo ano, pois, se não pudermos resistir a ele, seremos uns merdas.

62. Vejamos um trecho de Freud, já mencionado aqui, do *Mal-Estar na Cultura* (capítulo VII): “Matar o pai ou abster-se de fazê-lo não é realmente a coisa decisiva. Em ambos os casos, todos estão fadados a sentir culpa, porque o sentimento de culpa é uma expressão” – o termo *expressão* é fundamental aí – “tanto do conflito devido à ambivalência quanto da eterna luta entre Eros e a pulsão de destruição ou de Morte”. Observem que ele não falou em pulsão de vida, e sim em Eros. Do ponto de vista de nossa construção, a luta não é entre Eros e pulsão de morte, mas entre a pulsão e as resistências. Se Eros for lido como resistência, então, está valendo. “Esse conflito é posto em ação tão logo os homens se defrontem com a tarefa de viver juntos. Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa”. Vejam como ele datou o Édipo e as pessoas continuam achando que é estrutural. Lacan, por exemplo, com o Nome do Pai, finge que é estrutural ao passo que Freud tem um Édipo datado que dura enquanto houver

uma estrutura familiar. São, portanto, essas coisas que, seja em Freud, Lacan ou qualquer outro, é preciso passar a limpo, abstrair e retirar-lhes os conteúdos.

A Quebra de Simetria entre Haver e não-Haver é sempre indefectivelmente sentida como inadimplência. Em função do Princípio de Catoptria, o movimento desejante tenta atingir o não-Haver e não consegue. Há aí uma quebra de potência e é esse sentimento de inadimplência que resulta tanto em *culpa* quanto em *vergonha*, dependendo do alelo que estiver em hegemonia. A diferença é sutil: ou bem estamos envergonhados por não ter tido cacife para conseguir o não-Haver, ou seja, envergonhados por nossa impotência; ou bem somos culpados e punidos no ato por não conseguir, isto é, por termos desejado o não-Haver sem ter cacife para consegui-lo. Para mim, este é o núcleo do sentimento de culpa:



Uma vez que há um halo só – que é a inadimplência, a Quebra de Simetria com a qual nos defrontamos –, podemos sentir uma das duas coisas ou as duas juntas. Vergonha, por sermos uns merdas que não conseguem atingi-lo; ou culpa, por termos desejado o que nos é impossível, o que não temos cacife para conseguir. Portanto, o sentimento de culpa, como o defino, não é anedótico, ou seja, não é datável segundo o modelo do Édipo, e tampouco é estrutural no sentido lacaniano de um significante chamado Nome do Pai, mas é fundamental,

estruturalmente posto e inarredável dentro da estrutura da relação Haver / não-Haver. Sabendo disso, poderemos lidar melhor com a situação.

Freud é coerente, pois, se assestou o tiro sobre o Édipo, tem que dizer o que diz. Poderíamos cobrar dele quando afirma que uma boa análise resolverá o Édipo e a pessoa ficará para sempre sem culpa. Isto jamais existirá, pois sempre sentiremos esse halo colocado no nível extremo de abstração e os sentimentos de vergonha e culpa lá permanecem. No entanto, se os aplicarmos a algo, entraremos no anedotário de cada um. Suspende o anedotário, isto é, saber que nada temos a ver com culpa por causa de pai, etc., é uma coisa; outra, é reconhecer que a *disponibilidade* para a culpa e para a vergonha não acaba jamais. É a estrutura da mente.

• P – *O mal-estar do conflito pulsional sempre se traduzirá como culpa ou vergonha?*

Sim. Quando falamos em culpa ou vergonha, lembramos destes sentimentos ligados a conteúdos e anedotas, mas, se nos desligarmos das anedotas e conteúdos, veremos que, na refrega do mundo, sempre estamos disponíveis para sentir vergonha ou culpa. Qualquer nazista, qualquer torturador sabe que lida com essas coisas e força pessoas a entrarem numa estorinha. Isso é importante, pois tem consequências nos campos jurídico, político e pedagógico. Quando rebaixada para o anedotário, a punição tem que ser reproduzida. Na alta instância, não, pois Lá, no ato, já temos a punição de não conseguir. Portanto, se não estabelecemos um lugar onde isso se disponibiliza sem conteúdo, jamais resolveremos os problemas dos níveis cá de baixo, em que lidamos com isso conteudizado. Basta considerar a estrutura do direito no mundo, de qualquer tipo que seja, para ver que funciona o tempo todo enfiando conteúdos nessa situação. Quando, no cotidiano, censuramos alguém dizendo “você não se envergonha / não se sente culpado disso?”, estamos sugerindo que aplique sua disponibilidade ao conteúdo que apresentamos. Dependendo dos níveis e camadas culturais que habitamos, temos instaurado níveis os mais diversos de culpa e vergonha, e vemos pessoas niveladas a besteiras tão pequenas que são risíveis, mas isso é utilizado politicamente para a dominação. A igreja católica

apostólica romana utilizou durante séculos, e ainda tenta continuar utilizando, procedimentos de culpabilização com um anedotário prescrito que é inculcado desde cedo nas crianças.

Portanto, as conteudizações existem porque há disponibilidade para elas num nível de abstração total. Se colocarmos em termos de movimento, teremos: o movimento desejante quebrou a cara diante do não-Haver, o que é deceptivo, chama-se vergonha; o movimento desejante reconheceu que não adiantava ter desejado porque o cacife para esse Impossível não existe, chama-se culpa. Ou seja, a Quebra de Simetria é deceptiva, e quando entramos no processo deceptivo sentimos vergonha. Culpa, sentimos por ação indébita, por ato indevido, por ter desejado sem cacife para tanto. Do ponto de vista da sensação, é de um micrograma a diferença entre uma e outra, mas se considerarmos como alelos, poderemos ver, dentro do Revirão, que depende de como disponibilizamos nossa situação no momento. Vasculhando nossas mentes, perceberemos momentos em que não sabemos se estamos com culpa ou vergonha. Por exemplo, quando produzo uma teoria como esta, devo ficar envergonhado ou culpado? Não sei, pois, em minha postura diante da impossibilidade de teorizar, sinto-me envergonhado e culpado. Envergonhado por fazer a teoria e não chegar a lugar algum onde queria. Culpado, por ter metido a mão ali e aquilo, de repente, explodir. Vejam que temos que ir às grimpas do pensamento.

- P – *A idéia kleiniana de reparação perde o sentido aí?*

Temos apenas com-sideração: reconsideramos e nos aprumamos. Quando estamos numa posição grosseira, ficamos nas culpas e vergonhas aqui de baixo. Se a posição for menos grosseira, lá nas grimpas estaremos envergonhados, culpados, danados e mal pagos. Portanto, estou falando de qualquer tipo de aplicação da disponibilidade que existe lá em cima, onde poetas e místicos sofrem tudo isso. Quando acontece a experiência radical do Cais Absoluto, ficamos disponíveis para a porrada do halo de impossibilidade de continuação. Santa Teresa ao dizer “morro de não morrer”, isto é culpa ou vergonha? Morrer de não morrer, para ela, é o halo completo. Quando começa a se confessar diante da inadimplência de chegar a Deus, ela tem vergonha e

tem culpa. Confessa ser uma pobrezinha, que não fez esforço suficiente para chegar lá – culpa –; e confessa ser uma desvalida – vergonha.

63. Tomemos a **Denegação Projetiva**, que é resolver o negativo, através da negação do próprio negativo, e ainda por cima acusar outro de estar em seu erro. Ou seja, projetamos em outro o que fizemos. Assim, denegamos a virulência do que fizemos e dizemos que foi um outro. Se as pessoas acrescentarem seu movimento analítico, a Denegação Projetiva desaparece nos contatos. Quando outro fala algo, é comigo. Se falam de algum grave pecado, é meu. Portanto, não é preciso ninguém me acusar, pois já sei que é meu. Se é preciso você acusar, logo é seu. O problema do dedo-duro é: ele é o causador do caso. Ele é o malfeitor por lançar mão de uma lei que, além de abusiva, não é a mesma para todos. Por isso, os campos jurídico e policial são a sujeira que são. Se dependem dos poderes em jogo no momento, são falsos. Pergunta: quando há um crime, quem o fez? A lei. O outro só fez um ato. Quando a lei nomeia o que é crime, nada estrutural ou dentro da ordem do jurídico lhe dá cacife para fazer isso.

Toda imputação é decorrente da aplicação dos sentimentos de culpa e vergonha a algum conteúdo. Se ficamos envergonhados por uma situação social, ou estamos imputando ou alguém fez aquilo para incrustar em nós uma formação que faz esta imputabilidade. Quando vemos o jogo jurídico funcionando parece até de verdade, mas é falso, é um teatro de conseqüências aleatórias. O mundo está ficando claro quanto a isso. Um dos motivos da desordem, que vai crescer, é essas coisas estarem se esclarecendo: a velocidade da informação, pelo menos, esclarece a entropia no social. Como os sintomas são pesados, as coisas velhas ainda estão de pé, mas a guerra civil está instalada. Entendam que, se é global, toda guerra é civil e generalizada. Dentro de dez ou quinze anos, as pessoas que têm posses, os chamados ricos, não apenas morarão em condomínios com segurança, mas viverão em fortificações cercadas de muralhas e torres com metralhadoras – e com o povo à volta catando lixo. Isto está no livro de Michael Hardt e Antonio Negri, *Multidão: Guerra e Democracia na Era do*

Império (Rio de Janeiro: Record, 2005). As descrições que os autores apresentam estão perfeitas. Quando indicam soluções, não vejo muito o que fazer com aquilo.

Portanto, como disse há pouco, se alguém me acusa, tenho certeza de que sou culpado. Não era preciso acusar, bastava falar da culpa, mas, no que acusou, levou a culpa toda para ele. E digo mais, quem vê o crime é que é o criminoso. Se pensarmos em termos do século XXI, entenderemos bem que as questões políticas, sociais, etc., ocorrem do modo que ocorrem no mundo porque as pessoas já reconheceram isso. Quem é o criminoso, George W. Bush ou Saddam Hussein? Por que Bush ousou passar por cima da ONU e de qualquer conceito ainda vigente de soberania, de Estado constituído? Porque acabou a fronteira. Quando citamos fronteiras, estamos dizendo qual é o território e os limites em que efetivamente tal poder constitui tal verdade. O século XXI já entrou e a psicanálise ficará dispensável se permanecer apegada aos pensamentozinhos que os autores do *Livro Negro* nos fazem o favor de denunciar. A cabeça de agora é sem chão. Se pensar com chão, o analista é dispensável, pois qualquer trama social ou TCC resolve os joguinhos dos conteúdos. Há, portanto, que mudar a cabeça totalmente, não para sermos revolucionários, e sim para correr atrás do que já aconteceu.

22/OUT

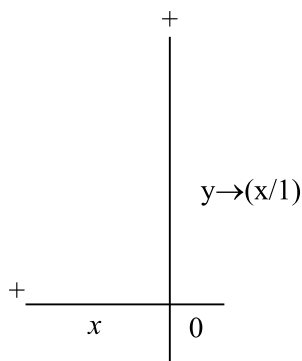
64. Foi lançado no Brasil um livrinho intitulado *Sobre falar merda* (São Paulo: Intrínseca, 2005), de Harry Frankfurt, professor de filosofia numa universidade norte-americana. Sua importância para nós é a repercussão que o livro tem no mundo inteiro, com a pretensão de estabelecer a distinção entre falar e não falar merda. Ou seja, o livro é uma merda, o título corresponde ao livro. O autor escreveu agora, mas é um livro velho. É óbvio que ele não consegue estabelecer a diferença entre merda e não merda, mas quer passar uma fronteira. Aí está o erro, pois, em nossa época, não há garantia alguma para traçarmos fronteira

entre dizer e não dizer merda. Ou entre “falar bobagens” e “calar besteiras”, como dizia Guimarães Rosa. O livro é, portanto, um exemplo do falecido século XX. Vale até a pena ler para vermos como as pessoas estão se esperneando ainda no contexto do século passado. Entre falar e não falar merda, a melhor hipótese que temos são focos, e não fronteira. Não sabemos hoje se o cientista está ou não falando merda; que o filósofo está, isto já vimos, está no livro do Frankfurt um exemplar da prova, ou melhor, da merda.

É preciso cada vez mais situar e distinguir do que se trata na Clínica, em todos os sentidos. Tratamos da Pessoa, no sentido em que tenho colocado. Considerar a Pessoa em tratamento é tratar da Pessoa, teoricamente, para entender como tratar a Pessoa. Entendam que esses raciocínios e colocações são sutis e que pensar assim não é prática ainda no mundo. Basta tomar o exemplo do livro bem sucedido do filósofo que acabo de citar, que é coisa velha. Portanto, é preciso estar preparado para responder à altura às eventuais objeções ao tipo de colocação que estou trazendo, pois é uma guinada grande de escopo. Coloco a Pessoa de que se trata – a qual é uma *IdioFormação* – como singular. Ou melhor, a Pessoa de que falo é uma *singularidade*. Não é um indivíduo, um sujeito ou o que se tem colocado habitualmente. Uma singularidade é uma máquina de fazer infinitudes. Precisamos entender bem isto, pois há infinitudes para os mais diversos lados. Minha preocupação é sempre quanto a primeira tendência daqueles que me ouvem ser de falar do que quer que eu tenha colocado até hoje ainda com o jargão anterior, o que estraga completamente os conceitos. É preciso mudar de jargão para podermos falar dentro de uma visão que é radicalmente diferente da que se está acostumado. Isto, por exemplo, quando se vai falar para terceiros. Sobretudo, quando são terceiros que fazem a suposição idiota de que sabem alguma coisa, aí fica pior ainda, pois traduzem tudo para a linguagem pequena que conseguem manejar.

Para uma didática do que estou dizendo, tomemos a página 22 do último livro de Ray Kurzweil, *The Singularity is near: when humans transcend biology* (Nova York: Viking, 2005), em que o autor, em função de seus interesses – que coincidem em muito com os nossos –, faz um conjunto de distinções para explicar o que quer dizer sobre a tecnologia. Ele define a singularidade em vários

campos. Primeiro, diz uma bobagem que não precisava incluir no livro por ser pura redundância: “singularidade é um evento único com, digamos, implicações singulares”. Continuando, explica corretamente que, em matemática, singularidade é “um valor que transcende qualquer limitação finita, tal como a explosão de grandeza que resulta quando se divide uma constante por um número cada vez mais próximo de zero” – aqui está bem definido. Como sabem, o infinito pode ser para qualquer lado, positivo ou negativo. Desenho abaixo, mudando o lado do positivo, que é normalmente colocado à direita, para ficar mais claro:



Quando um número, como x , aproxima-se de zero nesse tipo de conta, estabelecemos uma questão de limite. Se a função é limite, tende para, mas jamais chega, pois é assintótica. Ou seja, se x aumenta de valor, o numerador vai crescer tendendo ao infinito, sem jamais lá chegar, pois quando colocamos zero ou infinito no denominador a equação se torna indeterminada, não temos como calcular e há que levantar uma indeterminação.

Continua Kurzweil, página 23, agora referindo-se à astrofísica: “Se uma estrela maciça sofre a explosão de uma supernova, sua remanescente acabará colapsando no ponto de aparente volume zero e densidade infinita, e uma ‘singularidade’ é criada em seu centro. Como se pensava que a luz é incapaz de escapar da estrela depois de atingir esta densidade infinita, foi chamada de buraco negro. Ela constitui uma ruptura no tecido do espaço-tempo”. Isto é,

aliás, uma descoberta de Stephen Hawking, que Einstein não calculou. Kurzweil retoma estas noções, conhecidas de todos, para explicar o que chama de singularidade na tecnologia, que é de que trata seu livro. Ele diz que nossa época se aproxima vertiginosamente da singularidade em termos de tecnologia, o que seria a expansão da tecnologia a uma velocidade tendendo para o infinito. Se isso acontecer, irá para o bealelu toda e qualquer formação anterior: tudo tem que ser revisto, as máquinas serão mais inteligentes do que homens e, talvez, com autonomia, ou seja, um problema difícilíssimo de lidar.

65. Em termos de psicanálise, o que chamo de Pessoa (= Eu), para não confundir com sujeito ou indivíduo, é uma máquina eliminadora de fronteiras, que, nem por isso, deixa de ser um pólo intensivo, com seu foco e sua franja, e que não vaza para outra de imediato só porque as fronteiras acabaram. Aliás, é a bobagem do livro sobre falar merda, que ainda mantém as fronteiras, pois o autor não sabe lidar com as possibilidades de vazamento, o qual não acontece como ele pensa. A franja de uma Pessoa, focalizada como Eu, também tende ao infinito na extensão de espaço e na de tempo.

Façamos agora um pequeno esforço para entender o limite de $1/x$, nos dois casos: (a) quando x tende para o infinito, e (b) quando x tende para zero. Nos dois, temos indeterminação, mas: (a) quando x tende para o infinito, a tendência do valor do numerador é tornar-se cada vez menor, isto é, tende para zero – se dividimos 1 por um número cada vez maior, o resultado tenderá para zero –, mas não chega lá, algo sobra; e (b) quando x tende para zero, a fração se inverte – divide-se 1 por um número cada vez menor que 1 – e a tendência é ao infinito. Aritmeticamente, temos:

$$\lim_{x \rightarrow \infty} \frac{1}{x} = 0 \quad 1/\infty, \text{ o numerador tende para zero}$$

$$\lim_{x \rightarrow 0} \frac{1}{x} = \infty \quad 1/0, \text{ o numerador tende para o infinito}$$

Com números, temos certa idéia da radical diferença entre um caso e outro. No primeiro, quanto maior que 1 for o valor de x , este tenderá ao infinito e maior, portanto, será a divisão. Se tomar qualquer coisa, um pedaço de pão, por exemplo, e dividir, quanto maior que 1 for a divisão, menores os pedaços e maior a divisão.

É este o tipo de raciocínio que, há séculos em nossa mentalidade, vem embasando a idéia de *indivíduo*, a qual, desde que apareceu na história da filosofia, colou no mundo. Ela diz que, se dividirmos a humanidade no máximo possível, cairemos no elementar, que é o indivíduo, que não pode mais ser dividido sem deixar de ser o que é. É uma falácia, pois sabemos bem que ainda podemos dividir o corpo de alguém em uma porção de pedaços e nem por isso a noção de indivíduo, quer dizer, de elemento no sentido da presença humana, acabará.

• P – *É a questão da faca de Lichtenberg. Trocam-se o cabo, a lâmina, tudo e ela não deixa de ser a faca. O que permanece, não se sabe o que é.*

O que permanece é uma conjuntura de formações. Se nos referirmos à tecnologia e ao salto que está dando, é possível tomar qualquer conjunto de formações que constituíam um indivíduo – até anteontem, digamos –, tanto do ponto de vista anatômico quanto das formações secundárias inscritas no cérebro ou em algum lugar, e separar, separar até o ponto de, em havendo tecnologia suficiente, podermos juntar de novo, nem que seja numa máquina lateral. Quando abstraímos o fechamento de certas formações, que estão redundantes porque são primárias ou imitações do Primário, como no caso da neo-etologia, este fechamento fica parecendo individuante, que não tem divisão mais possível sem desmanchar o funcionamento e pensamos em termos de heterogeneidade. Ou seja, se o limite da individuação de qualquer formação é suficientemente próximo, o conjunto se torna heterogêneo porque as diferenças entre os indivíduos são radicais e intransponíveis. Mas se tivermos teoria e, sobretudo, tecnologia, aproximando do infinito esta divisão, o campo se tornará homogêneo. Ao esfarelar tanto as Formações do Haver, elas cairão num princípio qualquer de identidade de todos os elementos, isto é, de todos os indivíduos.

Dizendo de outro modo – e ainda falando em $1/x$ na medida em que o limite é de x ao infinito, ou seja, vai aproximar-se de zero e os fragmentos (que

chamarei de elementos) ficarão infinitamente pequenos –, se o limite estiver muito próximo, veremos que os elementos, lá no limite, diferem radicalmente e, portanto, o campo é heterogêneo. Mas, ao contrário, se o limite for levado muito longe, cada vez mais próximo de zero, o que é próximo de zero na divisão é infinitamente pequeno e, aí, no infinitamente pequeno, quando pensarmos que estamos no limite, assintoticamente a zero, poderemos pensar o campo como homogêneo, pois estes elementos perderão radicalmente a diferença. Não será mais possível distinguir. Digamos que o Haver seja constituído desse estofado homogêneo – como sabem, brinco com a palavra *chi*, em chinês, ou *ki*, em japonês – que vai para qualquer lado, se pensarmos no registro do infinitamente pequeno ou no limite de x tendendo ao infinito. Isto é algo que está no pensamento da filosofia há tempo. Em Hegel, por exemplo, que chegou a supor que o valor do indivíduo humano é infinito por estar sempre dividido em pedacinhos. Ou seja, como, no limite, os fragmentos são pequenos, o indivíduo é constituído de uma quantidade infinita de partes e, portanto, é infinitamente determinado.

Agora, vamos inverter e passar para o outro lado, que é radicalmente diferente. Quanto menor que 1 for o valor de x , x tenderá para zero e maior a multiplicação. No caso anterior, era a divisão, mas quando x tende para zero o valor se multiplica. E o que se produz quando se multiplica o valor em vez de dividir? Ou seja, quando se joga a constante para próximo de zero e o valor explode em uma multiplicação enorme? Na situação anterior, era o indivíduo; nesta, é o que chamo de **Pessoa** – que não é elementar, e sim abrangente, quase que absoluto. Para aqueles acostumados a cortar pão e chamar as pessoas de indivíduos, é fácil entender o que é o indivíduo e o que é a divisão, pois ela tende para o elemento. Mas a multiplicação, esta, tende para a abrangência. Vejam bem que não estou me referindo à **Pessoa** dos filósofos humanistas e católicos, e sim a esta que estou constituindo. Há uma radical diferença em pensar para um lado ou para o outro.

Sou instigado a pensar estas coisas no confronto com tentativas de autores os mais contemporâneos e até os mais brilhantes de encarar o problema com a visão velha. É o caso, por exemplo, do último livro de Michael Hardt e Antonio Negri, *Multidão. Guerra e Democracia na Era do Império* (São Paulo: Record,

2005), em que continuam contando com a divisibilidade e a poeira dos elementos. Eles chegam a colocar que é o elemento que vai solucionar o problema. Tomam o conceito de carne do mundo, *chair du monde*, de Merleau-Ponty, para dizer que é constituída dessa ordem elementar. Ora, isso não vai a lugar algum, é velho, é século XX. Vemos que têm boa vontade e fazem esforço para recompor a idéia de mundo e o apagamento das fronteiras nacionais, de classe, de sexo, mas vão para o elemento. Lemos o livro na esperança de achar alguém apontando uma direção, mas vemos que voltam, ou seja, não vão sair do buraco. É como o livro de Harry Frankfurt, citado no início, em que se tenta traçar fronteiras que não mais existem e não são mais possíveis. Hardt e Negri, por sua vez, querem pensar a solução por uma via até poética: referem-se ao belíssimo livro de Merleau-Ponty, *Le visible e l'invisible*, e traduzem a carne do mundo em termos de pulverização elementar na multidão. Ou seja, se parto dos elementos, coletivizo – mas multidão não resolve. Sente-se aí o cheiro de Marx misturado com Jesus Cristo, dois sovacos cujos cheiros parecem incompatíveis, mas que, na verdade, não são. Não é por esta via que teremos uma direção, e sim pela via das Pessoas, que é outra coisa.

66. Quando se infinitiza o foco da Pessoa, ele toma extensão por toda sua franja. Por isso, digo que há Pessoas e Pessoas. Qual é a abrangência do foco de uma Pessoa em relação à franja que a circunda (que é a franja relativa a essa Pessoa)? Quanto se estende uma Pessoa em sua franja? É o que a análise pede, tenta realizar: o espraçamento do foco para maior abrangência. Não vai conseguir, mas é o que quer. A abrangência é plerômica: espraçamento do foco pela franja. Imaginem diversas Pessoas valendo a mesma coisa enquanto Pessoa, enquanto algo constituído como foco que tem possibilidade de expansão – possibilidade esta que, como veremos, diz respeito ao Revirão, à indiferenciação –, então, quando uma Pessoa (e não é preciso nem contar com as outras) aumenta a abrangência de seu foco, ela começa a dissolver-se, a aproximar-se de zero, ou seja, tende a ser Pessoa Qualquer = Ninguém. Isto é o ideal, se podemos dizer assim, do psicanalista estatuído como digo, que o estatuto da psicanálise é místico.

Nada a ver com algum cristianismo ou marxismo de altruísmo para com o outro. O outro acaba porque é o Mesmo. Não se vai tratar com o outro, e sim com o Mesmo, como sempre tratamos, aliás, pois jamais conseguimos falar com outro. Se o Mesmo não ganha abrangência, fica um Mesmo pequeno, aí qualquer emergência que não possa imediatamente acolher parece alteridade. Mas, desde que se viu a emergência, já começou a ser Mesmo. Entendam que estou na linhagem contrária ao Outro e a favor do Mesmo. Trata-se do enriquecimento infinito da Pessoa, ou melhor, de sua abrangência de uma rede cada vez maior e inclusiva de seu avesso. O avesso não é outro, e sim avesso do Mesmo – como é o caso, por exemplo, dos tapetes orientais que são tão mais sofisticados quanto menos fazamos a diferença entre o avesso e o direito.

Não esquecer também, embora as pessoas se esqueçam por causa do vício lacaniano do significante, que uma Pessoa é constituída de Primário, Secundário e Originário. Como não podemos estar dissolvendo, pelo menos por enquanto, o Primário com facilidade, só existe Pessoa em processo, tentando levar-se ao infinito mediante a anulação progressiva do valor de sua individualidade. É isto que quer dizer *work in progress*, o qual é *work of art*. O indivíduo, de Hegel, é constituído e sobredeterminado infinitamente e é universal. Quando chega no limite, faz um todo e podemos dizer: “Todo indivíduo é”. Já a Pessoa, por ser hiperdeterminada por seu Originário, é o avesso: é constituinte, determinante e singular. Pessoa é todo aquele que porta a maquininha de Revirão, o que é uma suposição, pois temos que vê-la funcionando. Como disse, ela funciona em *work in progress*, é a Pessoa em progresso. Então, o que a psicanálise, esta de que estou falando, pretende para o desenvolvimento, digamos, da Pessoa para a abrangência? Aumentar a Indiferença – é o processo de indiferenciação. Vemos nos diversos autores o uso da Indiferença como equivalente a lixar-se para o que acontece. Mas não: **Indiferença é equiprobabilidade eventual e equivalência moral**. Isto é matemático: todos os eventos têm a mesma probabilidade quando os coloco com Indiferença, e quanto mais entro no processo de equi-valer as morais, mais estou indiferente. O analista precisa acolher como equiprovável qualquer acontecimento na análise

e acolher como moralmente equivalente o que surgir. No retorno, em sua intervenção, pode até recompor formas no sentido da arrumação do momento, mas ele, em sua posição, não pode ser assim. Dizendo de outro modo, a postura do analista *tem* que ser assim, o que não quer dizer que *possa* intervir assim. A partir disto, pode intervir na situação com interesse de trazer para próximo, mas não pode intervir diretamente, se não, nem entendido será. Trata-se, pois, não de desinteresse, e sim de hiperinteresse.

Agora vejam que, se levarmos o processo de individuação às últimas conseqüências, iremos topar com o elemento comum de última instância, o qual garante a homogeneidade do campo e, neste caso, será impossível distinguir indivíduo de Pessoa. Ou seja, só conjecturando a última instância da individuação é que temos uma equivalência entre indivíduo e Pessoa. Portanto, não confundir o lugar de Pessoa com significantes e aparelhos lingüísticos, já que estes são epifenomênicos. Na linguagem comum, dizemos que há a *primeira pessoa*, do singular ou do plural, que é aquela que fala. A *segunda pessoa* é aquela com quem se fala. É o famoso *tu*, que deixa arrepiado o pessoal da metafísica. Quando digo *tu*, suponho que haja pessoa, mas não posso garantir, pois não falo do lugar dela, e sim do meu. Quando ela fala, suponho que fala *como* eu, mas é mera suposição, não há prova. A *terceira pessoa* é a pessoa de quem se fala: ele, ela, eles, elas. Então, se falo com *tu*, que suponho capaz até de falar comigo a respeito do terceiro, é tudo suposição, pois estou absolutamente fechado em minha eudade. Não há transposição: faço a conjectura de que estou metido no Mesmo para falar com o outro. Ou seja, faço a suposição de que o outro não há. Se abrir a boca para falar contigo, suponho que você não seja outro, se não, nem há começo de conversa. E começo a falar do terceiro, na suposição de que ele também é o mesmo.

Quando falamos *você*, que veio do *vosmecê*, abreviação de *vossa mercê*, isto é tratamento senhorial como existe o majestático de terceira pessoa. Não confundir, pois não é segunda pessoa ou atributo terceiro de uma segunda pessoa. Quando pergunto “você está?” é terceira pessoa, pois não perguntei “você estás?” ou “tu estás?”. Não estou falando contigo, mas com Ela, a

Majestade, a senhoria que tu portas. Portanto, as pessoas são três. Na verdade, a primeira é Pessoa e as outras são conjecturas de Mesmo. Vejam que quando começamos a gramaticalizar o mundo, a coisa se complica, pois *eu* pode ser sujeito – aquele que adoro abandonar – de uma frase proferida, pronunciada por uma pessoa no nível da frase, mas isto nada tem a ver com *eu* quando estou fora da frase. Notem que qualquer outro pronome ou nome ou qualquer coisa pode ser o sujeito de uma frase, mas não pode ser uma Pessoa enquanto IdioFormação. Em “a cadeira voou pela janela”, cadeira não é IdioFormação ou Pessoa. Só IdioFormações são Pessoas. No entanto, no mundo literário, com as metáforas, pode-se escrever “disse o leão...”, mas quem escreve não é o leão, e sim o autor da frase. Só são Pessoas efetivas, segundo este raciocínio, as IdioFormações supostas. Se não houver suposição de IdioFormação, não há Pessoa.

O assustador neste projeto é ser inteiramente anti-Occidente atual, anti-cristão, anti-tudo. O que é valorizado aqui – e, quanto a isso, tenho alguns companheiros: Leibniz, Nietzsche, Wittgenstein – não é o altruísmo, e sim o egoísmo absoluto. A via de salvação, se houver – e não creio que haja –, é pelo absoluto solipsismo. Como o narcisismo não é redutível, tratemos de torná-lo absoluto. Isto, para tornar-se abrangente e, portanto, valer tanto quanto o não-narcisismo. Esta é a cabeça de Freud, que não combina com Marx ou Cristo. A psicanálise nasce daí. E não é preciso confundir egoísta com idiota, pois este fica se referindo à sua situação atual como absoluta. Ego é algo que pode caminhar até o infinito: *eu* pode ir ao infinito. Freud era solipsista, egoísta e solitário. Alguém que diz “todo amor é narcísico” só pode ser o quê? Não é possível estar metido no âmbito da psicanálise, que descobre isto, e falar em outro ou em altruísmo. O cruzamento com o judaico-cristão deu essa joça em que a psicanálise caiu, mas, originalmente, ela é um pensamento solipsista, solitário, egoísta e abrangente.

67. Qualquer Pessoa pode se perguntar: “Há mundo sem mim?” A resposta é, necessariamente, não. Ou seja, **o mundo sou eu**. Onde pode-se facilmente

retirar sim uma tese em urbanismo em que se afirme: A cidade sou eu. Se pensar que há mundo sem mim porque há mundo para outrem, permanece a pergunta: como há mundo para outrem fora da minha conjectura? É mera suposição. Vocês podem me dizer que há um mundo onde vocês fazem e acontecem, e posso supor que seja verdade, mas é suposição pessoal, egocêntrica, egoísta, egóica. Alguém também poderia afirmar: “Há mundo sem mim, pois, afinal, meus descendentes viverão sem mim e desejo fazer tudo para terem a melhor vida possível”. Mas o desejo é dele e o expediente é narcísico nos dois casos. Supor que há mundo para o outro e supor que estou trabalhando para o mundo dos meus descendentes é puro narcisismo. Decorre disso que estou dizendo que não há objetividade científica, a qual é filha da constituição do sujeito como separável do mundo: há o mundo e dentro dele há sujeito e objeto. Mas quando alguém diz isto está exercendo uma pressão diabólica sobre minha pessoa, pois não permiti esse totalitarismo extremo. **Não há objetividade científica, apenas existe consenso epistemológico de patota.** Não vou nem falar de sujeito, do tal *hipokeimenon*, *subjectum*, pois sujeito não passa de um supositório.

• P – *Você falou em foco, franja e também em fundo. Parece-me que fundo é o mais difícil de entender.*

Fundo é o que sustenta a suposição de que há homogeneidade. O fundo é homogêneo. Imaginem uma água, absolutamente líquida, é fundo. Em seguida, formam-se nela algumas coalescências, que são focos com suas franjas. O fundo é onde estamos mergulhados, é o Mesmo. Substancialmente, o foco e a franja são constituídas de fundo, mas nem por isso o fundo deixa de lá estar. Por exemplo, os cósmólogos viam vários focos com suas franjas de forças, a gravitacional, por exemplo, mas, como não conseguiam explicar certos acontecimentos, pensaram haver um fundo que chamaram de matéria escura, que supostamente constituiria os focos e as franjas e que, por ser o neutro geral, não é percebido. Outro exemplo, se tomarmos um pano preto com desenhos luminescentes, só veremos os desenhos, mas o fundo está lá e os desenhos são constituídos desse fundo. O fato de, substancialmente, os focos e as franjas

serem constituídos do mesmo fundo não elimina que o fundo esteja lá. Está separado, mas faz parte do tecido. Portanto, do ponto de vista substancial, o foco e a franja são feitos de fundo, sim, mas, do ponto de vista de aparência, de emergência, estão separados. Quando olhamos o céu, na hora da percepção das estrelas, há estrelas e o fundo negro. Por isso, podemos entender que o Haver é constituído da mesma coisa, então é tudo igual, mas não quando distinguimos as coalescências.

O mesmo acontece com dizer que os indivíduos são inteiramente diferentes: por ainda não estarem qualificados como fundo, vemos que são diferentes. Fazemos a conjectura de que, em última instância, em suas divisões infinitas se tornam fundo, mas agoraqui vemos nitidamente os indivíduos. Para nós, não se trata de trabalhar com os indivíduos, e sim com as Pessoas. Trabalhar com indivíduo é simplesmente fracionar, fracionar, fracionar... e nunca chegar a essa aproximação. Trabalhar com a Pessoa é trabalhar com a máquina de abrangência. Aliás, precisamos tomar cuidado, pois o que mais encontramos é gente – professores, sobretudo – pensando que sujeito é uma coisa que existe.

Qual é o parâmetro a respeito do fundo, do foco e da franja? Se for substancial, são a mesma coisa, mas se for a diferenciação, trata-se de outra coisa. Por acreditar, em última instância, que a homogeneidade está funcionando, nem por isso posso deixar de ver a diferença que esteja comparecendo aquiagora. Só se forem dissolvidas as formas é que tudo vai sumir. Temos que pensar com os conceitos, pois, na maioria das vezes, pensamos que pensamos com as coisas, mas é falso. Quando dizemos que foco e fundo são a mesma substância, está certo, mas se dissermos que foco e fundo são a mesma aparência, está errado. Não podemos entender a coisa e hipostasiá-la, transformá-la em objeto duro. Se não, não se pode mais pensá-la. Não é uma coisa, e sim um conceito. A rede sempre está estabelecida sobre diferenças e jamais vai se apresentar sobre neutralidades. Conjeturalmente, penso que, na última instância, seja homogêneo, mas não temos comprovação alguma. Tampouco temos comprovação sobre matéria escura ou sobre o que possa ser elementar na lingüística, pois tudo se apresenta como foco e como franja diferentes de um fundo suposto, conjetural.

• P – *É possível fazer uma ontologia da IdioFormação?*

A Nova Psicanálise é uma ontologia? Sim. Uma ontologia – que Lacan escrevia com *h* para referi-la à vergonha – que pretende escapar de si mesma. Mas é apenas pretensão, pois, se abrimos a boca, já ontologizamos, estamos amarrados: falamos dentro de uma língua e com determinados conceitos. Isto ainda não infinitiza, ainda é pequeno. A não ser que chegássemos ao silêncio de Wittgenstein ou dos iogues: nada a falar, nada a declarar. Aliás, não se pode nem declarar que nada há a declarar.

05/NOV

68. O conceito de Indiferenciação não admitir distinções é uma coisa; agir a Indiferenciação, é outra. Quando ela se dá, é igual a qualquer outra, mas o grau de Indiferenciação de uma pessoa é completamente diferente do de outra, que, às vezes, é zero. Não existem graus de indiferença, mas há graus de Indiferenciação. Quanto mais alguém indiferenciou do que outro? Para entender isto, é preciso calar em nós a herança judaico-cristã. Vejam, por exemplo, a palavra *corrupção*. Sempre que a usarmos, é preciso distinguir o parâmetro do uso. Se a pureza da última instância não há e jamais acontecerá, mesmo porque não-Haver não há, aí trata-se de corrupção em relação a essa pureza, mas as outras corrupções não são em relação a isto. Não podemos nos aproveitar – o que nem seria cinismo, e sim canalhice – do fato de não haver possibilidade de ser impoluto para justificar as corrupções feitas no nível de regiões e regras combinadas, pelo menos, provisoriamente. Justamente porque é impossível não ser incorruptível no nível absoluto é que as pessoas têm que combinar coisas... que vão corromper. Mas esta corrupção daqui não é a de lá. Podemos, quanto à corrupção local, discutir sobre sua validade em função dos termos postos em exercício, mas não há a possibilidade de, aí, lançar mão do “é assim mesmo”. A corrupção de última instância não justificar o “deixar rolar”, o *laissez-faire*, na corrupção de pequena instância não significa que não se tenha cuidado com a

corrupção de pequena instância, e até mesmo com o corrupto. Isto porque as definições são imprecisas, facilmente decadentes e os dois elementos têm que ser pensados. A corrupção de última instância não justifica que tomemos a corrupção menor no “deixa pra lá”, pois aquela não é justificativa para esta. Mas é justificativa para o fato de que isso ocorrerá, se não necessariamente, por sua forte tendência a ocorrer.

Disse-lhes da outra vez que é preciso entender a estrutura absolutamente egoísta desta nossa formação (item 66, acima). Não para corrigir, mas para investir nela. Isto já estava em Freud e na Grécia antiga. Todos sabem que é assim e que egoísmo só tem correção por dentro, e não por fora. Alguém só deixa de ser egoísta se for *muito* egoísta, e não porque sê-lo é algo feio. Aí o egoísmo vai ficando abrangente e incluindo. Mas o que vemos no discurso geral é certa denegação religiosa, que é feita por canalhas para trouxas. Quando ouvimos de alguém a frase “não seja egoísta”, precisamos esperar por sua confirmação, que é: “deixa só eu ser”. Então, até para lutar contra isso – ou seja, fazer valer o seu egoísmo –, é preciso entender que é assim. O que mais vemos é certo tipo de discurso da inclusão, quando a verdade é: quem quiser, que se inclua! Quanto a isso, não há como não compreender o bandido, por exemplo, que não estando incluído, inclui-se e não fica pedindo. Quem pede para ser incluído é escravo. E os outros, igualmente, fazem o discurso do “coitado, vamos incluí-lo”. A psicanálise não é condizente com isto. Alguém quer deixar de ser neurótico? Que venha fazer análise. É assim que se trata o estúpido, sobretudo quando o estúpido é você mesmo. Vejam, então, que egoísta é sempre o outro que está nos incomodando. Mas como já sabemos que o outro é assim, nós que nos viremos com nosso egoísmo para esse outro não nos prejudicar demais. Foi isto que a psicanálise descobriu na alma de todos, coisa que não é cristã ou grega. O núcleo do que antigamente se chamava neurose é pedir ao outro para ser incluído, ser amado. É o oposto de querer justiça e exigir que os outros sejam justos.

Dizer *o que quer que se diga é da ordem do conhecimento* tem a mesma virulência do que digo sobre o egoísmo. Se o conhecimento não tem

fundamento ou fronteira, só cabe esperar o que der e vier – pois é o que virá. Sobretudo, numa época como a nossa. Ou passaremos a ser otimistas agora? Há que lembrar que não podemos retirar senão de articulações o que prometemos produzir. Nossa situação é precária e sem salvação. Se algumas pessoas entenderem isto, já sobra um resto dentro da tal humanidade para esperar algum futuro. É só o que há a fazer. Se não, é voltar para a igreja. Hoje, aliás, temos até variedade delas, mas isto não exclui que nem haja juízo adequado para se tratar da questão, pois o desespero é pior do que imaginam. É preciso uma torção de cento e oitenta graus. Se não, ficaremos tomando o parâmetro ao qual estamos habituados e aplicando aos conceitos. Não iremos a lugar algum assim. Ou melhor, voltaremos para uma igreja como certos filósofos brasileiros têm feito por não acharem saída. É também o caso do livro *Multidão: Guerra e democracia na era do Império* (São Paulo: Record, 2005), de Antonio Negri e Michael Hardt. Embora seja informativo sobre a situação atual, a saída que oferece é tola. Temos saídas explicitadas há milênios. Do ponto de vista da psicanálise, há pelo menos cem anos, e continuamos nos perguntando pela saída, pelo conceito e pela lógica de outrem. Basta lembrar que já aconteceu psicanálise marxista, cristã, etc. Se a psicanálise for isto, é melhor cair fora.

69. Quanto a uma possível diferença entre místicos e autistas, nada sei por enquanto, mas tenho a impressão de que autismo é o nome genérico para ambos. Ao dizer isto, faço a suposição – repito: não sei resolver, mas faço suposições para deixar o Inconsciente resolver para mim – de que, se for verdadeira a tese da radical separação entre as IdioFormações, que chamei de egoísmo, o limite, a tendência é o autismo. O que barra o autismo são as pegadas modais. Se as tirarmos, nos tornaremos autistas. Um psicótico e um neurótico ainda têm muita pega modal. A vocação do místico é autista: ele quer se confundir com Deus. Se alguém se dirige a ele querendo se salvar, dirá que não é problema seu, pois ele próprio está lá para se salvar. Na melhor das hipóteses, o que pode fazer é supor que, no que se salva, salva a humanidade, a qual não é o conjunto dos homens, e sim o modo de ser humano. Por isso, digo que a referência de qualquer

vínculo de baixa extração é o Vínculo Absoluto, que não é vínculo com ninguém em particular, mas todos estarem vinculados à mesma função. Quanto mais nos separamos, mais somos abrangentes e mais somos sozinhos – as duas coisas ao mesmo tempo. Sozinhos, no sentido de os vínculos irem se mostrando falsos e precários.

Sempre lembrando que o que estou dizendo é provisório, pois ainda não concluí e estou inventando *pari passu*, tomo o autismo como sendo a meta. Se supusermos uma análise levada muito longe, seu destino será autista. Então, por que as pessoas não aparecem autistas, pelo menos, o tempo todo? Se perguntarmos aos estudiosos, eles se reportarão a uma psicologia do desenvolvimento, que é a descrição das formações primárias e secundárias demandadas da criança e de seu percurso, as quais ela terá conseguido instalar. Ou seja, que programas a criança conseguiu instalar, não em branco, mas segundo a minha demanda? É segundo a demanda que se pergunta. A psicologia do desenvolvimento determina as tarefas que chama de normais, demanda isso e diz que, se foi bem feito no tempo certo, a criança teve um bom desenvolvimento – o que é um erro justo por não se reconhecer que há demanda e definição prévias. Se algumas crianças conseguem algumas tarefas e não outras, os psicólogos dirão que têm defeito no desenvolvimento, o que é ter defeito nas instalações das formações, dos programas que quiseram instalar nela. Na verdade, o que ocorre é que algumas crianças até conseguem instalar os programas e não perdem de vista sua vocação autista. Então, é preciso, em cada caso, prestar atenção no que foi, no que não foi instalado e na persistência do autismo mesmo assim. A pergunta não é por que algumas crianças são, e sim por que não somos todos autistas. Assim, entenderemos que, em última instância, instalou-se uma barreira contra o autismo – o que é um dos programas culturais do mundo: instalar uma barreira anti-autista de maneira a deixarmos de ser IdioFormação e passarmos a ser elementos de tal cultura: neo-animais.

Vejam que é o contrário do que pensamos: na criança chamada autista, não se conseguiu incluir, em última instância, a barreira anti-autista. A pergunta pode ser: ela não conseguiu incluir só este elemento ou a própria falta de

instalação de alguns outros elementos prejudicou a instalação desse elemento? Esta questão é válida, mas não as descrições de síndromes que fazem. Talvez seja a questão da manutenção da vida. O autismo é uma ameaça, pois é da ordem do Secundário. Se não fizer concessões secundárias para garantir o Primário, a pessoa está ferrada. Ter vocação autista é ter alta competência de reviramento. Pensa-se que autista é alguém desinteressado, mas pergunto se seu desinteresse não é por Indiferença. Suponho que sim, que não adianta querer cativá-lo, pois, para ele, tudo vale a mesma coisa.

• P – *É uma alta competência, mas não é aplicável. Não é isto que acaba sendo problemático?*

Não é aplicável no interesse de quem? Do psicólogo. O autista está aplicando o tempo todo, mas no interesse de que perspectiva? Por que queremos curar a criança autista? Ela nem pediu nada. Sua mãe é quem quer que ele seja “normal”.

12/NOV

70. Por que o sucesso das grandes paranóias, inclusive em nosso campo? O Inconsciente é espontaneamente paranóico? Essa paranóia toda já teve o apelido de Grandes Narrativas, cujo poder as pessoas acham estar desaparecendo. Em termos de Ocidente, tínhamos os pré-socráticos e os para-socráticos, digamos, que são os cétricos, cínicos, estóicos e, sobretudo, sofistas. Estes talvez fossem os menos paranóicos. Aliás, Freud e Lacan estão mais para os sofistas, pois, na hora da aplicação, no momento do trabalho da análise, aquilo vai ratear e eles ficam com cara de sofista retoricando o mundo. Acho que sou um sofista, e não um filósofo. Os pré-socráticos e os sofistas não são filosofia. A filosofia é paranóica, o que não quer dizer que não haja paranóia no Oriente. Depois de Sócrates, que era um sofistão, a coisa começa a ficar toda arrumadinha. A grande paranóia ocidental é filha de Platão com Aristóteles – e ainda dizem que homossexualidade não dá filho.

A segunda metade do século XX ficou maiormente tomada pelas paranóias estruturalistas. Lacan e Lévi-Strauss são grandes narrativas paranóides. E onde colocamos Freud? É difícil colocá-lo numa grande paranóia, mesmo porque sua vocação era a histeria, a neurose. É difícil, pois falava em forças, em investimentos, portanto, estava sempre passível de ser deslocado por incomensurabilidades que não podia reger. A noção de quantidade, por exemplo, está nele presente, e não em Lacan. Pessoalmente, era obsessivo, mas o âmbito de sua teoria era o da neurose. Na segunda metade do século XX, Lacan constrói um grande aparato paranóico, que, aliás, era sua vocação de estudo: o entendimento da paranóia, da sua própria, dela como produto literário, teoria, etc. A teoria de Lacan é uma grande paranóia bem estruturada. Freud disse que teve sucesso onde o paranóico fracassou, mas o disse no entendimento de um texto, e não como Lacan que teve que se dar conta dela num psicótico, como no caso da Aimée e de outros que visitou. Freud tomou um texto e percebeu que seu autor, Schreber, montara um aparelho paranóico de índole teórica e que ele próprio estava fazendo a mesma coisa, mas o seu era bem sucedido e o outro não. A frase “tive sucesso onde o paranóico fracassou” não situa a vocação de Freud como construtor de uma grande paranóia, pois ele não tem uma teoria, e sim frangalhos, uma porção de cacos, uma caixa de ferramentas teóricas.

Bem depois do desenvolvimento de Lacan, alguém que anteriormente puxava seu saco, chamado Gilles Deleuze, produz algo importante e interessante, que cinde a segunda metade do século XX quanto a esses temas. Minhas leituras pessoais de psicanálise começaram em 1955 com a obra de Freud e se desenvolveram à medida que fui lendo outros autores. Só fui estudar Lacan em 1969, quando o acolhi imediatamente por achá-lo brilhante e genial na limpeza que fez do anedotário psicanalítico freudiano e pós-freudiano. Três anos depois, em 1972, quando já estava imbuído de lacanismo, aparece o *Anti-Édipo*. É difícil para qualquer lacaniano ferrenho dizer que não tenha sido tocado por Deleuze, sobretudo na crítica à psicanálise. Isto é inegável para qualquer um, até para Lacan, que teve que dar respostas. O *Anti-Édipo* foi uma porrada, e muito bem dada, é um trabalho excelente. É provável, se não certo, que minha crítica da

psicanálise, sobretudo lacaniana, precisou de Deleuze para se movimentar. Ela foi instigada por suas questões, como muitos outros também foram.

É interessante pensar que a vocação da psicanálise na segunda metade do século XX ficou inteiramente paranóica, ou parana, e Deleuze, em 1972, entra com sua distinção pela via da esquizofrenia. Isto realmente cinde em dois campos o pensamento que se passa a ter sobre psicanálise: o paranóico e o esquizofrênico. Se bem que é difícil qualificar como esquizofrenia, no sentido clínico, o que Deleuze descreve como tal. Ele amplia o conceito para mostrar o óbvio – ou seja, que o Inconsciente trabalha na base de movimentos, fluxos, cisões constantes – e denuncia a outra psicanálise mediante o que chama de esquizoanálise, que era a psicanálise vista do ponto de vista esquizofrênico. Se antes ele era ainda um professor de filosofia que puxava o saco de Lacan, agora, junto com a experiência clínica de Félix Guattari, faz uma dupla caipira que consegue renovar aquilo tudo. Quando falo em Deleuze, é, pois, o bicéfalo Deleuze-Guattari, mas tenho a impressão de que a índole da coisa era sua e Guattari virou meio acessório. Então, ele toma o que quer chamar de esquizofrenia e critica a vocação paranóica, que leva até o Édipo. Ou seja, a paranóia fundamental é o Édipo. Em todos os aparelhos que Freud montou, o que é poderosamente paranóico é o Édipo. Os outros são mais dispersivos, enquanto o Édipo é um monólito e nada há fora dele. Mesmo as outras teorias que viriam a se encaixar dependiam de que houvesse a travessia do Édipo.

• P – *No caso da estruturação de qualquer comunidade humana, seria pensar a introdução da regra pela regra?*

Da regra pela paranóia. Nada há numa regra que justifique a paranóia com a qual será instalada. A regra pode ser só uma convenção *ad hoc*, uma operação, um operador que usamos. Quando ela se torna um aparelho paranóico é que vira narrativa, por menor que seja.

71. Retomemos o que já dissemos sobre o pensamento chinês com sua alternância e a chamada de atenção da Nova Psicanálise para a necessidade de alternância sem eliminação da exclusão: para ela, são duas operações

utilizáveis, sobretudo na clínica. A diferença é justamente que a alternância chinesa é pensada como necessária. O pensamento chinês faz a suposição de que, eliminado o tempo, qualquer situação necessariamente se alternará. Nós outros acreditamos na vigência tanto da exclusão quanto da alternância como operações da mente, mas não como necessidade. A diferença fundamental é que a alternância está disponível, mas não acontecerá necessariamente. O chinês se consola de maneira quase paracristã ao dizer que basta esperar que vai mudar. Não é verdade, pois mudará ou não, alternará ou não. Várias coisas podem se alternar e algumas ficarem fixas, por tempo talvez tão longo que, mesmo que venham a se alternar no futuro, na vigência de uma vida não interesse mais alternância alguma. A alternância tem que servir num prazo *x*. É como a neurose: não adianta ficar curado na véspera de morrer, pois não vai servir para nada. Por isso, chamei o Revirão de *Clavis Universalis*: uma alternância possível, funcional, de tal maneira que algumas formações psíquicas podem fazer certo esforço para provocá-la, sim ou não – mas é possível que algumas formações se encarreguem de provocar o Revirão.

Quando se escreve Lacan x Deleuze, em vez de *versus*, poderíamos ler multiplicação. Quando produzimos algo como Lacan vezes Deleuze ou Deleuze vezes Lacan pode dar um samba interessante. As forças, os investimentos, as quantidades, qualificam os vetores. Por isso, introduzi estes últimos na teoria. O jogo de forças, só ele já é o bastante para desorganizar a paranóia de uma teoria. Foram várias as tentativas de contestação da formulação freudiana com vocação para o desenho da neurose, mas com a dica da paranóia do Édipo. Eram esforços para sair desse aparelho – e Freud protestava quando deslocavam o núcleo de sua construção. Por que ficava tão chateado com Reich, por exemplo, que era o menininho da sociedade, o juvenzinho brilhante, a quem ele dava toda corda? Porque, de repente, Reich desloca a teoria para a perversão. Suponho que o deslocamento da neurose e da paranóia era o que mais o incomodava, pois mesmo a teorização de Jung é inteiramente delirante e dissoluta, mas não é centrada. Cabia bem à pessoa cultural de Freud querer uma teoria que tivesse consistência – no caso, paranóica, como toda teoria

consistente – para sobreviver. Ele queria que fosse uma teoria científica consistente. Portanto, para ele, aqueles lá estavam fazendo arruaça na medida em que a deslocavam do poder de consistência da vocação paranóide da construção. Podemos dizer que quem mais se aproximou de uma teoria visualizando o Primário foi Melanie Klein. Ela contava com as forças inatas. Reich tomou o conceito de libido e o dissolveu pelo Haver, coisa que também fez, mas ele queria que a vocação polimorfa da perversão fosse o eixo do tratamento. Depois, ele pira e vai procurar o orgônio com máquinas, etc., pois quis transformar aquilo numa física, num naturalismo. No Primário, encontramos um melê, não há privilégio de um tipo de solução da libido. Reich privilegia pela intensificação das formações de base, das formações perversas que supõe generalizar.

Continuo com minha pergunta: por que o sucesso das grandes paranóias? As tentativas de escape da vocação paranóide na produção das teorias nos confundem porque, no desenvolvimento da teoria, acabam ganhando consistência. Ainda que a produção seja feita para dissolver a consistência paranóide, o simples fato de haver produção de teoria, coerência mínima, retorna para o mesmo campo. Ou seja, ainda que pretendamos teorizar a partir de algo que seja dissolução da estrutura paranóica conhecida, o simples fato de produzir-se como teoria acaba retornando para o campo da paranóia. Isto, no sentido de Lacan ao dizer que o conhecimento é paranóico. Temos toda extrema dificuldade em viver como nefelibatos, pisando em nuvens e na inconsistência. É imensa a dificuldade de coadunar esta posição com o cotidiano, que inclui Primário, Secundário e Originário. E no nó dessas três instâncias vence a vocação paranóica. As outras vias são muito úteis por criarem uma tensão entre as posições teóricas, o que pode ajudar a manter a paranóia sob crítica. Elas promovem uma crítica permanente das produções paranóides, mas temos que nos conformar com essa falta de saída, com essa aporia mesmo da psicanálise: a coisa acaba recaindo na paranóia. Se for verdade, como disse Lacan, que todo conhecimento é paranóico, sua transmissão será via paranóia. A própria transmissão paranoíza a mais aberta das teorias. Onde, a eficácia é corrompida.

Lembrem-se de que a pedagogia é de vocação paranóica: certo / errado, isto / aquilo. Se o pensamento chinês, o pensamento em movimento, é de alternância, a educação chinesa é de exclusão, como qualquer outra: pode / não pode, deve / não deve.

Então, se o Inconsciente não for espontaneamente paranóico, podemos dizer que sofre a pressão de um atrator dessa índole. Ou seja, há um atrator paranóico para o Inconsciente: um atrator para baixo, de caráter primário e mesmo neo-etológico, de estagnação dos movimentos secundários. Já lhes disse que o Inconsciente é devorador, mas, por pressão desse atrator, inclui tudo que devora na paranóia. É quase como, digamos, a teoria da gravidade do Inconsciente: tudo cai, tudo se decanta. A necessidade de sobrevivência dos aparelhos portadores do Inconsciente são forças recalcantes poderosas no nível primário, o que acaba reduzindo a grandes massas sua qualidade específica que é de ser solto. Deleuze se referia a isso com a oposição entre o que nomeou molecular e molar: são grandes massas molares de paranóia. Se o que estou dizendo estiver correto, o que é sustentar a psicanálise enquanto tal? É o esforço permanente de dissolução da paranóia.

72. Fico com uma tremenda batata quente na mão, que é a minha produção teórica. Frequentemente me perguntam se ela, inicialmente, era paranóica, esquizofrênica ou perversa. Digo-lhes que **a construção teórica da Nova Psicanálise, sua base de pensamento, é melancólica**. Não se trata da definição freudiana da melancolia como síndrome, e sim do melancólico como caso. O modo de construção da teoria da Nova Psicanálise é tanático. Por isso, coloquei a pulsão de morte como essência. A esperança era: como o vetor de base é melancólico, ele desdenha as formações. Quem é o mestre nisso? Fernando Pessoa. E quem é meu mestre? Fernando Pessoa. Se o discurso tem como vetor principal a melancolia, ele desdenha, desvaloriza as formações. Lembrem-se de que a sustentação da teoria é: Haver quer não-Haver – o resto é de somenos. Se Haver quer não-Haver, as próprias perversões estão liberadas. Portanto, não se trata de funcionar como Reich que parte da guerra das

perversões. Como o destino último libera todas as formações, posso afirmar que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Tudo está salvo, tudo é bem-dito. Estas são coisas que não dizemos de saída, mas esperamos anos, se não, as pessoas saem correndo. Não podemos dizer tudo que pensamos, pois seremos linchados antes da hora. *Larvatus prodeo*, como ensinou Descartes. Colocamos a máscara de Lacan – e os outros pensam que é chique.

Meu caminho é completamente diferente do de Reich. No trabalho em análise, não me interessa manipular as perversões. Para mim, se o analisando bater aqui, liberará para cá e fará o que quiser, nada tendo eu a ver com aquilo. Portanto, repito, não tomei a perversão como núcleo das operações nem como núcleo de teoria, quem fez isso foi Reich.

• P – *Talvez pensem que a Nova Psicanálise privilegie a perversão porque você a eleva à dignidade de...*

...dissolução. Um dos primeiros resultados de visualizarmos o não-Haver é indiferenciar essas distinções. Isto faz parte do que chamo Estatuto Místico da psicanálise. Indiferenciamos tudo isso porque estamos olhando para Lá. Ou seja, isso na vida é bobagem. Daí eu falar em equiprobabilidade eventual e equivalência moral para o lugar do analista (item 66, acima). Ele nada tem a ver com éticas localizadas ou com gostos, mas, quando volta ao mundo, há pressões que, se não forem consideradas, ele poderá perecer.

Vejam, então, que, como o vetor da Nova Psicanálise é: Haver quer não-Haver, eu não tive sucesso onde o paranóico fracassou, e sim tive sucesso onde o melancólico se perdeu. Minha análise deu certo. Fernando Pessoa também teve sucesso. No regime do poema, ele conseguiu.

• P – *Virou um místico?*

É preciso o tempo todo desconfigurar da mística como as pessoas chamam. Se ficarmos com nhém-nhém-nhém em relação ao não-Haver, trata-se de um melancólico no sentido clínico, daquele que se perdeu.

• P – *E o luto?*

O luto é uma operação permanente. O melancólico propriamente dito não faz o luto, mas fica olhando para Lá com o rabo preso aqui. Já lhes disse que ele é covarde, no sentido em que Espinosa diz que tristeza é covardia.

Desconfio, então, que, mesmo produzindo a teoria segundo o vetor “Haver quer não-Haver”, ela fica com vocação para cair na paranóia. O que fazer para desqualificar essa queda o tempo todo? É sempre construir uma teoria nova? Ou é reiterar sua base dissolvente? É preciso, de vez em quando, refazer a teoria ou fazer uma teoria a mais abrangente, dissoluta e dissolvente possível e, de vez em quando, ter que relembrar sua base dissolvente? Não há essa base dissolvente em Freud. Na prática e na retórica de Lacan há essa base, mas não em sua teoria. Aliás, o Lacan analista, aquele que conheci pessoalmente, é mais interessante do que sua teoria – é exemplar.

• P – *A HiperDeterminação não é em si dissolvente?*

Isto, quando funciona, mas facilmente se transforma a idéia de HiperDeterminação em superdeterminação. A sobredeterminação freudiana é uma confluência de determinações, mas a superdeterminação é uma formação ou um conjunto de formações que tem força maior dentro do campo das formações, e geralmente as pessoas transformam as teorias em superdeterminações. A HiperDeterminação é o contrário, ela desdetermina. Então, volto à minha pergunta: o que fazer, teórica e praticamente, para sustentar a requisição da HiperDeterminação? Por que o Oriente não tem filosofia? Porque retorna sempre à base dissolvente, e não faz como o Ocidente que sempre vai reconstruir tudo. O Oriente tem a qualidade de, até hoje, a base de seu pensamento ter as mesmas indicações. Quero saber se, na construção de meu pensamento, tenho a dissolução também, apesar de ocidental. Se, como argumentam alguns, Freud garantia a dissolução com seu comportamento pessoal em relação à teoria, ele teria que fundar um mosteiro. Quanto a mim, acredito na possibilidade de construir um aparelho de maneira a não precisar de mosteiro, que é coisa da Idade Média. É preciso não precisar de mosteiro e construir uma teoria que seja dissolvente pelo próprio contato com ela.

• P – *Sua questão de hoje não está relacionada à de a Nova Psicanálise ser ou não uma teoria inclusiva? Isto porque, se a teoria for inclusiva, incluirá a própria dissolvência.*

As outras teorias não são inclusivas, resta saber se esta o é. É preciso distinguir as intenções do autor do que ele consegue. A intenção deste teorema é dissolver e incluir tudo, mas, por sua própria construção, conseguiu?, conseguirá?

19/NOV

ANEXO

FORMAÇÃO, FORMATAÇÃO...

Para que serve Psicanálise? Pelo menos para organizar decepções. Como vai sua análise? Seja propedêutica ou efetiva, responder com mínima denegação. Da maior satisfação pode ser ver sintomas caírem como caspa de cabeças cada vez mais em cãs.

A gravidade do problema é O PROBLEMA DA GRAVIDADE: o empuxo para baixo é garantido pelo lastro de Primário (auto-e-eto-somático), acrescentado do lastro de Secundário decantado (neo-etológico, ou neozoo se quisermos). Tudo isso fazendo um peso dificilmente deslocável, restando como motor útil somente o Secundário acaso em movimento, mormente se comovido pelo Originário. A Gravidade também existe em nossa mente – e ela não é outra coisa senão esse lastro. Vejamos portanto quanta dificuldade para o mais modesto plano de vôo. Mas não desistamos: mesmo os menores aviões são mui-to, muito pesados (sem esquecer contudo que os buracos negros tudo comem).

A intenção, má nem boa, foi de FORMAÇÃO, sobretudo da Postura. Em circos a se considerarem borromeanamente encadeados. Não que assim sejam de nascença, no espontâneo da simples existência, mas nós outros é que devêssemos assim sustentá-los, este esforço já fazendo boa parte do exercício

na Postura. *Primeiro*, o cuidado com a Doutrina, no zelo pelo já tido e o por haver no Falatório (não existe formação sem formatação, manifesta ou latente). *Segundo*, os Grupos de Formação, com seu desgarramento mediante o aleatório e seu cultivo da evitação da denegação e da censura (se é que assim bem funcionassem). *Terceiro*, as Oficinas Clínicas, tomadas como rebatimento do plano das análises sobre o plano das defesas (denegações mais ou menos projetivas), conforme o mesmíssimo modelo do analítico. E *quarto*, para ressaltar a indefectível amarração pelo Sintoma, as próprias Análises, as ditas “pessoais”, sejam elas Propedêuticas ou Efetivas.

Proteger a borromeaneidade significa reconhecer que concessão ao desengate da corrente significa prejuízo do resultado, só tolerável por tempo incapaz de destruir o projeto como um todo. Tempo esse apenas como lapso necessário para reajuste e reengate.

Este modelo é prestável? Não se sabe – se, pelo menos umas vezes, de começo, ele não for protegido da corrupção inarredável. E se não protegido, ele só serve para quase nada. Impossível protegê-lo quando fazemos, em benefício de outrem, a concessão que, preventiva e defensivamente, esperamos, assim fazendo, que nos façam (psicanalíse sub-réptil mas perceptível – e risível). Se o falecido Derrida nos terá servido para alguma coisa, foi para lembrar a demonstração de Freud de que, para a Psicanálise, o Haver é *um lugar sem alibi*: todos estão arrolados no processo e a negação só vai servir como garantia da imputação – ainda que putativa. A quem se pensa que se está enganando?

Como errou nisso FREUD? Impossível implantar seu modelo e ao mesmo tempo bajular seguidores (ou será que é bastante a primeira parte desta frase?). Afora o fato de sequazes malformados e invejosos, mais talvez interessados em usurpar o lugar dele (de criador e fundador), do que em fazer funcionar e testar sua doutrina. Mas o erro maior é dele mesmo Freud, o erro da mestria (se não do amestramento): Primeiro invejando os cientistas – que não puderam ser imitados; depois invejando os filósofos – sem nenhum motivo para emulados, pois praticantes da mesma ingenuidade. Pior que tudo, invejando as igrejas – com seus beatos liturgicamente treinados.

Como errou LACAN nisso? Do mesmíssimo modo, de começo, com o ‘retorno’ ao científico, ao filosófico, ao eclesiástico. Depois ficou pior, querendo eximir-se da pecha de mero Mestre e resolvendo a Formação por um processo na verdade “democrático” com sua semiaprovada proposição do ‘passe’: tudo meio de mentirinha, como sacou, consciente ou não, o rompido chiliquento Quarto Grupo. O óbvio é a incompatibilidade, clínica e lógica, entre democracia e psicanálise: nenhuma votação, por mais supostamente sapiente pode sem pejo decidir do analisado – num momento como este, por pior que ele fosse, até ficando melhor o veredito de um só, como analista suposto, embora péssimo. Também, por pouco que aquilo não se torna algum maoísmo psicanalítico, certamente com cartilha corderosa à jacalan-do-Lacan. Evidente que a ‘solução’ só poderia ser bem outra como aliás se disse...

Nisso mesmo, como tenho eu errado? Pior ainda, seguindo os exemplos malfadados acima lembrados, depois ainda de tanta obviedade. Ainda bem que o chamado Colégio Freudiano fracassou logo-logo, restando congelado como uma questão em quarentena, mais do que como múmia de um morto, num “departamento” dessa UniverCidadeDeDeus que veio em seguida agremiar os mesmos membros, mas sem compromissos institucionais com o tal ‘psicanalítico’ da coisa. Pois que a UD não é uma instituição psicanalítica, mas uma instituição cultural (*sic*, feliz ou infelizmente) que se situa novamente sob a égide da Psicanálise (dita Nova). Mas o Colégio Freudiano, sintoma não curado se não incurável, ainda (*encore*) aí está, agora completando os trintanos das balzaquianas (os lacanianos certamente testemunhariam de bom grado que o CF é uma Mulher, sintoma, aliás magno, do MD famigerado).

Assim é que de Presidente (arre!) para cá tenho procurado lugar e nomeada que acaso justificasse o meu empenho e a minha pedagógica (se não pedante) patacoada, chamada, tendo chegado por fim a Orientador da coisa institucional que jamais se dá por assentada. Este nome denota um próativo além de ativo – o que estraga um bocado a sua atuação visada. E assim

finalmente declaro e para mim mesmo decreto que quem quiser que se oriente como puder pelo *produto* que se suponha de minha lavra: ele que seja Oriente (sem que nenhum Orientador daí se depreenda): como ponto no céu ou sol que não existe para nada, mas que os daqui mapeiam e consultam para saberem onde é que estão e a quantas andam em suas vidas bem ou mal paradas. O vetor agoraqui é de uma vez por todas revirado.

Raymond Aron, com quem aqui me acordo, comentando esse autor [As *Etapas do Pensamento Sociológico* (1967). São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 695-6]: “Pareto sugere uma espécie de contradição intrínseca entre a verdade científica e a utilidade social. A verdade a respeito da sociedade é antes um fator de desagregação social. O verdadeiro não é necessariamente útil. *O útil é feito de ficções e ilusões*” (grifo meu). Donde a impossibilidade de uma Instituição Psicanalítica: ou bem instituição ou bem psicanalítica. Não que se trate em psicanálise de nenhuma verdade, muito menos científica, mas sim da exposição (pura e simples, nua e crua) da épura do que se possa tomar como o que haja – o que é ainda mais impactante e dissolvente do que qualquer pretensa verdade. Assim, toda e qualquer dita Instituição Psicanalítica, enquanto formação reconhecível, só existe em função de alguma ficção mais ou menos denegada, mesmo que seja o provisório de uma teoria poderosa. Pior ainda se for motivada por qualquer outro tipo de formação: amorosa ou odienta que seja. Ao contrário do que sugeriu Lacan (sobre o laço social produzido pelo seu suposto Discurso Psicanalítico), para psicanalistas, o único Vínculo possível é o Absoluto: quase inútil para o social, mesmo que seja, como é, referência imperativa quanto à Espécie (das IdioFormações, quero dizer). Assim, o que é (provisoriamente) possível é uma Instituição composta de pessoas que de algum modo se interessam por Psicanálise, digamos uma *Associação de Amigos de Algum Modo Referidos à Psicanálise* (o que por si mesmo já é suficientemente precário e irrisório). Mas deixemos por um momento de sermos ranzinzas corretos e suponhamos que existissem psicanalistas de fato: talvez sim, fosse

possível algum laço social adequado, na medida de sua maior valorização da e adesão incondicional à exposição supra-citada. Uma prova disto seria a abolição radical do ‘sigilo psicanalítico’ entre pares. Proponha-se isto no seio de alguma qualquer instituição dita psicanalítica – e se verão as reações imediatas...

Entre Haver e não-Haver, o que se passa é algo como a Internet, mas de potência crescente para o lado do infinito. Onde tiremos que *o inconsciente é pura rede*, homogênea apesar de bloqueada em certos pontos, mas as senhas são consecutíveis (embora com dificuldade e a longo prazo). Assim, para o Quarto Império que ora se instala, não venham com judeuzices de Freud, cristãzices de Lacan ou islamicas de Derrida. Então, consideremos os arquivos, isto é, as Formações, em qualquer jeito que se tenham composto, em qualquer ordem que se tenham instalado. Mais para Joyce, Webern, Duchamp... do que para “especialistas” na verdade sempre meio atardados.

O Inconsciente é pura rede, sim, e não existe propriamente Consciente. O que existe é uma parte do ICS razoavelmente (não controlável, mas) acompanhável, mo-nitorável por algumas formações-gnômones desse mesmo ICS. Por que digo isto? Porque o que (mal)chamamos de Consciente está infinitamente enrascado com a rede de muitos pólos (com seus focos e franjas) – e jamais saberemos todos os vínculos (*links*) que não passam de formações provisórias tentando tornar-se o Consciente da patota. Intervir ali é apenas *criar caso*, ou seja, intentar *fato novo* capaz de co-movê-lo de algum modo.

Afora que, além de tudo, ainda contamos: 1) com o poder do Revirão, aparelho de cepa estritamente psicanalítica que nos libera, logicamente, tanto da dialética incongruente de Hegel, quanto de sua crítica, por mais acertada, pelo juízo de Trendelenburg; e 2) com a noção de Arreligião, que nos deixa superar a lucidez de Feuerbach (redução da Teologia à Antropologia) e a subsequente de Carl Schmitt (redução da Ordem Jurídica à Teologia).

Melhor mesmo é conceber assim novamente: *Modo de Usar*, ou, *Manual do Proprietário...* (o proprietário é o HiperIcs, não a Pessoa). E tirar o proveito que se puder, que se quiser tirar. Se houver proveito, é claro.

21/FEV

ANEXO

HIPER-RECALQUE

Tenho recebido perguntas sobre o estatuto do Hiper-Recalque (HR), comparativamente com o simples Recalque Secundário (R2Ar). Segue alguma explicação:

1) R2Ar: como as Formações Recalcantes não são, neste caso, intransponíveis, o Recalcado pode Retornar, ainda que por vias indiretas (*Q.E.D.* desde Freud).

2) HR: as Formações Recalcantes, neste caso, são suficientemente fortes e bem instaladas (infância) de modo que **NÃO HÁ RETORNO DO RECALCADO** (donde a idéia de Hiper-Recalque). Assim, este Recalcado (HR) como que passa para o regime do Etológico, isto é, ao regime do Primário (1Ar).

Os Delírios e Alucinações que então acaso ocorrerem não se devem a nenhum Retorno, mas sim à elaboração efetuada pelas demais Formações cujo funcionamento REQUER, sem encontrá-la no 2Ar, a Formação que foi Hiper-Recalcada. É nisso que Lacan se confundiu e supôs que havia ali alguma Forclusão (no seu caso do Nome do Pai) e que o que não se encontrava no Simbólico ressurgia do Real. Só acontece que ali não há nenhum Fora.

Mas, de fato, o que não se acha disponível no 2Ar, é Delirado e/ou Alucinado pelas Formações (2Ars, quiçá auxiliadas por outras 1Ars) que Requisitaram a Formação não encontrada. Aliás, do mesmo modo que o Haver

(A) delira sobre e alucina o não-Haver (Ã) que nele não se encontra, dada a requisição efetuada pelo Princípio de Catoptria. Só que, no caso do Ã, ele não há mesmo, ao passo que, no caso de HR, ele só está fortemente bloqueado, de modo a parecer que não há – e como as aparências não enganam... Com esta concepção, renova-se a esperança de alguma cura futura para as Morfofes Regressivas.

Assim, não é que não haja *Bejahung* (e portanto haja Foracclusão), mas sim que ela é vigorosa se não violentamente afastada do concerto das formações Secundárias.

09/SET

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador e Presidente do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador e Reitor da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno desenvolveu ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje) e reapresentado na Universidade de Paris VIII em 1977.

2. 1976/77: *Marchando ao Céu*

Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: *Rosa Rosae: Leitura das Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa 3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p. Seminário apresentado na Universidade de Paris VIII, onde o autor foi Professor Assistente do Depto. de Psicanálise (quando dirigido por Jacques Lacan).

4. 1978: *Ad Sorores Quatuor*

Sobre os Quatro Discursos. Primeira sessão publicada em separata pelo CFRJ, 1980 (restante a sair).

5. 1979: *O Pato Lógico*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 252 p.

6. 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*

Quatro sessões, sobre a questão do *Alcoolismo*, reunidas em *O Porre e o Porre do Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1985. 92 p.

7. 1981: *Psicanálise & Política*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, n° 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p. Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, n° 2 e 3. Rio de Janeiro: Aoutra editora, out. e dez. 1985.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise* (Introdução)

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

17. 1991: *Est’Ética da Psicanálise* (Parte 2)

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

18. 1992: *Pedagogia Freudiana*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: *A Natureza do Vínculo*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 286 p.

21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 232 p.

22. 1996: *“Psychopathia Sexualis”*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.

23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 448 p.

24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.

25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*

Proferido na FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas do Brasil. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 192 p.

26. 2000: *“Arte da Fuga”*

Proferido no Auditório do Barra Shopping (RJ) (1º semestre) e na UniverCidadeDeDeus (2º semestre). Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

27. 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

28. 2002: *Psicanálise: Arreligião*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.

29. 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.

30. 2004: *Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

31. 2005: *Clavis Universalis: Da Cura em Psicanálise ou Revisão da Clínica*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2007. 224 p.

32. 2006: *AmaZonas: A Psicanálise de A a Z*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

33. 2007: Falatório em curso.

Impressão e Acabamento

Artes Gráficas Edil

Formato

16 x 23 cm

Mancha

12 x 19 cm

Tipologia

Times New Roman e Amerigo BT

Corpo

11,0 | 16,5

Número de Páginas

224

Tiragem

500 exemplares

Papel

Capa – Supremo 250 g

Miolo – Pólen Soft 80 g